

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

CARLA OLIVEIRA JACQUES

**FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE: CONTRIBUIÇÕES À
PERSPECTIVA DIALÉTICO-CRÍTICA DA PROFISSÃO**

Porto Alegre

2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

CARLA OLIVEIRA JACQUES

**FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE:
CONTRIBUIÇÕES À PERSPECTIVA DIALÉTICO-CRÍTICA DA PROFISSÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestra em Serviço Social.
Orientadora: Dra. Ana Lúcia Suárez Maciel.

Porto Alegre

2022

Ficha Catalográfica

J19f Jacques, Carla Oliveira

Fundamentos do Serviço social na contemporaneidade : contribuições à perspectiva dialético-crítica da profissão / Carla Oliveira Jacques. – 2022.

200.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Suárez Maciel.

1. Fundamentos do Serviço social. 2. Serviço social. 3. Método dialético crítico. 4. Formação e exercício profissional. 5. Questão social. I. Maciel, Ana Lúcia Suárez. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

CARLA OLIVEIRA JACQUES

**FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE:
CONTRIBUIÇÕES À PERSPECTIVA DIALÉTICO-CRÍTICA DA PROFISSÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção ao Título de Mestre em Serviço Social.
Orientadora: Dra. Ana Lúcia Suárez Maciel.

Aprovada em 20/01/2022

Banca examinadora:

Profa . Dra . Ana Lúcia Suárez Maciel (Orientadora) - PUCRS

Profa . Dra . Jane Prates – PUCRS

Prof. Dr. Giovane Antonio Scherer - UFRGS

Ao Caio, revolução mais bonita que foi gestada e nasceu no mesmo compasso das
linhas e das madrugadas dessa dissertação, embalados por Mercedes Sosa ao
cantarolar...

*Duerme, duerme, negrito
Que tu mama está en el campo, negrito
Trabajando....Trabajando duramente, trabajando sí...*

Que minha presença te seja acalanto e que, quando me ponha ausente, saibas que estou
lutando por um mundo melhor para ti e para os outros.
Liberdade é utopia que se mira no plural, meu filho.

À Inês, que foi e segue sendo o ventre das minhas maiores revoluções de luta,
resiliência e incondicionalidade do amor;

Ao Daniel, companheiro de tormentas e calmarias, que sendo um pai inteiro me dá
oportunidade de ser uma mulher inteira.

Às mestras e mestres que conformaram e conformam espaços estruturantes de quem eu
sou, dentro e fora destas linhas por meio da luta, do afeto e da contestação;

Aos sujeitos que atravessaram meu fazer profissional e aos colegas que se somaram na
luta:

Desejo que estas linhas sejam *fôlego e faísca*.

RESUMO

A presente dissertação tem como tema central os Fundamentos do Serviço Social brasileiro contemporaneamente, compreendido a partir do paradigma dialético-crítico do método de Marx. Nesse sentido, teve como objetivo analisar as configurações contemporâneas dos Fundamentos do Serviço Social no Brasil, com o intuito de contribuir com a produção de conhecimento e subsidiar mediações ontológicas e reflexivas para a materialização do exercício crítico da profissão. A pesquisa é bibliográfica e documental (GIL, 2008) e do tipo misto, articulando o tratamento estatístico simples com a técnica de análise de conteúdo frequencial, temática e de coocorrência, conforme Bardin (1977), apoiada pelo uso do software MAXQDA. Realizou-se a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental (GIL, 2008) da triangulação das seguintes fontes que se articulavam aos fundamentos: teses e dissertações do Banco de Teses e Dissertações da CAPES; obras mais utilizadas nas referências bibliográficas obrigatórias das disciplinas da graduação; materiais vinculados às entidades representativas e aos eventos da área de Serviço Social. No processo de análise dos dados e de método de exposição, o diário de campo da profissional foi articulado com os resultados quanti-qualitativos. Sinteticamente, os resultados apontam que os Fundamentos do Serviço Social se estabelecem contemporaneamente enquanto uma grande temática, com um quantitativo amplo e difuso de conceitos, mas com reduzidas produções que se propõem a apreender os fundamentos em sua totalidade, conformada por distintas concepções em disputa; que apesar do consenso no que se refere à importância da indissociabilidade entre formação e exercício profissional, há uma prevalência da categoria formação em detrimento da categoria exercício profissional em todos os eixos da amostra. Há uma tendência de deslocamento da discussão dos Fundamentos do Serviço Social restrito aos FHTM enquanto disciplina para uma concepção mais abrangente, mas que se conforma a partir de um descompasso entre graduação e pós-graduação. Argumenta-se que os Fundamentos do Serviço Social, a partir de elementos que conformam sua estrutura e dinâmica, apresentaram significativos processos de ruptura e desenvolvimento, no entanto, ao se analisar a articulação dos Fundamentos do Serviço Social com a dinamicidade da realidade concreta, somadas a um contexto maior da sociedade brasileira e dos rumos dos projetos societários, se materializaram desafios a serem enfrentados pela perspectiva crítica da profissão. Argumenta-se que o adensamento do debate sobre o objeto da profissão mediante um sistema de mediações ontológicas e reflexivas pode fortalecer a perspectiva crítica do Serviço Social e qualificar a díade relacional entre realidade e profissão em seus fundamentos. É a partir dessas elaborações que chegamos a seguinte síntese: os Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente se configuram enquanto bases analítico-interventivas da unidade realidade-profissão, conformadas a partir de mediações reflexivas e ontológicas na sua relação com o objeto de intervenção profissional. Esses fundamentos são transversalizados pela inserção da profissão na divisão social e técnica do trabalho, pela produção de conhecimento da área sob o paradigma dialético-crítico de Marx e pela estrutura organizativa e normativa-legal da profissão.

Palavras-chave: Fundamentos do Serviço Social; Serviço Social; Método Dialético Crítico; Formação e Exercício profissional; Questão Social.

ABSTRACT

The present dissertation has as its central theme the Fundamentals of contemporary Brazilian Social Work, understood from the dialectical-critical paradigm of Marx's method. In this sense, it aimed to analyze the contemporary configurations of the Fundamentals of Social Work in Brazil, with the aim of contributing to the production of knowledge and subsidizing ontological and reflective mediations for the materialization of the critical exercise of the profession. The research is bibliographic and documentary (GIL, 2008) and of a mixed type, articulating the simple statistical treatment with the technique of frequency, thematic and co-occurrence content analysis, according to Bardin (1977), supported by the use of the MAXQDA software. It was carried out from a bibliographical and documental research (GIL, 2008) of the triangulation of the following sources that articulated to the fundamentals: theses and dissertations of the Bank of Theses and Dissertations of CAPES; works most used in the mandatory bibliographic references of undergraduate courses; materials linked to representative entities and events in the Social Work area. In the process of data analysis and exposure method, the professional's field diary was articulated with the quantitative-qualitative results. In summary, the results indicate that I) the Fundamentals of Social Work are established contemporaneously as a great theme, with a broad and diffuse number of concepts, but with reduced productions that propose to apprehend the fundamentals in their entirety, shaped by different conceptions in dispute; II) Despite the consensus regarding the importance of inseparability between training and professional practice, there is a prevalence of the training category to the detriment of the professional practice category in all axes of the sample. There is a tendency to shift the discussion of the Fundamentals of Social Work restricted to FHTM as a discipline to a more comprehensive conception, but which is based on a mismatch between undergraduate and graduate degrees. It is argued that the Fundamentals of Social Work, based on elements that shape its structure and dynamics, presented significant processes of rupture and development, however, when analyzing the articulation of the Fundamentals of Social Work with the dynamics of concrete reality, added to a larger context of Brazilian society and the direction of societal projects, challenges to be faced by the critical perspective of the profession materialize. It is argued that the densification of the debate on the object of the profession from a system of ontological and reflective mediations can strengthen the critical perspective of Social Work and qualify the relational dyad between reality and profession in its foundations. It is from these elaborations that we arrive at the following synthesis: the Fundamentals of Social Work are currently configured as analytical-interventive bases of the reality-profession unit, formed from reflective and ontological mediations in their relationship with the object of social intervention. These foundations are transversalized by the insertion of the profession in the social and technical division of work, by the production of knowledge in the area under Marx's dialectical-critical paradigm and by the organizational and normative-legal structure of the profession.

Keywords: Fundamentals of Social Work; Social Work; Critical Dialectical Method; Professional training and practice; Social issue

SUMÁRIO

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS: ENTRE MOTORES E POSICIONAMENTOS DE CONFRONTO COM A FALSA DICOTOMIA E O PERCURSO METODOLÓGICO DA DISSERTAÇÃO	8
2. FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: ENTRE CONCEITOS DIFUSOS, CONCEPÇÕES EM DISPUTA	23
2.1 DIMINUTAS PRODUÇÕES, MÚLTIPLOS CONCEITOS	28
2.2 CONCEPÇÕES DE FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: ENTRE CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS	35
2.3 BALANÇO DAS TENDÊNCIAS: CONTRIBUIÇÕES, NÓS E POLÊMICAS	69
3. OS FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: ENTRE ESTRUTURA E DINÂMICA NA CONTEMPORANEIDADE	77
3.1 O SERVIÇO SOCIAL NA DIVISÃO SOCIAL E TÉCNICA DO TRABALHO: PONTO DE INFLEXÃO E CONTINUIDADE AO DEBATE	78
3.2 ESTADO, POLÍTICAS SOCIAIS E QUESTÃO SOCIAL: OS DESAFIOS DESSA RELAÇÃO COM A PROFISSÃO.....	95
3.3 O PAPEL DA PÓS-GRADUAÇÃO E DA ABEPSS: A CENTRALIDADE DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL	112
3.4 VELHAS NOVAS QUESTÕES DE HISTÓRIA, TEORIA E MÉTODO: PONTO FULCRAL NO DESENVOLVIMENTO DOS FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL	127
3.5 TEMPOS DIFÍCEIS PARA OS SONHADORES: OS DESAFIOS DA DIALÉTICA SOB O VÉU DA MELANCOLIA	137
3.6 CONSERVADORISMO: O VELHO ESTÁ MORRENDO E O NOVO NÃO PODE NASCER	152
3.7 OBJETO PROFISSIONAL E O SUJEITO QUE É VISTO, MAS É AUSENTE	162
3.8 QUEM TEM MEDO DE REFORMISMO? QUESTÕES SOBRE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA NA PERSPECTIVA PROFISSIONAL.....	169
3.9 O EXERCÍCIO PROFISSIONAL: DEMANDAS E OBJETIVOS ENTRE NOVAS SÍNTESES.....	174
4. OS FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: TOTALIZAÇÕES PROVISÓRIAS E NOTAS FUTURAS	182
5. REFERÊNCIAS.....	190

1. NOTAS INTRODUTÓRIAS: ENTRE MOTORES E POSICIONAMENTOS DE CONFRONTO COM A FALSA DICOTOMIA E O PERCURSO METODOLÓGICO DA DISSERTAÇÃO

Iniciar o processo de exposição de uma investigação sempre nos faz confrontar com um incômodo e desafiador lugar de síntese. A síntese, se apreendida a partir do método dialético-crítico, possui essa dupla determinação, tomando a investigação e a exposição em suas condições particulares (portanto, distinguindo-as), mas com inerente correlação, ou seja, necessária unidade. Trata-se de destacar aqui, os diferentes pontos de partida, conforme Netto (2011)². Penso³ que a explicitação desse posicionamento pessoal prévio se faz relevante inclusive para uma correta apresentação do propósito dessa dissertação.

Ao realizar a escolha pelo método marxiano, há que se demarcar o processo de autocrítica do lugar que ocupamos, visto os condicionantes que acompanham o sentido desse ‘institucionalizar-se’ em um contexto de sociabilidade capitalista. A divisão social e técnica do trabalho não impacta somente os espaços sociocupacionais nos quais se realiza o exercício profissional, ele também conforma o espaço universitário na divisão do saber⁴ - e, considerando que essa dissertação é partícipe e produto desse lugar, importante pontuar que a universidade, ao apresentar potencialidades epistemológicas e axiológicas sob o viés crítico, não pode, ao mesmo tempo, ser deslocado do lugar em que está inserido no sociometabolismo do capital. O objetivo de contribuir para a produção de conhecimento crítico da área de forma articulada com o intento de subsidiar mediações reflexivas e ontológicas ao exercício profissional crítico requer o esforço de autocrítica de nossa posição e movimento nesses lugares, que também perpassam a luta de classes,

² “Os pontos de partida são opostos: na investigação, o pesquisador parte de perguntas, questões; na exposição, ele já parte dos resultados que obteve na investigação - por isso, diz Marx, “é mister, sem dúvida, distinguir formalmente o método de exposição do método de pesquisa” (NETTO, 2011, p. 27)

³ Esse capítulo foi intencionalmente escrito em primeira pessoa, ainda que se compreenda que há uma expectativa formal e impessoal da pesquisa científica - mas que não condiz com o conteúdo ou forma adotada por essa produção no referido capítulo.

⁴Marx e Engels, em A Ideologia Alemã já nos sinalizavam que “a divisão do trabalho só surge efetivamente a partir do momento em que se opera uma divisão entre o trabalho material e intelectual” (MARX; ENGELS, 2004, p.24). Sob o prisma dos estudos decoloniais, a concepção de decolonialidade do saber se expressa pelo movimento de crítica ao caráter epistêmico do eurocentrismo (QUIJANO, 2005), que está intimamente relacionado à experiência colonial (COSTA, 2006, p. 117). A colonialidade do poder demonstra que as relações de colonialidade nas esferas econômica, política, social e epistêmica não findaram após a era da colonização, ou seja: a decolonialidade nos permite compreender a continuidade das formas coloniais de dominação para além da colonização, as quais se articulam com a teoria da dependência latino-americana e dos países periféricos.

exigindo de nós o compromisso com o pressuposto de para que(m) se escreve e qual a contribuição da dissertação para a categoria profissional e para a apreensão da realidade concreta do tempo presente⁵.

Assim, compreendo que essa dissertação tem na tríade sujeito – pesquisa – lugar uma implicação elementar. Entender que sujeito é esse que escreve e que lugares ele ocupa conforma as balizas de intencionalidade da pesquisa, posto que, conforme exposto por Demo (1989), não há neutralidade nos caminhos percorridos no ato de pesquisar. As inquietações e mobilizações pessoais de quem a escreve balizaram essencialmente a escolha dos Fundamentos do Serviço Social como tema central, uma vez que este deve “nos apaixonar, no sentido desafiador da conquista do conhecimento, do encanto pelo processo e pela descoberta” (PRATES in FERNANDES; PRATES, 2016, p.110) – processo que, como já nos ensinou Freire, não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria⁶.

A presente dissertação tem como tema central os Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente, compreendidos a partir do paradigma dialético-crítico do método de Marx. Nesse sentido, ela conforma uma síntese provisória, fruto de múltiplas mediações que atravessam minha trajetória pessoal, de formação e de exercício profissional, percurso este que conforma o que Milton Santos denomina de “chão e identidade” (SANTOS, 1999): a identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O chão explicita-se no território, que é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 1999, p. 7).

Pertencimento que não se dá sem questionamentos, sem análise das contradições, avanços e limites, tampouco fora da busca pela essência do que não está posto no campo imediato do mundo da pseudoconcreticidade (KOSIK, 1989). Tal inquietação se alimenta ao longo do meu percurso formativo e exercício profissional, dimensões que, embora diferenciadas, demandam uma intrínseca interconexão, a qual se estabelece enquanto elemento estruturante do conteúdo e da forma desta dissertação. Ocupando espaços

⁵ O que converge com a crítica de Marx com relação ao distanciamento e a oposição entre a filosofia de seu tempo e o mundo real. Ou, conforme Mészáros: “Ele [Marx] estava consciente do fato que o desenvolvimento problemático da filosofia, enquanto universalidade alienada, era a manifestação de uma contradição objetiva [...] Assim, quando chegou à conclusão – no repúdio crítico da impotência das meras interpretações filosóficas – que o problema não tinha sua origem no interior da própria filosofia, mas no conjunto das relações entre ela e o mundo real.” (MÉSZÁROS, 1980, p.161)

⁶ FREIRE, 1996, p. 16

acadêmicos de pesquisa⁷ desde o início da formação, correlacionados com a experiência profissional em distintas realidades e espaços sociocupacionais⁸, posiciono-me, assim, em um lugar de inconformidade e confronto com as falsas relações dicotômicas que emergem nesses espaços – ou de tensão insuportável⁹, na medida em que se toma como pressuposto teórico-metodológico as elaborações marxianas da totalidade social e da insuprimível e complexa contradição em que ela se movimenta.

Em tempos tão incertos e árduos, a escolha de manter a motivação para escrever essas linhas foi sendo retomada e revisitada diversas vezes ao longo do período. Travessia que acompanhou processos importantes do gestar e tornar-se mãe, retornando ao exercício profissional para permanecer na linha de frente da política de assistência social em contexto de pandemia mundial da COVID-19 e de seguir o mestrado em modelo de ensino remoto emergencial. A compreensão da paralaxe estabelecida entre os lugares que ocupo enquanto assistente social possibilitou o processo de sucessivas aproximações com o fenômeno da falsa dicotomia, ora expresso no espaço de formação e produção de conhecimento e ora no lugar do exercício profissional, sendo motor do inconformismo e da busca pela transposição da pseudoconcreticidade como forma de manutenção dos valores ético-políticos e dos alicerces teórico-metodológicos comprometidos com a classe trabalhadora escolhidos pela profissão¹⁰ e por mim reafirmados.

Importante destacar que sem o chão material do exercício profissional, de troca com a população, com os sujeitos, suas experiências sociais, seu pertencimento, história e identidade, essa dissertação não seria a mesma ou talvez sequer ocorresse. A neutralidade e a descrença em processos de resistência não se tornam um caminho possível quando há uma implicação objetiva, um compromisso profissional com a vida e com os direitos da população com a qual se constrói a intervenção profissional, que

⁷ Destaco aqui o incontestado impacto promovido pela minha participação junto ao GPST, coordenado pela Prof. Dra. Gleny Terezinha Guimarães e ao GEPEDH, coordenado pela Prof. Dra. Beatriz Gershenson em meu processo de iniciação científica, somada à inserção como mestranda no PPG em Serviço Social da PUCRS, junto ao Grupo FORMASS, sob orientação da Prof. Dra. Ana Lucia Suárez Maciel. Grupos de pesquisa que sempre me possibilitaram a manutenção de um olhar autocrítico para a produção de conhecimento e do lugar que ocupamos.

⁸ Perpassando o trabalho como assistente social na política de saúde, no campo sociojurídico federal e estadual e na política de assistência social de distintos municípios da grande região metropolitana de Porto Alegre - RS.

⁹ “A contradição é destruidora e ao mesmo tempo inaugura o novo; é insuportável, porque é tensionada pelo conflito, na medida em que os opostos estão em disputa; quando se acirra, torna-se insuportável e por isso instiga a superação” (PRATES; CARRARO, 2017, p. 168)

¹⁰ Expressos no projeto-ético-político crítico da categoria profissional.

vivencia cotidianamente a escolha de (sobre) viver, resistência fulcral demarcada por Conceição Evaristo: a gente combinamos de não morrer, ainda que não morrer nem sempre é viver¹¹ – daí a irrenunciável necessidade de utopias por uma nova sociabilidade.

É com estas implicações que, apesar dos desafios objetivos de materialização, essa dissertação seguiu firme com o intento de contribuir com a produção de conhecimento crítico da profissão e de subsidiar mediações reflexivas e ontológicas¹² ao exercício profissional crítico, processo realizado a partir do método marxiano. Isso nos provoca à busca da estrutura e da dinâmica dos Fundamentos do Serviço Social brasileiro em sua perspectiva crítica contemporaneamente, para além de uma análise com fim em si mesma, endogenista, mas que possa criar sentido, fôlego e faísca: para mim e para todos os colegas que se preocupam com o êxito, sob o ponto de vista objetivo e material, do projeto crítico da profissão.

Tendo esses apontamentos postos, a presente pesquisa busca contribuir para a superação de uma abordagem formalista/vulgar do método, a partir do entendimento de que o método dialético crítico se torna eixo central para a compreensão do dinamismo automovido da realidade social e da experiência dos indivíduos e dos segmentos com os quais trabalhamos. A compreensão da necessária quebra da pseudoconcreticidade explicitada por Kosik (1989) possibilita aos profissionais a análise dialética entre singular – particular – universal, que se constitui enquanto propriedade objetiva dos fenômenos (LUKÁCS, 1979), de forma a evitar análises simplistas da experiência social dos sujeitos, alargando as possibilidades de extração de categorias ontológicas no processo interventivo e de aproximação e trabalho coletivo com a população. Esse direcionamento compactua com o explicitado por Closs, ao concluir que

adensar mediações que fortaleçam a conjugação dos *Fundamentos na formação e no exercício profissional* é um desafio necessário para seguir avançando e consolidando os acúmulos construídos por esta categoria nas últimas décadas, pois identifica-se que esta conjugação é uma angulação pouco tratada entre o conjunto da produção analisada (CLOSS, 2015, p. 223, grifo nosso)

A presente dissertação compreende que a mediação se situa processualmente enquanto um sistema de mediações do método dialético crítico, o qual pode fornecer maiores subsídios para a apreensão dos fenômenos em sua totalidade, sem incorrer no

¹¹ EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2016.

¹² Conforme Pontes (2000), a mediação “tanto se manifesta como uma categoria que compõe o ser social (ontológica) [...] quanto se constitui num constructo que a razão elabora logicamente para possibilitar a apreensão do movimento do objeto” (PONTES, 2000, p.81)

risco de uma apropriação positivista do método marxiano, com excessiva ênfase na delimitação de categorias, conforme exposto por Quiroga (1991). Propõe-se, dessa forma, a análise dos Fundamentos do Serviço Social a partir de sua estruturação formativa e de exercício profissional, interconectada com os processos sócio-históricos da realidade, indissociáveis da totalidade e da contradição – sob a perspectiva do paradigma dialético-crítico do método de Marx.

Nessa perspectiva, tem-se o seguinte problema de pesquisa: Como estão configurados os Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente? Soma-se a formulação do problema, outras questões que nortearam a investigação, tais como: I) qual a concepção dada aos Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente pela produção de conhecimento, pelas entidades representativas da profissão e nos eventos da área? II) quais são os elementos constitutivos dos Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente? e III) quais são as mediações dos Fundamentos do Serviço Social com o movimento da realidade concreta?

O objetivo geral da pesquisa é analisar as configurações contemporâneas dos Fundamentos do Serviço Social, com o intuito de contribuir com a produção de conhecimento crítico da profissão e subsidiar mediações reflexivas e ontológicas ao exercício profissional crítico. Enquanto objetivos específicos tem-se: I) perquirir quais são as concepções dadas aos Fundamentos do Serviço Social difundidas pela produção de conhecimento, pelas entidades representativas da profissão e nos eventos da área; II) investigar as estruturas constitutivas que embasam e condicionam os Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente e III) analisar a forma como os Fundamentos do Serviço Social estabelecem sua dinamicidade com a realidade concreta contemporaneamente.

A metodologia de pesquisa dessa dissertação foi desenvolvida a partir do método dialético-crítico, desenvolvida através de um enfoque quanti-qualitativo ou misto para análise documental. Dentre as possibilidades de enfoque misto, será adotada a estratégia de triangulação concomitante, que é caracterizada pelo uso de “dois métodos diferentes em uma tentativa de confirmar, fazer validação cruzada ou corroborar resultados dentro de um único estudo (GREENE ET AL., 1989; MORGAN, 1998; STECKLER, MCLEROY, GOODMAN, BIRD E MCCORMICK, 1992 apud CRESWELL, 2012, p. 219). A análise das informações coletadas na pesquisa contemplará dados quanti-qualitativos, articulando o tratamento estatístico simples juntamente com a técnica de análise de conteúdo frequencial (frequência dos conteúdos que se repetem no conjunto

dos dados qualitativos); temática (significados manifestos ou latentes para os temas significativos em relação aos objetivos de análise do tema de estudo) e de coocorrência (relações entre os elementos da mensagem, assinaladas as presenças simultâneas ou relação de associação de dois ou mais elementos na mesma unidade de contexto) conforme Bardin (1977), apoiada pelo uso do software MAXQDA.

Enquanto etapa inicial de pesquisa, um levantamento via questionário online foi realizado por essa mestranda em 2019/1, o qual foi respondido por 398 participantes (com uma amostra total composta em 74,37% de assistentes sociais e 25,63 % de estudantes de Serviço Social), disseminado a partir da técnica de bola de neve (*snowball sampling*) e da publicação do questionário nos maiores grupos dirigidos para assistentes sociais e estudantes de Serviço Social da rede social *Facebook*. Configurou-se enquanto uma estratégia para validar as hipóteses iniciais da autora, bem como para uma maior compreensão da percepção dos assistentes sociais e dos estudantes de Serviço Social das lacunas já constatadas na pesquisa de Closs (2015) e de Zacarias (2013) no que se refere ao parco espaço ocupado pelos Fundamentos do Serviço Social na produção de conhecimento e na dificuldade apresentada pelos profissionais no processo de mediação dos aportes teórico-metodológicos fundantes da perspectiva crítica do Serviço Social com a realidade interventiva.

Essa etapa teve dois objetivos centrais: I) uma aproximação inicial com os dilemas centrais da temática, de forma simples e objetiva, de forma a propiciar um retorno de maior escala quantitativa e II) nortear a delimitação do universo e da amostra de coleta de dados da pesquisa a partir da opinião emitida pelos participantes. Converte-se, assim, com a metodologia de métodos mistos (CRESWELL, 2012)¹³ adotado pela autora.

Com esses elementos apreendidos, foi possível delimitar com maior clareza o universo e amostra da pesquisa. Assim, a partir do resultado do levantamento se estruturou a tomada de decisão sobre a amostra. Ao termos como resultado os subsídios principais: as disciplinas da Graduação; a participação em eventos da área e a inserção no estágio/exercício profissional enquanto elementos considerados essenciais para a

¹³ “Às vezes os resultados de um estudo podem proporcionar um entendimento incompleto de um problema de pesquisa e há uma necessidade de mais explicação. Neste caso, um estudo de métodos mistos é usado com a segunda base de dados para ajudar a explicar a primeira base de dados. Uma situação típica é quando os resultados quantitativos requerem uma explicação sobre o que eles significam. Os resultados quantitativos podem gerar explicações gerais para os relacionamentos entre as variáveis, mas fica faltando o entendimento mais detalhado do que os testes estatísticos ou as dimensões do efeito realmente significam. Os dados e resultados qualitativos podem ajudar a gerar esse entendimento.” (CRESWELL, 2012, p. 25)

apreensão dos Fundamentos do Serviço Social pelos participantes do questionário¹⁴, optou-se pelos procedimentos metodológicos de pesquisa bibliográfica e documental (GIL,2008) das teses e dissertações do Banco de Teses e Dissertações da CAPES (entre os anos 2010-2020)¹⁵ que se articulassem com a temática dos Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente; as duas obras mais utilizadas nas referências bibliográficas obrigatórias das disciplinas da graduação que se relacionam com os Fundamentos do Serviço Social em contexto contemporâneo (ênfase no período posterior à aprovação das Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996) dos cursos de graduação em Serviço Social filiados à ABEPSS e materiais que versem sobre os Fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade vinculados às entidades representativas da categoria profissional (CFESS e ABEPSS)¹⁶ e aos eventos da área.

Assim, foram considerados materiais para as fontes de informação da pesquisa as produções publicadas e de livre circulação sobre o objeto, disponíveis na forma impressa ou eletrônica, como palestras gravadas, documentários, revistas, artigos científicos, livros, publicações de entidades profissionais. A tabela com os fatores de inclusão e exclusão para cada eixo da amostra de pesquisa se encontram na tabela a seguir:

Tabela 1- Fatores de inclusão e exclusão da amostra de pesquisa:

EIXO PROD. CONHECIMENTO	TIPO DE AMOSTRA	FATORES INCLUSÃO	FATORES EXCLUSÃO
GRADUAÇÃO	Cursos de graduação	Filiado à ABEPSS	Não filiado à ABEPSS
		Vinculado à instituição que possua curso de doutorado em Serviço Social	Não vinculado à instituição que possua curso de doutorado em Serviço Social
		Vinculado à instituição que possua grupo de pesquisa com temática referente aos Fundamentos do Serviço Social	Não vinculado à instituição que possua grupo de pesquisa com temática referente aos

¹⁴ A análise dessa etapa da pesquisa será mais bem elucidada no próximo capítulo.

¹⁵ As teses e dissertações do Banco de Teses da Capes, apesar de não terem sido explicitadas no levantamento do questionário como uma fonte significativa de apreensão dos Fundamentos do Serviço Social pelos participantes, cumpre o pressuposto tomado por essa autora da necessidade de se partir do conhecimento já consolidado pelos colegas de profissão, entendendo ser essa a estratégia que nos fornece melhores subsídios para sucessivas aproximações com o real concreto. Ademais, entende-se que a articulação entre graduação e pós-graduação conforma um processo de totalização de maior complexidade e que oportuniza a triangulação de fontes – sendo, assim, incluída na amostra de pesquisa.

¹⁶ Entende-se que as entidades representativas CFESS e ABEPSS são de extrema importância para o projeto ético-político do Serviço Social e possuem maior expressão no campo formação/pesquisa (ABEPSS) e no campo exercício profissional (CFESS) a nível nacional, para a configuração e norte do exercício profissional, no qual também se insere o estágio – sendo esta a razão para defini-los enquanto representantes da amostra para o referido eixo. Destaca-se, contudo, que investigações que contemplem a ENESSO e os CRESS a nível regional igualmente se fazem pertinentes.

			Fundamentos do Serviço Social
	Disciplinas de Fundamentos do Serviço Social	Disciplinas dos cursos selecionados para a amostra que se relacionem com os Fundamentos do Serviço Social (ênfase no período posterior à aprovação das Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996) na sua ementa.	Disciplinas que não tenham ênfase nos Fundamentos do Serviço Social no período posterior à aprovação das Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996 na sua ementa.
	Obras utilizadas nas referências bibliográficas	As duas obras com maior frequência entre a amostra de disciplinas	
PÓS-GRADUAÇÃO	Teses e dissertações (2010-2020)	Para a delimitação da amostra, se optou pelos seguintes descritores: I) FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL*; II) FUNDAMENTOS correlacionado com SERVIÇO SOCIAL* e III) FUNDAMENTOS HISTÓRICO-TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO SERVIÇO SOCIAL no título, resumo ou palavras-chave da produção.	
ENTIDADES REPRESENTATIVAS	Materiais vinculados às entidades representativas	Materiais que contenham o descritor FUNDAMENTOS vinculado ao SERVIÇO SOCIAL* (ênfase no período posterior à aprovação das Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996).	Materiais que não contenham o descritor FUNDAMENTOS vinculado ao SERVIÇO SOCIAL no período posterior à aprovação das Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996.
EVENTOS DA ÁREA	Materiais vinculados aos eventos da área	Materiais que contenham o descritor FUNDAMENTOS vinculado ao SERVIÇO SOCIAL* (ênfase no período posterior à aprovação das Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996).	Materiais que não contenham o descritor FUNDAMENTOS vinculado ao SERVIÇO SOCIAL no período posterior à aprovação das Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996.

* Descritor tomado como equivalente a outras expressões correlatas que em seu contexto deixam evidente a articulação com o Serviço Social, tais como: profissão, profissional, assistentes sociais, Serviço Social, tomadas assim como fatores de inclusão

Fonte: elaborado pela autora, 2021.

A etapa seguinte consistiu na exploração documental e bibliográfica (GIL, 2008). A técnica utilizada foi a análise de conteúdo, conforme Bardin (1977). O Software de Análise de Dados Qualitativos (SADQ) escolhido é o MAXQDA. Os SADQ são programas que utilizam bancos de dados que possibilitam uma extensão na forma com que textos podem ser trabalhados, proporcionando maneiras de administrar e estruturar os aspectos da análise qualitativa (GIBBS, 2009). Cabe destacar que o processo de

codificação com o MAXQDA é feito pelo próprio usuário, que pode criar e organizar pastas e categorias, bem com hierarquias e segmentações destas.

A primeira etapa da análise de conteúdo consiste na pré-análise e organização do material junto ao software MAXQDA. A segunda etapa consiste na exploração do material e “consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição e enumeração.” (BARDIN, 1977, p. 127). A codificação é a transformação das informações “brutas” dos materiais na representação do conteúdo neles contidos, via unidades de registro e de contexto, as quais permitirão elencar a partir de que elementos poderá se realizar as inferências. A partir dos dados obtidos, realizou-se um novo movimento de investigação, buscando confrontar os dados acumulados com um levantamento de demandas requisitadas na oferta de vagas aos profissionais contemporaneamente, com o intuito de correlacionar o debate sobre os Fundamentos do Serviço Social com um elemento determinante: as demandas que fazem a profissão socialmente necessária, conformando linhas gerais das demandas e atribuições descritas no cargo, realizado de forma a contemplar ofertas de vaga e/ou concursos públicos no Brasil entre os anos 2020 e 2021. A amostra totalizou 26 anúncios/editais, sendo um de cada estado do país.

A terceira etapa é o tratamento dos resultados. Nesse processo, importante destacar que toma-se como outro pressuposto a preocupação e compromisso com a diáde investigação-exposição do método dialético-crítico, propondo formas alternativas de exposição ao introduzir nesta etapa anotações de seu diário de campo enquanto assistente social em exercício, considerando a percepção já explicitada no levantamento inicial da pesquisa com assistentes sociais e estudantes no que se refere aos desafios de apropriação e articulação dos Fundamentos do Serviço Social com a realidade concreta vivenciada no exercício profissional.

O diário de campo consiste em uma forma de registro de observações, comentários e reflexões para uso individual do profissional (FALKEMBAC apud DE LIMA et al.,2007, p.95). No contexto particular dessa pesquisa, as anotações foram referentes aos anos de 2018 – 2021, acompanhando o processo de exercício profissional da autora em distintos espaços sociocupacionais.

Por fim, após a defesa da dissertação, será feita a socialização dos conhecimentos produzidos e devolução dos resultados, para subsidiar novos materiais de consulta na temática dos Fundamentos do Serviço Social. Para tanto, objetiva-se sua publicação em periódicos e sua publicização em eventos da área e espaços das unidades de formação, de modo a fortalecer as articulações profissionais e as discussões sobre a temática, além de

ser disponibilizada, em formato eletrônico e impresso, na Biblioteca Central da PUCRS. A construção de um material informativo, didático, acessível e propositivo, dos principais achados da pesquisa foi construído por essa pesquisa e enviado ao e-mail dos 398 participantes do questionário realizado na etapa inicial após a defesa da dissertação.

Das quatorze instituições que se enquadravam nos fatores de inclusão, obteve-se êxito no acesso às ementas das disciplinas articuladas aos Fundamentos do Serviço Social (enfoque pós-diretrizes curriculares da ABEPSS de 1996) de doze. Com relação às obras, diante do expressivo número de referências bibliográficas utilizadas e dos limites objetivos da dissertação, optou-se por se analisar a obra com maior representatividade, totalizando 2 produções mais citadas com mesmo percentual de representatividade, conforme sistematizadas na tabela abaixo:

Tabela 2 - Sistematização das obras com maior representatividade vinculadas às disciplinas de Fundamentos do Serviço Social contemporâneo

OBRA	AUTOR	ANO	REPRESENTATIVIDADE (%)
SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE	IAMAMOTO	1998	64%
DIREITOS SOCIAIS E COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS	CFESS e ABEPSS	2009	64%

Fonte: elaboração da autora, 2021.

Compreendendo a fundamentação teórico-analítica defendida nessa dissertação, a qual situa o debate acerca dos Fundamentos do Serviço Social a partir da díade formação e exercício profissional de forma interrelacional, se optou por enfatizar as duas entidades representativas de maior expressão no campo formação/pesquisa (ABEPSS) e no campo exercício profissional (CFESS). A tabela a seguir sistematiza os materiais encontrados que estão dentro dos fatores de inclusão elencados pela pesquisa:

Tabela 3 - Documentos que se articulam com os Fundamentos do Serviço Social divulgados pelas entidades representativas CFESS-CRESS e ABEPSS

DOCUMENTO	TIPO DOCUMENTO	AUTOR (MEIO DIVULGAÇÃO)	ANO
ATRIBUIÇÕES PRIVATIVAS DO ASSISTENTE SOCIAL EM QUESTÃO (vol. 2)	Documento eletrônico	CFESS (divulgado pelo site do CFESS)	2020
O DEBATE DOS FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: O PROJETO ABEPSS ITINERANTE	Documento eletrônico (artigo)	TEIXEIRA (revista Temporalis nº 40, divulgado no site da ABEPSS)	2020
ABEPSS ITINERANTE QUARTA EDIÇÃO. FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: ATRIBUIÇÕES E COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS	Documento eletrônico (Artigo)	CARRARA e REPETTI (revista Temporalis nº 40, divulgado no site da ABEPSS)	2020

CFESS Manifesta (2017-2020)	Documento eletrônico	CFESS (divulgado no site do CFESS)	2020
Sistematização e análise de registros da opinião técnica emitida pela/o assistente social em relatórios, laudos e pareceres, objetos de denúncias éticas presentes em recursos disciplinares julgados pelo CFESS	Documento eletrônico	CFESS (divulgado no site do CFESS)	2020
Subsídios para o debate sobre a questão étnico-racional na formação em Serviço Social	Documento eletrônico	ABEPSS (divulgado no site da ABEPSS)	2018
Projeto ABEPSS ITINERANTE – Os Fundamentos do Serviço Social: atribuições e competências profissionais em debate, 4ª edição	Documento eletrônico	ABEPSS (divulgado no site da ABEPSS)	2018
CFESS Manifesta – edição especial	Documento eletrônico	CFESS (divulgado no site do CFESS)	2018
O contexto das Contrarreformas e a repercussão para a Formação e o exercício profissional: os desafios da construção frente ao ataque aos direitos e desdobramentos para o Serviço Social	Documento eletrônico (slides de apresentação)	GTP ABEPSS (divulgado pelo Canal do Youtube TV ABEPSS)	2017
Documentário Serviço Social no Brasil: 80 anos de história, ousadia e luta.	Documento icônico	ABEPSS (divulgado pelo Canal do Youtube TV ABEPSS)	2016
Conteúdos ABEPSS ITINERANTE – 3ª EDIÇÃO Os Fundamentos do Serviço Social em debate: Formação e Trabalho Profissional	Documento eletrônico	ABEPSS (divulgado no site da ABEPSS)	2016
Política de Educação Permanente do Conjunto CFESS-CRESS	Documento eletrônico	CFESS (divulgado pelo site do CFESS)	2012
ATRIBUIÇÕES PRIVATIVAS DO ASSISTENTE SOCIAL EM QUESTÃO (vol. 1)	Documento eletrônico	CFESS (divulgado pelo site do CFESS)	2012
CFESS Manifesta (2008 – 2011)	Documento eletrônico	CFESS (divulgado no site do CFESS)	2011
Política Nacional de Estágio da ABEPSS	Documento eletrônico	ABEPSS (divulgado no site da ABEPSS)	2010
DIRETRIZES CURRICULARES PARA OS CURSOS DE SERVIÇO SOCIAL - RESOLUÇÃO Nº 15	Documento eletrônico	MEC (divulgado no site da ABEPSS)	2002
As novas diretrizes curriculares para a formação profissional dos assistentes sociais: principais polêmicas e desafios	Documento eletrônico (artigo)	CARDOSO (Temporalis nº 2, divulgado pelo site da ABEPSS)	2000
Capacitação em Serviço Social e Política Social: crise contemporânea, questão social e Serviço Social	Documento impresso	ABEPSS/CFESS/CEAD-UnB (divulgado no site da ABEPSS)	1999
Diretrizes Curriculares elaboradas pela equipe de especialistas de 1999	Documento eletrônico	ABEPSS (divulgado no site da ABEPSS)	1999
CADERNOS ABESS nº 7	Documento eletrônico	ABESS (divulgado pelo site da ABEPSS)	1997
Proposta de Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996	Documento eletrônico	ABEPSS (divulgado no site da ABEPSS)	1996

Fonte: elaboração da autora, 2021.

Destaca-se que os documentos elencados foram investigados em todas as plataformas vinculadas ao CFESS e à ABEPSS¹⁷ e totalizaram 21 documentos. Com relação ao eixo da pós-graduação, referente às teses e dissertações que se enquadram nos fatores de inclusão, totalizou-se 17 documentos, conforme tabela:

Tabela 4 – Teses e dissertações que se articulam com os Fundamentos do Serviço Social (2010-2020)

TÍTULO	AUTOR	PPG	D / T*	ANO
A MEDIAÇÃO DA TEORIA MARXIANA E MARXISTA NAS PRODUÇÕES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NÍVEL DE DOUTORADO NO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO	EMILENE BAIRO	PUCRS	TESE	2020
“NASCI ERRADO E ESTOU CERTO”: A presença da eugenia no processo de institucionalização do Serviço Social brasileiro	ROBSON DE OLIVEIRA	UFSC	TESE	2019
FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: uma análise a partir da unidade dos Núcleos de Fundamentação das Diretrizes Curriculares da ABEPSS	RODRIGO TEIXEIRA	UFRJ	TESE	2019
FUNDAMENTOS E MEDIAÇÕES NO TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL DA REGIÃO CELEIRO DO RIO GRANDE DO SUL	PATRICIA KETZER	UFRGS	DISSERTAÇÃO	2019
ÉTICA E ESTATUTO PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL	AMANDA GUAZZELLI	PUCSP	TESE	2018
SERVIÇO SOCIAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: um estudo sobre o ensino dos fundamentos do trabalho profissional em Serviço Social no Brasil	PRISCILA SAKURADA	UFRJ	TESE	2018
A MEDIAÇÃO DA TEORIA E DO MÉTODO EM MARX NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL	INEZ ZACARIAS	PUCRS	TESE	2017
ERA SÓ MAIS UM SILVA: Fundamentos e defesa do exercício profissional crítico da Assistente Social	LÉLICA LACERDA	UFSC	TESE	2017
FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE: OS DIFERENTES CAMINHOS DO BRASIL, DO CHILE E DE CUBA	MARILÉIA GOIN	PUCRS	TESE	2016
O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DA DISCIPLINA DE FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E TEÓRICO-METODOLÓGICOS (FHTM) DO SERVIÇO SOCIAL NAS DIRETRIZES GERAIS PARA O CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA ABEPSS DE 1996	THIAGO LIMA	UEL	DISSERTAÇÃO	2016
OS FUNDAMENTOS ÍDEO-POLÍTICOS DA DIREÇÃO SOCIAL QUE ORIENTA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL: a apreensão de assistentes sociais docentes que atuam em escolas paranaenses	LORENA PORTES	UEL	TESE	2016
FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: Um estudo a partir da produção da área	THAISA CLOSS	PUCRS	TESE	2015
O SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO E A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CRÍTICA: FUNDAMENTOS, TRAJETÓRIA E IMPACTOS PARA A PRÁTICA PROFISSIONAL	MARISOL ORREGO	UFRJ	DISSERTAÇÃO	2014

¹⁷ Sites oficiais, redes sociais, canal do Youtube e publicações veiculadas na internet ou com acesso disponível em acervo físico que fossem produzidas pelas entidades ou por entidades vinculadas (Caderno ABESS, Revista Temporalis).

CRÍTICA DA LEGITIMIDADE NA TEORIA DAS PROFISSÕES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE SOBRE OS FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL	LUDSON MARTINS	UFJF	DISSERTAÇÃO	2014
PROFISSIONALIDADE DO SERVIÇO SOCIAL: Estatuto sócio-jurídico e legitimidade construída no “modelo” de competências	JUCIMERI SILVEIRA	PUCSP	TESE	2013
A INFLUÊNCIA DA TEORIA MARXIANA NO TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL	INEZ ZACARIAS	PUCRS	DISSERTAÇÃO	2013
A CATEGORIA MEDIAÇÃO NA PERSPECTIVA MARXIANA: SUA APROPRIAÇÃO POR DOCENTES DE UNIDADES DE ENSINO PRESENCIAIS	SUZANA YWATA	UEL	DISSERTAÇÃO	2010

Fonte: elaborado pela autora, 2021

No que se refere ao eixo de eventos da área¹⁸ que se incluíam dentro dos fatores de inclusão, obteve-se um total de 27 documentos:

Tabela 5 - Eventos da área relacionados aos Fundamentos do Serviço Social

EVENTO	TIPO DE DOCUMENTO	AUTOR/PALESTRANTE	ORGANIZADOR	ANO
Webinar: Fundamentos e Serviço Social - elementos para (re) pensar o trabalho da/o assistente social	Documento icônico (palestra online)	YAZBEK, M. C.	DSS – UFSC	2020
Um debate necessário para o enfrentamento do conservadorismo (I Seminário da Rede Mineira de Grupos de Estudos sobre os Fundamentos do Serviço Social)	Documento icônico (palestra online)	YAZBEK, M.C e RODRIGUES, M.	Rede Mineira de Grupos de Estudos sobre os Fundamentos do Serviço Social	2020
Classe e o significado do gênero e raça nos fundamentos do Serviço Social (I Ciclo de Debates dos Fundamentos do Serviço Social)	Documento icônico (palestra online)	PRECÓPIO, P. e CISNE, M.	CORTEZ EDITORA UFF-Niterói UNIFESP	2020
Memórias e tendências teórico-políticas do Serviço Social (I Ciclo de Debates dos Fundamentos do Serviço Social)	Documento icônico (palestra online)	MOTA, A.	CORTEZ EDITORA UFF-Niterói UNIFESP	2020
Grupos de estudos sobre os fundamentos em diálogo (I Seminário da Rede Mineira de Grupos de Estudos sobre os Fundamentos do Serviço Social)	Documento icônico (palestra online)	TEIXEIRA, R. e SIQUEIRA, J.	Rede Mineira de Grupos de Estudos sobre os Fundamentos do Serviço Social	2020

¹⁸ Optou-se pela ênfase nas palestras e mesas de debate dos eventos gravados e disponibilizadas online, considerando a ausência de produções que abarquem esse recorte de amostra e considerando que já há um corpo significativo de pesquisas que enfoquem a produção de artigos e publicações dos anais dos eventos – os quais foram utilizados na amostra quando não disponível o acesso a documentos icônicos. Dessa forma, se faz possível também a análise via informação indireta da percepção de grandes expoentes do Serviço Social no que se refere aos Fundamentos do Serviço Social para além de suas produções escritas, conjuntura que seria de difícil êxito na forma de entrevista direta diante dos limites do processo de uma dissertação.

A importância do marxismo no debate dos fundamentos do Serviço Social (I Ciclo de Debates dos Fundamentos do Serviço Social)	Documento icônico (palestra online)	BATISTONI, R. e GUERRA, Y.	CORTEZ EDITORA EDITORA UFF-Niterói UNIFESP	2020
Live ABEPSS “Precisamos discutir os Fundamentos do Serviço Social”	Documento icônico (palestra online)	YAZBEK, M.; GUERRA, Y. e TEIXEIRA, R.	ABEPSS (divulgado pelo Canal do Youtube TV ABEPSS)	2020
O projeto ético-político e sua relação com os fundamentos do Serviço Social e o exercício profissional do assistente social na contemporaneidade	Documento eletrônico (artigo)	MENDES et. al.	16º CBAS	2019
A trajetória histórica do Serviço Social e ameaça conservadora ao projeto ético- político em tempos de desmonte dos direitos sociais	Documento eletrônico (artigo)	SOUSA, F.; LIMA, F.	16º CBAS	2019
Análise da constituição da pós-graduação no Rio grande do sul e das suas tendências de pesquisa	Documento eletrônico (artigo)	SCHERER et. al.	16º CBAS	2019
Fundamentos e história: o surgimento do sistema capitalista e a gênese do Serviço Social no Brasil	Documento eletrônico (artigo)	MENDONÇA, I.; SANTOS, V.	16º CBAS	2019
Raiz conservadora do Serviço Social e contradição na formação sócio-histórica do Brasil – uma experiência de monitoria em fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social)	Documento eletrônico (artigo)	CARVALHO et. al.	16º CBAS	2019
Análise sobre o sincretismo no Serviço Social	Documento eletrônico (artigo)	LUIS, M.	16º CBAS	2019
As tendências presentes na produção científica do serviço social brasileiro sobre os fundamentos da profissão na atualidade	Documento eletrônico (artigo)	SILVA et. al.	16º CBAS	2019
Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social: aproximações iniciais ao seu ensino	Documento eletrônico (artigo)	OLIVEIRA, A.	16º CBAS	2019
A monitoria na formação profissional: uma experiência nos componentes curriculares de fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social	Documento eletrônico (artigo)	SILVA, E.; RODRIGUES, L.	16º CBAS	2019
Os fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do Serviço Social latino-americano e os desafios para a formação profissional em tempos de crise do capital	Documento eletrônico (artigo)	LEÃO, P.; COUTINHO, P.	16º CBAS	2019
A importância da disciplina de fundamentos históricos e teórico-metodológicos na formação de estudantes do curso de Serviço Social da universidade federal do pará: uma pesquisa empírica	Documento eletrônico (artigo)	SILVA et. al.	16º CBAS	2019
Apontamentos sobre os fundamentos históricos e teórico-	Documento eletrônico (artigo)	ANDRADE et. al.	16º CBAS	2019

metodológicos do Serviço Social brasileiro				
A perspectiva de “reatualização do conservadorismo”: aproximações teóricas e perspectivas críticas	Documento eletrônico (artigo)	GUEDES, O.	16º CBAS	2019
O recuo dos fundamentos teóricos, metodológicos e históricos e a produção acadêmica do Serviço Social na contemporaneidade	Documento eletrônico (artigo)	OLIVEIRA et. al.	16º CBAS	2019
RELATÓRIOS DO COLÓQUIO DO GTP DE FUNDAMENTOS (ENPESS)	Documento eletrônico (relatório)	GTP ABEPSS	ENPESS (Divulgado site ABEPSS)	2016
RELATÓRIOS DO COLÓQUIO DO GTP DE FUNDAMENTOS (ENPESS)	Documento eletrônico (relatório)	GTP ABEPSS	ENPESS (Divulgado site ABEPSS)	2014
RELATÓRIOS DO COLÓQUIO DO GTP DE FUNDAMENTOS (ENPESS)	Documento eletrônico (relatório)	GTP ABEPSS	ENPESS (Divulgado site ABEPSS)	2012

Fonte: elaborado pela autora, 2021

Desta forma, tem-se uma amostra de 67 documentos, entre vídeos, livros, documentos impressos e em formato online que se relacionam com os Fundamentos do Serviço Social e atendem aos fatores de inclusão. A partir de então, a amostra será referenciada a partir de seus quatro eixos correspondentes: *eixo graduação* para as duas obras com maior frequência nas disciplinas da graduação que versem sobre os Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente; *eixo pós-graduação* para as teses e dissertações do Banco de Teses da CAPES (2010-2020); *eixo eventos da área*, correspondente às transcrições de palestras, relatórios e documentos referentes aos eventos da área que debateram a temática e *eixo entidades representativas* para os documentos oriundos de publicação e/ou publicização pelo CFESS e pela ABEPSS que contenham elementos de reflexão sobre os Fundamentos.

2. FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: ENTRE CONCEITOS DIFUSOS, CONCEPÇÕES EM DISPUTA

‘Por que fundamentos do Serviço Social? Não é mais fácil produzir sobre o teu exercício profissional?’ Esse foi um questionamento recorrente no processo inicial da dissertação, sobretudo no ambiente acadêmico. No polo dos espaços socioocupacionais em que a autora se insere, outro extremo: *‘sobre o que tu estás pesquisando?’* e ao referir-se aos Fundamentos do Serviço Social, um sonoro e longo silêncio. Ao que tudo indica, parece que não há o que ser dito. E isso diz muito sobre como compreendemos (ou, na verdade, como deixamos de compreender) os Fundamentos do Serviço Social, como se estes não fizessem parte do corpus do exercício da profissão ou que muito pouco pudessem contribuir para a intervenção profissional, sendo objeto de pesquisa restrito aos muros da universidade.

Quando eu vi que o questionário era sobre os Fundamentos do Serviço Social, já fiquei nervosa, imaginando que ia me perguntar conceitos e definições...imagina que vergonha, eu no Doutorado e respondendo algo nada a ver, mas aí vi o teor das perguntas e fiquei mais tranquila, achei interessante a proposta, porque parece que é algo que não podemos abordar, dessa dificuldade de ir além da decoração dos conceitos de fundamentos, questão social... (PARTICIPANTE D, 2019)

Eu repassei para todas minhas colegas de trabalho no hospital, mas a maioria delas já está aposentada, apesar de seguirem trabalhando, muitas se formaram há muitos anos atrás. E aí uma delas me disse: “quando eu descobrir o que são os Fundamentos do Serviço Social eu respondo o questionário”. E é bem isso, a gente ouve falar muito sobre isso na graduação, mas quando se insere no exercício profissional nos deparamos com uma realidade de muitos desafios enquanto categoria. (PARTICIPANTE M, 2019)(grifo da autora)

As citações acima fazem parte do retorno recebido de colegas de profissão ao longo da primeira etapa da pesquisa. Iniciar o debate desse capítulo por elas não é mera casualidade. Marx já nos ensina na Introdução dos Grundrisse (1857), que o concreto é “o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação” (MARX, 2011, p. 70 - 71). Os elementos iniciais da investigação feita via questionário online explicitados nas próximas linhas poderiam, em sua aparência imediata, nos parecer enquanto resultado, mas representam o início da investigação. Essa delimitação nos aparece importante para reafirmarmos os pressupostos da perspectiva dialético-crítica da profissão e do ponto de partida inicial necessário para as mediações realizadas pelos profissionais em seu cotidiano profissional: a realidade concreta¹⁹.

¹⁹ “O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade.” (MARX, 2011, p. 77)

Como poderemos ver nas próximas linhas e capítulos, a parca produção sobre o tema dos Fundamentos do Serviço Social e o difuso enfoque de conceitos e concepções impactam diretamente na articulação destes com a dialética do concreto (KOSIK, 1989). A hipótese apresentada é que, no limite, a dificuldade de apreensão sobre a temática dos Fundamentos do Serviço Social a partir da perspectiva dialético-crítica e a dificuldade de situá-los no sistema de mediações do exercício profissional, gera, subsequentemente, a possibilidade de análises endógenas da profissão ou abordagens vulgares do método marxiano. Essas lacunas podem refletir no afastamento da categoria de mediações reflexivas e ontológicas (PONTES, 2000) com o objeto da profissão, enfraquecendo as possibilidades de materialização do projeto crítico da profissão. Como se expressam essas dificuldades? Que elementos do processo formação – exercício profissional são relevantes nessa desafiadora temática? São questões que irão ser aprofundadas a seguir.

Os maiores desafios apontados pelos participantes para a apropriação dos Fundamentos do Serviço Social foram expressos da seguinte maneira²⁰:

Tabela 6 - Desafios na apropriação dos Fundamentos do Serviço Social

	Alunos	Profissionais
Difícil linguagem e forma de exposição	31,9%	43,6%
Insuficiente articulação com as demandas que surgem no cotidiano profissional	26,9%	60,1%
Insuficiente articulação com o contexto contemporâneo brasileiro	21,3%	39,2%
Não identifiquei nenhum desafio	12,5%	14,9%
Discordo do posicionamento exposto de forma hegemônica no que se refere aos Fundamentos do Serviço Social	5,0%	6,8%
Ausência de disciplina sobre Fundamentos do Serviço Social durante graduação	3,1%	4,1%
Outros	1,9%	3,4%

²⁰ O questionário se caracterizou enquanto um formulário com uma pergunta de múltipla escolha fechada (informando ser estudante de Serviço Social ou Assistente Social/ Bacharel em Serviço Social); duas perguntas de múltipla escolha, nas quais o respondente poderia escolher mais de uma opção, oportunizando outras respostas (abertas) na opção 'Outros', referindo-se aos desafios de apropriação dos Fundamentos do Serviço Social e os elementos que percebeu/percebe como importantes na apreensão dos Fundamentos. Não houve a identificação dos participantes, os quais apenas registravam seu endereço de e-mail, desta forma, configurando-se em uma pesquisa de opinião pública com participantes não identificados, dispensando-se, assim, o uso de TCLE e de avaliação junto ao Comitê de Ética, conforme Resolução 510 da CONEP (BRASIL, 2016).

Entre os profissionais a percepção de uma insuficiente articulação dos Fundamentos da profissão na produção e nos eventos da área com as demandas que surgem no cotidiano profissional foi a resposta com maior frequência (60,1% do total de participantes) seguido da percepção de uma difícil linguagem e forma de exposição dos Fundamentos do Serviço Social nas produções e eventos da área (43,6% do total de participantes). Já entre os estudantes, o resultado se inverte (sendo a linguagem e forma de exposição o maior desafio elencado com 31,9%, seguido da percepção de insuficiência de articulação com o cotidiano profissional, com 26,9%). Em ambos os contextos, o terceiro maior desafio elencado se refere à percepção da insuficiência de articulação dos Fundamentos do Serviço Social na produção e eventos da área com as particularidades do contexto contemporâneo brasileiro, com uma porcentagem de 21,3% entre os estudantes e 39,2% nos profissionais.

Na opção ‘Outros’, as respostas com maior frequência se vinculam a uma dicotomia entre teoria-prática no eixo formação profissional (38,3% das respostas na assertiva ‘Outros’), expressa tanto no distanciamento das unidades formativas dos espaços sociocupacionais e dos profissionais ‘da ponta’ (40%) quanto na falta de articulação a partir de um processo metodológico do ensino, sendo essa a tendência com maior frequência no eixo (80%).

Necessitamos dessa maior articulação com as demandas cotidianas durante os processos formativos. Que as entidades formadoras estejam mais próximas dos profissionais que estão "na ponta". (PARTICIPANTE A)

Na graduação se tem a falta de articulação dos fundamentos da profissão com o exercício profissional no cotidiano, parecendo duas coisas distantes, sem exemplificação destes na realidade profissional. (PARTICIPANTE C)

Os outros eixos possuem uma resposta cada, podendo ser divididos em: I) uma compreensão individual, em que se avalia a necessidade pessoal de aprofundamento dos estudos na temática; II) respostas que avaliam processos externos (não pessoais) como a dificuldade dos profissionais em se apropriar dos Fundamentos, articulando ‘questões macro-micro’ e outra se refere a uma precarização do processo de formação profissional (não citando a sua formação em si), relacionando com o contexto de expansão EAD e o avanço do conservadorismo na sociedade; III) uma avaliação de que os fundamentos são difusos e outro IV) referente às articulações teórico-metodológicas, de um lado uma

resposta avaliando a necessidade de maior articulação com as outras ciências humanas e, de outro, uma resposta avaliando a necessidade de maior aprofundamento da teoria marxista ao longo do processo formativo²¹. Outra resposta que chama atenção é a que explicita que o maior desafio é conseguir uma colocação no mercado de trabalho – o que, apesar de não fazer explicitamente menção aos Fundamentos do Serviço Social, se articula estreitamente com o debate sobre a inserção da profissão na divisão social e técnica do trabalho e mostra-se como uma tendência ao se olhar dados empíricos de grupos em redes sociais referentes à profissão²².

No que se refere à percepção dos participantes de elementos que foram/são importantes para sua apreensão dos Fundamentos do Serviço Social, tivemos o seguinte resultado:

Tabela 7 – Elementos que são/foram importantes para a apropriação dos Fundamentos do Serviço Social

	Alunos	Profissionais
Disciplinas da graduação	81,4%	80,7%
Inserção no exercício profissional	-	45,3%
Inserção em campo de estágio na área	57,8%	38,2%
Participação em eventos da área	42,2%	43,2%
Leitura de artigos em periódicos da área	36,3%	28,4%
Notas técnicas, pareceres e publicações do conjunto CFESS/CRESS	14,7%	20,6%
Disciplinas da pós-graduação	4,9%	14,2%
Outros	6,9%	3,0%
Notas técnicas e eventos do sindicato da categoria	2,9%	1,0%

²¹ Como expresso nas notas introdutórias, o objetivo desta primeira etapa da pesquisa foi realizar aproximações preliminares com o objeto da pesquisa, a partir da realidade concreta dos sujeitos que se implicam diretamente com a temática (estudantes e profissionais), sobretudo para subsidiar a escolha do universo e da amostra de pesquisa e, assim, realizar novas aproximações com o objeto a partir de outras angulações investigativas. Dessa forma, optou-se por um questionário reduzido e objetivo, para alcançar maior escala quantitativa de respostas, meta que se considera alcançada, dado o positivo retorno de 398 participantes. Assim, reconhece-se a pertinência de maior aprofundamento dos resultados obtidos, com maior riqueza de informações acerca dos participantes, como UFA em que realizou sua formação, ano de conclusão, natureza da instituição. Contudo, tais questões não foram objeto de investigação da autora.

²² Dado empírico que foi verificado a partir da interlocução da autora com os referidos grupos, situação que demonstra uma relevante necessidade de aprofundamento nas pesquisas da área, ainda que não seja objeto de maior investigação nessa dissertação. Basta-nos dizer aqui que a inserção (ou os índices de desemprego, conformando um exército industrial de reserva nos termos de Marx) dos assistentes sociais no mercado de trabalho é um elemento que traz impactos aos Fundamentos do Serviço Social, uma vez que dita invariavelmente as condições objetivas de sua materialização, na relação profissão-realidade.

Fonte: elaborado pela autora, 2019.

Entre os profissionais, estes identificaram enquanto subsídios principais: as disciplinas da Graduação (80,7% dos participantes)²³; a inserção no exercício profissional (45,3%) e a participação em eventos da área (43,2%) Entre os estudantes foram igualmente elencadas: as disciplinas da Graduação (81,4% dos participantes); a inserção em campo de estágio na área (57,8%) e a participação em eventos da área (42,2%). Na opção ‘Outros’, foram elencados: a troca de experiências e saberes com colegas de profissão (12,5%) com a maior frequência, uma vez que as outras possuíram apenas uma resposta em cada eixo: práticas de extensão universitária; excelente didática dos professores que conseguem fazer interconexões entre os conteúdos e a realidade vivenciada pela profissão; práticas de educação permanente; não ter parado de estudar; leituras específicas sobre Fundamentos; conhecimento da instrumentalidade; videoaulas na internet e estudo focado em concursos públicos na área.

Percebe-se, desde já, que a relação profissão-realidade se mostra enquanto um desafio a ser apreendido pelos Fundamentos do Serviço Social, assim como a interconexão entre formação e exercício profissional. Não à toa tem-se o resultado de que a inserção no estágio e no exercício profissional são processos de potencial apreensão dos Fundamentos do Serviço Social, uma vez que são os espaços em que se vivencia a articulação teórico-prática, ou seja, que é possibilitada uma correlação entre as mediações ontológicas e as reflexivas – embora esse sistema de mediações devesse estar sendo contemplado ao longo do processo formativo. A forma como o conteúdo é expresso (e aqui inclusa a linguagem), bem como suas mediações com o cotidiano do exercício profissional e o contexto brasileiro contemporâneo se conformam enquanto elementos importantes de interlocução para alcançar o objetivo da dissertação²⁴. A partir desses resultados preliminares foi possível a delimitação do universo e a amostra da pesquisa, descritas e explicitadas nas notas introdutórias da dissertação.

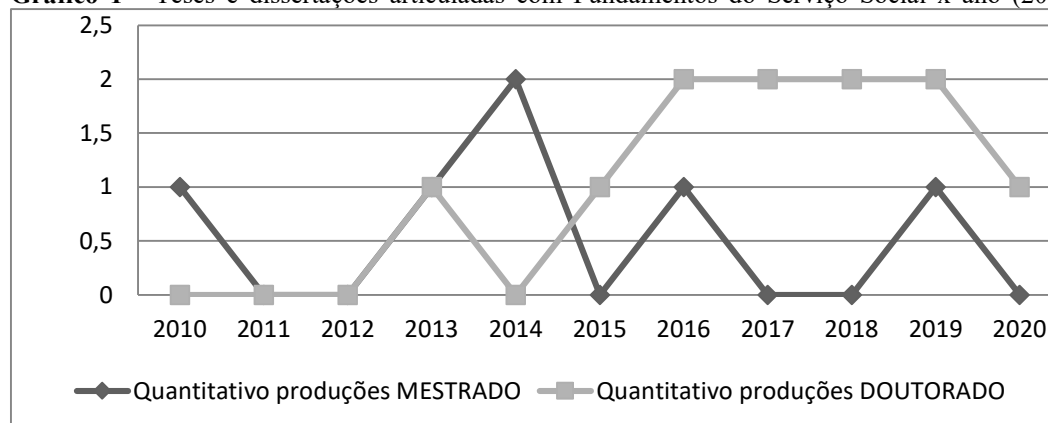
²³ Destaca-se aqui a relevância de futuras investigações que busquem compreender com maior detalhamento quais disciplinas da graduação oportunizam a apreensão dos Fundamentos do Serviço Social na percepção dos estudantes e profissionais, visto que compreendemos que esta temática não se reduz às disciplinas de FHTM (as quais foram delimitadas enquanto amostra da pesquisa apenas pelos limites objetivos postos à dissertação e a invariável correlação que possuem com a temática).

²⁴ Analisar as configurações contemporâneas dos Fundamentos do Serviço Social, com o intuito de contribuir com a produção de conhecimento crítico da profissão e subsidiar mediações reflexivas e ontológicas ao exercício crítico da profissão.

1.1 DIMINUTAS PRODUÇÕES, MÚLTIPLOS CONCEITOS

Apesar da amostra de pesquisa contar com 67 documentos, o que pode se manifestar na aparência enquanto uma expressiva produção da área sobre a temática dos Fundamentos do Serviço Social, ao se debruçar sobre a totalidade desses, articuladas com o contexto particular de cada eixo, pode-se inferir alguns elementos importantes. No que se refere ao eixo pós-graduação, totalizou-se uma amostra de 17 produções, cujo título, resumo ou palavra-chave possuía os descritores FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL ou o descritor FUNDAMENTOS correlacionado com SERVIÇO SOCIAL²⁵, sendo seis dissertações e onze teses. Dez produções possuíam o termo “Fundamentos”²⁶ em seu título e somente quatro constavam a expressão exata “Fundamentos do Serviço Social”, sendo a dissertação de Martins (2014) e as teses de Closs (2015); Goin (2016) e Teixeira (2019). No gráfico a seguir é possível acompanhar a linha temporal do quantitativo de produções de teses e dissertações articuladas com o debate sobre Fundamentos do Serviço Social ao longo do período 2010-2020:

Gráfico 1 - Teses e dissertações articuladas com Fundamentos do Serviço Social x ano (2010-2020)



Fonte: elaborado pela autora, 2021

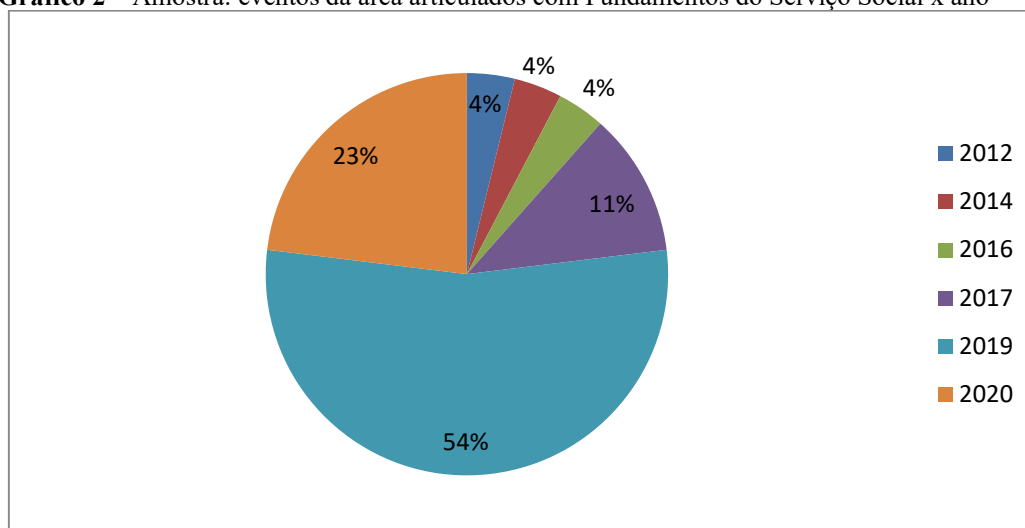
²⁵ Descritor tomado como equivalente a outras expressões correlatas que em seu contexto deixam nítida a articulação com o Serviço Social, tais como: profissão, profissional, assistentes sociais, Serviço Social, tomadas assim como fatores de inclusão.

²⁶ A expressão Fundamentos aparece no universo da pesquisa articulada com distintas concepções e temáticas da profissão, quais sejam: Fundamentos políticos e regulamentação ética (SOUSA, 2020); Fundamentos e mediações no trabalho do Assistente Social (KETZER, 2019); Fundamentos e defesa do exercício profissional crítico (LACERDA, 2017); Fundamentos Históricos e Teórico-Methodológicos (FHTM) (LIMA, 2016); Fundamentos para a prática profissional (ORREGO, 2014); Fundamentos ideopolíticos (PORTES, 2016; PRADO, 2012); Fundamentos ontológicos para o exercício profissional (LACERDA, 2013); Fundamentos do trabalho profissional (SAKURADA, 2018); Fundamentos ontológicos da ética (SANTOS, 2014). Uma das produções referia-se aos Fundamentos teóricos da Questão Social (FERREIRA, 2015).

Percebe-se que na amostra há uma tendência maior de produções em nível de doutorado a partir de 2016 ²⁷, mantendo o quantitativo de duas produções/ano até o ano de 2019. Verifica-se, contudo, um quantitativo extremamente baixo e não consistente de forma geral, se considerarmos a média dos últimos cinco anos de 502²⁸ produções entre teses e dissertações/ano na área de Serviço Social.

Com relação aos eventos da área que articulam debates sobre os Fundamentos do Serviço Social, a amostra corrobora com a produção de conhecimento (CLOSS, 2015; TEIXEIRA,2019) de que se trata de um recente debate, com uma concentração de 77% da amostra nos anos de 2019 e 2020. Destaca-se o exponencial crescimento da publicização destes eventos na íntegra de forma gratuita nos últimos cinco anos – contexto que demarcou a presença de uma amostra consideravelmente atual no que se refere aos documentos icônicos, com uma predominância de 66% somente no ano de 2020.

Gráfico 2 – Amostra: eventos da área articulados com Fundamentos do Serviço Social x ano



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Esse resultado converge com dois processos interrelacionados: I) a recente e crescente preocupação com o debate sobre os Fundamentos do Serviço Social e o desenvolvimento da categoria profissional na operacionalização de instrumentos

²⁷ Infere-se que a tendência de discussão sobre a temática dos Fundamentos do Serviço Social pode ter sido influenciada pelo contexto prévio de avaliação da implantação da Diretrizes Curriculares de 1996 e das estratégias da categoria profissional no enfrentamento à precarização do ensino superior (das quais o projeto ABEPSS Itinerante faz parte), fruto das contrarreformas do ensino superior entre o final da década de 90 e ao longo dos anos 2000 – que trazem importantes desafios e entraves para a concretização do projeto ético político da profissão em seu âmbito formativo. Para maiores elucidações desse contexto, ver Maciel (2006).

²⁸ Fonte: Dados quantitativos analisados pela autora a partir da Base de Teses e dissertações da CAPES.

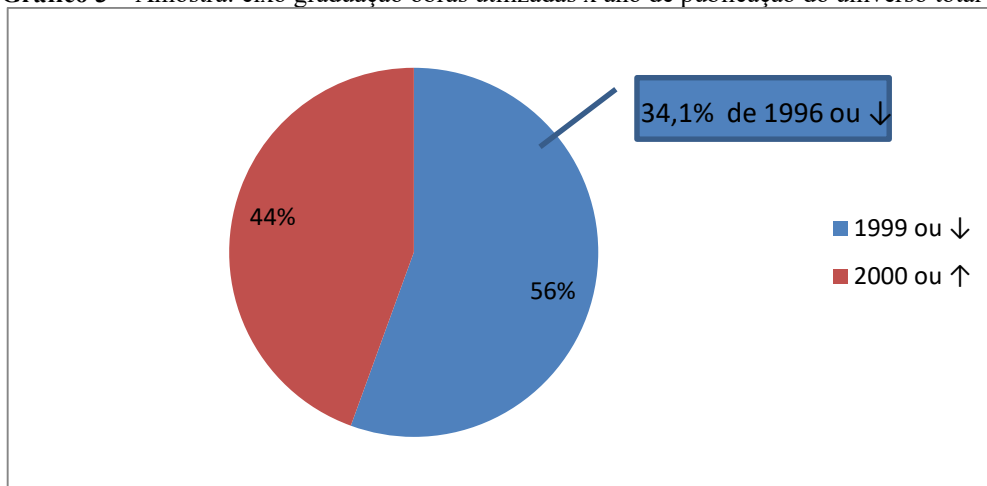
tecnológicos de comunicação para maior acesso aos profissionais e estudantes²⁹ II) um possível impacto do contexto de isolamento social da pandemia de COVID-19, que tensionou para formas de eventos na modalidade online, passíveis de registro e publicização posterior. Soma-se a isso um expressivo esforço das entidades representativas e dos programas de pós-graduação na articulação de estratégias possíveis para a materialização e acesso das pessoas aos debates. A influência da editora CORTEZ e do GTP Fundamentos, formação e trabalho profissional da ABEPSS também pode ser verificada, os quais foram organizadores respectivamente de 44,4% e 33,3% dos eventos referentes aos documentos icônicos.

O XV e o XVI Congresso Brasileiro de Assistente Sociais (CBAS) não tiveram nenhuma menção ao descritor FUNDAMENTOS ao longo das palestras e mesas temáticas e o Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS) não possui disponível documentos icônicos de suas palestras e mesas. Nesse contexto, optou-se por contemplar esses eventos de relevância nacional a partir dos relatórios elaborados pelo GTP Fundamentos, formação e trabalho profissional com a análise dos trabalhos que se articulam com o eixo Fundamentos do Serviço Social (ENPESS 2012, 2014 e 2016) e a partir dos artigos publicados nos anais do último CBAS (2019), destacando-se que, mesmo com o exponencial número de trabalhos aprovados para o eixo Fundamentos, formação e trabalho profissional no CBAS (273), apenas 5,13% possuíam o descritor ‘FUNDAMENTOS’ correlacionado com o Serviço Social no título, resumo ou palavras-chave.

No eixo graduação, foram identificadas 135 referências bibliográficas, das quais foram selecionadas as duas obras com maior frequência (ambas com 64%), conforme exposto anteriormente na Tabela 2. Das 135 produções do universo de documentos, 55,6 % possuem publicações anteriores a 2000 e 44,4% a partir dos anos 2000. Ademais, 34,1% das produções se concentram em anos anteriores a 1996, ou seja, anteriores às Diretrizes Curriculares de 1996.

²⁹ Fato que se pode demarcar principalmente a partir do 15º CBAS, cuja publicização e acesso na íntegra no canal do youtube do CFESS foi um marco pioneiro nesse processo.

Gráfico 3 – Amostra: eixo graduação obras utilizadas x ano de publicação do universo total



Fonte: elaborado pela autora, 2021

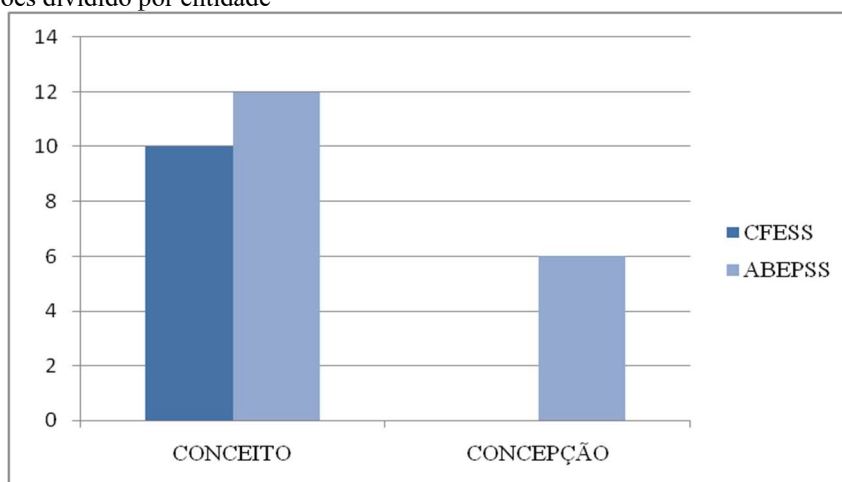
Esses resultados preliminares indicam algumas tendências: apesar do crescimento (ainda que diminuto) de produções no eixo pós-graduação vinculadas aos Fundamentos do Serviço Social, essa atualização não se reflete de forma automática nas referências bibliográficas das disciplinas da graduação, uma vez que majoritariamente se vinculam a produções anteriores aos anos 2000³⁰.

Os documentos das entidades representativas são os que menos obtiveram frequência de alguma concepção sobre os Fundamentos do Serviço Social (27,3%), sendo que nenhum desses era vinculado ao CFESS, demonstrando-se que o debate sobre os Fundamentos do Serviço Social não foi objeto de maior elucidação da entidade após a publicação do livro em conjunto com a ABEPSS que consta na amostra do eixo graduação, de forma a esse debate estar atualmente centralizado nos debates promovidos pela ABEPSS³¹.

³⁰ Esse descompasso tende a criar uma distinção entre a concepção de Fundamentos do Serviço Social utilizada pelas produções do eixo pós-graduação (mais abrangente) e a utilizada na graduação (tendencialmente vinculada à concepção de FHTM), elementos que serão explicitados de forma mais qualificada no próximo subtítulo.

³¹ O que invariavelmente contribui para uma tendência do debate junto ao eixo formação, visto a natureza e objetivos da entidade, ainda que esta reconheça a indissociabilidade entre formação e exercício profissional.

Gráfico 4 – Amostra eixo entidades representativas: quantitativo entre frequência de conceitos x concepções dividido por entidade



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Chamou a atenção o fato de que a série de documentos sobre os “Parâmetros de Atuação dos Assistentes Sociais”, amplamente utilizados como referência na profissão e inclusive nas referências bibliográficas para concursos públicos, articulando diretrizes para o exercício profissional nas políticas de assistência social, saúde, sociojurídico e educação, não possuem o conceito de Fundamentos do Serviço Social ao longo de seus textos³². Nesse contexto, avalia-se um enfraquecimento da relação do debate entre os Fundamentos do Serviço Social com o âmbito do exercício profissional. Perde-se também a oportunidade de, a partir do debate dos Fundamentos do Serviço Social, subsidiar a distinção entre profissão e políticas sociais - debate essencial para combater a difusa relação entre Estado e as políticas sociais com a profissão.

Outra tendência geral dos eixos pós-graduação e eventos da área é a delimitação da área dos Fundamentos do Serviço Social enquanto uma grande temática, que abarca um universo grande de produções, contudo, ao se realizar o recorte amostral, verifica-se uma redução substancial de produções que utilizam a categoria FUNDAMENTOS articulada com SERVIÇO SOCIAL no título, resumo ou palavras-chave. Tal tendência irá se confirmar nas análises quantitativas que diferenciam produções que apresentam *conceitos de Fundamentos do Serviço Social* (amplas quantitativamente e difusas

³² Nos parâmetros para atuação no sociojurídico, verifica-se apenas a expressão ‘fundamentos da ética profissional’: “O/a assistente social é chamado a atuar de diversas formas [...] Destaca-se que nem sempre as ações propostas pela instituição aos/às assistentes sociais condizem com sua formação ou são de sua competência, algumas, inclusive, podem se mostrar opostas aos fundamentos da ética profissional.” (CFESS, 2014, p.65)

conceitualmente) e aquelas que se propõem a explicitar sua *concepção sobre os Fundamentos do Serviço Social* (reduzidas quantitativamente e com distintas apreensões).

Importante delimitar a distinção aqui posta entre as categorias conceito e concepção. Parte-se do pressuposto que conceito basicamente se refere a uma ideia geral ou denominação acerca de algo que se encontra na realidade concreta (se tomado, como aqui o é, a partir do método dialético crítico). Já a concepção refere-se à maneira como os conceitos passam por um processo de abstração de maior nível, alicerçado por teorias, requerendo um acúmulo importante de totalizações da realidade concreta para se chegar a uma concepção. Na produção de conhecimento, um mesmo conceito, por exemplo, pode ter concepções distintas. A utilização de um conceito não necessariamente está interconectada com uma posterior elaboração reflexiva/teórica sobre ele.

Há uma multiplicidade de conceitos utilizados no debate realizado entre o descritor FUNDAMENTOS e SERVIÇO SOCIAL. Na amostra da pesquisa foram identificadas um total de 38 *variações conceituais*, dado que se considera relevante e preocupante, posto que pode reforçar a hipótese de que uma difusa concepção sobre o que são os Fundamentos do Serviço Social produz impactos na materialização da vertente crítica da profissão. A tabela a seguir apresenta os cinco conceitos com maior representatividade na amostra total:

Tabela 8 – Conceitos vinculados aos Fundamentos do Serviço Social com maior frequência na amostra total

CONCEITO	FREQUÊNCIA AMOSTRA TOTAL
Fundamentos do Serviço Social	43,4%
Fundamentos	14,2%
Fundamentos históricos e teórico-metodológicos	12,7%
Fundamentos da profissão	10,2%
Fundamentos teórico-metodológicos	5,8%

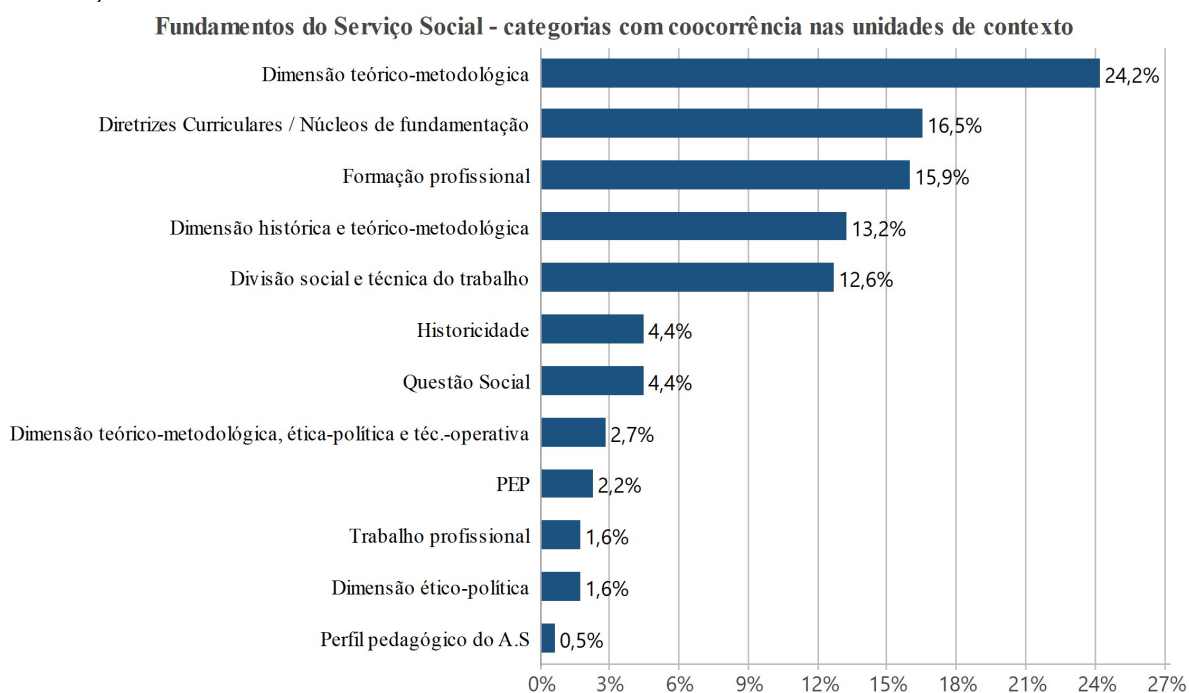
Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Pode-se verificar que o conceito com maior representatividade na amostra total se refere ao conceito de ‘Fundamentos do Serviço Social’ (43,4%), seguido de ‘Fundamentos’ (14,2%); ‘Fundamentos históricos e teórico-metodológicos’ (12,7%); ‘Fundamentos da profissão’ (10,2%) e ‘Fundamentos teórico-metodológicos’ (5,8%). Tendencialmente, infere-se o descompasso entre o eixo graduação e o restante dos eixos, uma vez que o conceito de ‘Fundamentos do Serviço Social’ se apresenta enquanto o de maior representatividade nos eixos pós-graduação, eventos da área e entidades representativas, ficando em terceiro lugar somente no eixo graduação, no qual o conceito

de ‘Fundamentos históricos e teórico-metodológicos’ se mostra enquanto o de maior representatividade. Evidencia-se aqui, uma tendência de dificuldade de integração das disciplinas de FHTM da graduação a um debate mais abrangente acerca dos Fundamentos do Serviço Social, fato que é corroborado pela tendência cronológica presente nas ementas das disciplinas da amostra se analisadas em seu conjunto com as demais disciplinas de FHTM³³ das grandes curriculares.

Considerando o caráter abrangente do conceito de ‘Fundamentos do Serviço Social’ verifica-se quais categorias apresentam maior coocorrência com o conceito nas unidades de contexto da amostra total, visando apreender possíveis concepções não explícitas, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 5 – Categorias com maior frequência de coocorrência nas unidades de contexto com ‘Fundamentos do Serviço Social’



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

³³ O grande dilema aqui não se trata substancialmente do conteúdo ministrado nas disciplinas de Fundamentos no contexto contemporâneo, o qual se entende essencial (majoritariamente denominadas de FHTM III e FHTM IV), mas sim da lógica formal-abstrata que as compõe (em sua unidade com FHTM I e II), articulando cronologia histórica enquanto metodologia de ensino e de um engessamento etapista na organização curricular com o desenvolvimento da profissão, o que no limite pode potencializar uma análise evolucionista dos Fundamentos do Serviço Social, destituindo-os da contradição e do movimento inerentes à lógica dialética. Soma-se a esse dilema a necessária incorporação de referências bibliográficas que articulem o debate sobre Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente, dada a ênfase das obras situadas a publicações anteriores a 2000.

Verifica-se que a principal categoria correlacionada se refere à ‘dimensão teórico-metodológica’ (24,2%), seguida da categoria ‘Diretrizes Curriculares / Núcleos de fundamentação’ (16,3%). Assim, infere-se uma tendência de deslocamento da discussão dos Fundamentos do Serviço Social (sobretudo nos eixos dos eventos da área, da pós-graduação e das entidades representativas) restrito ao FHTM enquanto disciplina para uma concepção mais abrangente, cuja centralidade se expressa no referencial teórico-metodológico marxiano e marxista e na concepção de unidade dos Fundamentos do Serviço Social nas Diretrizes Curriculares de 1996 da ABEPSS – ainda que a presença da categoria ‘Dimensão histórica e teórico-metodológica’ siga com 13,5% de frequência, demonstrando que segue tendo considerável representatividade no debate dos Fundamentos do Serviço Social. Nesse contexto, verifica-se igualmente a influência de Marilda Iamamoto com a tese da profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho (12,6% de coocorrência), cujas bases se assentam na perspectiva teórico-metodológica marxiana, bem como na ênfase estabelecida no eixo formação, com 15,9% de coocorrência dessa categoria nas unidades de contexto referentes aos Fundamentos do Serviço Social.

1.2 CONCEPÇÕES DE FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: ENTRE CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

No que se refere aos segmentos identificados que se propõem a elucidar uma concepção de Fundamentos, estes foram encontrados em apenas 39,1% da amostra total. Essa verificação nos permite apreender que na amostra, menos da metade dessa se propõe a discutir ou delimitar a concepção de Fundamentos do Serviço Social em que situa sua reflexão. Esse fato reafirma as possibilidades de uma difícil compreensão sobre os Fundamentos do Serviço Social, ao passo que não reconhece que há conceitos em disputa e heterogêneas concepções acerca da temática, fragilizando, assim, o processo de desenvolvimento da produção de conhecimento na temática e de sua identificação por parte da categoria profissional e dos estudantes. A tabela a seguir demonstra a frequência em que foram identificados segmentos vinculados a uma concepção de Fundamentos do Serviço Social na amostra total da pesquisa e sua divisão por eixos da amostra, conforme segue:

Tabela 9 – Frequência concepção de Fundamentos do Serviço Social (amostra total x por eixo)

EIXO	FREQUÊNCIA CONCEPÇÃO FUNDAMENTOS AMOSTRA TOTAL	FREQUÊNCIA CONCEPÇÃO FUNDAMENTOS POR EIXO
GRADUAÇÃO	3,0 %	100%
EVENTOS DA ÁREA	21,5%	53%
PÓS-GRADUAÇÃO	10,0 %	41%
ENTIDADES REPRESENTATIVAS	9,2 %	27,3%

Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Conforme explicitado na tabela, os documentos do eixo graduação são os que se propõem a trazer uma concepção de fundamentos em toda a amostra. Os documentos das entidades representativas são os que menos obtiveram frequência de alguma concepção sobre os Fundamentos do Serviço Social (27,3%), sendo que nenhum desses era vinculado ao CFESS, demonstrando-se que o debate sobre os Fundamentos do Serviço Social não foi objeto de maior elucidação da entidade após a publicação do livro que consta na amostra do eixo graduação, de forma a esse debate estar atualmente centralizado nos debates promovidos pela ABEPSS³⁴. No eixo pós-graduação, chama a atenção o fato de que menos da metade da amostra explicita sua concepção sobre os Fundamentos do Serviço Social, fato que demonstra que, apesar da temática estar posta na produção de conhecimento das teses e dissertações, ainda há a necessidade de que as convergências e divergências dessa temática sejam mais bem explicitadas no que se refere às concepções em disputa.

1.2.1 Autores e concepções

Com relação aos autores que constroem subsídios para concepções dos Fundamentos do Serviço Social, podemos conferir na tabela a seguir os autores com maior frequência na amostra total que buscam elucidar concepções sobre os Fundamentos do Serviço Social, bem como sua vinculação institucional e a divisão dos autores por região. As frequências diretas se referem a autores que, além de trazer uma concepção sobre os Fundamentos do Serviço Social, também se caracterizam enquanto autores do referido documento da amostra. Já as frequências indiretas se referem aos autores que elaboram concepções dos Fundamentos do Serviço Social e que são citados pelo autor do

³⁴ O que invariavelmente contribui para uma tendência do debate junto ao eixo formação, visto a natureza e objetivos da entidade, ainda que esta reconheça a indissociabilidade entre formação e exercício profissional.

documento para explicitar a concepção de Fundamentos do Serviço Social. Importante relatar que alguns autores se detêm a uma concepção de maior totalidade sobre a temática, outros se detêm apenas a delimitar alguma particularidade da concepção.

Tabela 10 - Autores com maior frequência nas unidades de contexto que se referem a concepções dos Fundamentos do Serviço Social - amostra total

AUTOR	FREQ. DIRETA	FREQ. INDIRETA	FREQ. TOTAL	%	VINCULAÇÃO
IAMAMOTO	2	11	13	31,7	UERJ*
YAZBEK	5	2	7	17,0	PUCSP
GUERRA	3	2	5	12,2	UFRJ
ABEPSS	1	4	5	12,2	NACIONAL**
TEIXEIRA	4	0	4	9,8	UFRJ (UFF)***
CLOSS	1	2	3	7,3	PUCRS (UFRGS)***
BATISTONI	2	0	2	4,9	UNIFESP*
GOIN	1	1	2	4,9	PUCRS (UNB)***
TOTAL			41	100	SUDESTE
					SUL
					71,4 %
					28,6 %

* Professoras já aposentadas.

** Entende-se que apesar da ABEPSS possuir sede no DF, sua representatividade é nacional, por isso, não foi contabilizada no cálculo de frequência entre as regiões.

*** Para a análise regional das produções, foram consideradas as instituições em que as teses foram produzidas, em parênteses consta a vinculação institucional atual dos autores.

Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Conforme explicitado na tabela, verifica-se uma concentração majoritária das produções na região Sudeste, seguida da região Sul do país. Os resultados alcançados permitem a confirmação de Marilda Iamamoto e de sua produção enquanto um elemento central na compreensão dos Fundamentos do Serviço Social, com 31,7 % de frequência nos segmentos que se propõem a elaborar uma concepção sobre a temática, sendo a única com maior frequência indireta do que direta - o que demonstra que sua produção possui expressiva influência para a produção de conhecimento. Yazbek aparece em segundo lugar, com 14,29% de frequência, possuindo mais citações diretas do que indiretas. Guerra e as Diretrizes Curriculares da ABEPSS aparecem empatadas com a terceira maior frequência, com 10,20% cada, sendo que a primeira possui mais citações diretas do que indiretas, mostrando o papel ativo de Yazbek e Guerra no processo de reflexão e desenvolvimento da temática para a profissão.

A ABEPSS tem um resultado inverso ao de Guerra ainda que quantitativamente igual na frequência total, possuindo maior frequência de citações indiretas do que diretas (fato que, assim como a contribuição de Iamamoto, demonstra a influência das

Diretrizes Curriculares no debate acerca dos Fundamentos do Serviço Social na produção de conhecimento da área) e a permanência da Diretrizes Curriculares de 1996 da ABEPSS como principal documento oriundo de uma das entidades representativas que impacta nas produções sobre os Fundamentos do Serviço Social.

Na tabela a seguir, podemos analisar os autores com maior frequência de citação na amostra total e com maior percentual de presença nos documentos³⁵:

Tabela 11 – Autores com maior frequência de citação e presença na amostra total

AUTOR	% FREQUÊNCIA	% DE PRESEÇA NA AMOSTRA POR DOCUMENTO
Iamamoto	16,73%	75,71%
Marx	29,56%	65,71%
Netto	20,14%	65,71%
Guerra	6,90%	64,29%
Yazbek	3,18%	41,43%
Gramsci	2,17%	41,43%
Lukács	7,44%	38,57%
Coutinho	2,65%	32,86%
Fernandes	2,67%	32,86%
Harvey	1,54%	27,14%
Antunes	1,15%	27,14%

Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Destaca-se novamente a influência de Marilda Iamamoto na produção de conhecimento da área, a qual aparece em maior número de documentos e em segundo lugar de frequência, sendo apenas menos citada do que Marx – o qual possui a maior frequência de citações, demonstrando a hegemonia da vertente crítica da profissão no que se refere à produção de conhecimento, bem como uma tendência à superação de elaborações de um “marxismo sem Marx” no debate sobre os Fundamentos do Serviço Social³⁶. Dos cinco autores que possuem um maior percentual de presença nos

³⁵ Destaca-se que a apreensão da influência dos autores apresentados na tabela foge dos limites de análise possíveis nessa dissertação, a qual se debruçará em alguns elementos que julgamos centrais na discussão sobre as configurações contemporâneas dos Fundamentos do Serviço Social – longe de esgotá-los, fato que justifica a necessidade de continuidade da investigação no processo de doutoramento da autora (conforme capítulo 4)

³⁶ Essa tendência já foi analisada com maior detalhamento por outras produções, as quais chegaram a resultados distintos a depender da amostra. Bairro (2020), no que se refere ao âmbito da pós-graduação, verificou a superação de uma aproximação da obra marxiana apenas por seus interlocutores. Hoepner (2021), por outro lado, verificou que em nível de graduação o resultado se inverte, afirmando que há uma retomada do dito ‘marxismo sem Marx’. Apreende-se que essas análises corroboram com duas hipóteses afirmadas aqui: I) a centralidade da pós-graduação enquanto elemento estruturante dos Fundamentos do Serviço Social na perspectiva crítica da profissão e II) um descompasso dessa apropriação crítica no eixo da graduação.

documentos, quatro são assistentes sociais, sendo que José Paulo Netto apresenta uma representatividade indireta³⁷.

No que se refere aos autores marxistas internacionais, verifica-se que Antonio Gramsci aparece em maior número de documentos, ainda que Gyorgy Lukács obtenha maior frequência de citações, seguidos de David Harvey – este sendo o mais contemporâneo dos autores internacionais. Na pesquisa dessa dissertação, evidenciou-se que as elaborações de Gramsci são apreendidas pela profissão a partir de categorias como hegemonia, ideologia, relação Estado e sociedade civil, processos de organização da cultura, coerção e consenso, entre outros. Dentro dos limites estabelecidos por essa dissertação, iniciar-se-á o movimento preliminar de um debate sobre essa apropriação, uma vez que essa particular apreensão estabelece influências significativas em categorias centrais aos Fundamentos do Serviço Social. Preliminarmente, basta-nos dizer aqui que o Serviço Social realizou uma leitura particular da obra de Gramsci (SIMIONATO, 2004), cujos impactos reverberaram na compreensão da profissão acerca de categorias marxianas que, a nosso ver e segundo nosso posicionamento marxiano, acabam por serem reduzidas e destituídas da dialética que pressupõe o método em Marx, tais como o Estado³⁸, bem como uma difusa concepção da categoria sociedade civil e da categoria ideologia³⁹.

Lukács, por sua vez, estabelece influência nas produções sobretudo na centralidade de sua análise ontológica do ser social. Aqui suas elaborações contribuem para a compreensão da categoria trabalho; do método marxiano e da categoria mediação, a partir da tríade singularidade – particularidade – universalidade, bem como da ética. David Harvey contribui à profissão sobretudo a partir de suas elaborações referentes ao contexto de acumulação flexível (via reestruturação produtiva) e o processo de financeirização. Há uma contribuição do autor também no que se refere aos aspectos ideológicos do neoliberalismo e da denominada ‘condição pós-moderna’.

No contexto brasileiro, verifica-se o destaque de Carlos Nelson Coutinho e Florestan Fernandes, os quais aparecem em um mesmo quantitativo de documentos, ainda que Florestan Fernandes possua uma pequena margem a mais de frequência, ambos

³⁷ Netto se caracteriza pelas contribuições referentes ao significado da profissão, sobretudo a partir de sua institucionalização, bem como ao debate sobre a dimensão teórico-metodológica marxiana e o projeto ético-político da profissão – nos quais o autor não se utiliza do descritor Fundamentos e, por isso, não aparece com maior centralidade nos outros resultados da pesquisa. Fato que não diminui sua contribuição para a produção de conhecimento da profissão e, portanto, não causa estranhamento estar entre os mais citados.

³⁸ Maiores explicitações sobre Estado e Sociedade civil no subcapítulo 3.2

³⁹ Maiores explicitações no capítulo 3.6

seguidos de Ricardo Antunes. Ao correlacionar esses resultados com os maiores desafios identificados pelos profissionais e estudantes na apreensão dos Fundamentos do Serviço Social, podemos inferir que se mostra importante que mais autores que discutam o contexto brasileiro contemporaneamente possam ser explorados no debate sobre fundamentos, visto que, qualitativamente, verificamos a centralidade da obra ‘Revolução Burguesa no Brasil’ de 1974. Publicada em meio à ditadura, a obra realiza movimentos no sentido de explicar as origens e fundamentos do Estado autoritário correlacionado com a burguesia brasileira, identificando suas relações com o imperialismo e as formas de dominação necessárias do processo de acumulação de capital dependente: a autocracia burguesa.

Não se trata de questionar a importância dessa elaboração de Fernandes para a compreensão da formação sócio-histórica brasileira, inclusive sob o contexto contemporâneo – fato que nos parece evidente – mas sim de buscar reatualizar e articular sua contribuição com autores que se debruçam a pensar suas teses com a particularidade da profissão no contexto contemporâneo, bem como a conjuntura atual do país, necessidade já exposta por Yamamoto (2009) ao afirmar que “o legado já acumulado pelo pensamento social crítico brasileiro sobre a interpretação do Brasil necessita ser apropriado e atualizado para, a partir dele, pensar nas particularidades dos processos sociais que conformam o Brasil contemporâneo” (ibidem, p.468). Na investigação da pesquisa, verificou-se que essa interpretação e reatualização da obra de Florestan pela profissão foi realizada majoritariamente via leitura de Carlos Nelson Coutinho, o qual dedicou ênfase na análise da via não clássica de desenvolvimento capitalista (SILVA, 2018, p.53). Coutinho, por sua vez, estabeleceu significativa influência no Serviço Social, sobretudo na leitura da relação Estado – Sociedade civil, da democracia e cidadania, a qual nos debruçaremos com maior ênfase no subcapítulo 3.2

Antunes (2020) apresenta influência no debate do Serviço Social na medida em que defende a centralidade da categoria trabalho enquanto base explicativa da realidade no contexto contemporâneo, contrapondo-se a tendências que afirmam o fim de sua capacidade explicativa do real. Nesse contexto, elabora sínteses a partir do mundo do trabalho, da condição estrutural das crises do capitalismo (sobretudo a partir da década de 70) e da reestruturação produtiva que lhe são subsequentes. Explicita as mudanças ideológicas e políticas advindas do contexto neoliberal e de hegemonia financeira para a manutenção do sociometabolismo do capital, caracterizado pelo processo de precarização estrutural e por novas formas de extração de mais valor.

Com relação aos autores da área, acredita-se que se faz necessário o fomento da temática dos Fundamentos do Serviço Social a uma nova geração de pesquisadores e profissionais da categoria, para que se possibilite a continuidade do debate iniciado e promovido pelas grandes vanguardas da profissão, que ainda contribuem de forma ativa para a produção de conhecimento. A continuidade e a manutenção do tensionamento do que chamamos de hegemonia da vertente crítica da profissão se estrutura a partir do debate sobre os Fundamentos da profissão, por isso a importância de mantê-lo em movimento, sendo debatido e também articulado com a parcela da categoria que não se encontra em contato com o ambiente acadêmico – articulação que depende invariavelmente da capacidade de mediação reflexiva e ontológica da produção de conhecimento com a realidade concreta na dimensão particular da profissão, transposta em determinadas formas de exposição que potencializem uma efetiva comunicação com a categoria profissional de forma ampla e a incorporação da temática no exercício profissional. A seguir, nos debruçaremos sobre as principais contribuições dos autores em torno de concepções dos Fundamentos do Serviço Social, buscando tendências, convergências e divergências entre eles.

2.2.2 Concepção de Fundamentos do Serviço Social em Marilda Yamamoto

A produção de Marilda Yamamoto apresenta uma significativa centralidade na compreensão das bases que fundam “a constituição do Serviço Social na sociedade” (YAMAMOTO, 2000), sendo responsável por grandes contribuições no que se refere ao debate que circunda o projeto de formação profissional crítico. A autora compreende que há na discussão do currículo mínimo de 1982 e posteriormente nas Diretrizes Curriculares de 1996 um significativo avanço sobre a autoimagem da profissão, uma vez que

a compreensão dos fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do Serviço Social que informa a revisão curricular parte da premissa que decifrar a profissão exige aprendê-la sob um duplo ângulo. Em primeiro lugar, abordar o Serviço Social como uma profissão socialmente determinada na história da sociedade brasileira. Em outros termos, analisar como o Serviço Social no marco das forças societárias como uma especialização do trabalho na sociedade. Mas pensar a profissão é também pensá-la como fruto dos sujeitos que a constroem e a vivenciam. Sujeitos que acumulam saberes, efetuam sistematizações de sua "prática" e contribuem na criação de uma cultura profissional, historicamente circunscrita. Logo, analisar a profissão supõe abordar, simultaneamente, os modos de atuar e de pensar que foram por seus

agentes incorporados, atribuindo visibilidade às bases teóricas assumidas pelo Serviço Social na leitura da sociedade e na construção de respostas à questão social. (IAMAMOTO, 2000, p.51)

Percebe-se, assim, que a autora utiliza-se do conceito de Fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do Serviço Social, destacando que é a partir do eixo da formação profissional e da produção de conhecimento que surgem as condições necessárias para compreender o Serviço Social na divisão social e técnica do trabalho e que o debate sobre os fundamentos perpassa necessariamente pela análise das bases teórico-metodológicas com as quais a profissão se articulou historicamente para compreender seu papel na sociedade e sua lente analítica sobre o real⁴⁰.

No eixo pós-graduação, Iamamoto também é citada ao se analisar os principais fios analíticos vinculados aos Fundamentos do Serviço Social, na qual a contribuição da autora se situa na relação indissociável entre história/teoria/método, a qual

(...) diz respeito à explicação do Serviço Social – de seu processo de constituição e desenvolvimento – no quadro das relações entre Estado e sociedade, em suas relações com o mundo do trabalho, com a trama do poder e com o universo da cultura. O balizamento central é dado pela história das sociedades nacionais. Terreno este que condiciona tanto as respostas no campo da produção acadêmica e da prática profissional, como o desenvolvimento das fontes teóricas de que o Serviço Social é caudatário. A história social vista como componente determinante da elucidação da trajetória do Serviço Social, em suas expressões práticas e teóricas (não se restringindo a leitura da história como história do Serviço Social). (IAMAMOTO, 2005, p. 190 apud CLOSS, 2015, p.53)

No que se refere aos Fundamentos históricos e teórico-metodológicos, Iamamoto defende a necessidade de um trato teórico-metodológico rigoroso, com um necessário acompanhamento histórico da dinâmica da sociedade. A autora destaca a importância da articulação desses fundamentos ao longo de todo processo formativo

Busca-se, pois, construir uma abordagem do Serviço Social na óptica da totalidade: em suas múltiplas relações com esfera da produção/reprodução da vida social, com as instâncias de poder e com as representações culturais - científicas e ético-políticas - que influenciaram e incidiram nas sistematizações da prática e ações profissionais, ao longo do tempo. Tal enfoque vem redundando em experiências de estruturação de disciplinas, que se esforçam por integrar, organicamente, os fundamentos históricos, teóricos e metodológicos do Serviço Social. Isso vem exigindo, como contrapartida, um amplo investimento de pesquisa, por parte dos docentes, no intuito de construir

⁴⁰ “Assim o marxismo é apropriado como teoria crítica. Implicou um esforço de combinar simultaneamente a análise histórica do Serviço Social na sociedade brasileira de modo que ao explicá-la explicava a si mesmo - e a análise dos fundamentos teórico-metodológicos de sua trajetória intelectual, condição fundante para compreender o modo de pensar a própria profissão” (IAMAMOTO, 2000, p. 254)

uma *crítica teórica, historicamente balizada* do processo de constituição e desenvolvimento teórico-prático da profissão. As formas adotadas para a sua operacionalização na estrutura curricular estão a exigir um atento acompanhamento acadêmico (IAMAMOTO, 2000, p. 193)

Nesse contexto, Iamamoto explicita que o grande desafio contemporaneamente para a profissão se refere ao processo de transitar do acúmulo teórico produzido ao “enraizamento da profissão na realidade, atribuindo, ao mesmo tempo, uma maior atenção às estratégias, táticas e técnicas do trabalho profissional, em função das particularidades dos temas que são objetos de estudo e ação do assistente social”. (ibidem, 299). Outra contribuição da autora refere-se à análise dos fios analíticos produzidos sobre a temática dos Fundamentos do Serviço Social, identificando três eixos principais:

Poder-se ia situar o debate quanto aos fundamentos do Serviço Social, nas últimas décadas, em três grandes eixos temáticos, estritamente imbricados: a) o resgate da *historicidade* da profissão, seja na reconstituição de sua trajetória na formação histórica da sociedade brasileira, seja na explicitação das particularidades históricas de sua inserção na divisão sócio técnica do trabalho; b) a crítica *teórico-metodológica* tanto do conservadorismo quanto da vulgarização marxista, introduzindo a polêmica em torno das relações história, teoria e método no Serviço Social; c) a ênfase na política social pública, no campo das relações entre Estado e a sociedade civil, com especial atenção para a seguridade social e nela, para a política de assistência social (IAMAMOTO, 2000, p. 236).

Nos dois primeiros, ratifica-se a tendência do debate dos fundamentos realizado a partir da formação profissional (CLOSS, 2015) e do eixo histórico e teórico-metodológico. A terceira ênfase se estabelece a partir da leitura das políticas sociais na relação entre Estado e sociedade civil, eixo em que se avalia a necessidade de maior ponderação quando situado no debate sobre os Fundamentos do Serviço Social⁴¹. A contribuição de Iamamoto situa-se também na identificação de tendências analíticas dos Fundamentos do Serviço Social no que se refere à natureza particular da profissão na divisão social e técnica do trabalho⁴².

⁴¹ Discussão que será aprofundada no subcapítulo 3.2

⁴² “No lapso das duas últimas décadas, a fecunda literatura profissional no âmbito da renovação crítica do Serviço Social voltada aos fundamentos do Serviço Social tratou, sob diferentes ângulos, a natureza particular da profissão na divisão social e técnica do trabalho. A literatura especializada centrou sua análise no Serviço Social, enquanto trabalho concreto (útil) dotado de qualidade determinada, abordado sob focos distintos: a tese do sincretismo da prática indiferenciada (NETTO, 1991, 1992, 1996); a tese da identidade alienada (MARTINELLI, 1989); a tese da correlação de forças (FALEIROS, 1980, 1981, 1987, 1999a 1999b); a tese da assistência social (SANTOS, 1982; YAZBEK, 1993, 1999); a tese da proteção social (COSTA, 1995a, 1995b) e a tese da função pedagógica do assistente social (ABREU, 2002). Esses diferentes recortes temáticos na abordagem do Serviço Social e de seu exercício atestam a riqueza da

É a partir desse pressuposto que Iamamoto avalia que há uma ênfase de análise do processamento do trabalho do assistente social com restritos investimentos nas “implicações da mercantilização dessa força de trabalho especializada, inscrita na organização coletiva do trabalho das organizações empregadoras” (IAMAMOTO, 2009, p.42) o que acaba por comprometer a elucidação do significado social desse trabalho especializado no âmbito do trabalho coletivo na sociedade brasileira contemporânea.

A literatura recente sobre os fundamentos do trabalho profissional vem enfatizando natureza qualitativa dessa atividade profissional [...] O exercício profissional tem sido abordado em sua dimensão de trabalho concreto, útil: em seu valor de uso social, como uma atividade programática e de realização que persegue finalidades e orienta-se por conhecimentos e princípios éticos, requisitando suportes materiais e conhecimentos para sua efetivação. [...] O que não dispõe de centralidade nessa mesma literatura é a identidade do trabalho do assistente social com o do conjunto dos trabalhadores: enquanto trabalho abstrato, como parte alíquota do trabalho socialmente produzido. Ainda que a literatura especializada reconheça o fato de o assistente social ser um trabalhador assalariado – e, enquanto tal, vivendo uma situação comum a todos os demais assalariados –, as implicações do trabalho do assistente social no circuito do valor, isto é, da produção e distribuição do valor e da mais valia, não têm sido foco de igual atenção (IAMAMOTO, 2009, p. 10)

A ênfase identificada por Iamamoto no que se refere aos Fundamentos do Serviço Social possui um contexto, permeado de determinações objetivas e históricas da produção de conhecimento da profissão, que necessitam de maiores explicitações para sua correta apreensão⁴³. Por enquanto, basta-nos demarcar que essa identificação se torna base determinante das elaborações da autora sobre o Serviço Social na divisão social e técnica do trabalho. Soma-se a isso, a compreensão de Iamamoto da importância em se articular a categoria cotidiano com os Fundamentos do Serviço Social. Sua constatação corrobora com os resultados obtidos por essa dissertação no que se refere à percepção dos estudantes e dos profissionais sobre a “frágil associação entre os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social - apoiados na teoria social marxista - e o trabalho social cotidiano, cujas mediações não foram suficientemente privilegiadas pela pesquisa e pela produção teórica da categoria profissional” (IAMAMOTO, 2007, apud RELATÓRIO GTP – ENPESS 2016, p.31). Soma-se a isso, a constatação de um ‘nódulo problemático’, que se caracteriza pela distância entre o tratamento teórico-sistemático

produção acadêmica dessa área, alertando para questões que ora se complementam, ora de distanciam na totalização da leitura das particularidades da profissão e de seus agentes, enquanto trabalho útil que responde às necessidades sociais historicamente circunscritas” (IAMAMOTO, 2009, p 30)

⁴³ Que será abordada no subcapítulo 3.1

das matrizes teórico-metodológicas e a cotidianidade da prática profissional. Salienta-se a necessidade de trabalhar o campo das mediações, que possibilitem transitar de níveis elevados de abstração para as singularidades do fazer profissional, o que vem reclamando desenvolvimentos mais amplos. O dilema metodológico é o de detectar as dimensões de universalidade, particularidade e singularidade na análise dos fenômenos presentes no contexto da prática profissional. (IAMAMOTO, 2000, p. 193)

Os desafios apontados por Yamamoto em suas produções corroboram com os argumentos aqui apresentados de que a relação teoria-prática e a conjugação da indissociabilidade entre formação e exercício profissional não são apenas desafios do tempo presente, conforme explicitado na percepção dos estudantes e profissionais que participaram da pesquisa nessa dissertação, mas permeiam o debate dos fundamentos da profissão desde os primeiros movimentos da categoria profissional na elaboração de novas bases críticas para a análise de seu papel na divisão social e técnica do trabalho. A manutenção dos desafios elencados pela autora em suas produções da década de 90 e dos anos 2000 indica a necessidade do desenvolvimento de novas sínteses a partir de sua contribuição à profissão, uma vez que os Fundamentos do Serviço Social, a partir da totalidade histórica,

parte do pressuposto de que a história da sociedade é o terreno privilegiado para a apreensão das particularidades do Serviço Social: do seu modo de atuar e de pensar incorporados ao longo de seu desenvolvimento. Sendo a profissão um produto sócio-histórico, adquire sentido e inteligibilidade na dinâmica societária da qual é parte e expressão. (IAMAMOTO, 2014, p.621-622 apud ZACARIAS, 2017, p. 17)

As contribuições de Marilda Yamamoto acima destacadas repercutem com expressividade ao longo da amostra da pesquisa dessa dissertação. Esse fato demonstra não somente a relevância da autora para o desenvolvimento da temática, como também o papel estruturante de suas teses para a configuração dos Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente.

2.2.3 Concepção de Fundamentos do Serviço Social nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS

A influência das Diretrizes Curriculares de 1996 na produção de conhecimento sobre a temática dos Fundamentos do Serviço Social se expressa não somente pelo conteúdo do documento, mas enquanto ponto paradigmático, que estrutura um salto qualitativo da profissão na compreensão de seus fundamentos. Sob esse último aspecto,

nos deteremos com maior elucidação nos subcapítulos 3.3 e 3.4, uma vez que aqui nos debruçaremos sobre os elementos das referidas Diretrizes para a concepção de Fundamentos do Serviço Social.

A contribuição das Diretrizes Curriculares de 1996 para o debate de fundamentos se estabelece a partir de dois pressupostos: I) um pressuposto lógico, conformado a partir dos núcleos de fundamentação e II) um pressuposto de estrutura: a definição de matérias básicas para o currículo, as quais visam materializar as grandes abordagens previstas pelos referidos núcleos de fundamentação, contexto que emerge expressamente a concepção de Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos do Serviço Social. Desses dois pressupostos, há uma derivação: a constituição de um perfil profissional com capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa para apreensão histórico-crítica da realidade.

As Diretrizes Curriculares explicitam que, apesar de suas particularidades, esses pressupostos devem compor uma unidade dialética. No entanto, a influência desses se estabelece de formas distintas na produção de conhecimento da área no que se refere a sua integração nos Fundamentos do Serviço Social, cujos autores acabam por dar maior ênfase ou centralidade em determinado pressuposto, de acordo com a perspectiva analítica que assentam sua concepção sobre os fundamentos. Portanto, faz-se importante uma melhor elucidação de cada um deles.

Segundo o documento, a efetivação de um projeto de formação profissional remete, diretamente, a um conjunto de conhecimentos indissociáveis, que se traduzem em núcleos de fundamentação⁴⁴ constitutivos da formação profissional, quais sejam: I) Núcleo de fundamentos teórico-metodológicos da vida social; II) Núcleo de fundamentos da particularidade da formação sócio-histórica da sociedade brasileira; III) Núcleo de fundamentos do trabalho profissional. O próprio documento destaca que

o primeiro núcleo, responsável pelo tratamento do ser social enquanto totalidade histórica, analisa os componentes fundamentais da vida social, que serão particularizados nos dois outros núcleos de fundamentação da formação sócio-histórica da sociedade brasileira e do trabalho profissional. [...] Portanto, os Núcleos mencionados não são autônomos nem subsequentes, expressando, ao contrário, níveis diferenciados de apreensão da realidade social e profissional, subsidiando a intervenção do Serviço Social. (ABEPSS, 1996, p.9)

⁴⁴ Diante dos limites de páginas que conformam essa dissertação, os núcleos de fundamentação podem ser lidos em sua íntegra em ABEPSS, 1996. Teixeira (2019, p.76-77) igualmente os analisa com densidade.

As matérias básicas, por sua vez, são expressões de áreas de conhecimento necessárias à formação profissional que se constituem por distintas formas: disciplinas, seminários temáticos, oficinas/laboratórios, atividades complementares e outros componentes curriculares. No que se refere aos fundamentos, tem-se a matéria de Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos do Serviço Social, a qual trata da

análise da trajetória teórico-prática do Serviço Social no contexto da história da realidade social e as influências das matrizes do pensamento social. O trabalho profissional no processo de produção e reprodução social em relação às refrações das questões sociais nos diferentes contextos históricos.⁴⁵ (ABEPSS, 1996, p. 17)

Avalia-se que esse trecho do documento estabelece uma centralidade na análise da trajetória teórico-prática da profissão, sem apontar descritores mais explícitos da articulação dos Fundamentos do Serviço Social enquanto um elemento essencial ao contexto contemporâneo, fato que é acrescido na versão de 1999⁴⁶. Em outra parte do documento, complementa-se essa análise ao afirmar que

Os fundamentos históricos, teóricos e metodológicos são necessários para apreender a formação cultural do trabalho profissional e, em particular, as formas de pensar dos assistentes sociais. Estas formas de pensar implicam formas de agir, ou seja, a instrumentalidade da profissão (GUERRA, 1995), reconhecendo seus aspectos tradicionalmente consolidados, mas também buscando novas formas de ação profissional. Tal fundamentação e instrumentalidade são os componentes que permitem a compreensão do cotidiano de vida dos usuários. (ibidem, p.13)

Trecho que se verifica uma maior articulação da temática dos Fundamentos com um sistema de mediações reflexivas e ontológicas com o exercício profissional no contexto contemporâneo, ao articular sua contribuição para a análise do cotidiano de vida dos sujeitos com os quais construímos nossa intervenção profissional, bem como quando afirma a busca de novas formas de ação profissional a partir da apreensão dos fundamentos. Aqui, a influência das elaborações de Guerra se evidencia, ao serem

⁴⁵ Concorde-se com Closs, ao afirmar sobre o conceito de “questões sociais”: “uma imprecisão conceitual [...] a qual já vem sendo alvo de críticas por produções que debatem os Fundamentos na formação profissional, tais como as de Simionatto (2004) e Cardoso (2007)” (CLOSS, 2015, p. 38).

⁴⁶ Na versão das diretrizes sistematizada pela comissão de especialistas da área para envio ao Ministério da Educação, estabelece como conteúdo dessa matéria: “o processo de profissionalização do Serviço Social nas sociedades nacionais enquanto especialização do trabalho. As fontes teóricas que fundamentam historicamente o Serviço Social e análise de sua incorporação nos modos de pensar e atuar da profissão em suas expressões particulares na Europa, na América do Norte e na América Latina, prioritariamente, no Brasil. O debate contemporâneo do Serviço Social”. (MEC, 1999, p. 6).

utilizadas as categorias de ‘cultura do trabalho profissional’⁴⁷ e ‘instrumentalidade. Esses pressupostos se materializam em competências e habilidades, a partir das quais, segundo o documento, a formação profissional deve

viabilizar uma capacitação teórico-metodológica e ético-política, como requisito fundamental para o exercício de atividades técnico-operativas, com vistas à apreensão crítica dos processos sociais numa perspectiva de totalidade; análise do movimento histórico da sociedade brasileira, apreendendo as particularidades do desenvolvimento do capitalismo no país; compreensão do significado social da profissão e de seu desenvolvimento sócio-histórico, nos cenários internacional e nacional, desvelando as possibilidades de ação contidas na realidade; identificação das demandas presentes na sociedade, visando formular respostas profissionais para o enfrentamento da questão social, considerando as novas articulações entre o público e o privado. [...] A competência teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política são requisitos fundamentais que permite ao profissional colocar-se diante das situações com as quais se defronta, vislumbrando com clareza os projetos societários, seus vínculos de classe, e seu próprio processo de trabalho. (ABEPSS, 1996, p.13)

O projeto ABEPSS itinerante estabelece em sua terceira edição o pressuposto de que a concepção dos Fundamentos do Serviço Social está ancorada na lógica dos núcleos de fundamentação das diretrizes curriculares (ABEPSS, 2016) bem como afirma a indissociabilidade entre formação e exercício profissional como pressuposto dos fundamentos (ibidem). Em outro documento, referente ao eixo pós-graduação, as Diretrizes Curriculares conjugam os fundamentos da profissão a partir dos núcleos de fundamentação, os quais “agregam e organizam um conjunto de conhecimentos a serem trabalhados no processo de formação, são a expressão do significado dos fundamentos profissionais” (ZACARIAS, 2017, p. 16) bem como da compreensão, alicerçada pela contribuição de Marilda Iamamoto da

profissão a partir do seu significado social, (...) enquanto especialização do trabalho coletivo, inserido na divisão social e técnica do trabalho. Esta perspectiva destaca, fundamentalmente, a historicidade do Serviço Social, entendido no quadro das relações sociais entre as classes sociais e destas com o Estado. Implica, pois, compreender a profissão como um processo, vale

⁴⁷ “A cultura profissional, como construção coletiva e base na qual a categoria se referencia, é também ela uma mediação entre as matrizes clássicas do conhecimento — suas programáticas de intervenção e os projetos societários que os norteiam — e as particularidades que a profissão adquire na divisão social e técnica do trabalho. Ela abarca forças, direções e projetos diferentes e/ou divergentes/antagônicos e condiciona o exercício profissional” (GUERRA, 2000, p.13). A instrumentalidade, por sua vez, “é uma propriedade e/ou capacidade que a profissão vai adquirindo na medida em que concretiza objetivos. Ela possibilita que os profissionais objetivem sua intencionalidade em respostas profissionais. É por meio desta capacidade, adquirida no exercício profissional, que os assistentes sociais modificam, transformam, alteram as condições objetivas e subjetivas e as relações interpessoais e sociais existentes num determinado nível da realidade social: no nível do cotidiano. Ao alterarem o cotidiano profissional e o cotidiano das classes sociais que demandam a sua intervenção, modificando as condições, os meios e os instrumentos existentes, e os convertendo em condições, meios e instrumentos para o alcance dos objetivos profissionais, os assistentes sociais estão dando instrumentalidade às suas ações.” (ibidem, p.2)

dizer, ela se transforma ao transformarem-se as condições e as relações sociais nas quais ela se inscreve (ABEPSS, 1996, p. 60).

No que se refere à materialização das Diretrizes junto ao exercício profissional, o documento explicita que as

estratégias e técnicas de operacionalização devem estar articuladas aos referenciais teórico-críticos, buscando trabalhar situações da realidade como fundamentos da intervenção. As situações são dinâmicas e dizem respeito à relação entre assistente social e usuário frente as questões sociais. As estratégias são, pois, mediações complexas que implicam articulações entre as trajetórias pessoais, os ciclos de vida, as condições sociais dos sujeitos envolvidos para fortalecê-los e contribuir para a solução de seus problemas/questões. (ibidem, p.14)

Para além da problemática utilização da expressão ‘questões sociais’ já sinalizada aqui e por outros autores, há nesse trecho do documento um entendimento limitado no que se refere aos objetivos do exercício profissional e da materialização dos Fundamentos do Serviço Social sob a perspectiva crítica, ao sinalizar a possibilidade mediações profissionais que possam contribuir para o ‘fortalecimento’ e para a ‘solução de problemas’, estabelecendo uma estreita e parca correlação com a produção de conhecimento produzida a partir da vertente crítica da profissão. Não desconsideramos os impactos objetivos do exercício profissional na vida cotidiana dos sujeitos com os quais construímos nossa intervenção, mas há que se questionar o entendimento de que o exercício profissional e as demandas com as quais lidamos limitem-se a uma simplista equação de problema - solução, denominações que podem confundir-se com uma lógica funcionalista na compreensão do significado da profissão. Ainda que essa fosse a intencionalidade, os assistentes sociais não possuem as condições e meios necessários para ‘solucionar’ o problema da população, pois suas demandas não se conformam a partir de um mero desvio de rota da sociabilidade capitalista, mas o pressuposto necessário de reprodução.

Avalia-se que esses dois pontos das Diretrizes Curriculares, apesar de terem sido contextualizados e revistos pela produção de conhecimento da profissão com maior ou menor intensidade, podem, no limite, contribuir para uma dificuldade de articulação dos Fundamentos do Serviço Social com a realidade concreta e com a materialização do exercício profissional, na medida em que apresentam lacunas a serem reatualizadas e aprofundadas no que se refere ao objeto e aos objetivos da profissão para a materialização da vertente crítica, eixos que avaliamos de suma importância para o êxito na difusão e compreensão dos Fundamentos do Serviço Social.

2.2.4 *Concepção de Fundamentos do Serviço Social em Maria Carmelita Yazbek*

Yazbek se propõe a pensar os Fundamentos do Serviço Social enquanto uma matriz explicativa da realidade e da profissão, cuja centralidade se situa nos referenciais teórico-metodológicos da profissão, tomando como pressuposto o entendimento de que “a profissão e o conhecimento que a ilumina se explicam no movimento histórico da sociedade” (YAZBEK, 2009, p. 165). A autora busca

deixar claro ao que estou me referindo quando trago ao debate a questão dos Fundamentos do Serviço Social e seu movimento histórico e teórico na sociedade brasileira contemporânea...nesse sentido vou tomar como conteúdo dos fundamentos as bases, as referências históricas e teóricas que vão constituir a matriz explicativa da realidade e da profissão, essa apreensão está presente no cotidiano da intervenção profissional, no trabalho dos assistente social e, sobretudo, explica e direciona a interlocução profissão-realidade, não há essa interlocução sem referências que me permitam explicar essa realidade, iluminar ela e me posicionar diante dela profissionalmente. (Extrato de fala YAZBEK, 2017)

Em outro documento, situa os Fundamentos do Serviço Social como uma “matriz, como um chão, como um solo, como uma matriz histórica, ontológica” (Extrato de fala YAZBEK, 2020). Exemplifica referindo os entender enquanto “farol, que mostra o horizonte, o rumo que deve ser seguido” (ibidem). Em 2009, a autora destaca que os fundamentos “configuram o processo através do qual a profissão busca explicar e intervir sobre a realidade, definindo sua direção social” (ibidem, p.165).

Destaca-se a participação de Yazbek no eixo eventos da área da amostra, no qual a autora se coloca com expressividade, estando presente em três dos cinco eventos icônicos da amostra nesse eixo. Verifica-se que as *lives* foram instrumentos importantes da autora para a manutenção de seu diálogo com a categoria, sobretudo no contexto de pandemia, estando presente em eventos regionais de menor expressividade e os eventos nacionais. Yazbek é a que busca realizar maiores interlocuções entre sua concepção de Fundamentos do Serviço Social e as mediações ontológicas possíveis do cotidiano

o fundamento é toda base, é toda referência, é toda visão de mundo que eu construí e que é meu horizonte de vida social e de relações sociais. E isso de levar isso pro meu cotidiano é mediado por milhões de mediações, pequenas... É um direito que eu asseguro, é um BPC que eu vou lá e brigo, porque foi negado. Que eu faço recurso e que eu faço bem feito e que eu obrigo o juiz a rever uma decisão. Eu vou pelas mediações menores possíveis. É a defesa do direito de uma família que vai perder a criança porque é pobre e eu tenho que

entrar com toda minha competência e fazer um bom estudo social. As mediações, a gente opera no campo das mediações. E às vezes são micro. É uma palavra, é uma orientação, é um benefício que você luta para que seja alcançado por aquele cidadão. Há milhões de mediações ali no meio e elas não são menores porque são mediações ou são pequenas. Porque a grande transformação não é só de uma profissão. Nós todos sabemos disso. Mas nós não estamos fora. (Extrato de fala YAZBEK, 2020)

Outro eixo significativo de suas elaborações se estabelece a partir da díade realidade – profissão.

[Fundamentos] que explica para mim a realidade e explica para mim a profissão, sob múltiplas dimensões e que permeiam a minha interlocução profissional com a realidade. A relação Serviço Social - realidade, ela é assentada, é baseada naquilo que nós denominamos de fundamentos do Serviço Social. Que na contemporaneidade se expressam pelas escolhas da profissão, por uma determinada forma de apreender o real, uma abordagem histórica, crítica apoiada na teoria social de Marx e na tradição marxista. (ibidem)

Nesse âmbito, a autora confere lugar de destaque para a influência de Marilda Yamamoto, reconhecendo a “imatável contribuição de Yamamoto para o projeto ético-político crítico da profissão” (ibidem), de forma que o livro *Relações Sociais e Serviço Social* (IAMAMOTO; CARVALHO, 1982) ganha destaque como ponto paradigmático de inflexão da profissão à vertente crítica alicerçada pelo método em Marx, no que se refere ao reconhecimento da profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho.

Eu lembrava a pouquinho da Yamamoto, foi ela em 1982 que colocou esse *fundamento sobre os fundamentos*, vamos dizer assim. Afirmando o caráter histórico e político da profissão. Dizendo que ela resulta dessas relações mais amplas, que são econômicas, sociais, políticas, culturais, que moldam a sua necessidade social, que definem as suas características e quem são seus usuários. Ou seja, eu estou partindo da posição e essa é fundamental como ponto de partida, de que a profissão é uma construção histórica, contextualizada, que se situa nos processos de reprodução social dessa sociedade. Conforme esses processos se alteram, se movem, se modificam, a profissão se move, se altera e se modifica (Extrato de fala YAZBEK, 2020)

Em sua presença na amostra do eixo graduação, a autora explicita o recorte da contemporaneidade a que se refere nessa produção: fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social brasileiro, particularizando as décadas de 80, 90 e os primeiros anos do século XXI. Nesse contexto, verifica-se que além dos conceitos de maior totalização como *Fundamentos* e *Fundamentos do Serviço Social* utilizados em suas falas mais recentes, Yazbek utiliza o conceito de *Fundamentos históricos e teórico-metodológicos*, fato que possibilita a apreensão das categorias que lhe são relevantes. A própria autora reconhece a ênfase sob a qual se debruça - sem deixar de reconhecer que há outros elementos importantes na configuração dos *Fundamentos do Serviço Social*

Vou privilegiar nessa fala a dimensão teórico-metodológica, dos conteúdos teórico-metodológicos dos Fundamentos do Serviço Social, sabendo que eu deixo de lado outras dimensões bastante relevantes, como, por exemplo, a dimensão política, você poderia rastrear a trajetória dos fundamentos dessa profissão buscando entender a dimensão política do exercício dessa profissão, seus caminhos na direção de uma outra ordem societária, na perspectiva da emancipação humana, na construção do direito da população com a qual trabalhamos, podemos analisar múltiplas dimensões, eu escolhi a parte que eu tenho mais segurança e que talvez eu conheça um pouco melhor (Extrato de fala YAZBEK, 2017)

porque embora minha área de pesquisa tenha estado predominantemente no campo das políticas de um modo geral eu sempre trabalhei, sempre ensinei na área da teoria do Serviço Social como se dizia lá atrás, dos fundamentos teóricos, das tendências teóricas até chegarmos nessa discussão mais ampla aí e rica que é a discussão dos Fundamentos do Serviço Social (Extrato de fala YAZBEK, 2020b)

Nesse contexto, o fato de assinalar sua experiência na área de ‘Teoria do Serviço Social’ e o desenvolvimento ulterior desta temática – que se amplificou – para Fundamentos do Serviço Social, evidencia dois aspectos importantes: I) a relevância do currículo mínimo de 1982 enquanto elemento estruturante para a temática⁴⁸ e as mudanças advindas das Diretrizes Curriculares de 1996 e II) ratifica a hipótese de que há uma recente tendência nos Fundamentos do Serviço Social em situar-se no debate de maior abrangência do que o definido pela disciplina de FHTM. Nessa última perspectiva, a autora explicita inclusive eixos que compõem os fundamentos da profissão que, apesar de por ela serem reconhecidos, não são o foco de suas elaborações - fato que explicita eixos analíticos, como a dimensão política citada, que necessitam de maior atenção e aprofundamento na temática, corroborando-se com a tendência de um olhar mais totalizante para a temática de Fundamentos do Serviço Social do que a restrita às dimensões teoria e método correlacionadas com a categoria historicidade. Destaca-se que Yazbek também reconhece que a ênfase de seu debate sobre Fundamentos do Serviço Social se dá enquanto uma área de conhecimento:

segunda questão que vou deixar claro, é que a minha abordagem do tema, ela se faz a partir da perspectiva da área de conhecimento. Yolanda comentava que o Serviço Social é profissão, mas é também reconhecido como área de produção de conhecimento, minha leitura vai muito mais nesse caminho da área de conhecimento, do conteúdo que deve conter uma disciplina, uma área mais amplamente...colocando como essa de Fundamentos do Serviço Social (Extrato de fala YAZBEK, 2017)

⁴⁸ Para melhores elucidações, ver subcapítulo 3.4

Em outro segmento, destaca a complexidade dos fundamentos enquanto referências para a direção crítica da profissão (os quais são sustentados pelas teorias sociais que a profissão se apropria), reconhecendo o movimento histórico da profissão e de seus fundamentos por distintas perspectivas:

[são] referentes de várias naturezas, são teórico-metodológicos, explicativos, são políticos, são culturais, são éticos e são técnico-operativos, quer dizer, qual é o melhor caminho para seguir determinada direção que aponte naquilo que essas teorias que nos sustentam reiteram. Nós sabemos pela história do Serviço Social que nós tivemos muitos fundamentos nessa longa história né, no início nós éramos doutrinários, acho que todo mundo lembra desse início da profissão, a igreja, né, o caráter doutrinário das primeiras bases que apoiaram o Serviço Social (Extrato de fala YAZBEK, 2020)

Quando questionada sobre a interconexão dos Fundamentos do Serviço Social com a intervenção profissional, Yazbek refere que

essa é uma questão muito boa porque a gente encontra muito nos alunos o desafio da relação teoria-prática. 'ah a teoria é tão abrangente, ela é tão macrossocietária'...e é. O que Marx nos explicou? Mostrou para nós o que é o capitalismo. Não existe uma imediatividade na aplicação das teorias para o tempo concreto da intervenção profissional. O que é que existe? A teoria existe como um grande farol. Claro, há teorias menores, teorias intermediárias como alguns trabalham, por exemplo, se eu trabalho com HIV eu tenho que conhecer o que é HIV. Quando o objeto é a ordem societária, eu tô falando num outro plano, que me permite reconhecer: olha, gostaria que a sociedade se emancipasse desse processo (ibidem)

Yazbek esclarece os Fundamentos do Serviço Social em sua dimensão ontológica da seguinte forma:

Eu acho que a proposta da ABEPSS, do GTP, de voltar ao debate, de colocar esse tipo de questão, para que serve os fundamentos? Para que servem as explicações sobre a realidade? Históricas, ontológicas, é como se eu colocasse um farol, que ilumina qualquer intervenção que eu vá desenvolver, da mais micro, da micro, da micro.... desde o miúdo, de qualquer...eu tenho um farol, eu tenho um horizonte, eu sei o que está acontecendo... Ela ilumina, dá direção, quando o Serviço Social colocou essa expressão: “o projeto profissional como uma direção social” ele é isso mesmo, não há aquela coisa que a gente às vezes complica na formação do aluno, a teoria e a prática, não é isso... quer dizer, aquilo que eu tô chamando de teoria, ela é o horizonte último, ela é a explicação totalizante, ontológica, histórica, contraditória, do movimento do real que ultrapassa aquele miudinho, mas que está ali e que eu tenho que aprender a ver, então sem fundamentos, nada feito. (Extrato de fala YAZBEK, 2020b)

Verifica-se que a autora realiza uma análise do método marxiano a partir de sua inerente materialidade, realizando mediações reflexivas e explicitando mediações

ontológicas que se dão desde o cotidiano ‘miúdo’ de qualquer intervenção e que compõem a totalidade social. Entende-se, nesse sentido, que o método dialético-crítico não se limita a uma dimensão meramente epistemológica, mas também invariavelmente ontológica.

Em sua elaboração de 2009 presente no eixo graduação da amostra, verifica-se uma lógica predominantemente cronológica em seu texto - fato que não diminui a densidade e contribuição da autora na produção de conhecimento da temática visto sua indiscutível habilidade de falar sobre os Fundamentos do Serviço Social no tempo presente, conforme documentos presentes na amostra do eixo eventos da área.

Em artigo recente da autora, sua concepção sobre Fundamentos do Serviço Social apresenta novos elementos ao afirmar:

entendendo aqui por fundamentos a matriz *histórico-ontológica*, explicativa da realidade e da profissão, sob múltiplos aspectos, e que permeia a interlocução entre o Serviço Social e realidade. Fundamentos que na atualidade se expressam na abordagem histórico-crítica, fundada na Teoria Social de Marx e na Tradição Marxista e que se colocam como base para o projeto profissional hegemônico, expressando uma direção social que se estrutura nas dimensões histórico-ontológicas, teórico-metodológicas, ético-políticas e técnico-operativas. (YAZBEK, 2020d, p. 2)

Assim, verifica-se que a autora acrescenta a categoria matriz ‘histórico-ontológica’ a sua anterior ideia de matriz explicativa da realidade e da profissão, bem como deixa demarcado que os fundamentos se expressam na abordagem de teoria marxiana que se estrutura a partir das capacitações em quatro dimensões: histórico-ontológicas, teórico-metodológicas, ético-políticas e técnico-operativas, sendo as três últimas correlacionadas com as capacidades profissionais expressas nas Diretrizes Curriculares de 1996. Tais elementos são incorporados no documento icônico mais recente ao reafirmar:

eu tô entendendo aqui por Fundamentos do Serviço Social a matriz histórica e ontológica que explica a profissão, que explica a realidade, sob múltiplos aspectos e que permeia a nossa interlocução com a realidade, a interlocução Serviço Social - realidade, onde ele se insere e é permeado pelos fundamentos, entendidos dessa forma. (Extrato de fala YAZBEK, 2020b)

A autora situa o núcleo central do debate contemporâneo sobre os fundamentos da profissão a partir de componentes que avalia enquanto essenciais:

uma apreensão da história a partir das classes, das suas lutas, colocando as diversas manifestações da questão social, das políticas sociais, como âmbito privilegiado da nossa intervenção. Como fundamento que configura a nossa apreensão da realidade, totalizante, ontológica, em movimento contraditório, que apreende o ser social, a partir de determinações e mediações.

Yazbek reconhece, em outro trecho da amostra, que, ao colocar em debate os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social brasileiro, assevera que

[...] essa análise das principais tendências históricas e teórico-metodológicas da profissão, sobretudo nas três últimas décadas, não é tarefa fácil ou simples, pois exige o conhecimento do processo histórico de constituição das principais matrizes de conhecimento do social, do complexo movimento histórico da sociedade capitalista brasileira e do processo pelo qual o Serviço Social incorpora e elabora análises sobre a realidade em que se insere e explica sua própria intervenção. (ibidem, 2009, p. 144)

2.2.5 *Concepção de Fundamentos do Serviço Social em Yolanda Guerra*

Yolanda Guerra parte do pressuposto de interconexão entre formação e exercício profissional no debate dos Fundamentos, compreendendo que os Fundamentos do Serviço Social estão situados nas Diretrizes Curriculares de 1996. A autora concebe os Fundamentos do Serviço Social enquanto “bases materiais que dão sustentação, o alicerce, suas determinações, a lógica constitutiva e constituinte dos processos e práticas sociais” (GUERRA, 2004, p.7 apud SILVA; RODRIGUES, 2019, p.6). Assim, afirma que

por fundamentos da profissão estou considerando as mediações sócio-históricas, objetivas e subjetivas, que constituem o solo histórico no qual a profissão se gesta e se desenvolve, resultantes das determinações mais amplas da sociedade, e que particularizam-se na cultura profissional. Esta, como construção coletiva e base na qual a categoria profissional se referencia, é parte dos fundamentos que constituem. [...] Neste sentido, vemos que a profissão tem nos seus fundamentos históricos as formas de enfrentar a “questão social”. [...] É neste âmbito que para além da compreensão da sua gênese, há que se identificar tanto as alterações nas bases históricas que mediatizam a “questão social” na contemporaneidade, alterando a sua aparência sem atingir os fundamentos da ordem burguesa quanto as expressões decorrentes de tais transformações. (GUERRA, 2015, s/p apud LIMA, 2016)

Refere que buscar os fundamentos da profissão é o “próprio movimento da razão em busca de captar as bases ontológicas que balizam os processos e práticas sociais e profissionais” (ibidem). E que é esse processo que nos permite investir enquanto categoria na desnaturalização das novas e antigas expressões da “questão social” e na compreensão do tipo de relação social determinante na nossa sociedade. A partir de suas elaborações, é possível identificar uma preocupação de articulação de sua concepção de fundamentos com a questão social e a invariável premissa posta a profissão de seu enfrentamento. Em

um dos documentos do eixo eventos da área Guerra reconhece, enquanto pesquisadora integrante do GTP da ABEPSS sobre Fundamentos, formação e trabalho profissional, que

a ideia do GTP é fortalecer os seus eixos, nós não temos, e aí precisamos aprofundar esse debate *do que são os fundamentos do Serviço Social (Extrato da fala GUERRA em LEWGOY; GUERRA, 2017)*

Em um dos documentos do eixo eventos da área, a produção de Guerra (2015) é utilizada para a elucidação da concepção de Fundamentos do Serviço Social. Para a autora, a concepção de Fundamentos deve ser ontológica, uma vez que assim pode colaborar para a captação de

determinações gerais da sociedade e conectá-las às particularidades que circunscrevem a profissão de Serviço Social, movimento no qual se apresenta a Questão Social e suas expressões como resultantes de processos societários capazes de alterar/constituir elementos como demandas profissionais, espaços de atuação, objetos de intervenção, entre outros elementos. Nesse sentido, é possível afirmar que, para a profissão de Serviço Social, os Fundamentos se constituem as bases, as mediações e que ambos contribuem para particularizar a cultura profissional (GUERRA, 2004 apud SILVA; RODRIGUES, 2019, p. 6).

Aqui podemos inferir que a autora dá relevância a categoria mediação, bem como inclui a categoria ‘cultura profissional’ enquanto produto particular dos fundamentos, uma vez que estes que lhe dão alicerce. Os avanços da perspectiva ontológica de fundamentos que subjaz às Diretrizes Curriculares de 1996 são explicitados a partir da adoção da direção teórico-metodológica crítica na compreensão dos seguintes elementos que determinam a profissão de Serviço Social:

- 1) o surgimento ou a gênese histórico-social do Serviço Social, sua funcionalidade e possibilidades histórico-sociais, de modo a contribuir para uma compreensão da natureza e do significado sócio-histórico da profissão;
- 2) a profissão no interior da divisão social e técnica do trabalho, visando indicar a que necessidades profissionais o Serviço Social responde;
- 3) as necessidades geradoras de determinadas demandas e as respostas profissionais esperadas pelo ordenamento social;
- 4) a demanda que se gesta na e da dinâmica referente a uma etapa do capitalismo com todas as suas determinações econômicas, políticas, culturais, e suas resultantes objetivas e subjetivas;
- 5) as tradicionais, atuais e emergentes demandas que se colocam à profissão;
- 6) as atuais e novas modalidades de intervenção socioprofissionais e políticas;
- 7) o tipo de racionalidade necessária para a crítica ontológica no cotidiano;
- 8) o referencial teórico necessário à sistematização crítica das práticas profissionais e da produção teórica da área (ibidem, p. 12)

Os elementos expressos na elaboração de Guerra conformam a influência de Yamamoto e a perspectiva da profissão na divisão social e técnica do trabalho,

explicitando que há determinações econômicas, políticas, culturais, objetivas e subjetivas a serem consideradas bem como a necessidade de se analisar o impacto das demandas que atravessam a profissão e a apreensão crítica do cotidiano. A autora posiciona-se afirmando o pressuposto de que é a partir da lógica dialética das Diretrizes Curriculares de 1996 que surge a exigência de uma formação que “se renove e acompanhe essa dinâmica da realidade de modo que ela é abastecida né. O seu combustível é a própria realidade.” (Extrato de fala de GUERRA apud LEWGOY;GUERRA, 2017), evidenciando a centralidade que a ontologia possui em suas elaborações sobre a temática. A autora destaca sua convergência com as elaborações de Rodrigo Teixeira (2019), ao entender que a lógica dialética das Diretrizes Curriculares traz

uma concepção de Fundamentos. Essa é a instigante tese do nosso querido Rodrigo Teixeira, que eu recomendo fortemente a leitura. A lógica do nosso projeto é profundamente ontológica, materialista histórica e ela permite decifrar o cotidiano [...] que é o espaço da produção e reprodução da vida, da família, dos valores, dos desvalores, da ética, da cultura, mas essa concepção nos permite também construir alternativas às requisições institucionais. (ibidem)

Importante destacar que a apreensão das Diretrizes Curriculares enquanto uma concepção de fundamentos aparece aqui em sua dimensão de unidade, a qual a autora invariavelmente articula com a categoria cotidiano, demonstrando, assim, sua preocupação em posicionar-se a favor dos nexos entre formação e a realidade concreta da intervenção profissional, compreendendo que é no cotidiano a materialização possível de um tensionamento das demandas institucionais com as demandas profissionais na perspectiva crítica da profissão.

Ao confrontarmos os trechos presentes na amostra de pesquisa com produção recente da autora (2018)⁴⁹, reitera-se a centralidade das preocupações de Guerra com a formação profissional. Parte da premissa de que o projeto de formação deve ser orientado por um “consistente e coerente projeto de profissão” (GUERRA, 2018, p.29). Indica o que denomina de pontos nodais que se impõem nas disputas por um projeto de formação profissional, tendo em vista as condições materiais concretas da sociabilidade capitalista e os impactos que condicionam a política educacional. A autora indica que há uma ausência de ter o Serviço Social no centro e na articulação da formação profissional como

⁴⁹ GUERRA, Yolanda. Consolidar avanços, superar limites e enfrentar desafios: os fundamentos de uma formação profissional crítica. In Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica. Editora Papel Social, Campinas, 2ª edição, 2018.

eixo estruturante do currículo e engrenagem que movimenta os conteúdos dos núcleos de fundamentação, fato que pode

nos levar a formarmos profissionais com um claro e consistente perfil teórico-político, mas com pouca ou nenhuma condição de possibilidade de intervir criticamente na realidade institucional, capacitados a construir respostas alternativas ao mercado de trabalho e as requisições socioinstitucionais e políticas que lhe são delegadas. Isso nada tem de endogenia, mas, ao contrário. Trata-se do reconhecimento de que não formamos sociólogos, nem cientistas políticos, nem antropólogos, nem filósofos, ainda que precisemos de todos esses conhecimentos para uma intervenção qualificada sobre uma realidade tão complexa e complexificante (ibidem)

A autora compreende que a necessidade que se impõe é uma formação com sólida fundamentação teórico-metodológica, que seja apta ao desvelamento das particularidades da profissão sem incorrer no endogenismo⁵⁰. Defende que a dificuldade de abordagem da profissão operada na tridimensionalidade dos conteúdos dos núcleos de fundamentação faz com que o trato teórico-metodológico se mantenha num nível de “abstração tal que não permite que os sujeitos profissionais captem as mediações que conectam a sua leitura crítica de realidade a um trabalho profissional na direção da ruptura com o conservadorismo”. (ibidem, p. 30)

Indica a presença de históricas tendências presentes na formação dos assistentes sociais: o teoricismo; o metodologismo e a história tratada de maneira evolutiva, linear e cronológica, concepções cujas racionalidades se estabelecem na forma formal-abstrata. Nesse contexto, a autora retoma a defesa que estabelece nas outras produções do caráter ontológico dos fundamentos da profissão sob a vertente marxiana, expressando a centralidade de categorias como o trabalho; a produção e reprodução da vida social; as particularidades da sociedade burguesa com o surgimento do Serviço Social e seus nexos com as respostas teóricas, ético-políticas e operativas que a categoria profissional vem dando à realidade. Assim, afirma a necessidade de conhecer o Serviço Social na contemporaneidade, sobretudo “não apenas no que se refere às condições de trabalho, mas, como as assistentes sociais vem respondendo na direção social do projeto profissional crítico” (ibidem, p. 43)

⁵⁰ “que, em verdade, é apenas um modo de se apropriar da profissão encerrando a análise do Serviço Social em si mesmo” (ibidem)

2.2.6 *Concepção de Fundamentos do Serviço Social em Thaisa Closs*

Closs (2015) parte do pressuposto de que há no processo de revisão das diretrizes curriculares para a formação em Serviço Social desde o currículo de 1982 ao atual projeto de formação profissional de 1996 um marco importante da problematização dos Fundamentos do Serviço Social, cuja contextualização histórica e teórica oportuniza um amplo debate sobre a temática⁵¹. A autora destaca que é a partir da revisão das Diretrizes Curriculares que se pode evidenciar a centralidade das categorias questão social e trabalho, apreendidas a partir do método e das teorias marxianas, conjugadas na “interpretação histórico-crítica do Serviço Social na realidade brasileira, como os principais fundamentos da formação profissional”. (CLOSS, 2015, p. 36). A autora explicita também a centralidade dos núcleos de fundamentação que orientam a estruturação curricular e o conteúdo da matéria básica de Fundamentos históricos e teórico-metodológicos, referindo que

estas concepções reforçam elementos já destacados do conjunto das Diretrizes, em especial a perspectiva de que a compreensão do Serviço Social adquire inteligibilidade no quadro das determinações sócio-históricas que o engendram, em especial face à questão social (ZACARIAS; PRATES; CLOSS, 2014, p. 112 apud CLOSS, 2015, p. 199)

A partir da análise dos artigos que enfocam os Fundamentos do Serviço Social em sua pesquisa, destaca quatro tendências de abordagem da temática: I) a problematização dos Fundamentos do Serviço Social através da discussão da relação da profissão com as matrizes do pensamento social; II) a articulação dos Fundamentos do Serviço Social na formação profissional – especificamente no que se refere à matéria dos Fundamentos Históricos e Teórico-Metodológicos do Serviço Social nos marcos das Diretrizes Curriculares da ABEPSS (1996) e III) no plano do debate da ética profissional, discutindo os fundamentos ético-políticos do projeto profissional. Há, por último, a tendência IV) o debate sobre o conservadorismo no Serviço Social. Tais tendências apresentam convergências com os resultados do processo de pesquisa dessa dissertação, fato que indica que há padrões que se mantêm de forma majoritariamente contínua na produção

⁵¹ Posição da qual essa dissertação compartilha, conforme subcapítulo 3.3 e 3.4

de conhecimento da temática⁵². Ademais, Closs dá destaque à categoria mediação para o debate

dos Fundamentos profissionais, pois é esta que possibilita articular a compreensão mais ampla da inserção da profissão na totalidade social, ao mesmo tempo captando e iluminando a leitura da singularidade das situações que esta profissão se defronta na divisão sociotécnica do trabalho. Além disso, são as mediações que possibilitam articular, extrair e elaborar, do campo mais amplo das matrizes do pensamento social, a construção de formulações teórico-metodológicas voltadas para a compreensão da profissão e da realidade, que subsidiarão os processos interventivos. (CLOSS, 2015, p. 39)

Enquanto conclusão de sua tese, a autora refere que os Fundamentos do Serviço Social consistem na “matriz explicativa da realidade e da profissão, particular ao Serviço Social, (re)construída processualmente na sua trajetória histórica no movimento da realidade brasileira, a qual possui dimensões teórico-metodológicas e ético-políticas que fundamentam a dimensão técnico-operativa desta profissão” (CLOSS, 2015, p. 7). Tal matriz conforma-se a partir

da conjugação de método/teoria marxistas e valores emancipatórios na análise histórico crítica totalizante do Serviço Social, profissão cujo núcleo central reside no debate teórico-metodológico marxista, na análise da sua historicidade, na abordagem teórica da questão social e da categoria trabalho (mediada com a profissão), bem como do seu projeto ético-político. O diminuto trato direto e visibilidade dos Fundamentos na produção da área revela uma contradição em processo entre o adensamento conceitual totalizante dessa matriz e a sistematização de um campo de mediações e particularizações que contribuam para sua materialização na formação e no exercício profissional, numa conjuntura societária de ofensiva do capital sobre o trabalho, sobre as lutas e os direitos sociais, que impacta nas próprias bases históricas da hegemonia desta matriz e também fragiliza essa conjugação (CLOSS, 2015, p.7)

Closs (2015) entende que a questão social, como objeto, fundamenta a profissão – ainda que destaque que não de forma isolada, posto que situada numa matriz explicativa que permite desocultá-la e elucidá-la em suas múltiplas determinações, articulada com o significado social do trabalho do assistente social. A autora refere que os fundamentos da profissão necessitam ser analisados a partir das “transformações que se processam nas diferentes dimensões que a constituem (trabalho, formação, conhecimento e organização

⁵² A maior diferenciação se dá na terceira tendência, referente à ética profissional, discutindo os fundamentos ético-políticos do projeto profissional. Tal divergência pode ter como base o fato de que Closs utiliza o descritor Projeto Ético Político de forma correspondente ao descritor Fundamentos do Serviço Social (Vide Quadro 3 - Descritores da pesquisa documental em CLOSS, 2015, p. 24), descritores que avaliamos que, apesar de íntima correlação, não correspondem a processos sinônimos, de forma a ser utilizado nessa pesquisa apenas o descritor FUNDAMENTOS correlacionado com a profissão.

política)” (CLOSS, 2015, p.45), articuladas com os processos sociais vigentes na sociedade, em cada momento histórico.

Contribui qualitativamente ao debate sobre os Fundamentos do Serviço Social ao situá-los a partir de uma análise dialética entre universalidade-particularidade-singularidade e da categoria mediação. Compreende que a referida tríade comporta a conexão entre o singular e o universal desta profissão, tanto do ponto de vista ontológico – apreendendo as determinações da forma de ser da profissão na realidade – como do ponto de vista reflexivo e lógico, no que se refere à própria produção do conhecimento.

Destaca a necessária retomada da análise de Netto (1996) de que é preciso não hiperdimensionar a magnitude da ruptura com o conservadorismo, pois a legitimidade e hegemonia alcançada pelas correntes marxistas na profissão ainda demanda de largo prazo e conjuntura sócio-histórica favorável para o estabelecimento de uma maioria político-profissional radicalmente democrática e progressista. Posiciona-se a favor da superação de um distanciamento do debate sobre os Fundamentos do Serviço Social da realidade e do contexto dos profissionais, o que requer novas mediações e estratégias políticas das entidades, sob o risco de, no limite, aumentar a tendência de “afastamento da base profissional dos fóruns profissionais da categoria, compreendidos como espaços de cunho “acadêmico”, altamente “politizados” e até mesmo inacessíveis para grande parte dos profissionais” (CLOSS, 2015, p. 101).

Em produção recente (2020), Closs em conjunto com Prates e Reidel, reestabelece sua articulação com Yazbek e às contribuições das Diretrizes Curriculares ao definir os Fundamentos como

“[...] processo através do qual a profissão busca explicar e intervir na realidade, definindo sua direção social.” (YAZBEK, 2009, p. 144), ou seja, de como o Serviço Social formula uma matriz explicativa da realidade e da profissão, gestada no movimento histórico da sociedade, a qual possui dimensões teórico-metodológicas e ético-políticas que se materializam no trabalho profissional, pela mediação da dimensão técnico-operativa (CLOSS, 2017). Nessa direção, os Fundamentos abarcam a análise da trajetória do Serviço Social, compreendendo como este se conformou historicamente, que transformações sofreu, considerando a realidade sócio-histórica e seus rebatimentos na profissão, apreendendo de forma articulada o trabalho, a formação, o conhecimento e a organização política, tendo a história da sociedade como eixo articulador. (PRATES; CLOSS; REIDEL, 2020, p. 205)

2.2.7 *Concepção de Fundamentos do Serviço Social em Mariléia Goin*

A concepção de Fundamentos do Serviço Social elaborada por Goin centra-se no contexto latinoamericano, sendo composta pelos elementos que I) alicerçam as bases da formação e do trabalho profissional ao longo de sua trajetória sócio-histórica e II) conferem configuração particular à profissão em face da orgânica relação com a realidade, “interpondo-lhe a necessária apropriação das matrizes de conhecimento do social e do movimento da sociedade para prover de direção social e política o trabalho profissional, seja por viés conservador, seja emancipatório”. (GOIN, 2016, p.37)

Situa o debate em torno de uma compreensão indissociável entre história, teoria e método, considerando que a apreensão das contradições sociais exige o pressuposto de tomar os sujeitos sociais como agentes históricos e que a aproximação ao real em sua particularidade necessita do método para ultrapassar o imediato e ser capaz de formular uma posterior intervenção na realidade social.

Posiciona-se contrária à redução dos Fundamentos do Serviço Social entorno da história da profissão (historicista) e às vertentes epistemológicas que até hoje perpassaram determinados períodos históricos, destacando a necessidade de superação do debate dos Fundamentos a partir de uma visão cronológica e mecanicista. A autora salienta o impacto que a opção de desenvolvimento linear dos fundamentos traz para os processos interventivos

desde o entendimento das competências e atribuições que lhes são particulares até o sentimento de não pertencimento, de desnecessidade da participação na luta das entidades, descrédito ao projeto de formação em Serviço Social e à sua clara posição teórico-crítica e de não partilhamento da direção hegemônica constituída coletivamente pela categoria profissional. (GOIN, 2016, p. 19)

Destrincha o conceito de Fundamentos em história, teoria e método, à luz do marxismo:

Os Fundamentos do Serviço Social constituem-se, assim, a partir da relação de unidade entre teoria, história e método, que juntas oferecem a base fundacional em que a formação e o trabalho profissional se assentam no decorrer de sua trajetória sócio-histórica e particularizando a profissão a partir da sua relação orgânica com a realidade, o que por sua vez demanda conhecimento acerca das matrizes do conhecimento e do movimento social de modo a propor uma direção política e social aos processos interventivos (ibidem, p. 31)

Busca desocultar as bases teórico-metodológicas e ideopolíticas em que se alicerçam os fundamentos (epistemológicos) de análise, de forma a traduzirem para a profissão

a análise de seu desenvolvimento atrelada aos processos sociais constitutivos da sociedade burguesa, do conjunto de conhecimentos vinculados a projetos societários, de uma gama de mediações que permite conhecer o real e desvendar as possibilidades de intervenção contidas na realidade, e não sobre ela, assim como a formulação de respostas profissionais a partir das múltiplas expressões da matéria-prima do trabalho profissional (GOIN, 2016, p. 39)

Considera que há uma emergência posta enquanto desafio para a profissão de ultrapassar os limites legalistas e burocráticos, buscando estratégias de luta para além das tradicionais formas utilizadas pela categoria, o que exige reestabelecer o caráter político orgânico que o marxismo apresenta para garantir legitimidade ao trabalho profissional nas diferentes dimensões que constituem a vida social.

No que se refere à questão social, Goin (2016) a compreende enquanto eixo fundante do Serviço Social e objeto da profissão. Distingue a categoria fundamentos do termo fundante pois “etimologicamente, este é aqui entendido como aquilo que institui necessidade e utilidade social à profissão” (GOIN, 2016, p. 38). Como produto de sua investigação, estabelece a seguinte tese:

os Fundamentos do Serviço Social na América Latina e no Caribe elucidam traços comuns na gênese profissional, mas a produção e a reprodução da vida social dimanam particularidades sociopolíticas aos países, as quais conferem configuração particular à profissão em face da processual e orgânica relação com a realidade e à sua concreção como trabalho profissional. São esses mesmos condicionantes — que além de históricos-profissionais, são políticos, econômicos e sociais — que interpõem, no corpus dos Fundamentos, a necessária apropriação das matrizes de conhecimento do social e do movimento da sociedade nacional, para projetar direção social e política ao trabalho profissional, seja por viés conservador, seja emancipatório (ibidem, p.11).

Em sua pesquisa de pós-doutoramento (2019), Goin refere que os Fundamentos do Serviço Social ultrapassam a noção formalista de matéria curricular – os conhecidos Fundamentos Históricos e Teórico-Methodológicos do Serviço Social – para situá-los na totalidade histórica, retomando a sua tese, agora em relação não mais ao contexto latino-americano, mas à particularidade brasileira

a partir dos elementos que (a) alicerçam e assentam as bases da formação e do trabalho profissional ao longo de sua trajetória sócio-histórica e (b) conferem configuração particular à profissão em face da processual e orgânica relação com a realidade, interpondo-lhe a necessária apropriação das matrizes do conhecimento do social e do movimento da sociedade para prover de direção social e política o trabalho profissional, seja por viés conservador, seja emancipatório (GOIN, 2019, p. 31).

A autora explicita que o ponto central do debate sobre Fundamentos do Serviço Social está na

incorporação da dinâmica dialética, própria da matriz marxiana, que não dissociabiliza História, Teoria e Método e tampouco prioriza um sobre o outro ou os fragmenta. Apenas o esforço nesse que se denomina de ponto cêntrico possibilita ultrapassar a barreira da abordagem mecanicista, idealista, estruturalista e determinista e adentrar no campo fecundo da abordagem dialética (ibidem, p. 10)

2.2.8 *Concepção de Fundamentos do Serviço Social em Rodrigo Teixeira*

Teixeira (2019) parte da análise do que denomina de bases sócio-históricas da construção do projeto de formação profissional⁵³, centrando a discussão de sua tese na articulação dos Fundamentos do Serviço Social com os Núcleos de Fundamentação das Diretrizes Curriculares da ABEPSS: teórico-metodológico da vida social; da formação sócio-histórica da sociedade brasileira; e, do trabalho profissional.

os Fundamentos do Serviço Social, apreendidos no projeto de formação, são fundamentos da profissão, uma vez que estão no projeto de formação, mas são fundamentos do trabalho de assistentes sociais e da formação profissional, em uma perspectiva de totalidade. (TEIXEIRA, 2019, p.44)

Analisa os fundamentos a partir da compreensão de interconexão entre trabalho e formação. Refere que os relatórios do Projeto ABEPSS Itinerante analisados revelaram, todavia, dois movimentos do real: I) os elementos da conjuntura que ao precarizarem o trabalho e a formação “disfarçam as evidências” na leitura dos fundamentos como unidade articulada dos núcleos de fundamentação, “reverberando em uma formação fragmentada e uma prática profissional que não consegue dialogar com os fundamentos, ainda que busque fazê-lo” (TEIXEIRA, 2019, p. 13) e II) uma tendência que “nega as evidências” destacadas a partir da unidade dos núcleos de fundamentação, que “ao fazê-lo, nega a perspectiva de totalidade presente no projeto de formação, assim como a perspectiva histórica e o significado social da profissão” (ibidem) ancorados na perspectiva crítico-dialética da profissão.

Assim como Closs (2015) e Goin (2016), refuta a concepção de cronologia histórica na qual os Fundamentos do Serviço Social são compreendidos, fato que não condiz com a concepção estabelecida nas Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social

⁵³ “Com destaque: ao projeto de formação da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais (1971), do Método BH (1974), das convenções da ABESS nas décadas de 1970 e 1980, assim como, da implantação e auto-avaliação do currículo mínimo da ABESS de 1979/1982.” (TEIXEIRA, 2019, p. 13)

de 1996. Compreende que a unidade articulada dos núcleos de fundamentação se expressa como Fundamentos do Serviço Social, sendo tal apreensão

o ponto de chegada ao final da formação profissional. Mas, no trabalho profissional tal unidade é o ponto de partida, sem a qual o trabalho profissional não ocorre sob a direção social crítica construída pela profissão. (TEIXEIRA, 2019, p.83)

A não compreensão dos Fundamentos do Serviço Social como expressão da unidade dos Núcleos de Fundamentação se configuraria enquanto uma análise da profissão por ela mesma. Considerar essa unidade articulada, para o autor, é iniciar a análise pelo real concreto e pela dinâmica da sociedade capitalista e por isso a questão social é tomada como eixo articulador de todo o projeto de formação.

Reitera o entendimento exposto pelas outras autoras de que a unidade articulada entre História, Teoria e Método constitui a lógica de toda construção das diretrizes curriculares da ABEPSS e por isso deve ser considerada na análise dos fundamentos. Elucida que as dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa são dimensões do trabalho profissional e expressam elementos de uma totalidade na análise da profissão e seu exercício.

No que se refere a confusão simbiótica realizada entre Serviço Social e políticas sociais, elucida que o fortalecimento da condição de classe trabalhadora em que o assistente social está inserido e que considerar o usuário dos serviços como sujeito desta mesma classe pode permitir uma ultrapassagem da predominância dos fundamentos da política social em detrimento dos Fundamentos do Serviço Social.

Com relação à falsa dicotomia entre teoria e prática, Teixeira se posiciona afirmando que o Serviço Social sob a perspectiva crítica avançou de forma restrita, porém fecunda na análise dos Fundamentos do Serviço Social. E que não foi realizado o trânsito para a processualidade do trabalho do assistente social:

A análise do processamento do trabalho não adquiriu centralidade, estabelecendo uma frágil associação entre os fundamentos do Serviço Social e o trabalho profissional cotidiano, uma vez que este abrange um conjunto de mediações que não foram alvo privilegiado da referida produção. (TEIXEIRA, 2019, p. 196)

Destaca-se a influência de Guerra na produção do autor, uma vez que este afirma que a análise da instrumentalidade a partir da razão crítico-dialética permite expressar os Fundamentos do Serviço Social como unidade entre os núcleos de Fundamentação das Diretrizes Curriculares e seu fazer efetivo nos espaços sócio-ocupacionais. Esse debate

pode potencializar a superação de um entendimento reduzido sobre os Fundamentos do Serviço Social, compreendidos muitas vezes somente como disciplina obrigatória da matriz curricular dos cursos como Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos do Serviço Social (FHTM).

O autor posiciona-se a partir do pressuposto de que uma unidade articulada dos núcleos permite uma concepção acerca dos Fundamentos, síntese que só é possível se alicerçada pelo viés marxista de apreensão das Diretrizes Curriculares da ABEPSS, pois é esta perspectiva que atravessa a construção do referido documento:

Ancoragem esta que permite: a apreensão da relação entre História, Teoria e Método como constitutiva da análise dos fundamentos; a busca pela trajetória histórica dos fundamentos do Serviço Social; a análise da realidade concreta e das respostas profissionais construídas cotidianamente (TEIXEIRA, 2019, p.29-30)

Nesse contexto, Teixeira afirma que os Fundamentos do Serviço Social são apreendidos no projeto de formação, conformando os fundamentos da profissão, “uma vez que estão no projeto de formação, mas são fundamentos do trabalho de assistentes sociais e da formação profissional, em uma perspectiva de totalidade. (ibidem, p. 44) Refere que se não considerarmos os Fundamentos do Serviço Social como expressão da unidade dos Núcleos de Fundamentação, iniciamos a análise da profissão por ela mesma, assim, “cada núcleo representa em si mesmo uma totalidade complexa e só se configuram como Fundamentos do Serviço Social quando articulados entre si.” (ibidem, p.84) e expressam entre outros elementos, a relação intrínseca e dialética entre trabalho e formação (ibidem, p.162).

Reconhece que a precarização e intensificação do trabalho docente colocam desafios a esta concepção de Fundamentos do Serviço Social, assim como respostas pontuais e mecanicistas no exercício profissional sem o devido rigor teórico-metodológico e ético-político compromete uma “concepção de Fundamentos do Serviço Social na sua ação profissional.” (TEIXEIRA, 2019, p.229). Em documento recente, constante na amostra do eixo eventos da área, Teixeira retoma sua concepção de fundamentos:

entendendo por fundamentos os elementos que permitem apreender a realidade social, suas contradições e possibilidades, a profissão do Serviço Social nesse contexto... e a partir dessas apreensões permitem ao assistente social construir projetos de trabalho, planos de intervenção e formas coletivas e individuais, é aí que se assenta os Fundamentos do Serviço Social. (Extrato da fala TEIXEIRA, em YAZBEK;GUERRA;TEIXEIRA, 2020c)

Em outro documento, Teixeira afirma que “o debate dos Fundamentos do Serviço Social deve permitir desvendar as tramas do imediato, apreender os elementos do trabalho e da profissão e da formação e reconstruir o objeto de intervenção profissional.”⁵⁴ (Extrato da fala de TEIXEIRA, em TEIXEIRA;SIQUEIRA, 2020) E que há uma necessidade

de que as pesquisas e a produção de conhecimento busquem apresentar o significado e status dos fundamentos do Serviço Social para a profissão...e se tratando de conhecimento, podemos então falar em significado, quais significados e como se apreende esses fundamentos, mas também a preocupação é trazer o debate dos fundamentos para uma agenda profissional. (Extrato fala TEIXEIRA, em TEIXEIRA; SIQUEIRA, 2020)

2.2.9 *Concepção de Fundamentos do Serviço Social em Rosângela Batistoni*

A autora aparece em dois documentos icônicos do eixo eventos da área, bem como se configura enquanto pesquisadora referência do eixo fundamentos do GTP Fundamentos, formação e trabalho profissional nos relatórios do ENPESS (2012, 2014, 2016). Situa sua concepção de Fundamentos do Serviço Social a partir da inserção da profissão na divisão social do trabalho, igualmente reconhecendo a importância da produção de Yamamoto e Carvalho (1982) para esse debate. Explicita categorias que considera centrais do método marxiano, como a historicidade e as bases teóricas que “iluminam o Serviço Social”⁵⁵ mas que o ultrapassam profundamente:

⁵⁴ Nesse aspecto, discorda-se do posicionamento de que a profissão reconstrói o objeto de intervenção. Entende-se que o objeto se situa na realidade concreta e refere-se às múltiplas refrações da questão social, sendo sua construção estabelecida dentro da produção e reprodução da vida social. O assistente social, ao se deparar com as chamadas demandas institucionais não está lidando com um objeto distinto do acima referido, o que poderia justificar sua necessária reconstrução, mas sim realiza uma análise para além de sua pseudoconcreticidade, a partir de sucessivas aproximações totalizantes, desvelando um processo de estranhamento e fetichização que fazem com que o objeto da profissão possua uma aparência distinta daquela em que a profissão aprofundou sua produção de conhecimento: a questão social - daí a necessidade constante de análise e investigação de suas múltiplas refrações.

⁵⁵ A utilização da nomenclatura ‘iluminar’ tem surgido nos debates e na produção da área tanto para se referir às influências teórico-metodológicas da vertente marxiana e marxista na profissão, quanto na articulação da capacidade teórico-metodológica e ético-política com a dimensão técnico-operativa, elaboração que acreditamos estabelecer uma limitação no seu diálogo com o método materialista histórico e dialético, uma vez que carece de maiores mediações com relação ao processo de objetivação e de abstração (concreto pensado) podendo incorrer em uma perspectiva idealista do conhecimento. Conforme já demonstrou Pontes (2000), as mediações ontológicas ocorrem independentemente de uma mediação reflexiva correspondente – o que demonstra a impossibilidade de uma dimensão teórico-metodológica ‘iluminar’ a intervenção profissional, necessitando de um complexo processo de mediações para a objetivação de uma intervenção sob a perspectiva crítica.

Eu penso que ao construir meu movimento aqui é de que ao apontar esse processo de construção nas suas linhas gerais expressa também a nossa concepção dos Fundamentos do Serviço Social, um Serviço Social na história, um Serviço Social que se explica e que buscou o seu entendimento no movimento da história, alimentando-se de referências teóricas capazes de iluminar o Serviço Social entendendo que esse fundamentos ultrapassam profundamente o Serviço Social e o acúmulo que construímos, ultrapassa o desvendar da profissão e possibilita o nosso vínculo, a nossa contribuição à luta dos trabalhadores na perspectiva da emancipação política e da emancipação social. Identificando o processo histórico, a particularidade desses processos na história, no movimento da história as possibilidades todas do devir. Este penso que foi o caminho que nós construímos em termos gerais da aproximação do Serviço Social com o marxismo no debate dos fundamentos (Extrato fala BATISTONI, em BATISTONI; GUERRA, 2020)

Em outro evento, reafirma uma concepção de Fundamentos do Serviço Social “informada pela perspectiva da totalidade histórica” (Extrato da fala de BATISTONI, em BATISTONI, 2017), tendo a historicidade enquanto uma categoria central de sua concepção que visa desvendar a profissão, de se constituir historicamente e de explicar a “realidade, os sujeitos com os quais trabalha [...] o seu fazer e expressa isso no seu discurso, nas suas formulações, nos seus posicionamentos” (ibidem)

é nesse processo, nas particularidades que assumem as conjunturas sociais, políticas e ideoculturais né, que é possível apreender a particularidade, a explicação e apreensão das particularidades do Serviço Social (o seu modo de ser, o seu modo de atuar e o seu modo de pensar) incorporadas ao longo de sua trajetória. Isso significa então aquela compreensão amplamente assumida né que a profissão é um produto histórico, que tem sentido, significado, na dinâmica societária [...] Isso implicou em decifrar essa especialização do trabalho na sociedade, elucidar os processos sociais que geram a necessidade social dessa profissão, o significado de suas ações no campo das relações sociais entre Estado e classes, as relações de poder econômico, poder político, as relações entre as classes e dessas com o Estado, mas também não desvinculada aqui de uma unidade, compreender como que o Serviço Social se inscreve no debate teórico cultural na sua trajetória. Situar, portanto, o Serviço Social na história, no movimento da história. (ibidem)

Batistoni explicita que as Diretrizes Curriculares da ABEPSS, sustentadas nessa concepção de Fundamentos do Serviço Social, contêm as “chaves teóricas analíticas e culturais para apreender o processo do presente e decifrá-lo, desde que tenhamos [...] a exigência da abstração, para buscarmos essas referências e dar a elas uma atualização” (ibidem). Assim, os núcleos de fundamentação das Diretrizes Curriculares são destacados na fala da autora, avaliando a necessidade de conectar o trabalho profissional com os fundamentos da vida social e com as particularidades da formação social brasileira, enquanto níveis distintos de abstração da profissão nos seus fundamentos

a centralidade dos fundamentos do Serviço Social que são tratados nos três eixos temáticos, nessa unidade destes três eixos dos núcleos de fundamentação. No debate das Diretrizes Curriculares tinha uma discussão de porque tudo é fundamento, não tem aquele núcleo que é da aplicação né, por que o do trabalho profissional não é o da aplicação? Ora, porque a concepção aqui é da unidade, portanto, contêm os fundamentos e as dimensões da sua efetivação, a prática, o exercício, a atividade do sujeito. Eles permitem conectar o trabalho profissional pelos eixos norteadores da formação que estão ali postos. (ibidem)

A autora questiona em que medida o debate sobre os Fundamentos do Serviço Social está sendo tomado pela categoria na perspectiva de sua totalidade, entendendo enquanto um

debate teórico-metodológico, ético-político e técnico-instrumental. Ou seja, onde está sendo ensinado o instrumental e de que maneira? Como nós estamos ensinando essa dimensão técnico-operativa que não seja desvinculada do debate dos Fundamentos do Serviço Social. Essa é uma questão que eu acho que tem que ser polemizada e discutida (ibidem)

2.3 BALANÇO DAS TENDÊNCIAS: CONTRIBUIÇÕES, NÓS E POLÊMICAS

Há nos autores um consenso no que se refere às Diretrizes Curriculares enquanto um elemento sócio-histórico central no processo de elaboração e debate dos Fundamentos do Serviço Social. Nesse sentido, apreende-se que *é a partir do eixo da formação profissional (sobretudo no período compreendido entre as revisões curriculares de 1982 e 1996) e da produção de conhecimento correspondente que surgem as condições necessárias para a difusão hegemônica da tese de inserção do Serviço Social na divisão social e técnica do trabalho, elaboração que se configura enquanto um ponto de inflexão fulcral no debate sobre os Fundamentos do Serviço Social sob a perspectiva crítica – condensando os significativos acúmulos da profissão na apreensão crítica da categoria trabalho, da questão social e da articulação desse debate com categorias centrais ao método marxiano. Apesar de reconhecida pelos autores a condição de indissociabilidade entre formação e exercício profissional, há, ao mesmo tempo, um consenso pelos autores do desafio de transposição dos Fundamentos do Serviço Social para o debate do exercício profissional.*

No que se refere à dimensão ética/ ético-política, há elementos importantes para serem considerados. A primeira questão, considerando as ênfases do debate atual sobre a temática já apresentadas, é que essas categorias não estão entre as com maior frequência e presença na amostra da pesquisa. A partir disso, sua presença, quando verificada, se dá a partir de duas tendências: a primeira integra o eixo da ética ou do ético-político no conceito em si de Fundamentos, ainda que de duas formas distintas: a) separando-a

enquanto um fundamento de outra natureza, distinguindo-a de um conceito totalizante dos Fundamentos do Serviço Social, que se expressa em conceitos como ‘Fundamentos ético-políticos’ com frequência de 20% nessa tendência e ‘Fundamentos histórico-políticos’ com 2,2%; e b) integrando-a no conceito de Fundamentos do Serviço Social com outros elementos, tais como “Fundamentos teórico-metodológicos e ético-políticos’ com 33,3% de frequência; ‘Fundamentos históricos, teórico-metodológicos e ético-políticos’ (24,4%) e ‘Fundamentos teórico-metodológicos, ético-políticos e técnico-operativos’ (9,0 %).

A dimensão técnico-operativa está presente enquanto categoria em 78,6% dos documentos que se debruçam sob uma concepção de Fundamentos do Serviço Social e em 61,5% da amostra total.

e eu tendo a concordar com essa perspectiva da unidade dos fundamentos teórico-metodológicos, ético-políticos e técnico-operativos. Nós sabemos o enorme desafio que ela contém e que há enormemente uma reprodução teoria-prática, fundamentos teórico-metodológicos (de um lado com a mão) e técnico-operativos (de outro lado com a mão) quando eu fiz assim com a mão, o gesto é significativo né, é porque jogam o técnico-operativo, então ninguém quer dar oficina, ninguém quer assumir a supervisão [...] eu concordo que há uma reprodução desse processo, concordo que nós não superamos na totalidade, a ABEPSS itinerante no ano passado, que eu acompanhei muito de perto, né... fui em todas as oficinas de São Paulo, gente é isso... se reproduz de uma maneira não menor, nas melhores famílias de universidade e de curso. vamos...como alguém colocou aqui, não está só nesse ensino privado, está entre nós. (Extrato da fala de BATISTONI, em BATISTONI, 2017)

É pegar essa dimensão técnico-operativa claro que nessa concepção da totalidade, mas como que ela se desenvolve ali, que para mim não é uma mera restrição de ensino da prática, não é isso. Se pensamos desse jeito no momento e até pensamos, acho que foi uma reprodução desse equívoco, no entanto ela está por fazer, vamos concordar aí com o colocado, acho que ela está por fazer. Eu fico assim com os alunos, mas gente o que que foi feito com a população nessa situação? Era uma situação determinada e eu perguntei o que é que foi feito com esse trabalho, não foi feito isso, não foi feito aquilo, não foi atrás disso, não foi atrás daquilo, fiz várias perguntas. Aí os alunos viraram e disseram assim: uai, mas nós aprendemos no curso, alunos do sétimo período, nós aprendemos a vida inteira que isso aí é fazer política, isso aí é fazer militância, e Serviço Social não se confunde com a militância. (ibidem)

Há duas linhas interpretativas dessa dimensão: a primeira considera que as dimensões teórico-metodológicas e ético-políticas materializam a dimensão técnico-operativa e a segunda não realiza essa distinção, apenas considerando a necessária unidade indissociável entre a tríade. Partimos da compreensão que esse debate é fruto do desafio anteriormente posto de materialização dos Fundamentos do Serviço Social no exercício profissional, que ganhou novos contornos a partir da recusa de um método do

Serviço Social no debate pós Currículo Mínimo de 1982⁵⁶ assim como das determinações da sociabilidade em que a profissão está posta, cuja divisão social do trabalho é estabelecida entre a produção material e imaterial do trabalho, tendo na universidade um interlocutor essencial da fragmentação. Há a necessidade aqui de se esclarecer sob quais concepções da dimensão técnico-operativa as produções estão elaborando suas considerações – fato que nem sempre fica nítido na condução do debate realizado pelos autores.

Se a concepção da dimensão técnico-operativa estiver sendo elaborada a partir de um olhar restrito a ideia de instrumental (assim como posto na versão das Diretrizes Curriculares de 1999⁵⁷) converge-se com a tendência de que estes instrumentais se materializam a partir de necessárias mediações reflexivas e ontológicas com as dimensões teórico-metodológicas e éticas-políticas, pois, caso isso não ocorra, a escolha, condução e monitoramento dos instrumentais utilizados na intervenção profissional não ultrapassam as lógicas redutoras sob o viés tecnicista, formalista ou do empirismo, porque os destitui de bases analítico-interventivas que ultrapassam o senso comum e o imediato, o que reflete na forma como estabelecemos nossa relação com os sujeitos ao apresentar propostas de intervenção:

Eu não estou indo mais no CAPS mesmo, moça. Porque lá eles só me colocam em um grupo para fazer artesanato com garrafa PET, eu não sei como isso pode me ajudar, eu não quero fazer isso! Eu não tenho tempo...eu não gosto!
(Extraído do diário de campo da autora, 2019)

Percebe-se, no caso em questão, que a interlocução entre profissional – sujeito foi destituída de significado. O acesso ao direito ao serviço de saúde se restringiu ao burocratismo e inclusão formalista, sem mediações reflexivas e ontológicas que possibilitassem processos de emancipação política para além dos moldes aqui descritos. No entanto, se partimos de uma concepção mais abrangente da dimensão técnico-operativa, tal como explicitado pelas Diretrizes Curriculares de 1996⁵⁸, o risco que se

⁵⁶ Maiores explicitações ver subcapítulo 3.4.

⁵⁷ O Assistente Social como trabalhador, as estratégias profissionais, o instrumental técnico-operativo e o produto do seu trabalho (ABESS, 1999)

⁵⁸ “Com base na análise do Serviço Social, historicamente construída e teoricamente fundada, é que se poderá discutir as estratégias e técnicas de intervenção a partir de quatro questões fundamentais: o que fazer, porque fazer, como fazer e para que fazer. Não se trata apenas da construção operacional do fazer (organização técnica do trabalho), mas, sobretudo, da dimensão intelectual e ontológica do trabalho, considerando aquilo que é específico ao trabalho do assistente social em seu campo de intervenção. Imbricada ao desvelamento destas questões, situa-se a dimensão técnico-operacional, como componente do trabalho consciente e sistemático do sujeito profissional sobre o objeto de sua intervenção, tendo em vista

incorre ao realizar a distinção entre as dimensões teórico-metodológicas e ético-políticas da dimensão técnico-operativa é a de inserir uma falsa concepção de mera abstração das duas primeiras dimensões, como se no método em Marx e nas bases éticas e políticas da vertente crítica da profissão houvesse apenas uma dimensão abstrata, epistemológica e valorativa, reforçando-se, no limite, a dicotomia da relação teoria e prática, bem como destituindo o caráter ontológico e objetivo que o materialismo histórico e dialético pressupõe (sendo um pressuposto inclusive para as próprias categorias) a partir da realidade concreta – a qual a produção de conhecimento vem estabelecendo um consenso em afirmar que atuamos na realidade e não sobre a realidade⁵⁹.

A partir das sínteses realizadas até aqui, tomamos como pressuposto a consideração da dimensão técnico-operativa em seu caráter mais abrangente e incorporada a uma unidade com as outras duas dimensões. Apreende-se que a produção de conhecimento acerca dos Fundamentos do Serviço Social ainda apresenta poucas mediações reflexivas com o eixo do exercício profissional, o qual apresenta majoritariamente uma articulação com categorias de forma abstrata universal, destituídas da apreensão de um sistema de mediações mais complexo⁶⁰ - fato que avaliamos como condicionante importante do desenvolvimento do debate acerca da dimensão técnico-operativa e de suas mediações ontológicas alicerçadas pelos fundamentos. Questiona-se aqui até que ponto a unidade dessas capacidades profissionais tem tido ganhos com a sua repartição, ainda que para fins didáticos, considerando os resultados alcançados de um incontestável desafio de transposição da temática dos Fundamentos do Serviço Social para o eixo do exercício profissional, de forma a nos posicionarmos com uma concepção de fundamentos que se configurem enquanto bases analítico-interventivas para a profissão, considerando as Diretrizes Curriculares de 1996⁶¹ como um dos elementos que

o alcance dos objetivos propostos. As estratégias e técnicas de operacionalização devem estar articuladas aos referenciais teórico-críticos, buscando trabalhar situações da realidade como fundamentos da intervenção”(ABEPSS, 1996, p.14). Tais elaborações da ABEPSS recebem nítida influência da produção de Guerra.

⁵⁹ Atuar na realidade nos esclarece que as elaborações teórico-metodológicas e ético-políticas só possuem contraprova histórica para o método em Marx no movimento próprio da realidade concreta, mas essa contraprova se estabelece de forma dialética, em movimento, o que não permite um engessamento do processo que inicia no plano da abstração para uma posterior transposição ao real, risco que incorremos ao colocar o peso da materialização dos Fundamentos na chamada dimensão técnico-operativa. O movimento de particularizar a teoria e o método Marxiano para a realidade da profissão (via mediações reflexivas e ontológicas) deve ser realizado em todas as dimensões dessa tríade, partindo-se do pressuposto da razão dialética de Marx.

⁶⁰ À título de exemplificação, categorias como cotidiano, expressões da questão social, resistências, ideologia, entre outras, são consideradas e citadas nas análises, mas majoritariamente articuladas de uma forma geral e pouco aprofundadas, como poderemos ver nos capítulos 3.6 e 3.8

⁶¹ Maiores elucidações no capítulo final.

transversalizam os Fundamentos do Serviço Social, tanto pelo caráter normativo-legal do documento quanto pela produção de conhecimento que dele se deriva.

No que se refere ao projeto-ético-político da profissão, verifica-se que a categoria ‘Projeto profissional’ possui uma frequência de 0,99% ao longo da amostra total, estando presente em 67,6% dos documentos. A categoria ‘projeto-ético-político’ possui uma frequência de 0,94% e está presente em 63% dos documentos. Contudo, essa expressividade não se demonstra quando verificamos sua coocorrência por proximidade ou intersecção com o descritor FUNDAMENTOS, possuindo dois trabalhos que utilizam conceitos de ‘Fundamentos do projeto profissional’ e ‘Fundamentos do projeto-ético-político’ e a frequência de 2,87% enquanto uma categoria que se correlaciona no debate dos autores que utilizam conceitos mais totalizantes como ‘Fundamentos do Serviço Social’; ‘Fundamentos da profissão’ ou ‘Fundamentos’. Nesse quesito, não há um consenso nessa articulação, tendo algumas produções o entendimento de que os Fundamentos do Serviço Social dão materialidade ou se constituem enquanto uma estratégia de resistência na sustentação do Projeto ético-político, outros tomam ambos enquanto descritores possíveis para o debate dos Fundamentos do Serviço Social (sinônimos) fazendo uso de ambos; outros enquanto um fio analítico possível dentro da temática dos Fundamentos do Serviço Social.

Outro dado interessante é que as palestras e mesas dos dois últimos CBAS (XV e XVI) não realizaram suas falas de forma a incluir o descritor FUNDAMENTOS (não se caracterizando, assim, enquanto amostra dentro dos critérios de inclusão da pesquisa), mas utilizaram o descritor projeto ético-político ou projeto profissional. Assim, infere-se a possibilidade da categoria Projeto ético-político ou projeto profissional estar sendo compreendida como um sinônimo de Fundamentos do Serviço Social, optando-se os referidos autores pelo primeiro conceito em detrimento do segundo. Esses resultados evidenciam a necessidade de um aprofundamento na investigação da relação entre os descritores Projeto Ético Político (PEP) e Fundamentos do Serviço Social.

Preliminarmente, se tomarmos como pressuposto as elaborações da produção da área (BRAZ;BARATA, 2009) no que se refere aos elementos constitutivos do PEP, apreendemos que sua discussão e elaboração se situa em um debate anterior ao de Fundamentos do Serviço Social⁶² e se dá em níveis distintos de abstração e

⁶² “Desde os anos 1970, mais precisamente no final daquela década, o Serviço Social brasileiro vem construindo um projeto profissional comprometido com os interesses das classes trabalhadoras”. (BRAZ;TEIXEIRA, 2009, p. 12). Em outro trecho, os autores sinalizam que “pode-se localizar aí a gênese

materialização. Como nos lembra Braz e Barata (2009), o projeto ético-político possui ampla articulação com um determinado projeto societário, que, no caso da profissão, refere-se à construção de uma outra ordem societária. Assim, afirmam os autores que o PEP não se efetiva integralmente na realidade uma vez que

Não há uma relação de identidade entre o que projetamos e o que realizamos efetivamente [...] Ainda que não haja ação (prática) sem teleologia, ou seja, sem projeção de finalidades (sem antecipação ideal de resultados), o resultado prático, a transformação que operamos na realidade através de nossas ações, é sempre distinta do que pré visualizamos em nosso pensamento, do que prevíamos como ideal em nossas consciências. Isto significa que as ações são sempre inconsequentes? Não, em absoluto! Significa que a realidade objetiva é diferente do plano subjetivo, e, portanto, daquilo que se idealiza realizar. Significa também que não controlamos todos os aspectos que incidem sobre a realidade, que a sua alteração/mudança/transformação não depende apenas de nossos atos e de nossas ações (BRAZ;BARATA, 2009, p. 227)

Acrescentam os autores que o PEP possui determinados elementos constitutivos, que formam um corpo de identidades vinculadas a valores e princípios muito nítidos como a “igualdade, da liberdade, da democracia, do pluralismo, da recusa da sociedade do capital, das lutas políticas contra ela e suas iniquidades, etc.” (BRAZ;TEIXEIRA, 2009, p. 11) e que “se o leitor pensar bem no que representam esses valores, não tardará a perceber que eles são estranhos ao mundo em que vivemos, saberá que a consecução plena deles é incompatível com a sociedade capitalista” (ibidem).

Nos posicionamos, assim, a partir do entendimento de Netto de que o PEP “trata-se de um projeto que também é um processo, em contínuo desdobramento” (NETTO, 2009, p. 15) e que o debate sobre os Fundamentos do Serviço Social se conformam a partir desses desdobramentos, sobretudo enquanto uma das estratégias de sua materialização⁶³, cuja centralidade se expressa entre as revisões curriculares de 1982 e 1996, com a nítida preocupação da construção e consolidação da vertente crítica da profissão de forma indissociável entre formação e exercício profissional.

do projeto ético-político, na segunda metade da década de 1970. Esse mesmo projeto avançou nos anos 1980, consolidou-se nos 1990 e está em construção, fortemente tensionado pelos rumos neoliberais da sociedade e por uma nova reação conservadora no seio da profissão na década que transcorre” (ibidem, p.13). Netto (2006), por sua vez, refere que “a construção deste projeto no marco do Serviço Social no Brasil – tem uma história que não é tão recente, iniciada na transição da década de 1970 à de 1980. [...]É neste processo de recusa e crítica do conservadorismo que se encontram as raízes de um projeto profissional novo, precisamente as bases do que se está denominando projeto ético-político.” (NETTO, 2006, p. 1)

⁶³ Segundo o autor, um exemplo do caráter aberto do PEP, “com a manutenção dos seus eixos fundamentais, pode ser encontrado nas discussões acerca da formação profissional, produzidas com as modificações advindas da vigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDBEN (Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996): as orientações propostas por representantes do corpo profissional (cf. ABESS, 1997 e 1998) ratificam a direção da formação nos termos do projeto ético-político.” (NETTO, 2009, p. 15)

A questão social possui uma presença em 96,6% dos documentos que se propuseram a explicitar uma concepção de Fundamentos do Serviço Social e em 93,8% da amostra total, o que evidencia sua importância e consolidação no debate da temática. No entanto, tal expressividade não significa que não há divergências na sua articulação com o debate dos Fundamentos do Serviço Social.

Verifica-se dois pontos de partida no debate da questão social correlacionada com os Fundamentos do Serviço Social: I) o primeiro enfoque analítico situa a compreensão da questão social em seu aspecto estruturante da sociedade capitalista e, por sua vez, fundante da necessidade e utilidade social da profissão. Neste eixo, não há um consenso, na medida em que o argumento é tanto utilizado para corroborar o entendimento de que a questão social não se situa no debate dos Fundamentos do Serviço Social quanto seu argumento oposto⁶⁴. No segundo enfoque analítico, há o argumento de que a questão social é objeto da profissão, e, portanto, centraliza-se na relação que a profissão estabelece no sentido de dar respostas às suas expressões⁶⁵. Partimos do pressuposto de que há uma necessária interconexão entre esses dois pontos, ou seja, a questão social enquanto processo estruturante e também objeto da profissão, conforma-se enquanto um elemento dos Fundamentos do Serviço Social - visto que, sem sua articulação, destitui-se da profissão seu significado, suas demandas e seu objeto. Ademais, se partimos do pressuposto estabelecido nas Diretrizes Curriculares de que as categorias questão social e trabalho devem ser transversais, entende-se que há uma relevância teórico-metodológica da questão social nas bases analítico-interventivas da profissão, que a torna insuprimível desse debate.

Um ponto relevante explicitado pelo processo de pesquisa dessa dissertação é a tendência de manter a categoria questão social em um nível de abstração universal de delimitação conceitual, com poucos movimentos de mediação reflexiva e ontológica com

⁶⁴ À título de exemplificação do posicionamento contrário à compreensão da questão social como integrante dos Fundamentos da profissão, tem-se Goin (2016), a qual afirma que a questão social é um eixo fundante do Serviço Social e objeto da profissão. Distingue a categoria fundamentos do termo fundante pois “etimologicamente, este é aqui entendido como aquilo que institui necessidade e utilidade social à profissão” (GOIN, 2016, p. 38). Em outra direção, temos as elaborações de Batistoni (2017) e do Núcleo de Fundamentação da formação social brasileira das Diretrizes Curriculares, que destaca que a apreensão deste núcleo perpassa conteúdos que “implicam em uma constante e atenta análise conjuntural da sociedade brasileira, em sua inserção internacional, tendo em vista o acompanhamento dos processos sociais em curso, geradores das múltiplas manifestações da questão social” (ABEPSS, 1996, p. 11). A tendência de compreensão das Diretrizes Curriculares em sua unidade como conformadora dos Fundamentos do Serviço Social também parte do pressuposto da centralidade da questão social no debate e possui convergência com outros autores da amostra (CLOSS, 2015; TEIXEIRA, 2019)

⁶⁵ Como pode ser verificado nas elaborações de Iamamoto, nos núcleos de fundamentação do trabalho profissional e nas capacitações do perfil profissional explicitadas nas Diretrizes Curriculares de 1996.

o exercício profissional, ainda que na amostra haja o reconhecimento de que esta possui múltiplas refrações, essas são rapidamente citadas, expressas em delimitações conceituais que não são aprofundadas. Qualitativamente, a tendência dessa delimitação estabelece uma ênfase majoritária em resistências da categoria profissional⁶⁶ em detrimento das expressões de resistência presentes no cotidiano dos sujeitos com os quais construímos nossa intervenção profissional, fato que, no limite, pode se apresentar enquanto um elemento da realidade que requer aprofundamento e articulação pela profissão e pela produção de conhecimento da área. Outra tendência é a articulação da questão social no “âmbito das respostas que essa sociedade e que esse Estado, pela mediação de políticas sociais, particularmente constrói frente a chamada questão social” (Extrato fala YAZBEK, 2020) e que se apresenta nas elaborações de Yamamoto, as quais iremos nos debruçar com maior ênfase no subcapítulo a seguir.

A partir das sínteses realizadas até aqui, demarcamos o posicionamento defendido por essa dissertação de que os Fundamentos do Serviço Social, na perspectiva crítica, se configuram contemporaneamente enquanto bases analítico-interventivas da unidade realidade-profissão, conformadas a partir de mediações reflexivas e ontológicas na sua relação com o objeto de intervenção profissional. Esses fundamentos são transversalizados pela inserção da profissão na divisão social e técnica do trabalho, pela produção de conhecimento da área sob o paradigma do método dialético crítico de Marx e pela estrutura organizativa e normativa-legal da profissão.

Tomar os Fundamentos do Serviço Social como objeto de investigação, por si só, já é um desafio de fôlego, devido à complexidade e à necessidade de totalizações que a temática nos impõe. Ao tomar como recorte da amostra - entendendo aqui os limites do processo de investigação da dissertação - os Fundamentos do Serviço Social no contexto contemporâneo pós-diretrizes curriculares da ABEPSS de 1996, objetiva-se a construção de novas sínteses, que possam contribuir para o desenvolvimento da temática no tempo presente. Ainda assim, entende-se a necessidade de que essa investigação se debruce ao objeto com o maior número de totalizações possíveis, realizando o que Netto (2011) chama de movimento diacrônico e sincrônico. No capítulo a seguir, iremos aprofundar as estruturas constitutivas e a dinâmica dos Fundamentos do Serviço Social com a realidade

⁶⁶ À título de exemplificação da tendência explicitada: contra a precarização do ensino; o desmonte das políticas sociais e da proteção do Estado (enquanto meio para a garantia de direitos); a ‘onda conservadora’ que atravessa contemporaneamente a profissão; a exploração e precarização dos processos de trabalho em que se insere.

concreta contemporânea, aprofundando os elementos que conformam a construção da concepção de fundamentos aqui defendida.

3. OS FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: ENTRE ESTRUTURA E DINÂMICA NA CONTEMPORANEIDADE

Entender os Fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade nos exige a apreensão de elementos centrais de sua estrutura e dinâmica atuais, ainda que sob os limites de sínteses provisórias. Reconhecer a maturidade do debate sobre os Fundamentos do Serviço Social pós-diretrizes de 1996 significa tomá-la como ponto de partida, mas não destituídos de seu devir histórico para o processo de investigação e exposição, entendendo que há elementos estruturantes à própria discussão das Diretrizes Curriculares.

Realizar esse movimento de investigação sobre os Fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade nos parece útil sob dois aspectos: I) reforça o posicionamento contra um entendimento cronológico e etapista acerca dos Fundamentos e II) oportuniza a apreensão dos Fundamentos do Serviço Social em sua forma mais complexa, o que pode subsequentemente nos dar novos subsídios para a compreensão de sua gênese e desenvolvimento histórico, o que se justifica pelo próprio percurso teórico-metodológico de Marx:

A sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada da produção. As categorias que exprimem suas relações, a compreensão de sua própria articulação, permitem penetrar na articulação e nas relações de produção de todas as formas de sociedades desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acha edificada, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, leva de arrastão, desenvolvendo tudo que fora antes apenas indicado que toma assim toda a sua significação etc. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. [...] A economia burguesa fornece a chave da economia da antiguidade etc. Porém, não conforme o método dos economistas que fazem desaparecer todas as diferenças históricas e veem a forma burguesa em todas as formas de sociedade. (MARX, 1985, p. 120)

Essa argumentação inverte a lógica positivista de que o mais simples explica o mais complexo, uma vez que “somente quando uma forma mais complexa se desenvolve e é conhecida é que se pode compreender inteiramente o menos complexo – é o presente, pois, que esclarece o passado” (NETTO, 2009, p. 22)⁶⁷. Assim, os próximos subtítulos se

⁶⁷ Sendo este o nosso argumento central contrário à lógica majoritariamente estabelecida entre as disciplinas de FHTM nos cursos de graduação em Serviço Social. Avalia-se a necessidade de uma apreensão dos fundamentos da profissão contemporaneamente para que, a partir dos pressupostos analíticos-interventivos

debruçarão na análise dos elementos que compõem as estruturas e dinamismo dos Fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade. As elaborações desse capítulo são fruto das questões levantadas pelo capítulo dois, tomadas como ponto de partida. Reforça-se assim, a processualidade do método a que essa pesquisa se propõe.

MOVIMENTO I

3.1 O SERVIÇO SOCIAL NA DIVISÃO SOCIAL E TÉCNICA DO TRABALHO: PONTO DE INFLEXÃO E CONTINUIDADE AO DEBATE

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, *de que mulheres estamos falando?* Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. *Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar[...]* Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? [...] *Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher?* Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência”. (CARNEIRO, 2003, p. 50)

Como pudemos verificar nos capítulos anteriores, a expressividade da produção de Marilda Yamamoto e sua influência na produção de conhecimento da área tem na compreensão da profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho ponto central no desenvolvimento dos Fundamentos do Serviço Social sob a perspectiva dialética crítica. Mas o que significa o Serviço Social se inserir na divisão social e técnica do trabalho? Qual o impacto dessa divisão no cotidiano dos sujeitos com os quais construímos nossa intervenção e como esse debate se reatualiza no tempo presente?

No processo de pesquisa dessa dissertação, identificamos a relevância da categoria ‘divisão social e técnica do trabalho’ no debate dos Fundamentos do Serviço Social⁶⁸. Ao aprofundarmos essa categoria na produção da área, verifica-se, para além da incontestável

que os alicerçam, os estudantes encontrem condições objetivas de um sistema de mediações críticas para uma leitura diacrônica e sincrônica dos Fundamentos do Serviço Social em sua totalidade histórica – recuperando continuidades e descontinuidades, avanços, contradições e lacunas.

⁶⁸ Conforme capítulo anterior, possui coocorrência de 12,6%

influência da produção de Yamamoto, algumas categorias cuja coocorrência nas unidades de contexto se expressam:

Gráfico 6 – Coocorrência de códigos com a divisão social e técnica do trabalho por unidade de contexto



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Como explicitado no gráfico, as categorias que possuem maior ênfase no debate sobre a divisão social do trabalho na amostra da pesquisa são: a categoria trabalho (com grande margem de diferença entre as outras categorias, apresentando mais de 50 pontos percentuais de coocorrência se comparada com a segunda categoria com maior expressividade); a categoria classes sociais (9,6%) e questão social (6,3%). Isso indica que o debate sobre a divisão social e técnica do trabalho vem sendo estabelecida a partir de categorias centrais ao método marxiano e à profissão. No entanto, chama-nos a atenção o fato de que outras categorias cuja relevância analítica para o debate contemporâneo da divisão social do trabalho possuem uma baixa expressividade de coocorrência nas unidades de contexto, o que significativa dizer que há uma baixa interconexão na produção da amostra de categorias como capitalismo dependente, exploração e precarização do trabalho e marcadores interseccionais de raça e gênero. O intento deste subcapítulo, nesse sentido, perpassa a busca pela articulação de algumas dessas categorias

e como elas expressam sua relevância no debate dos Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente.

Dados recentes do IPEA (2021) mostram que as indagações de Carneiro estão longe de se referir apenas a heranças residuais da formação sócio-histórica do país, de forma a apontar elementos estruturantes do modo como as pessoas se inserem na divisão social e técnica do trabalho. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada inferiu que a crise de 2020 se reflete nos indicadores de mercado de trabalho de forma bastante intensa e que as desigualdades em termos de sexo, raça e idade nas taxas de participação, desemprego, ocupação e informalidade não se reduzem durante a crise. Os grupos em desvantagem são os que apresentam os indicadores mais vulneráveis e, para alguns indicadores, observa-se até mesmo a ampliação do diferencial, como é o caso da taxa de ocupação por raça/cor e idade. Nesse contexto, nos parece nítido que o mito da democracia racial e da repetida anunciação de que “a pandemia nos mostrou que estamos todos no mesmo barco” são facilmente desmentidos.

Ao longo do período entre 2012 e 2019, as mulheres já mudavam mais que os homens da situação de ocupada para inativa, além de possuir menor taxa de entrada nas ocupações. Em 2020, os impactos nesses indicadores apresentaram elevados níveis de desigualdade, com uma taxa pouco abaixo de 40%. Entre os negros e brancos, há diferenciais importantes na taxa de desemprego e na proporção de ocupados. Ambas as crises de 2016 e de 2020 contribuíram para um aumento desses diferenciais por cor/raça, com uma desigualdade maior na crise mais frequente (de 2,4 para 5,3 em 2020).

O número de pessoas que perdeu postos de trabalho por causa da crise sanitária, entre o 1º e o 2º trimestre de 2020, foi de 8,8 milhões. Desses, 71,4% ou 6,3 milhões eram negros: 40,4%, mulheres, 31%, homens. Na perspectiva do processo de reprodução social, há uma importante contribuição de autoras feministas para dar visibilidade ao trabalho não remunerado, chamado também de trabalho de cuidado:

“[O cuidado é um] trabalho que garante que nossas necessidades materiais e psicológicas básicas sejam atendidas, assegurando nosso desenvolvimento humano. O trabalho do cuidado inclui atividades diárias diversas como cuidar de crianças, idosos, enfermos e pessoas com deficiências físicas e mentais [...]. As tarefas domésticas como cozinhar e a limpeza também são atividades consideradas de cuidado e essenciais para viabilizar o trabalho “fora de casa”. (INSTITUTO TRICONTINENTAL, 2020, p.20)

Embora essa atividade seja essencial para a reprodução da força de trabalho, ela apresenta pouco reconhecimento e, quando há remuneração, os salários costumam ser baixos. Na realidade brasileira, esse quadro se acentua: estudos apontam que 85% do

trabalho de cuidado é feito por mulheres, mesmo num cenário em que 40% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres. Segundo o IBGE, em 2019, as mulheres dedicavam, em média, um pouco mais de 21 horas semanais ao trabalho doméstico, enquanto os homens mantiveram praticamente a metade do tempo (11 horas). Nos casos das mulheres que trabalham fora de casa, a desigualdade persiste: elas cumprem, em média, mais de 8 horas a mais em obrigações domésticas em relação aos homens que também trabalham fora⁶⁹. Segundo dados da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (ARPEN-BRASIL), o número de crianças sem o nome do pai na certidão cresce pelo quarto ano seguido em 2021, o qual apresentou um quantitativo de mais de 100 mil crianças sem o nome paterno na certidão. Nesse contexto, é possível identificar que a ‘fábrica de desajustados’⁷⁰ exposta por Mourão diz muito mais sobre a sociedade capitalista e sua estrutural desigualdade na divisão social do trabalho do que sobre as famílias e mulheres que o até então candidato à vice-presidente da chapa com Jair Bolsonaro resolveu atacar.

A terceirização do trabalho doméstico e sua relação com a exploração e divisão social do trabalho, por sua vez, explicita o recorte interseccional de classe, gênero e raça, como bem nos aponta Lélia González:

No período que imediatamente se sucedeu à abolição, nos primeiros tempos de “cidadãos iguais perante a lei”, coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isso significou que seu trabalho físico foi decuplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares. [...] Quanto à mulher negra, sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas faz com que ela se volte para a prestação de serviços domésticos, o que a coloca numa situação de sujeição, de dependência das famílias de classe média branca. A empregada doméstica tem sofrido um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da “inferioridade”, da subordinação. No entanto, *foi ela quem possibilitou e ainda possibilita a emancipação econômica e cultural da patroa dentro do sistema de dupla jornada*, como já vimos (GONZÁLEZ, 2020, p. 33.)

⁶⁹ Aqui se explicita também a divisão social do trabalho material e imaterial, já exposto por Marx (1989). Uma vez que se verificou no estudo uma queda acentuada na quantidade de submissões de artigos assinados por mulheres em todo o mundo, enquanto as publicações dos homens aumentaram em quase 50%. (INSTITUTO TRICONTINENTAL, 2020)

⁷⁰ "Família sempre foi o núcleo central. A partir do momento que a família é dissociada, surgem os problemas sociais que estamos vivendo e atacam eminentemente nas áreas carentes, onde não há pai nem avô, é mãe e avó. E por isso torna-se realmente uma fábrica de elementos desajustados e que tendem a ingressar em narco-quadrilhas que afetam nosso país", afirmou ele em evento do Sindicato da Habitação (Secovi), em São Paulo. Fonte: <https://exame.com/brasil/mourao-diz-que-familia-sem-pai-ou-avo-e-fabrica-de-elementos-desajustados/>

Não por ocasionalidade, há no Brasil o maior contingente de empregadas domésticas do mundo, segundo dados da OIT⁷¹. Nessa perspectiva, iniciar o capítulo com trecho da obra de Sueli Carneiro “Enegrecendo o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero” nos parece relevante para iniciar a apreensão dessa temática, compreendendo que o processo de exploração da força de trabalho se estrutura de forma desigual e se articula com outras opressões e particularidades da formação social brasileira. Sua relevância se expressa também na forma como essa realidade se explicita no cotidiano do exercício profissional:

Consultoria para o Serviço Social da maternidade: paciente puérpera ameaçando ‘evadir’ do hospital⁷². – Eu não tenho como ficar aqui! Não tenho ninguém para deixar meus outros filhos e se eu não cato latina, eles não comem! A médica veio aqui me encher de xingamento! (Extraído do diário de campo da autora, 2018)

Eu vim aqui pedir a guarda da minha neta. A mãe dela ‘saiu pra vida’ e o meu filho tem outra esposa agora, trabalha...não tem como cuidar. Eu trabalho só com faxina, então peço pra minha vizinha reparar nela quando eu tiver algum serviço, eu fico com o bebê dela às vezes quando precisa também. (Extraído do diário de campo da autora, 2018)

A inserção de forma desigual na divisão social do trabalho impacta no acesso aos direitos e no que Alves (2010) denomina de vida reduzida⁷³. Nesse contexto, as categorias de precarização e de superexploração do trabalho tornam-se essenciais no processo de mediação reflexiva e ontológica dos Fundamentos do Serviço Social na perspectiva dialético-crítica.

A superexploração do trabalho constitui, para Marini (1967), o princípio fundamental da economia subdesenvolvida, com tudo o que implica em termos de baixos salários, falta de oportunidades de emprego, analfabetismo, subnutrição e repressão policial (MARINI, 1967, p. 91). Para Antunes (2020), o aumento da exploração do trabalho apresenta uma crescente configuração denominada como superexploração da força de trabalho, repercutindo em altas taxas de desemprego, informalidade, terceirização e flexibilização da força de trabalho.

⁷¹ Para maiores dados, ver: <https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-domestico/lang--pt/index.htm>

⁷² A prescrição de permanência na internação pós-parto era estabelecida em no mínimo 48 horas.

⁷³ “O tempo de vida reduzido a tempo de trabalho estranhado promove a vida enxuta” (ALVES, 2010, p.240), caracterizada pelo pragmatismo enquanto modo de ser, onde os requerimentos valorativos do trabalho estranhado invadem as concepções e utilizações do tempo de vida – com impactos expressivos na qualidade (valor de uso) do tempo.

Tais expressões, para Antunes (2020), ampliam os mecanismos de funcionamento do sociometabolismo do capital, que resulta em um expressivo aumento da conversão do trabalho em potencial gerador de mais valor, o que inclui desde as ocupações, tendencialmente em retração em escala global, que ainda estabelecem relações de trabalho pautadas pela formalidade e contratualidade, até aquelas nitidamente caracterizadas pela informalidade e flexibilidade. Sobre a conformação desigual e combinada da divisão internacional do trabalho nas periferias mundiais, Antunes explicita que

o proletariado nasceu eivado da condição de precariedade. Bastaria dizer que o proletariado no Brasil – e em vários outros países que vivenciaram o escravismo colonial – efetivamente floresceu a partir da abolição do trabalho escravo, herdando a chaga de um dos mais longevos períodos de escravidão, de modo que sua precarização não é a exceção, mas um traço constante de sua particularidade desde a origem (ANTUNES, 2020, p. 68)

O precariado, nesse contexto, é compreendido como

parte constitutiva do nosso proletariado desde sua origem, o seu polo mais precarizado, ainda que seja evidente [...] que entre nós também venha se desenvolvendo com rapidez um novo contingente do proletariado, largamente vinculado aos serviços, com um traço geracional marcante (juventude) e cujas relações de trabalho estão mais próximas da informalidade, do trabalho por tempo determinado, dos terceirizados e intermitentes, modalidades que não param de se expandir (ibidem).

Com a complexificação da precarização do trabalho e do ser que trabalha, há também a complexificação das expressões da questão social e do trabalho interventivo com a classe trabalhadora, uma vez que

a precarização do trabalho que ocorre hoje, sob o capitalismo global, seria não apenas “precarização do trabalho” no sentido de precarização da mera força de trabalho como mercadoria; mas seria também, “precarização do homem que trabalha”, no sentido de desefetivação do homem como ser genérico. O que significa que o novo metabolismo social do trabalho implica não apenas tratar de novas formas de consumo da força de trabalho como mercadoria, mas sim, novos modos de (des)constituição do ser genérico do homem. (ALVES, 2010, p.01)

Para Alves, as novas expressões advindas da precariedade salarial em um contexto de capitalismo financeiro alteram a dinamicidade da troca metabólica entre “o espaço-tempo de vida e espaço-tempo de trabalho” (ALVES, 2010, p.03), em detrimento de altas jornadas de trabalho – o que acaba por estreitar cada vez mais o espaço-tempo de formação de sujeitos humano-genéricos, aprofundando, desse modo, a “autoalienação do

homem que trabalha” (ALVES, 2010, p. 03). A cotidianidade dos seres humanos é impactada pela redução da vida pessoal a mero trabalho assalariado, ou seja, há uma redução do trabalho vivo à força de trabalho na forma mercadoria.

A instabilidade das novas configurações do mundo do trabalho e sua iminente flexibilização alteram igualmente a troca metabólica entre o homem e os outros homens (a dimensão da sociabilidade); e entre o homem e a si próprio (a dimensão da autorreferência pessoal) (ALVES, 2010, p. 03). O atual contexto da sociabilidade capitalista traz, assim, complexos desafios à apreensão da dinamicidade das relações sociais como um todo. Há nesse fenômeno traços superestruturais do modo capitalista de produção, que impactam diretamente no processo de hegemonia de interiorização dos valores-fetice da sociabilidade capitalista. Contexto que demonstra, por exemplo, a transversalidade da categoria violência nas relações sociais e de valores meritocráticos na conformação das refrações da questão social, as quais podem ser identificadas no cotidiano do exercício profissional.

[mãe de adolescente que está em medida de acolhimento institucional] – Eu tô abrindo mão da guarda dele! Eu tô cansada, sou só eu pra tudo, o pai dele foi embora e nem pensão paga. Eu disse pra conselheira vir buscar, ele não se ajuda! Não se interessa pela escola, diz que não aprende nada...já falei pra ele que quem quer, é só ir atrás. Quem sabe no ‘orfanato’ ele aprende e começa a me valorizar. (Extraído do diário de campo da autora, 2021)

É esta conjuntura que cria novos e intensos desafios para a profissão, tanto na apreensão do complexo de complexos (LUKÁCS, 1979, p.471) que compõe a totalidade social quanto na construção de intervenções profissionais alicerçadas em mediações ontológicas e reflexivas diante desse contexto. A dificuldade se expressa, sobretudo, no que se refere à apreensão dos elementos transpassados pela categoria contradição e pela categoria resistência presentes no cotidiano.

Argumentamos aqui que apreender a inserção da profissão na divisão social do trabalho perde sua potencialidade analítica e interventiva se destituída da totalidade social em que se insere e dos impactos desse processo na dimensão relacional da profissão com os sujeitos com os quais constrói sua intervenção profissional. Dito isso, voltemos à contribuição de Yamamoto para posteriormente retornarmos às reflexões sobre as particularidades da divisão social e técnica do trabalho no contexto brasileiro.

Yamamoto vem afirmando desde a década de 80 a necessidade de entender a profissão como um tipo de trabalho na sociedade: “uma especialização do trabalho, uma

profissão particular inscrita na divisão social e técnica do trabalho coletivo da sociedade” (IAMAMOTO, 2000, p.18) Uma afirmação que, se vista em sua imediaticidade, pode parecer óbvia e sem grande importância. “o que tem de novo nisso? Por que trabalho? É apenas uma mudança de nome, de prática para trabalho? Trata-se de uma mudança de nomenclatura ou de compreensão?” (ibidem, p.53). O contexto em que essa afirmação é defendida nos parece relevante para responder essa questão. Yamamoto firma seu posicionamento na compreensão do Serviço Social enquanto profissão, buscando desocultar lacunas ou, no limite, enganos analíticos da categoria no contexto de intenção de ruptura com a vertente conservadora que lhe era base.

Nesse contexto, houve na categoria tentativas que, ao tentar negar concepções conservadoras e funcionalistas do significado da profissão, acabavam por dar ênfase no polo positivo, no valor de uso do trabalho profissional. Isso se expressava a partir de uma difusa compreensão do exercício profissional, entendido enquanto prática profissional ligada à possibilidade de práxis (revolucionária) ou a partir de análises parciais, sem as devidas mediações com os condicionamentos inerentes a uma profissão e seu assalariamento – incorrendo no militantismo e messianismo. Apesar disso, importante destacar que para além das confusões conceituais, esse movimento expressa de forma muito legítima a preocupação, ainda na década de 80 e reatualizada na década de 90 com a dicotomia teoria e prática, bem como na materialização da vertente crítica em seu exercício profissional, objetivando-se sua consolidação⁷⁴.

Yamamoto, assim, vem defendendo a importância de não se desconsiderar os condicionamentos do que significa o Serviço Social ser uma profissão – inserida na divisão social e técnica do trabalho. Segundo a autora, a particularidade do Serviço Social no âmbito da divisão social e técnica do trabalho coletivo se encontra “organicamente vinculada às configurações estruturais e conjunturais da ‘questão social’ e às formas históricas de seu enfrentamento, que são permeadas pela ação dos trabalhadores, do capital e do Estado” (ABEPSS, 1996, p. 154). Destaca que o exercício profissional é

necessariamente polarizado pela trama de suas relações e interesses sociais. Participa tanto dos mecanismos de exploração e dominação, quanto, ao mesmo tempo e pela mesma atividade, da resposta às necessidades de sobrevivência das classes trabalhadoras e da reprodução do antagonismo dos interesses sociais. Isso significa que o exercício profissional participa de um processo que tanto permite a continuidade da sociedade de classes quanto cria as possibilidades de sua transformação. (IAMAMOTO, 2009, p.24)

⁷⁴ Debate que está intrinsecamente relacionado ao que se chamava de metodologia do Serviço Social. Maiores considerações no que se refere a esse processo podem ser vistas no subcapítulo 3.4

A mercantilização da força de trabalho, pressuposto do estatuto assalariado, subordina esse trabalho de qualidade particular aos ditames do trabalho abstrato e da alienação, impondo condicionantes socialmente objetivos à autonomia do assistente social na condução do trabalho e à integral implementação do projeto ético-político. Esses determinantes do trabalho profissional, no entanto, não são petrificados, uma vez que na conformação do exercício profissional há também elementos de autonomia relativa. Fato que, conforme Iamamoto (2009) repõe na particularidade da profissão o dilema entre

causalidade e teleologia, entre momentos de estrutura e momentos de ação, exigindo articular, na análise histórica, estrutura e ação do sujeito. Esse dilema tende a ser subjetivamente apreendido pelos profissionais de campo, ao nível da percepção cotidiana, de forma dualista, expressa no recorrente reclamo do distanciamento entre projeções e realidade, entre teoria e prática (ibidem, p. 32)

Essa insatisfação, para Iamamoto (2009) explicita a necessidade de considerar um campo de mediações entre o processo de análise da profissão para o efetivo exercício profissional, bem como a exigência de ruptura de análises unilaterais, que “ênfatizam um dos polos daquela tensão transversal ao trabalho do assistente social, destituindo as relações sociais de suas contradições” (ibidem, p. 33). A apreensão de tal condicionalidade é coerente com o método marxiano, na medida em que “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”(MARX, 2006, p.6).

O Serviço Social é assim reconhecido como uma especialização do trabalho, integrante das relações sociais que fundam a sociedade do capital. As relações sociais, por sua vez, são “geradoras da ‘questão social’ em suas dimensões objetivas e subjetivas, isto é, em seus determinantes estruturais e no nível da ação dos sujeitos” (IAMAMOTO, 2009b, p. 25). Para a autora, “as desigualdades e lutas sociais contra as mesmas se refratam na produção social, na distribuição desigual dos meios de vida e de trabalho, nas objetivações políticas e culturais dos sujeitos sociais.” (ibidem).

Essa relação entre a divisão social do trabalho e as refrações da questão social nos parece ser imprescindível para a reatualização do debate no contexto contemporâneo. Ao mesmo tempo, corrobora com a atualização do posicionamento de Iamamoto, a qual infere no livro *Capital Fetiche* que

a análise da profissão na divisão social e técnica do trabalho foi largamente incorporada pela categoria profissional, tomando-se de domínio público, o mesmo não ocorrendo com os seus fundamentos referentes ao processo de produção e reprodução das relações sociais. (IAMAMOTO, 2008, p. 213.)

Assim, entende-se que a divisão social e técnica do trabalho possui umbilical relação com as refrações da questão social cuja incidência se estabelece de forma objetiva e subjetiva, na produção e reprodução das relações sociais. Cabe a nós, então, compreender melhor essas categorias.

Os pressupostos para compreender esses processos são: I) tomar o trabalho como categoria central de compreensão dos seres e do desenvolvimento da sociedade e II) compreender a forma particular da produção e reprodução social no capitalismo, conformando as condições e modos de vida da classe-que-vive-do-trabalho. Nessa dissertação, acrescentamos outro pressuposto cuja relevância nos parece importante e que realizamos o movimento de tentar elucidar nas linhas acima: III) apreender a forma particular e desigual de inserção na divisão social do trabalho (entendida aqui em suas formas interseccionais) e o impacto disso nas formas de produção e reprodução das relações sociais. Esses pressupostos devem ser compreendidos a partir de seu chão histórico e das lentes que permitem seu desocultamento: o método dialético crítico de Marx. Para o autor, o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto – em sua estrutura e dinâmica real e objetiva, que independe das representações ou consciência do pesquisador. Pela teoria se reproduz em pensamento (concreto pensado) o movimento do real – sendo nesse ponto a inversão da dialética hegeliana proposta por Marx. Os outros dois primeiros pressupostos serão brevemente demarcados a seguir.

Dentro da perspectiva crítica do Serviço Social, a realidade interventiva sempre é analisada por seu caráter material, de objetivações sociais concretas⁷⁵. A concepção aqui posta é de que o indivíduo é um indivíduo social, que se objetiva socialmente pelo trabalho, transformando a si próprio, o outro e a natureza a partir do trabalho (MARX, 1988, p.202). O desenvolvimento do ser social a partir do trabalho é sempre um ato

⁷⁵ É por essa razão que o viés crítico da profissão confronta e refuta concepções funcionalistas ou idealistas dos sujeitos com os quais constrói sua intervenção, compreendendo que as relações sociais são condicionadas pelo sociometabolismo da sociedade capitalista, cuja função última é a apropriação cada vez mais privada da produção coletiva da sociedade, o que estrutura a questão social e suas múltiplas expressões. Estas, enquanto objeto de intervenção da profissão, se alicerçam não por dimensões individuais ou comportamentais dos sujeitos, ditos ‘disfuncionais’, mas sim da estrutura macrossocietária do capital que objetivamente condiciona seus modos e condições de vida.

teleológico, pois o ser humano “não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha consciente em mira” (MARX,1988, p.142).

na elaboração do mundo objetivo [é que] o homem se confirma, em primeiro lugar e efetivamente, como ser genérico. Esta produção é a sua vida genérica operativa. Através dela a natureza aparece como sua obra e sua efetividade (Wirklichkeit). O objeto do trabalho é portanto a objetivação da vida genérica do homem: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectual[mente], mas operativa, efetiva[mente], contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele.(MARX,2004, p.85)

Compreende-se, assim, a centralidade da categoria trabalho, na medida em que esta categoria marxiana se caracteriza enquanto atividade vital, vida genérica, “vida engendradora da vida” (MARX, 2004, p. 84). O ponto basilar exposto por Marx sobre a categoria trabalho na sociabilidade capitalista é exposto a partir de seu duplo caráter: a partir da interrelação do trabalho útil-concreto, caracterizado pela dimensão positiva ou qualitativa, que produz valor de uso indispensável à produção e reprodução humana para satisfazer socialmente suas necessidades físicas e espirituais; e do trabalho abstrato, caracterizado por sua dimensão negativa ou quantitativa, capturada e desenvolvida a partir do modo de produção capitalista, que gera a partir deste um valor de troca, no qual concentra-se a finalidade de produção de mais-valia.

Assim, na dimensão do trabalho abstrato, os objetos produzidos não servem para satisfazer as necessidades do trabalhador e de suas relações, mas sim da manutenção e desenvolvimento do capital. O ser social, em seu caráter inerentemente interligado ao trabalho útil-concreto, tem sua dimensão ocultada, pois é a partir do valor de troca que vende sua força de trabalho, transformando-se ele próprio em mercadoria. Enquanto mercadoria, a força e o tempo de trabalho do sujeito são convertidos em salário – o que garante a maioria da população apenas (ou quando muito) sua sobrevivência, em condições mínimas para que esse trabalho se mantenha abstrato, explorado – e possa reproduzir a si mesmo e, conseqüentemente, a sociedade em que está inserido.

Assim, podemos apreender que a produção e a reprodução social se referem às formas como as condições materiais de existência humana são produzidas e reproduzidas em um determinado contexto sócio-histórico, processo que, no contexto capitalista, se particulariza sobretudo a partir da díade exploração da força de trabalho - estranhamento do trabalho. Esta apropriação capitalista do sentido do trabalho – como valor de troca e não valor de uso – desmobiliza a consciência dos sujeitos, gerando o processo de estranhamento do trabalho.

Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital, ela estranha do homem o gênero [humano]. Faz-lhe da vida genérica apenas um meio da vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranhada. (MARX, 2004, p.85)

Segundo Marx (2004), o trabalho estranhado inverte “a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência.” (MARX, 2004, p. 85). Tem-se então que, no contexto da sociabilidade capitalista, as relações são fragilizadas no âmbito de seu valor genérico, tornando-se estranhadas, permeadas pelo que Alves (2010) denomina de precarização do homem-que-trabalha.

Esse cenário afeta e determina socialmente a demanda solicitada às profissões. Iamamoto e Netto, nesse contexto, se tornam figuras essenciais na produção de conhecimento da profissão, situando o Serviço Social não como evolução de formas caritativas de intervenção na realidade social, mas enquanto produto e demanda das transformações advindas do capitalismo monopolista – e sendo por ele irrestritamente implicado⁷⁶.

As determinações da produção e reprodução da sociabilidade capitalista não impactam somente na estrutura e dinâmica da formação e do exercício profissional do Serviço Social, ao contrário, acomete todos os complexos da vida social, abarcando a tríade singular – particular – universal. Produção e reprodução da vida social são momentos diferenciados de uma mesma forma social e compreender as condições objetivas em que essas relações se materializam é insuprimível de qualquer análise sobre o cotidiano dos indivíduos se os entendemos enquanto seres sociais. Essas condições objetivas da vida social são o chão histórico onde se constroem os modos de vida dos seres sociais, isto é, “nas relações que estabelece, no significado que atribui a estas relações, na sua linguagem, representações” (PRATES, 2003, p. 4). Conforme Marx:

O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. [...] O que eles são coincide, pois, com sua produção, tanto com o que produzem como também com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto,

⁷⁶ 18 Considerando a extensa literatura sobre essa interconexão indicam-se enquanto referências para aprofundamento o debate feito por IAMAMOTO (2005; 2008; 2010) e NETTO (1992; 1998).

depende das condições materiais de sua produção. (MARX;ENGELS, 2004, p. 27)

A ode ao sujeito meritocrático, em que sua ascensão é avaliada pela famosa frase “basta ter força de vontade”, ou seja, que este pode determinar seu modo de vida independente das condições em que se objetiva, explicita sua essência mistificadora nessa concepção. Não se trata aqui, tampouco, de recairmos sob um discurso de imobilismo que retira a dimensão dos sujeitos enquanto sujeitos da história, pois não se trata de uma relação mecânica entre causalidade e teleologia, mas sim dialética.

No âmbito histórico e determinado da produção e reprodução social da sociedade capitalista, há uma invariável determinação do caráter abstrato do trabalho. Ou seja, os indivíduos sociais necessitam vender a sua força de trabalho, transformando-a em mercadoria e submetendo-se a condição de exploração de sua força de trabalho, para que a extração de mais-valia e a produção social capitalista da sociedade se efetive e para que os indivíduos possam, assim, garantir a sua reprodução via assalariamento – o que também faz com que o sistema capitalista se mantenha, ou seja, se reproduza. Contudo, esse assalariamento ao aparecer como preço do trabalho encobre toda a divisão da jornada de trabalho (IAMAMOTO; CARVALHO, 1982) necessário e excedente (não pago), fazendo com que todo o trabalho entregue apareça na sua imediatez como trabalho pago, ocultando o processo de exploração que lhe é inerente.

Essa exploração da força de trabalho não é vivenciada de forma igual por toda a classe trabalhadora, uma vez que esse processo é permeado de um campo de mediações que particularizam as condições objetivas pelas quais os sujeitos vivenciam a exploração de sua força de trabalho a partir de sua inserção desigual [ou sua ausência] na divisão social do trabalho⁷⁷ – que é transpassada pela luta de classes.

O Serviço Social, nesse contexto, necessita ser mais bem explicitado. Na pesquisa do CFESS (2005) tem-se que a categoria era majoritariamente composta por mulheres (97%), brancas (72,14%) e heterossexuais (95%). Soma-se a isso, a declaração de renda familiar da (o) assistente social, maior do que sua renda individual, pois prevalecia a renda

⁷⁷ “Esse fixar-se da atividade social, essa consolidação de nosso próprio produto num poder objetivo situado acima de nós, que foge ao nosso controle, que contraria nossas expectativas e aniquila nossas conjeturas, é um dos principais momentos no desenvolvimento histórico até aqui realizado. O poder social, isto é, a força de produção multiplicada que nasce da cooperação dos diversos indivíduos condicionada pela divisão do trabalho, aparece a esses indivíduos, porque a própria cooperação não é voluntária mas natural, não como seu próprio poder unificado, mas sim como uma potência estranha, situada fora deles, sobre a qual não sabem de onde veio nem para onde vai, uma potência, portanto, que não podem mais controlar e que, pelo contrário, percorre agora uma sequência particular de fases e etapas de desenvolvimento, independente do querer e do agir dos homens e que até mesmo dirige esse querer e esse agir”. (MARX, 2004, p.38)

familiar de mais de nove salários-mínimos (37,12%). A contemporaneidade do debate envolvendo a divisão social e técnica do trabalho pode expressar-se tanto na reatualização das formas como o Serviço Social se percebe na relação entre profissão e realidade, a partir de novas aproximações com a temática e de correlações com a divisão sexual e étnico-racial do trabalho, quanto na compreensão dos impactos dessa divisão na vida dos sujeitos com os quais construímos nossa intervenção profissional.

Essa relação de continuidade no debate é importante sobretudo ao se verificar que, apesar da relevância da categoria “divisão social e técnica” nas concepções de Fundamentos do Serviço Social e a presença desse descritor em 56,9 % da amostra, as duas maiores tendências de utilização da categoria se dão a título de contextualização dos pressupostos teóricos da produção ou articulada com os desafios da categoria profissional diante do contexto brasileiro e do sistema capitalista de produção. Assim, converge-se com Yazbek ao afirmar a importância de

uma concepção de profissão que, inserida no contexto da divisão social e técnica do trabalho, mas também uma divisão sexual e étnico-racial do trabalho, cada vez mais perceptível essa apreensão...e assim, eu tô apresentando uma concepção de profissão que tem na centralidade do trabalho e dos trabalhadores e suas lutas um eixo definidor da sua natureza (Extraído de fala de Yazbek em YAZBEK.2020)

Esse ponto se torna relevante para compreendermos não somente os impactos sobre a profissão, mas também sobre seu objeto – elemento de fulcral importância para os Fundamentos do Serviço Social e que informa as características do Serviço Social enquanto trabalho especializado, demandado pela sociedade. É a partir dessa compreensão que entendemos que a subalternidade do trabalho caracterizado por ser feminino possui um recorte particular no processo de institucionalização:

Aceitando a idealização de sua classe sobre a vocação natural da mulher para as tarefas educativas e caridosas, essa intervenção assumia, aos olhos dessas ativistas, a consciência do posto que cabe à mulher na preservação da ordem moral e social e o dever de tornarem-se aptas para agir de acordo com suas convicções e suas responsabilidades. [...] Uma participação ativa no empreendimento político e ideológico de sua classe, e da defesa facultada um sentimento de superioridade e tutela em relação ao proletariado, que legitima a intervenção (IAMAMOTO; CARVALHO, 2007, p. 172).

Consideramos importante reconhecermos que no recorte de classe e gênero demandado ao perfil esperado desses profissionais na gênese e desenvolvimento do Serviço Social há uma inegável correlação histórico-social com o pacto da branquitude explicitado por grandes autoras e autores negros do pensamento social brasileiro, não

como mera transposição ocasional de valores católicos. Não à toa, Gracielly Ferreira, em tese ganhadora no ano de 2021 do Prêmio Capes de Teses na área de Serviço Social desoculta a importância da difusão do mito da democracia racial como parte de um processo de criação de consensos com a classe trabalhadora do país, via eugenia e culturalismo na gênese das políticas sociais – contexto que Netto (2011) corretamente denominou os assistentes sociais enquanto ‘executores terminais’.

Avalia-se que esse debate é importante para compreendermos a inserção do Serviço Social na divisão social, sexual e racial do trabalho, dado o perfil histórico que conforma esses profissionais em termos de classe, raça e gênero e o perfil da população que vivencia os maiores índices de desigualdade - e, portanto, impactada pelas refrações da questão social em seu polo negativo. Não nos parece pouco relevante um estudo com maior profundidade da perpetuação do pacto da branquitude e sua relação com a reprodução da coerção e do consenso pelo exercício profissional. Yazbek⁷⁸, nesse sentido, aponta de forma correta um movimento gradual de reconhecimento da profissão para esse debate:

Eu vejo assim, é um processo, nós temos colocado isso na PUC, é um aprendizado nosso da categoria profissional dos assistentes sociais, encampado pelo CFESS, CRESS, pela ABEPSS, pelas entidades estudantis, por grupos profissionais... Quer dizer, não que não existisse racismo, o racismo é estrutural, sempre existiu, mas acho que nós próprios incorporávamos, né? Essa naturalização sem entender o escândalo e a vergonha que ela é, e agora a gente está explicitando isso, vinculando à questão social, ao mundo do trabalho... esse é um dado positivo, essa consciência que o Serviço Social está explicitando de que lado ele está” (Extraído de fala de YAZBEK, em YAZBEK, 2020)

Essas determinações sócio-históricas do perfil da profissão necessitam acompanhar o movimento histórico da sociedade se nossa intenção é apreender a complexificação dos processos sociais. Em estudo do ENADE 2018, verifica-se uma manutenção do perfil majoritariamente feminino da categoria profissional (tanto na modalidade de Educação a Distância com 91,6% quanto na de Educação Presencial com 91,0%). Contudo, há uma inflexão no que se refere à declaração de raça/etnia e a sua renda familiar se comparado ao estudo do perfil dos assistentes sociais realizado pelo CFESS em 2005. Na pesquisa do ENADE (2018) constata-se que a parcela de estudantes que se autodeclararam negros ou pardos é de 63,6% (42,5% de pardos e 21,1% de negros)

⁷⁸ Ferreira (2020, p. 263) afirma que “ainda está para ser desvendada a participação de assistentes sociais no projeto de nação eugênica incorporada pela instituição estatal”.

na modalidade presencial e 62,4% na modalidade de Ensino à distância (50,9% pardos e 11,5% negros)⁷⁹.

A taxa modal da faixa de renda mensal familiar declarada pelos estudantes de Serviço Social foi de 1,5 de salário-mínimo na modalidade presencial (39,7%) e à distância (36,8%)⁸⁰. Compreendendo os limites dessa análise diante da falta de dados mais atualizados no que se refere ao perfil profissional, infere-se que há um processo tendencial de mudança do perfil profissional em curso e que deve ser apreendido se entendemos aqui a relevância da relação do eixo realidade-profissão para o debate dos Fundamentos do Serviço Social. Conforme explicita Yazbek:

Quem são os que chegam ao nosso atendimento [...] quem vai ao CRAS, quem é usuário das políticas [sociais]... O debate dessa questão ela foi se impondo à profissão, e ela foi se impondo... Na minha avaliação, na medida em que já avançou no domínio da realidade, quem são eles, né, quem são os profissionais também, mudou o perfil, bom, tudo muda né... Nós estamos com assistentes sociais na pós-graduação que vieram da luta, que vieram lá do [bairro] Jardim Ângela, que gastam 3 horas de ônibus para chegar numa aula de pós e para descobrir Lukács, é muito bonito esse processo, também mudou o perfil do assistente social, daquela burguesia originária, para as classes médias, chegamos... com todos os problemas que isso tem na graduação, a dificuldade até de compreensão de texto e a gente que está na docência tem que caminhar junto, tem que fazer esse processo crescer, nós não podemos perder essa luta, que é uma luta muito desigual. (ibidem)

Avalia-se, dessa forma, que os Fundamentos do Serviço Social não podem ser destituídos das condições materiais concretas em que os profissionais se inserem na divisão social do trabalho (aqui entendida enquanto divisão social, étnico-racial e de gênero) e da inerente característica relacional de seu exercício profissional, o que nos exige a compreensão qualificada tanto sobre as condições e modos de conformação da categoria profissional quanto das condições e modos de vida dos sujeitos com os quais construímos a nossa intervenção profissional, entendendo que essa relação compõe uma unidade de classe-que-vive-do-trabalho. Requer a compreensão da diversidade particular que compõe essa unidade, que não pode ser destituída da materialidade da exploração do

⁷⁹ Na pesquisa feita com os profissionais em 2005, teve-se o resultado de 24,33% se autodeclararem pardos ou negros (4,01% e 20,32% respectivamente). Destaca-se que, apesar da nomenclatura utilizada por ambas as pesquisas, tomamos como pressuposto a compreensão posta no Estatuto da Igualdade Racial (2010) de que a população negra se refere ao conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, reiterando a concepção utilizada por Akotirene (2020); Devulsky (2021).

⁸⁰ Em contraposição à renda familiar declarada pelos profissionais em 2005 com 37,12% na faixa de mais de nove salários-mínimos.

trabalho e das refrações da questão social que derivam dessa inserção precariamente desigual⁸¹.

Este ângulo de análise exige decifrar as multifacetadas refrações da “questão social” no cotidiano da vida social, abrangendo suas manifestações universais, particulares e singulares, a objetividade e a subjetividade, os momentos econômicos, sociais, éticos, políticos e ideoculturais, que são a “matéria” do trabalho do assistente social (ABESS/CEDEPSS, 1997 apud IAMAMOTO, 2009, p. 13)

O debate da divisão social do trabalho ganha novos contornos e potencialidades a partir da compreensão de que se trata de uma categoria essencial não somente para a autoimagem da profissão, mas também para a apreensão das refrações da questão social na vida da classe que vive do trabalho – e portanto, dos segmentos e sujeitos com os quais construímos nossa intervenção - conformando uma inserção desigual à divisão social do trabalho. A ausência dessas mediações reflexivas e ontológicas da divisão social do trabalho se expressa, por exemplo, em um discurso presente em uma parte da categoria (e não só dela) do não ‘adesismo’ das famílias aos serviços da rede de políticas públicas, onde se é desconsiderado esse fator de inserção - majoritariamente precária - dos sujeitos em uma divisão social do trabalho. Julga-se o não comparecimento, a não procura espontânea. Ou então explicitado na própria intervenção profissional, que dá centralidade ao papel da mulher (e sua invariável culpabilização) quando estamos inseridos em serviços de atendimento de demandas familiares. Os exemplos são muitos, mas qual o papel do assistente social nesse processo?

Nos parece que centra-se na compreensão desses condicionamentos e a necessária complexificação da análise em um caráter totalizante, considerando as mediações que esses determinantes geram nos modos de vida da classe-que-vive-do-trabalho e no tensionamento para que essas determinações sejam consideradas no processo de trabalho em que se insere, no sentido de desburocratização e participação ativa da população para a garantia de seus interesses, o que necessariamente perpassa uma análise autocrítica de nossa inserção na divisão social e técnica do trabalho, que possa equalizar em sua análise as contradições da profissão a partir do duplo caráter do trabalho, dos processos de produção e reprodução social e os condicionantes particulares da formação social

⁸¹ Concorda-se com Antunes quando este refere que o “processo de assalariamento, por si só, já subentende uma necessária precarização diante do trabalho não pago. Mas “há degraus”, não dá para dizer que a exploração e extração de mais-valia se dá de forma igual [...]. Isso articulado com um contexto maior de divisão do trabalho internacional.” (2020, p. 79)

brasileira para o debate da inserção desigual na divisão social do trabalho em um capitalismo dependente.

3.2 ESTADO, POLÍTICAS SOCIAIS E QUESTÃO SOCIAL: OS DESAFIOS DESSA RELAÇÃO COM A PROFISSÃO

[Gestor da política de assistência social municipal]. Eu não sou técnico da área, tem coisas que vocês da *assistência social* que vão saber me dizer. Eu admiro muito vocês, porque vocês têm vocação para isso, é preciso vocação para fazer esse trabalho (Extraído do diário de campo da autora, 2020)

Expressões como essa, vindas de gestores das políticas públicas, são ainda recorrentes e fazem parte de como a profissão se inseriu na divisão social e técnica do trabalho a partir de demandas colocadas pelo dinamismo da sociedade capitalista. No entanto, avalia-se que o mimetismo que essa relação Estado – políticas sociais trouxe para a profissão não se refere apenas a um movimento externo a ela (mediações pelas quais se materializa a demanda que explicita a necessidade da profissão), sendo fruto também das contradições que conformaram o processo pelo qual compreendemos a profissão e seus fundamentos, a partir de determinadas condições objetivas do contexto sócio-histórico em que essa relação se estabeleceu.

‘Estado’ foi a categoria com maior percentual total de frequência na amostra total (5,62%) e a com maior índice de presença no total de documentos (presença em 77% da amostra total). Questão social, por sua vez, apresenta uma frequência de 3,03% e 84,62% de presença no total de documentos. O quadro geral com as categorias com maior presença entre a amostra total dos documentos segue abaixo:

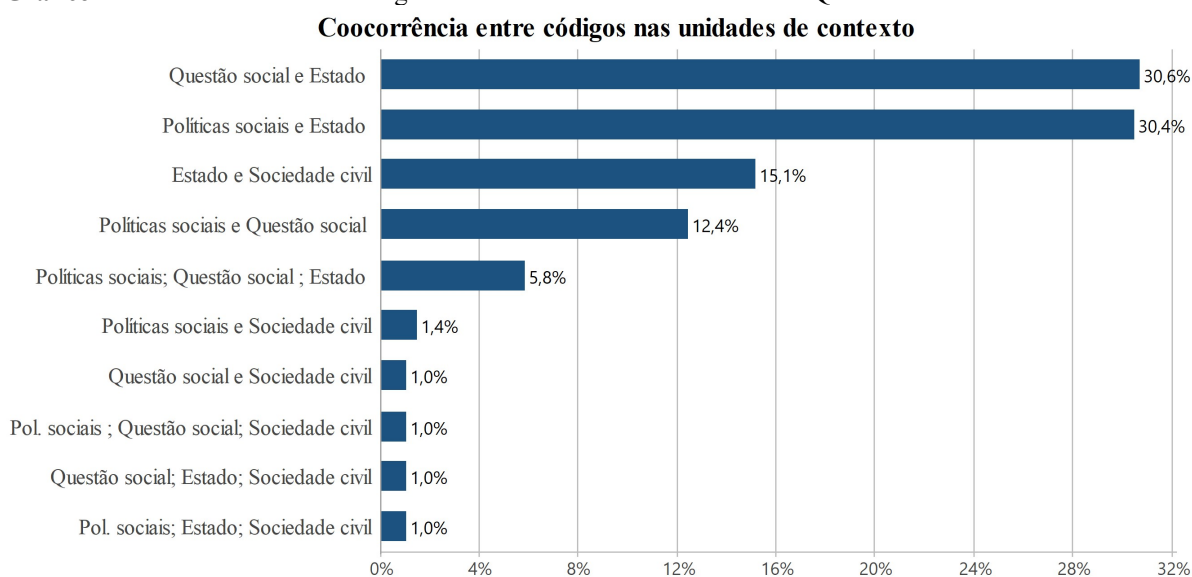
Tabela 12 – Categoria com maior frequência e presença na amostra total

CATEGORIA	% FREQUÊNCIA	% PRESENÇA
Estado	5,62%	90,77%
História	2,80%	87,69%
Totalidade	3,52%	86,15%
Classe	3,62%	86,15%
Questão social	3,03%	84,62%
Direitos	2,72%	84,62%
Cotidiano	1,84%	84,62%
Teoria	3,05%	83,08%
Políticas Sociais	2,36%	81,54%
Conservadorismo	1,20%	81,54%
Iamamoto	2,12%	80%

Fonte: elaborado pela autora, 2021.

As categorias ‘Estado’ e ‘Questão social’ apresentam coocorrência de 30,6% entre si ao longo das unidades de contexto. Ademais, por meio da investigação, verifica-se que a relação entre Estado e questão social, analisada por meio da teoria marxiana se caracteriza enquanto um elemento estruturante dos Fundamentos do Serviço Social. Ao longo da amostra essa relação se explicita na produção da área a partir de outras duas categorias: políticas sociais (apresenta 30,4% de coocorrência com a categoria Estado ao longo das unidades de contexto) e sociedade civil (apresenta 15,1% de coocorrência com a categoria Estado ao longo das unidades de contexto). O gráfico abaixo elucida a porcentagem de coocorrências dessas categorias entre si:

Gráfico 7 – Coocorrência entre códigos nas unidades de contexto Estado – Questão social



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Essa delimitação, no entanto, não significa que partamos do pressuposto de que as políticas sociais são integrantes dos Fundamentos do Serviço Social. Vejamos esse dilema mais de perto. Na produção de conhecimento da área, a articulação do debate entre Estado e Fundamentos do Serviço Social possui um contexto que, assim como o debate da divisão social e técnica do trabalho, necessita ser explicitado.

Iamamoto, nesse perspectiva, aparece como significativa referência e pioneirismo nas tendências analíticas desse tema. No livro *Serviço Social na contemporaneidade*, ao defender a compreensão do Serviço Social como trabalho, afirma que isso supõe apreender a chamada ‘prática profissional’ (nomenclatura que, como vimos no subcapítulo anterior, a autora tece críticas) profundamente “condicionada pelas relações entre o *Estado e a Sociedade Civil*, ou seja, pelas relações entre as classes na sociedade, rompendo com a *endogenia* no Serviço Social” (IAMAMOTO, 2000, p. 21-22). A afirmação de Iamamoto se estabelece a partir de sua divergência com uma concepção do Serviço Social como evolução da filantropia estabelecida em sua protoforma.

que sustenta que o Serviço Social se torna profissão ao se atribuir uma base técnico-científica de atividades de ajuda, à filantropia. Esta é uma visão de dentro e por dentro das fronteiras do Serviço Social, como se ele fosse fruto de uma evolução interna e autônoma das formas de proteção e de apoio social (ibidem, p. 22)

Contrária a esse argumento, Iamamoto explicita que a constituição e institucionalização do Serviço Social como profissão na sociedade se estabelece a partir da progressiva ação do Estado na regulação da vida social, quando esse passaria a

administrar e gerir o conflito de classes, o que pressupõe, na sociedade brasileira, a relação capital/trabalho constituída por meio do processo de industrialização e urbanização. É quando o Estado se "amplia", nos termos de Gramsci, passando a tratar a questão social não só pela coerção, mas buscando um consenso na sociedade, que são criadas as bases históricas da nossa demanda profissional” (ibidem, p.24).

A partir desse ponto, Iamamoto refere se utilizar do conceito de Estado ampliado de Gramsci, apoiada na interpretação de Coutinho como as notas de rodapé indicam⁸². Verifica-se, assim, que a relação entre Estado e sociedade civil, largamente utilizada na produção da área e enfatizada com centralidade pela autora na busca de um rompimento

⁸² “N.R: Cf Gramsci, A. Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 3ª ed., 1978; COUTINHO, C. N. Gramsci. Um estudo sobre o seu pensamento político. Rio de Janeiro, Campus, 1989; _____. A dualidade dos poderes. Introdução à teoria Marxista do Estado e da Revolução. São Paulo, Brasiliense, 2ª., 1987”.

com a endogenia do Serviço Social, se estabelece a partir de influências gramscianas e da interpretação de Coutinho. Em outro trecho da obra, a autora afirma que

N.R. 349. Utilizo, neste trabalho, como mutuamente complementares, ainda que distintas, as noções de sociedade civil em Marx e em Gramsci. Marx situa a sociedade civil no terreno da produção social, das classes sociais, *privilegiando o momento econômico*. Gramsci, embora reconhecendo na economia a gênese da política (a existência de classes antagônicas que condiciona a de governados e governantes), privilegia o ângulo da política: a sociedade civil como âmbito no qual as classes sociais buscam exercer sua hegemonia, isto é, ganhar aliados para suas posições mediante a direção política e o consenso. A sociedade civil, como portadora dos aparelhos de hegemonia: organismos de participação política, aos quais se adere voluntariamente, responsáveis pela elaboração e difusão de ideologias. Cf. COUTINHO, C. N. Gramsci. Um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro, Campus, 1989. (ibidem, p. 249)

Nesse ponto interpretativo da categoria Estado e sociedade civil em Marx, acreditamos que há divergências⁸³. Partimos do pressuposto que essa análise incorre em certos reducionismos da obra marxiana e, sobretudo, de seu método. A sociedade civil para Marx é, necessariamente, a sociedade civil burguesa. No prefácio de 1859, Marx refere que

A minha investigação desembocou no resultado de que relações jurídicas, tal como formas de Estado, *não podem ser compreendidas a partir de si mesmas* nem a partir do chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas enraízam-se, isso sim, nas relações materiais da vida, cuja totalidade Hegel, na esteira dos ingleses e franceses do século XVIII, resume sob o nome de "sociedade civil", e de que a anatomia da sociedade civil se teria de procurar, porém, na economia política (MARX, 1980, p. 3)

Continua, afirmando que o fio condutor de suas investigações pode ser sucintamente assim formulado:

na produção social da sua vida os homens entram em determinadas relações, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada etapa de desenvolvimento das suas forças

⁸³ E que podem ser vistos inclusive entre a concepção de Coutinho e Iamamoto. Ao realizar uma leitura atenta do texto de Coutinho utilizado por Iamamoto para justificar a distinção entre a concepção de sociedade civil em Marx e Gramsci e sua opção por juntar as duas, avalia-se que essa não é a apreensão realizada por Coutinho, apesar de Iamamoto o utilizar como referência. Coutinho concorda com a análise de que a sociedade civil em Marx se restringe ao âmbito da estrutura, mas está criticando a limitação da análise feita por Bobbio de que, para Gramsci, a sociedade civil privilegiaria o âmbito da superestrutura, defendendo que Gramsci “não inverte nem nega as descobertas essenciais de Marx, mas ‘apenas’ as enriquece, amplia e concretiza” (ibidem, p. 74). A concepção de Coutinho, nesse sentido, não compreende que há a necessidade de complementaridade entre a elaboração de Marx e Gramsci (conforme Iamamoto elucida) mas que a elaboração de Gramsci abarcaria os elementos explicitados por Marx, caso contrário, “Gramsci seria assim um idealista em teoria social, na medida em que passaria a colocar na superestrutura política, e não na base econômica, o elemento determinante do processo histórico.” (ibidem)

produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política [...] O modo de produção da vida material é que condiciona o processo da vida social, política e espiritual. (ibidem, p.5)

Com essa leitura de alguns trechos da obra marxiana, já nos parece uma análise simplificadora limitar sua leitura da sociedade civil a um restrito ‘privilégio’ ao momento econômico. O que Marx nos aponta é que as formas da superestrutura não se explicam por elas mesmas, possuindo uma base que lhe dá materialidade objetiva – as relações de produção. Nas Cartas direcionadas a Bloch, Engels reitera essa compreensão ao afirmar que

De acordo com a concepção materialista da história, o elemento determinante final na história é a produção e reprodução da vida real. *Mais do que isso, nem eu e nem Marx jamais afirmamos. Assim, se alguém distorce isto afirmando que o fator econômico é o único determinante, ele transforma esta proposição em algo abstrato, sem sentido e em uma frase vazia.* As condições econômicas são a infraestrutura, a base, *mas vários outros vetores da superestrutura* (formas políticas da luta de classes e seus resultados, a saber, constituições estabelecidas pela classe vitoriosa após a batalha, etc., formas jurídicas e mesmo os reflexos destas lutas nas cabeças dos participantes, como teorias políticas, jurídicas ou filosóficas, concepções religiosas e seus posteriores desenvolvimentos em sistemas de dogmas) *também exercitam sua influência no curso das lutas históricas e, em muitos casos, preponderam na determinação de sua forma.* (ENGELS, 1978, p.1)

No que se refere ao posicionamento de utilização do conceito de Estado ampliado, Coutinho assim justifica nas obras referenciadas por Yamamoto: afirma que há tendencialmente em Marx uma identificação do Estado com o conjunto de seus aparelhos repressivos, o que justificaria a denominação do poder do Estado no Manifesto do Partido Comunista enquanto “um comitê que administra os negócios comuns da classe burguesa como um todo” (MARX, ENGELS, 1998, p. 14). Fato que, segundo Coutinho, não se trata de uma expressão de unilateralidade em Marx, mas sim uma condição objetiva de seu tempo histórico, sendo essa a configuração real da natureza dos Estados com os quais o autor se defrontou⁸⁴.

⁸⁴ “Numa época de escassa participação política, quando a ação do proletariado se exercia sobretudo através de vanguardas combativas mas pouco numerosas, atuando compulsoriamente na clandestinidade, era natural que esse aspecto repressivo do Estado burguês se colocasse em primeiro plano na própria realidade e, por isso, merecesse atenção prioritária dos clássicos. (ibidem, p.75)

Partindo do entendimento de que no Brasil a formação sócio-histórica do país se estabeleceu a partir de uma ‘via prussiana’⁸⁵ e de uma formação oriental⁸⁶, o autor refere que esse quadro se altera progressivamente a partir de 1930 e, com o processo de modernização conservadora impulsionado pela ditadura, que contraditoriamente criou uma sociedade civil ‘não mais primitiva e gelatinosa’, ocorreu um processo de “complexificação da estrutura social e diversificação de interesses promovido pelo desenvolvimento capitalista” (COUTINHO, 2000, p. 89). Assim, Coutinho avalia que a partir dos anos 80 o Brasil conformou-se em uma sociedade ocidental, ou seja, com um Estado ampliado. Com a crise da autocracia burguesa, Coutinho refere que há a possibilidade de “formação de um novo regime político, centrado prioritariamente no consenso e não mais na simples coerção” (COUTINHO, 1980, p.58) visando à superação “definitiva do modo ‘elitista’ e ‘marginalizador’ de se fazer política no Brasil” (ibidem). A lógica de ampliação do consenso pode ser vista nas articulações de Yamamoto⁸⁷ ao particularizar o debate para o eixo da profissão:

Nenhuma sociedade sobrevive apenas à base da coerção, mas para sobreviver tem de criar consensos de classes, base para construir uma hegemonia na vida social. O assistente social é um dos profissionais que está nesse "mar de criação de consensos". Por exemplo, uma de suas requisições clássicas - criar um comportamento produtivo da força de trabalho na empresa hoje se atualiza no sentido de criar um consenso em torno dos programas de qualidade total, do alcance de metas de produtividade, da garantia de padrões de qualidade dos produtos. [...] De um outro ângulo inteiramente distinto, o assistente social é chamado hoje a atuar no âmbito dos Conselhos de políticas sociais (saúde, assistência social) e de direitos da criança e do adolescente, de idosos, de deficientes. Os profissionais estão, também, contribuindo para a criação de *formas de um outro consenso* - distinto daquele dominante - ao reforçarem os interesses de segmentos majoritários da coletividade. Contribuem nesta direção ao socializarem informações que subsidiem a formulação/gestão de políticas e o acesso a direitos sociais; ao viabilizarem o uso de recursos legais em prol dos interesses da sociedade civil organizada; ao interferirem na gestão e avaliação daquelas políticas, ampliando o acesso a informações a indivíduos

⁸⁵ De acordo com Silva (2018, p.31) a via prussiana utilizada por Coutinho se refere a “a forma prussiana, com ausência das massas populares nas grandes decisões políticas conformando acordos entre as frações dominantes pelo alto, conservando as relações “arcaicas” e evitando rupturas radicais, que é a chave heurística para compreender o Brasil.”

⁸⁶ Ao se valer de categorias de Gramsci, Coutinho afirma: “tomando como base a distinção entre Oriente e Ocidente por ele estabelecida, eu diria que o Brasil foi, pelo menos até os anos 1930, uma formação político social de tipo ‘oriental’, na qual o Estado é tudo e a sociedade civil é primitiva e gelatinosa. (Lembremos que, para o pensador italiano, o Ocidente se caracteriza por uma ‘relação equilibrada entre Estado e sociedade civil’).(COUTINHO, 2006, p.1)

⁸⁷ Pode-se perceber uma diferenciação na forma como Yamamoto estabelece essa discussão na obra Renovação e conservadorismo no Brasil e suas produções posteriores. Na primeira, fruto de sua dissertação, inicia o capítulo questionando ‘Assistente Social: profissão da coerção ou do consenso? E termina sua reflexão afirmando que “trata-se de um intelectual subalterno, de um profissional da coerção e do consenso, predominantemente articulado à burguesia como integrante de seu ‘partido ideológico’ – citando Gramsci enquanto referência de sua nota de rodapé. (IAMAMOTO, 2000 p. 53). Nas obras seguintes, Yamamoto não realiza maiores articulações da coerção com a profissão.

sociais para que possam lutar e interferir na alteração dos rumos da vida em sociedade (IAMAMOTO, 2000, p.67)

Nesse contexto, Iamamoto elabora o conceito de consensos a partir de duas vias contrárias via processo de hegemonia ou contra-hegemonia. Aduz que o Serviço Social é um trabalho especializado, expresso sob a forma de serviços e que

interfere na reprodução material da força de trabalho e no processo de reprodução sociopolítica ou ideopolítica dos indivíduos sociais. O assistente social é, neste sentido, um intelectual que contribui, junto com inúmeros outros protagonistas, *na criação de consensos na sociedade*. Falar em consenso diz respeito não apenas à adesão ao instituído: é consenso em torno de interesses de classes fundamentais, sejam dominantes ou subalternas, contribuindo no reforço da hegemonia vigente ou criação de uma contra-hegemonia no cenário da vida social (ibidem, p.69)

Colocadas essas questões, retornemos a Marx. As críticas realizadas a uma dita concepção de Marx sobre o Estado necessitam ser analisadas com maior profundidade. Na perspectiva explicitada nas linhas acima, Marx tendencialmente teria um olhar restrito ao Estado, invariavelmente subserviente à classe dominante e com características – arcaicamente – repressivas, de forma a não ser possível articular suas elaborações contemporaneamente sem novos aportes teóricos marxistas. A articulação com autores contemporâneos não só é um elemento essencial, como se entende enquanto um pressuposto do próprio método dialético crítico. O que se coloca em questão são as sínteses conformadas da obra marxiana sobre o Estado. Nesse sentido, converge-se com Iasi (2017) ao afirmar que

Falar de uma teoria do Estado em Marx não pode ser confundido com a ossatura de conceitos e categorias mortas, engessadas na forma de leis e juízos imutáveis. Uma vez que o fundamento real dos conceitos é a materialidade viva e histórica, esses momentos ideais apresentam-se em constante movimento vivo, sem que, por isso, percam sua solidez de verdade e de capacidade de compreensão do real e de suas determinações (IASI, 2017, p. 157)

Podemos dizer que a crítica que Marx realiza ao Estado inicia-se articuladamente por uma crítica ao direito. Na crítica da filosofia do direito de Hegel e depois nos Manuscritos Econômicos Filosóficos, Marx explicita a contradição do direito e do Estado ao pretensiosamente expressar-se como interesse universal, mas que objetivamente se substancia por interesses particulares da sociedade burguesa, diante da necessidade de criação dos sujeitos de direito por meio das relações de troca:

As mercadorias não podem ir por si mesmas ao mercado e se trocar. [...] Para que essas coisas se refiram umas às outras como mercadorias, é necessário que os seus guardiões se relacionem entre si como pessoas, cuja vontade reside nessas coisas, de tal modo que um, somente de acordo com a vontade do outro, portanto cada um apenas mediante um ato de vontade comum a ambos, se aproprie da mercadoria alheia enquanto aliena a própria.[...]Eles tem, portanto, de se reconhecer mutuamente como proprietários privados. (MARX, 2008, p.198)

Assim, a partir da consolidação regular do modo capitalista de produção, a manutenção da ordem e de seu *modus operandi* jurídico se torna uma necessidade para seu sociometabolismo (MÉSZÁROS, 2008), função destinada ao Estado, que pretensamente estaria situado externamente a esse processo – daí o caráter do fetichismo nessa relação. Marx explicita que apesar do Estado apresentar-se em prol de um interesse universal, supostamente abolindo os interesses particulares, na verdade sua existência os pressupõe. Essa contradição se expressa na relação entre os humanos, uma vez que a liberdade como ‘direito do homem’ se constitui não na relação entre os seres humanos, mas antes “na separação do homem a respeito do homem. É o direito de tal separação, o direito do indivíduo circunscrito, fechado em si mesmo” (MARX, 2010, p.24), gerado a partir da propriedade privada. O direito à propriedade privada, por sua vez, “leva cada homem a ver nos outros homens, não a realização, mas a limitação da sua própria liberdade” (MARX, 2010, p.24) – enquanto premissa de uma igualdade despolitizada, ou seja, igualdade de liberdade de troca. Assim, os seres humanos são “*citoyens* [cidadãos com direitos] diante do Estado e *bourgeois* [membros da sociedade burguesa] na sociedade civil-burguesa.” (IASI, 2017, p. 150). A universalidade, assim, é necessariamente abstrata, formal, porque se “refere a uma particularidade fundada na exploração, na apropriação privada da riqueza socialmente produzida” (ibidem, p. 157). A cisão entre “o ‘Estado político’ e a ‘sociedade civil’ não apenas faz com que o indivíduo se reconheça no Estado como ser genérico, mas o faz cair na ilusão de que se torna genérico através do Estado.” (ibidem, p.76).

Nesse contexto, voltemos aos reducionismos da obra de Marx. Compreender como posto por Mézáros de que o sociometabolismo do capital não pode prescindir do Estado, necessita de mediações. Conforme exposto por Iasi (2019) a forma política do Estado se apresenta

como a forma socialmente necessária que deve ser compreendida tendo por base o fetichismo da mercadoria e os interesses de classe que daí derivam. Essa não é uma tarefa fácil, uma vez que não se trata de uma determinação linear que vai do solo econômico às formas políticas. Se assim fosse, estaríamos

lidando com uma equação simplória e sem nenhuma utilidade prática: a base é a forma capitalista da produção de mercadorias que se expressa na forma de um Estado burguês. (ibidem, s/p)

Que mediações são essas? Partimos do pressuposto da relação forma e conteúdo. Segundo Iasi (2017), o caráter de classe de um Estado se entrecruza pela dinâmica da luta de classes e pela correlação de forças permeada pelos acontecimentos históricos, fatores que impactam sobre a forma do Estado e suas manifestações em cada momento, ainda que não alterem o caráter de classe do Estado, uma vez que “o organismo político é determinado por elementos mais profundos, como as formas de propriedade e o caráter das relações sociais de produção dominantes (ibidem, p. 160). Assim, a materialidade histórica que explicita o caráter do Estado no contexto atual é o desenvolvimento da sociedade capitalista, o que não implica em “uma homogeneidade nas formas que lhe corresponde.” (ibidem, p. 163), ou seja, a forma prática que assume o Estado em cada formação social, elaborações corroboradas pela produção de Marx na Crítica ao programa de Gotha (1875) quando afirma que

os diferentes Estados dos diferentes países civilizados, em que pesa a confusa diversidade de suas formas, têm em comum o fato de que eles repousam sobre as bases da moderna sociedade burguesa, ainda que, em alguns lugares, esta se ache mais desenvolvida que em outros, no sentido capitalista. Têm, também, portanto, certos caracteres essenciais comuns (MARX, 1875, apud IASI, 2017, p. 163)

Esses pressupostos nos parecem relevantes de serem levantados, uma vez que a díade Estado – sociedade civil e a concepção de Estado ampliado possuem grande relevância no debate feito até então sobre os Fundamentos do Serviço Social. O que se pretende demonstrar é que essas duas categorias estão interconectadas com uma determinada leitura da formação sócio-histórica da realidade brasileira, a qual vem sendo respaldada por uma determinada estratégia democrático-popular. Esse contexto sócio-histórico, por sua vez, estabeleceu grande influência na leitura que a profissão fez do papel das políticas sociais e da profissão, correlacionadas com categorias como cidadania e democracia. Como afirma Iamamoto: “o centro das preocupações do Serviço Social, ao repensar-se e rever sua prática, foi assegurar sua contemporaneidade, levando-o a enfrentar, juntamente com a sociedade, as questões da democracia, da cidadania e dos direitos sociais” (IAMAMOTO, 2000, p.257)

À título de exemplificação, na amostra de pesquisa da produção de Iamamoto, encontramos a seguinte concepção de cidadão: “é reconhecido como sujeito do poder e

da história, presente na multiplicidade dos espaços sociais e políticos, capaz de ter ingerência na direção intelectual e moral da vida pública na defesa da democracia plena” (ibidem, p. 264)⁸⁸. A ideia de democracia plena possui paralelo com as elaborações de Coutinho, quando este afirma que “parece-me importante notar que essa socialização da política – essa expansão da democracia, que resulta objetivamente das lutas das classes trabalhadoras – é potencialmente oposta ao capitalismo” (COUTINHO, 1994, p. 96). Acrescentando que “se o liberalismo de participação restrita foi, em dado momento, a forma adequada da dominação burguesa, a democracia de massas que vai se construindo a partir das lutas populares é, a longo prazo, incompatível com a perpetuação do capitalismo (ibidem, p.97). Não se questiona aqui a importância do debate sobre a democracia e os direitos no centro das preocupações da categoria profissional, uma vez que se explicitam inclusive enquanto objetivos da profissão expressos no Código de Ética. O que se pontua é a forma como essas categorias são apreendidas em suas determinações da realidade concreta, não devendo se incorrer em suas formas abstratas-ideais, mediadas majoritariamente de forma institucionalizada, via políticas sociais⁸⁹. Nesse quesito, há a necessidade de bases analítico-interventivas para a apreensão dessas categorias, que explicitem a disputa e o tensionamento entre objetivos profissionais e objetivos institucionais:

o cumprimento dos objetivos institucionais que [...] muitas vezes, permitem que você amplie e desdobre esses objetivos numa direção de atender a população e seus interesses. Ou seja, eu tô dizendo que essa nossa inserção ela se dá num espaço que está sempre em disputa. A gente pode até não perceber, mas nós fazemos parte dessa disputa, não tem como dizer, olha, eu não participo da contradição, nós estamos inseridos nela. Eu tô executando objetivos, tarefas, finalidades, em múltiplos âmbitos na instituição, eu tô conversando com a população que chega no CRAS, no posto, eu tô ali, explicando os objetivos institucionais e orientando essa população, buscando ultrapassar esses objetivos institucionais. Há coincidências, mas nós não podemos esquecer que há uma ultrapassagem dos objetivos da profissão com os objetivos da política social. A política é a mediação. Bom quando coincidem objetivos numa direção emancipatória, mais desafiante quando esses objetivos não têm essa direção. (Extraído de fala de Yazbek, YAZBEK, 2020)

Esse quadro [macrossocietário] vai interferindo nas políticas sociais. Eu construo toda política pensando no direito, como expressão do direito,

⁸⁸ A nota de rodapé desse trecho nos chama a atenção para a referência que sinaliza: 364. Sobre a concepção de participação, ver: "Participação popular: o outro lado da moeda". In: BITTAR, J. Org.. *O modo petista de governar*. Caderno Especial de Teoria & Debate. São Paulo, Teoria e Debate, 2. ed., 1992, pp. 209-224, revista criada pelo Diretório Regional do Partido dos Trabalhadores de São Paulo (a qual passou a ser editada pela Fundação Perseu Abramo em 1997).

⁸⁹ O que pode levar a uma dificuldade dos profissionais em exercício na apreensão das determinações e contradições encontradas nos processos sociocupacionais, porque reflexivamente há a presença em nossas produções da área (o que não significa que seja a única, mas a presente na amostra da pesquisa, o que denota sua relevância) de categorias como cidadania, democracia e sociedade civil em sua forma abstrata, positiva – o que não corresponde com a complexidade pela qual essas categorias se apresentam no cotidiano.

reforçando o direito, mas a rede que opera é paternalista, desvincula a pobreza da sua condição de classe (ibidem)

Voltemos ao debate sobre a relação coerção – consenso, a qual é estreitamente correlacionada com a questão social e às respostas a ela dadas, que são indispensáveis sem a intermediação do Estado (IAMAMOTO, 2000). Na produção de conhecimento pode-se verificar o entendimento de que a questão social era ‘caso de polícia’ e passou a ser considerada ‘caso de política’ – diante do ingresso da classe operária no cenário político e as subsequentes “lutas desencadeadas em prol dos direitos atinentes ao trabalho, exigindo o reconhecimento como classe pelo bloco do poder e, em especial, pelo Estado” (ibidem, p. 17). Iamamoto refere que “atualmente, a questão social passa a ser objeto de um violento processo de criminalização”, ‘reciclando-se’ a noção de classes perigosas e “*evoca o passado, quando era concebida como caso de polícia, ao invés de ser objeto de uma ação sistemática do Estado no atendimento às necessidades básicas da classe operária e outros segmentos trabalhadores*” (ibidem). Compreendemos que esse debate envolve a compreensão da síntese entre coerção e consenso. Como afirma Iasi (2017):

Os ciclos de autoritarismo e democracias restritas no Brasil têm sido estudados como se fossem espasmos de progresso ou recaídas, mas se analisarmos com cuidado veremos que expressam uma síntese sempre presente entre aspectos coercitivos e de formação de consenso. [...] Compreender esses aspectos como uma unidade e identidade de contrários nos leva a afirmar que a predominância de um sobre o outro não implica numa mera substituição – da coerção pelo consenso ou vice e versa – mas numa alteração de ênfase no interior de uma relação na qual a coerção prepara o consenso e este não prescinde da coerção (IASI, 2017, p. 70)

Convergimos assim, com a percepção de Toledo (1994) e Dias (1996) dos riscos de sobrevalorizar o papel do consenso na dominação política e de considerar a disputa pela hegemonia em condições igualitárias, avaliando que “a dificuldade de demonstrar onde essa disputa pela hegemonia ocorre de forma tão democrática persiste” (TOLEDO, 1994). Dias (1996, p. 25) denomina essas formas de “abstratamente democráticas”. E por que essa correlação de coerção e consenso é importante para a profissão?

Eu não quis ir para o hospital, tava com muito medo. Aí tive ela [criança] na rua. Porque lá no hospital tinha uma assistente social, ela ia tirar meu bebê de mim. (Extraído do diário de campo da autora, 2020)

Eles vieram de camburão levar meus filhos para o abrigo. Foi horrível, moça, eles foram com a roupa do corpo, de pé no chão. Eu tinha acabado de voltar do mercado, estavam faceiros com os lanches. A gente não é bandido, como é que eles podem fazer isso, assim? [Nos relatórios do Conselho Tutelar foi solicitada à força da guarda sob alegação de envolvimento com o tráfico, ainda

que não se tivesse qualquer outro indício ou correlação em relatórios ou nos atendimentos posteriores à família] (Extraído do diário de campo da autora,2021)

A profissão é conformada pela coerção e pelo consenso⁹⁰. Ainda que na aparência das relações entre Estado e Sociedade civil o direito – e sua materialização via políticas públicas - surja como interlocutor de um consenso baseado no interesse universal, o caráter coercitivo se mantém nessa unidade. Trazer esse debate para a contemporaneidade se mostra relevante, como nos provoca as falas acima e corrobora o questionamento de Batistoni:

É preciso reatualizar esse processo e como vamos contribuir no desvendamento desse novo significado que a profissão tem com o desmonte das políticas sociais, com o desmonte dos meios da reprodução da força de trabalho, não é só repetir que ‘o Serviço Social é partícipe da reprodução social da força de trabalho’, onde está o Serviço Social nessa participação, em políticas que não existem, em serviços que não existem ou que existem somente para o controle, acho que nesse processo repõem-se uma questão que está lá nos anos 80, posta pela Yamamoto na sua dissertação de mestrado: assistente social, profissional do consenso ou da coerção? (Extraído de fala de Batistoni, em BATISTONI, 2017)

O desocultamento desse fetiche é imprescindível na materialização dos Fundamentos do Serviço Social na perspectiva crítica da profissão e, para isso, não se pode incorrer nos riscos de uma romantização do debate das políticas públicas - sob a perspectiva restrita de consensos, desconsiderando a invariável correlação de coerção - e nem tomar a cidadania e a democracia como uma conquista deitada eternamente em berço esplêndido, considerando “a criminalização da pobreza e dos movimentos de luta da classe trabalhadora um elemento constitutivo da democracia burguesa, não um fator acidental ou casual” (IASI, 2017, p.262). Há um paradoxo insuperável no fato de que o desafio da democracia como forma de governo é encontrar “a forma política adequada a seres formalmente iguais em direitos que são de fato desiguais diante da propriedade e, conseqüentemente, das riquezas e posição social que daí deriva” (ibidem, p.274), devendo-se considerar inclusive a disposição do Estado na combinação de meios jurídicos

⁹⁰ A leitura que fazemos das categorias gramscianas de coerção e consenso convergem com a leitura explicitada por Iasi (2017), ao entendermos que o consenso se estabelece via hegemonia burguesa a partir de um processo de “contínua formação e superação de equilíbrios instáveis” (GRAMSCI apud IASI, 2017, P 252). Para Gramsci: “o exercício ‘normal’ da hegemonia, no terreno tornado clássico do regime parlamentar, caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria (GRAMSCI, 2007 apud IASI, 2017, p. 381)

e extrajurídicos, da mesma forma que “sempre se combinou meios coercitivos e de consenso” (ibidem, p.415)

Ainda que analisada de forma preliminar, partimos do argumento que a correlação entre a produção de conhecimento da área com as influências teóricas advindas da estratégia democrático-popular, pode, no limite, ter contribuído para uma ênfase da profissão na questão das políticas sociais⁹¹, o que se expressa de forma coerente se entendíamos que a configuração de um Estado ampliado oportunizaria o fortalecimento da sociedade civil para uma tomada do Estado em favor de seus interesses, cabendo a nós, em conjunto com diversos movimentos da sociedade, a ampliação dos ‘direitos de cidadania’ de forma progressiva até a possibilidade de uma ordem societária socialista. A questão que permanece é: “no curso desse acúmulo de forças no qual ocorre a luta de classes e a disputa por hegemonia, o Estado-classe da burguesia abdicaria de seus recursos repressivos e conduziria a disputa no terreno exclusivo da democracia?” (IASI, 2017, p. 251) Ao que nos indica a história dessa mãe com medo e ‘em fuga’ de um local que deveria ser de prestação de cuidados e desses pais com o direito a convivência familiar e comunitária violentamente negados, entre tantos outros, nos parece que não.

O balanço feito por Iamamoto no que se refere à centralidade da democracia, dos direitos sociais e da cidadania no debate contemporâneo do Serviço Social se expressa no que ele focaliza e no que ele oculta: a ênfase predominante se dá a partir da relação da profissão com

o Estado monopolista, mediadas pelas políticas sociais públicas, como estratégias no bloco do poder no enfrentamento da "questão social", que ao se efetivarem, viabilizam direitos sociais implicados na cidadania, cuja consolidação e alargamento tem sido parte da luta recente pela democratização do Estado e da sociedade civil no Brasil (IAMAMOTO, 2000, p. 257)

Essa ênfase, segundo a autora, vem apresentando, como contrapartida, o relativo obscurecimento da sociedade civil e sua secundarização na produção da área. Deixando de ser o foco central da análise, tem tido sua apreensão "filtrada" pelas estratégias do

Estado e das ações dos governos via políticas sociais, voltadas em especial para o conjunto dos trabalhadores (inscritos ou não no mercado formal de trabalho). Assim, por exemplo, a tônica da análise do processo de pauperização tem sido

⁹¹ Entre outros elementos já apontados pela produção da área como a dificuldade de mediação dos Fundamentos do Serviço Social na perspectiva crítica com o exercício profissional (CLOSS, 2015; ZACARIAS, 2017; TEIXEIRA, 2019) e o perfil profissional construído sócio-historicamente, como explicitado na versão das Diretrizes Curriculares de 1999: “Profissional que atua nas expressões da questão social, formulando e implementando propostas para seu enfrentamento, *por meio de políticas sociais* públicas, empresariais, de organizações da sociedade civil e movimentos sociais.” (ABESS, 1999, p. 01)

desfocada de sua produção e das formas que assume, pelo interesse de apreender criticamente as ações governamentais ante o fenômeno da pobreza. (ibidem, p. 107: 560)

Partimos da constatação que, apesar dos avanços do Serviço Social no que se refere à ruptura com uma ótica endógena, a qual estabeleceu avanços analítico-interventivos das relações entre a profissão e a tríade questão social – Estado – políticas sociais, há ainda lacunas a serem melhor explicitadas e equacionadas. A compreensão das políticas sociais enquanto *uma das formas de expressão* do Estado, mas que não se restringe a elas. Compreende-se que não há como realizar uma leitura das contribuições teórico-metodológicas de Marx ao tempo contemporâneo sem uma leitura do Estado enquanto uma totalidade, cuja centralidade se expressa na regulação do sociometabolismo do capital e dos tensionamentos da profissão junto à emancipação política na arena dos direitos (eixo essencial na compreensão dos objetivos profissionais) de forma a ser um elemento estruturante dos Fundamentos do Serviço Social na perspectiva dialético-crítica.

As políticas sociais (e aqui posicionamo-nos em uma apreensão mais ampla, referindo-se às políticas públicas) devem ser analisadas como *uma das formas de expressão* do Estado em determinada condição sócio-histórica. Expressão que se explicita: I) estruturalmente na regulação do sociometabolismo do capital e na relação consenso – coerção relacionada à questão social, II) como espaço sociocupacional da profissão, considerando a contínua expressividade do Estado como empregador da profissão⁹² e III) na particularidade da intervenção profissional (que é permeada pela condição estrutural de coerção e consenso) como um dos meios pelos quais a profissão realiza mediações com o acesso e garantia de direitos, seja tensionando-as, explicitando sua incoerências formais-abstratas e buscando alargar seus limites, contestando e resistindo a sua burocracia quanto na garantia de sua reprodução via seletividade, ajustamento, entre outras. Como afirma Yazbek:

[falando do Capacita SUAS] o caderno tem um conservadorismo embutido na proposta, eu não posso mudar a PNAS, mas eu posso a partir dali reconstruir o processo de capacitação, melhorar o processo de capacitação, não dá para esperar a política ideal e também não dá para esperar que as políticas sociais

⁹² Partindo do pressuposto que, enquanto uma das formas de expressão do Estado, as políticas sociais não se constituem enquanto único espaço sociocupacional dos assistentes sociais, os quais podem se inserir, por exemplo, em distintos poderes do Estado, assim como em empresas e organizações. Independentemente do espaço sociocupacional, entende-se que a categoria profissional realiza mediações com as políticas públicas a partir dos itens I e III invariavelmente, em menores ou maiores proporções, dada a particularidade das demandas que o fazem socialmente necessário e os objetivos defendidos pela categoria, situados de forma indissociável com o acesso e garantia de distintos direitos.

que pautem a ação profissional, o profissional que tem pautar a política... e tem muito profissional que pauta, eu conheço aqueles que meramente executam que nem uns cordeirinhos, mas eu conheço os que vão lá e brigam... Eu sou uma que diz 'oh, não vou usar isso'... Você não quer fazer abertura [do Capacita SUAS]? 'Não, com esse texto eu não faço, eu faço dizendo isso, posso?' Posso, então faço... Então tem o nosso lado, as políticas cada dia nos enquadram mais, mas também a gente pode mexer com elas. [...] Eu vou desenquadrar, eu vou fazer o inverso... porque a hora que eu tô lá com as famílias, tô eu e as famílias... ou eu tenho um projeto e uma competência e dou uma direção que eu tenho que dar, ou eu tô perdida, a política não pode pautar o trabalho dos profissionais.... têm algumas coisas que você fica meio amarrado, mas eu acho que tem que inverter esse quadro, e eu conheço gente que inverte né. (Extraído de fala de Yazbek, em YAZBEK, 2017)

Nesse contexto, concorda-se com a análise de Closs (2015) ao reconhecer que apesar do vínculo histórico da profissão com o campo da política social, questiona-se o fato dela ser apreendida como constitutiva dos Fundamentos do Serviço Social

mesmo que a compreensão e análise sobre as políticas sociais primem pela discussão das relações entre o Estado e a sociedade civil.[...] Assim, compreende-se que a política social não é objeto profissional nem tampouco base sócio-histórica da fundação da profissão, por não ser o elemento essencial da realidade que demanda esta especialização do trabalho. Apesar de as políticas sociais serem uma mediação fundamental na conformação da base sócio-ocupacional da profissão, é preciso considerar que elas "(...) são desdobramentos e até mesmo respostas – em geral setorializadas e fragmentadas – às expressões multifacetadas e complexas da questão social no capitalismo" (BEHRING; SANTOS, 2009, p. 270.). Assim, discorda-se que a política social seja um eixo temático da produção sobre Fundamentos do Serviço Social, pois o debate sobre a política social não elucida em si as particularidades e determinações sócio-históricas da profissão na realidade brasileira. Mas é importante considerar o impacto das políticas sociais na profissão, inclusive na conformação da identidade profissional, pois estas são uma mediação importante na trajetória histórica do Serviço Social. Além disso, é preciso ressaltar que a pesquisa e a produção da área sobre a política social contribuem para a apreensão da realidade, na qual se movimenta a profissão, das determinações que incidem no trabalho profissional, compondo um acervo intelectual para a formulação de propostas críticas de trabalho, inclusive para outras profissões. (CLOSS, 2015, p. 54)

A autora acrescenta que

Tais desafios sinalizam a importância de uma postura crítica frente às políticas sociais, pois a ausência desta postura tem favorecido uma identificação mimética do objeto e das ações profissionais com as diretrizes e âmbito de atuação de tais políticas, em um verdadeiro processo de fetichização das mesmas que acaba por subsumir a própria identidade e os fundamentos profissionais. Dessa forma, o exercício profissional passa a pautar-se por uma lógica procedimentalista (PRATES, 2013), que fragiliza a direção social da profissão, o que evidencia a importância da retomada dos fundamentos do Serviço Social como possibilidade de politização das ações profissionais, para além das prioridades elencadas pelas normativas das instituições e das políticas sociais. (ibidem, p. 100)

Isso necessita que realoquemos nosso eixo de análise, não centralizando o debate dos fundamentos a partir da perspectiva das políticas sociais, mas apreendendo a contraditória relação do Estado *na sociedade burguesa* com a questão social e suas refrações, uma vez que a forma política do Estado conformada sob as bases materiais do neoliberalismo estabelece um papel central na regulação das contratendências necessárias para a manutenção e reprodução do capitalismo, ainda que em sua aparência permaneça como sujeito oculto dessa equação⁹³.

Contemporaneamente, entendemos que a contribuição do método marxiano para a compreensão do Estado, da realidade política brasileira e seus impactos no exercício profissional se estabelece a partir do caráter fetichista da mercadoria: uma relação entre seres humanos que “assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 1989, p. 147). Ou seja

as relações e a sociabilidade entre os seres humanos se projetam em objetivações políticas e jurídicas e em formas de consciência que se distanciam produzindo relações que se voltam contra os seres humanos, relações que fogem do controle dos produtores e acabam por dominá-los (IASI, 2019, s/p)

No entanto, Iasi já nos alerta para o risco que a pseudoconcreticidade nos impõe, para que “de tão envolvidos no fetichismo, não acreditarmos que nossas objetivações (econômicas ou políticas) realmente ganharam vida própria e nos controlam” (ibidem). As mercadorias, assim como as objetivações políticas fetichizadas invariavelmente foram produzidas por seres humanos, estão conformadas a partir das relações sociais historicamente determinadas (e estranhadas) – não se configurando de forma metafísica, pelo destino ou por uma sucessão de acidentes que fizeram com que chegássemos ao ponto de sermos “governados por imbecis que acreditam que a terra é plana” (ibidem). Trata-se de uma conjuntura onde se articulam desde o terraplanismo até a ameaça da

⁹³ Contratendências são as ações empreendidas pelo capital no sentido de contrapor a queda da taxa de lucro, sendo resumidamente postas por Iasi (2017, p.53) dessa forma: a) aumento do grau de exploração da classe trabalhadora; b) redução de salários; c) redução dos preços do capital constante; d) formação de uma superpopulação relativa; e) ampliação e abertura de mercado externo, desovando excedente produzido e buscando fontes de matéria-prima barateando custos; d) aumento do capital em ações. Assim conclui o autor: “Quem administra os limites da exploração do trabalho? Quem determina os limites legais da compra da força de trabalho e seu valor? Quem pode baratear os elementos do capital constante por meio de subsídios, créditos facilitados, isenções e outros meios conhecidos? Quem assume o custo da administração, manutenção e controle sobre uma superpopulação relativa cujo papel é nunca entrar no mercado de trabalho? Quem representa os interesses das corporações monopólicas na ampliação, conquista e manutenção de mercados em disputa com outros monopólios? Finalmente, quem se presta ao papel de oferecer títulos que remuneram com taxas de juros generosas, sem se preocupar em perder dinheiro ou comprar de volta títulos podres e sem valor? Esse sujeito que mal se oculta só pode ser o Estado! Eis que desmorona a mãe de todos os mitos liberais.” (IASI, 2017, p. 53- 54)

ditadura gay, com doses exponenciais de medo, insegurança e ressentimento, e no meio disso ‘os velhos placebos liberais’ (ibidem). Para que seja uma equação de êxito, necessita-se de sujeitos para os quais a sociedade se apresenta como uma fantasmagórica relação “entre coisas, coisas que não compreendem e que os controla e domina: o mercado, o Estado, o Direito... a religião. Coisificadas, as pessoas podem se tornar base [...] para projetos contra eles próprios” (ibidem). Essa reificada sociabilidade se particulariza em vários aspectos da vida social, cuja expressão vivenciamos no exercício profissional:

[adolescente gestante grávida] Eu não vou tomar vacina [da COVID-19]. Eu tenho medo de agulha e ontem a gente ficou sabendo que um vizinho ficou louco depois de tomar a vacina (Extraído do diário de campo da autora, 2021)

Hoje os assistentes sociais conservadores estão se colocando, assumindo que são conservadores. Esse quadro ele entra na instituição. Ele não está lá no discurso do cara que sentou e escreveu as teses, ele está lá, quando você está atendendo no CRAS. Ele está do seu lado e do lado da população. Porque ela incorporou de algum modo também as classes subalternas. Incorporam como seus projetos os que são contra elas, vejam o peso dessa frase. A classe subalterna incorpora como dela o projeto que é contra ela. Ela se organiza esporadicamente, embora tenha lindas manifestações de resistência, não posso deixar de mencionar o processo aqui de São Paulo, Boulos e Erundina. Eles tiveram 2 milhões de votos. Há confrontos, há resistências, há enfrentamentos. Mas de uma forma geral você tem o apoio das classes subalternas de políticos como Bolsonaro. (Extraído de fala de Yazbek, em YAZBEK, 2020)

É a partir desse fio analítico que avaliamos como acertada a conclusão de Iamamoto (2000) no que se refere ao obscurecimento da sociedade civil na produção da área – tomada aqui em sua acepção marxiana. Partindo da apreensão de seu movimento dinâmico e contraditório na reprodução da vida social:

a reprodução de um modo de vida e de trabalho que envolve o cotidiano da vida social. O processo de reprodução das relações sociais não se reduz, pois, à reprodução da força viva de trabalho e dos meios materiais de produção, ainda que os abarque. Ele refere-se à reprodução das forças produtivas sociais do trabalho e das relações de produção na sua globalidade, envolvendo sujeitos e suas lutas sociais, as relações de poder e os antagonismos de classes. Envolve a reprodução da vida material e da vida espiritual, isto é, das formas de consciência social – jurídicas, religiosas, artísticas, filosóficas e científicas – por meio das quais os homens tomam consciência das mudanças ocorridas nas condições materiais de produção de vida material, pensam e se posicionam na sociedade. (IAMAMOTO, 2000, p. 280)

Apreender esses elementos que se configuram enquanto pressupostos analítico-interventivos para a profissão, mas que se vinculam a uma dimensão maior na disputa de

distintos projetos societários se faz importante não para necessariamente descartá-los, entendendo aqui o papel importante do pluralismo, mas para que possam ser analisados criticamente e colocados à contraprova histórica, de acordo com as condições materiais em que estes se alicerçam. O contexto dos últimos anos do governo PT, o *impeachment* e a crise econômico-política atravessam as condições materiais dos projetos societários em disputa e a profissão é impactada por esses processos no âmago da contraditória relação do Estado na Sociedade civil (burguesa) com a produção e reprodução da questão social e suas refrações. Assim, avalia-se que não se pode partir do pressuposto de que há um consenso nessa compreensão e que as divergentes concepções acerca de categorias importantes (entre elas o Estado e sociedade civil) entre as elaborações marxianas e marxistas devem ser explicitadas no momento em que vamos nos posicionar no debate de ideias que conformam esse eixo de análise dos Fundamentos do Serviço Social, inclusive para que se possa enfrentar os desafios de apreensão dos fundamentos explicitados pela pesquisa inicial dessa dissertação.

3.3 O PAPEL DA PÓS-GRADUAÇÃO E DA ABEPSS: A CENTRALIDADE DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A relevância do eixo formação no debate sobre os Fundamentos do Serviço Social que foi explicitada no segundo capítulo é reafirmada quando analisamos comparativamente a frequência das categorias ‘Formação’ e ‘Exercício profissional’ em cada eixo da amostra total, conforme segue:

Tabela 13 – Comparativo de frequência entre as categorias formação x exercício dividida por eixo da amostra

Eixo da amostra	Formação	Exercício
GRADUAÇÃO	68%	32%
PÓS-GRADUAÇÃO	77%	23%
ENTIDADES	74%	26%
EVENTOS DA ÁREA	68%	32%

Fonte: elaboração da autora, 2021.

Ainda que nas produções haja um consenso no que se refere à importância da indissociabilidade entre formação e exercício profissional no debate sobre Fundamentos,

vimos também que a transposição do debate centrado na formação para mediações com o exercício profissional se coloca enquanto um desafio verificado pela produção de conhecimento e por esse trabalho reafirmado. Essa ênfase identificada mostra, assim, a relevância do debate sobre a formação profissional para o desenvolvimento da área de Fundamentos do Serviço Social, motivo pelo qual se torna um elemento estruturante do debate e tema de maiores apreensões nesse capítulo.

3.3.1 A formação no processo de intenção de ruptura no ciclo autocrático burguês

Ao verificarmos a relevância do eixo formação profissional ao debate dos Fundamentos do Serviço Social, cabe então apreendermos por sucessivas aproximações os elementos que conformam essa centralidade, a qual, segundo o método marxiano, não se conforma por casualidade, estabelecendo-se a partir de determinadas bases materiais e objetivas possíveis para a gênese e o desenvolvimento da temática.

Netto (2004) já assinala que o período da autocracia burguesa foi essencial ao Serviço Social no que diz respeito a sua diferenciação e redefinição profissional sem precedentes (ibidem, p.115), elemento que se estruturou no processo de renovação da profissão. Alguns elementos desse processo nos parecem relevantes para compreender contemporaneamente os Fundamentos do Serviço Social, sobretudo no que se refere à unidade entre formação e exercício profissional. Nessa relação, identifica-se uma estreita correlação (tomada aqui como pressuposto), cuja diferenciação se torna oportuna no sentido de compreender suas particularidades.

O exercício profissional no contexto da autocracia burguesa conformou-se pelo processo de consolidação do mercado de trabalho na configuração estatal e a dinamização desse mercado nas médias e grandes empresas, bem como no de organizações filantrópicas privadas. O resultado desse processo conforma um novo padrão de exigências:

Mesmo que o conteúdo geral das práticas profissionais não tenha sido deslocado da execução terminal de políticas sociais setoriais, o enquadramento de assistentes sociais em estruturas organizacionais mais complexas e com interconexões múltiplas e polifacetadas [...] rebateu nos espaços institucionais do exercício profissional passou a requisitar do assistente social uma postura ela mesma 'moderna', no sentido da compatibilização do seu desempenho com as normas, fluxos, rotinas e finalidades [...] A prática dos profissionais teve de revestir-se de características - formais e processuais - capazes de possibilitar, de uma parte, o seu controle e a sua verificação segundo critérios burocrático-administrativos das instâncias hierárquicas e, doutra, a sua crescente intersecção com outros profissionais. (NETTO, 2004, p. 123)

Essa mudança de perfil de profissional demandado com características procedimentais mais ‘racionalis’ influencia diretamente em uma “profunda rotação nos mecanismos vigentes da formação dos assistentes sociais” (ibidem p. 124) que se expressa, por um lado, em sua interação com as ciências sociais e o fomento de espaços de reflexão e de construção de uma massa crítica ao mesmo tempo em que fomentou também o “viés tecnocrático e asséptico das disciplinas sociais possíveis na universidade da ditadura” (Netto, 2004, p. 126). Sob a autocracia, o Serviço Social desenvolveu potencialidades que, contraditoriamente,

instaurando condições para uma renovação do Serviço Social de acordo com as suas necessidades e interesses, a autocracia burguesa criou simultaneamente um espaço onde se inscrevia a possibilidade de se gestarem alternativas às práticas e às concepções profissionais que ela demandava (NETTO, 2004. p. 129)

Pela primeira vez, institucionalmente, criavam-se condições para o surgimento de um padrão acadêmico (ainda que o possível na universidade da ditadura) para exercitar a elaboração profissional, constituindo-se “vanguardas sem o compromisso imediato com tarefas pragmáticas” (ibidem, p.129). Assim, a inserção do Serviço Social no circuito acadêmico (graduação e pós-graduação) foi um dos vetores significativos que intervieram de forma decisiva no processo de renovação da profissão no Brasil (ibidem), sobretudo a da vertente crítica, a qual Netto avalia que “um exame mais cuidadoso das várias vertentes indica, sem deixar margem a dúvidas, que nenhuma delas vinculou-se tão umbilicalmente à universidade como a da intenção de ruptura (ibidem, p.249) ⁹⁴.

A perspectiva da intenção de ruptura deveria construir-se sobre bases quase que “inteiramente novas, pois se colocava enquanto antítese do tradicionalismo e suas implicações teóricas e práticas na profissão” (ibidem). O desafio, nesse contexto, se colocava pelas características militar-fascistas do ciclo autocrático burguês, que dificultava o projeto da ruptura no terreno da prática profissional restrita:

a reforma do Estado e a realocação profissional dos assistentes sociais não propiciam qualquer margem para práticas eversivas; igualmente, os espaços profissionais que se abrem no setor privado estão submetidos a controles ponderáveis. Numa palavra: quer na área estatal, quer na área privada, o terreno

⁹⁴ “Não por acaso, aliás, boa parte das críticas de que foi objeto apontam precisamente para o fato de ela ser produto de professores (a qualificação é empregada aqui pejorativamente, denunciando o cariz do teorismo)”(ibidem)

para inovações práticas profissionais na perspectiva da ruptura era demasiado estreito e seu custo extremamente alto. (NETTO, 2004, p. 250)

Isso significa não somente um campo profissional novo (docentes) mas relativamente menos inseguro para o projeto de ruptura

entendamo-nos: a universidade enquadrada e amordaçada [...] nunca foi um território livre; no entanto, pelas próprias peculiaridades do espaço acadêmico, este se apresentava como menos adverso que os outros para apostas de rompimento; era, comparado aos demais, uma espécie de ponto fulcral na linha da menor resistência. Permitiria, se as condições fossem minimamente favoráveis, na conjugação de pesquisa e extensão, o atendimento de necessidades de elaboração e experimentação - e estas eram absolutamente imprescindíveis ao projeto de ruptura. (ibidem, p. 250)

Por estas razões, o projeto de ruptura evidenciou-se e explicitou-se “primeira e especialmente como produto universitário sob o ciclo autocrático burguês” (ibidem, p. 251). O autor refere que, para além das condições objetivas, os profissionais cuja projeção inseria-se na intenção de ruptura optaram pelo trabalho acadêmico⁹⁵.

Netto identifica o que ele denomina de uma dupla dificuldade na relação das vanguardas da intenção de ruptura com o restante da categoria profissional: I) um descompasso entre o universo simbólico da produção teórico-metodológica e profissional das vanguardas ao do restante da categoria, justificado

tanto pela formulação nem sempre límpida das vanguardas - condicionada por exigências de comunicação teórica mais rigorosa e/ou pelos vieses da academia- quanto o próprio empobrecimento cultural recente do assistente social (determinado basicamente pela degradação do nível da formação na universidade refuncionalizada pela ditadura (ibidem, p. 254)

A outra dificuldade se expressa na II) “pobreza de indicativos prático-profissionais de operacionalização imediata” (ibidem) que a vertente crítica tem oferecido aos profissionais, dilema que se expressa pela “inadequação entre muitos dos seus indicativos e as condições objetivas do exercício profissional pela massa da categoria” (ibidem). Com isso, o autor reconhece que, em função dessa inadequação, a vertente crítica se mantém em oposição ao tradicionalismo, “mas sem conseguir avançar efetivamente no rompimento com ele no terreno da prática profissional” – sendo, por isso,

⁹⁵ “Nessa opção, seguramente, jogaram as motivações as mais diversas - desde um certo ceticismo quanto à eficácia junto a uma categoria pouco afeita a preocupações intelectuais, com uma base teórica e cultural sabidamente precária, até a convicção (justificada) que a formação de novos quadros teria efeitos multiplicadores e mais profundos, sem contar, inclusive, com as próprias oportunidades de trabalho que eram oferecidas pela expansão quantitativa de corpos docentes” (ibidem, p. 252)

denominada por Netto enquanto intenção (ibidem, p. 255). Assim, argumenta-se aqui que esse processo de gênese da intenção de ruptura também se conforma enquanto um processo estruturante para a expressividade da categoria formação profissional contemporaneamente no debate dos Fundamentos do Serviço Social, compondo desafios que se reatualizam no presente.

3.3.2 A centralidade da pós-graduação e da ABEPSS

Ao longo da etapa de pesquisa, duas grandes protagonistas foram identificadas nesse processo: o desenvolvimento e conformação da pós-graduação e da ABEPSS. A categoria ‘ABEPSS’ foi identificada em 73,85% da amostra total e a categoria “Diretrizes Curriculares” foi identificada em 72,31% da amostra total, indicadores que corroboram com a inferência realizada. Um levantamento dos motivos mais citados pelos autores das teses e dissertações vinculadas ao descritor de Fundamentos do Serviço Social do eixo pós-graduação da amostra igualmente traz importantes apontamentos nessa direção, conforme segue:

Tabela 14 – Levantamento dos motivos explicitados pelos autores para a escolha da temática sobre Fundamentos do Serviço Social (teses e dissertações)

MOTIVAÇÕES	DISSERTAÇÕES	TESES	% EIXO
DOCENTES	2	5	41,1%
Inserção/experiência na docência de disciplinas de FHTM e correlatas			
PÓS GRADUAÇÃO	2	5	41,1%
Inserção grupos de pesquisa; Espaços para discussão da teoria marxiana na Pós-graduação; Continuidade de investigações do mestrado ; Estágio sanduíche da pós-graduação			
ENTIDADES REPRESENTATIVAS	1	4	29,4%
Inserção/atividades junto ao conjunto CFESS/CRESS; ABEPSS; ENESSO			
TRABALHO PROFISSIONAL	1	4	29,4%
Experiência profissional; constatação de dificuldades teoria x prática; apontamento de terceiros da necessidade de análise dos ‘fundamentos do trabalho profissional’			
MOVIMENTOS SOCIAIS	0	4	23,5%
Inserção/atuação no movimento estudantil; Atuação em movimento político partidário			

Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Infere-se, a partir dos dados levantados, que I) a *inserção na docência* vinculada ao debate sobre os Fundamentos do Serviço Social e II) a *inserção na pós-graduação* são os elementos de maior expressividade no que se refere à percepção dos autores para tomar os Fundamentos do Serviço Social enquanto objeto de pesquisa. *A inserção em atividades junto às entidades representativas* aparece em seguida, demonstrando a importância destas enquanto um eixo de investigação da presente dissertação. Essas três maiores tendências corroboram com a importância da indissociabilidade entre graduação e pós-graduação no debate sobre os Fundamentos do Serviço Social, tendo na ABEPSS e nas Diretrizes Curriculares de 1996 um elemento articulador essencial.

[...] desde o início das atividades docentes, as disciplinas de Fundamentos do Serviço Social eram vistas sob a ótica de conteúdos chatos, densos, históricos, cronológicos e com pouco significado para a profissão contemporaneamente [...] [fatos que] resultaram na motivação para a investigação (PRODUÇÃO EIXO PÓS-GRADUAÇÃO A)

As/os discentes [...] afirmavam sempre que o trabalho da/o assistente social não expressava os conteúdos vistos no conjunto dos componentes curriculares, que as ações pouco tinham da dimensão teórica que estudavam nas disciplinas [...] (PRODUÇÃO EIXO PÓS-GRADUAÇÃO B)

outro aspecto a ser considerado e que me aproximou do tema de pesquisa foi a militância na categoria profissional. [...] conhecer as demandas que chegavam à COFI possibilitava entender o quanto as/os assistentes sociais precisavam debruçar-se sobre os Fundamentos do Serviço Social. [...] Outra experiência importante para o aprofundamento do debate sobre os Fundamentos do Serviço Social ocorreu a partir da militância na ABEPSS (PRODUÇÃO EIXO PÓS-GRADUAÇÃO B)

Com a inserção no doutorado e, ainda na representação discente do Programa de pós-graduação [...] essa temática assumiu significado mais profundo (PRODUÇÃO EIXO PÓS-GRADUAÇÃO C)

O fio condutor que mobilizou [...] as experiências profissionais da autora é a preocupação com os Fundamentos do Serviço Social a partir da matriz marxista (PRODUÇÃO EIXO PÓS-GRADUAÇÃO D)

Destaca-se que às motivações evidenciam os desafios da relação teoria-prática e da necessidade de aprofundamento da temática para uma contribuição à dimensão interventiva da profissão. Ademais, verifica-se que a vinculação ao método marxiano e o embasamento a partir de autores críticos não está somente nas escolhas teórico-metodológicas dos autores, mas também compõe dimensões políticas pessoais destes, com 23,5% indicando que sua inserção junto a movimentos sociais foi uma das motivações para se debruçar sobre o debate dos Fundamentos da profissão, possivelmente

pela explícita intencionalidade ética e política da teoria marxiana, a qual possui grande centralidade na temática contemporaneamente.

Reitera-se, como já explicitado no capítulo 2, que no eixo da pós-graduação da amostra há uma importante tendência de deslocamento do debate sobre os Fundamentos do Serviço Social restrito a uma disciplina para uma concepção mais ampla dos Fundamentos do Serviço Social, impulsionada pela estreita relação da ABEPSS com os grupos de pesquisa dos programas de pós-graduação, do qual o GTP Fundamentos, formação e trabalho profissional é um dos mais relevantes nessa articulação, responsável pelo I Seminário Nacional de Fundamentos do Serviço Social e pela análise dos relatórios do ENPESS desse eixo de pesquisa (ambos eventos contemplados na amostra de pesquisa)

Yazbek, nessa perspectiva, destaca que a pós-graduação configura-se, por definição, como “espaço privilegiado de interlocução e diálogo entre as áreas do saber e entre diversos paradigmas teórico-metodológicos” (2009, p.176). Local privilegiado para o diálogo e apropriação do debate intelectual das ciências sociais em nível nacional e internacional, conquistando espaço no CNPq como área de pesquisa, respeito e visibilidade no âmbito interdisciplinar, “apesar das dificuldades decorrentes da falta de experiência em pesquisa, do fato de defrontar com restrições por se constituir em disciplina interventiva (de "aplicação") e das dificuldades na apropriação das teorias sociais” (ibidem, p. 177).

É a partir da pós-graduação que o Serviço Social avança nas pesquisas sobre sua própria natureza, “seus procedimentos, de sua formação, de sua história e, sobretudo acerca da realidade social, política, econômica e cultural onde se insere como profissão na divisão social e técnica do trabalho” (ibidem) contexto imprescindível para o fomento do debate dos Fundamentos do Serviço Social. Avançou, como vimos no capítulo anterior, na compreensão do Estado capitalista, das políticas sociais, dos direitos, da cidadania, da democracia, do processo de trabalho, da realidade institucional e de outros tantos temas.

A ABESS (Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social) foi criada em 1946. Após o Congresso da Virada, a ABESS assume o papel importante de coordenar e articular o projeto de formação profissional, tornando-se assim a Associação Brasileira de *Ensino* em Serviço Social (ABESS). Inicialmente, a principal preocupação da ABESS foi à regulamentação do ensino em Serviço Social de nível único e superior no Brasil, buscando, ainda, promover a adoção de um padrão mínimo de ensino, bem como

representar os interesses coletivos das escolas. A implantação do Centro de Documentação e Pesquisa em Políticas Sociais e Serviço Social – CEDEPSS, em meados de 1980, veio com o objetivo de suprir as novas demandas potencializadas com o surgimento dos programas de Pós-Graduação, a partir de 1972. Na segunda metade da década de 90 ocorreu a mudança para seu atual nome (Associação Brasileira de *Ensino e Pesquisa* em Serviço Social - ABEPSS), motivada pela defesa dos princípios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, bem como de articulação entre graduação e pós-graduação, objetivando superar as tendências tecnicistas e pragmático-instrumentais da profissão. É a partir do desenvolvimento dos grupos de pesquisa e de sua interlocução nos Encontros Nacionais de Pesquisadores em Serviço Social (ENPESS) que surge em 2010 os Grupos Temáticos de Pesquisa (GTPs) da ABEPSS⁹⁶, os quais buscam articular e impulsionar as experiências de pesquisa e a produção acadêmica. Esse esforço da categoria profissional representada pela ABEPSS e os programas de pós-graduação corrobora com os resultados do processo de pesquisa dessa dissertação ao identificá-los enquanto atores essenciais do debate sobre os Fundamentos do Serviço Social sob a perspectiva crítica, demonstrada pela representatividade em que aparecem na amostra.

Esse contexto também explicita os desafios encontrados na materialização dos objetivos desses dois atores, sob uma conjuntura de expansivas continuidades e aprofundamentos da política de educação superior desde a Reforma Universitária de 1968, passando pelo governo neoliberal de Cardoso e culminando com as gestões petistas de Lula e Rousseff. Duarte (2017) explicita elementos de continuidade ao se verificar a privatização/mercantilização e de aprofundamento com a ênfase nas parcerias público-privado e o crescimento exponencial do ensino à distância e tecnológico. Sinaliza metamorfoses na universidade e no trabalho docente, conduzidas pelos processos articulados de intensificação e precarização do trabalho, endossados pelo produtivismo acadêmico, gerando diversificação e faces distintas que dialogam na graduação e na pós-graduação, questões na saúde dos professores/as, acirramento de valores burgueses como a competitividade e o individualismo, redução das possibilidades de solidariedade entre docentes e dificuldade no seu reconhecimento enquanto trabalhadores, com repercussões na qualidade da formação profissional e na resistência coletiva. Acrescenta a urgência de ratificar a direção política do Serviço Social pautada na crítica, no fortalecimento da

⁹⁶ Dos quais destacamos principalmente o GTP Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.

agenda de lutas das entidades, a expansão da participação docente, defesa da universidade pública e da formação qualificada, também como condições de manutenção da direção crítica do projeto ético-político profissional.

Lima (2007) ao se debruçar na análise do processo de contrarreforma na educação superior no Brasil sinaliza que há um importante sistema de mediações estruturais de manutenção e aprofundamento da contrarrevolução neoliberal e de respectivo padrão dependente de educação superior historicamente vigente no Brasil – inerentemente consubstanciado pelo desenvolvimento capitalista depende do país e sua inserção subordinada na economia mundial imperialista com a configuração histórica e espacial da luta de classes- fomentando o tensionamento histórico entre projetos antagônicos de educação e de sociabilidade.

Importante compreendermos que a formação profissional do Serviço Social está inerentemente imbricada por essas relações estruturais da educação no contexto neoliberal. Maciel (2006) já realiza contribuições nesse sentido ao apontar os desafios da (re)criação de novos espaços para a inserção e práticas profissionais, sobretudo no que se refere aos objetivos e dimensão teleológica da profissão com as demandas da sociedade – dado o contexto de reforma universitária do país e de exacerbação das demandas postas pelos empregadores e pela dinâmica que é própria do mercado, ou seja, de ser agente central na definição de perfis profissionais. Sinaliza, nesse sentido, a importância de apreendermos dialeticamente as demandas institucionais e profissionais, cabendo ao processo de formação a correspondência com ambas, visando contribuições coletivas e não apenas funcionais aos interesses do mercado.

Enquanto outros elementos importantes de sua análise, podemos destacar: as debilidades teórico-metodológicas; o ecletismo e as repercussões da crise dos paradigmas na formação profissional. Essas fragilidades, segundo a autora, estão intimamente correlacionadas com o movimento dos currículos da profissão ao longo de seu processo sócio-histórico⁹⁷. Ademais, há que se levar em consideração o crescente enfoque dos programas de pós-graduação da área voltados para a ênfase em políticas sociais, o que pode impactar na relação mimética da profissão com a política social. Enfatiza, nesse entendimento, a necessidade de se analisar o Serviço Social a partir da realidade social e dos desafios emergentes.

⁹⁷ Questão que será abordada no subcapítulo 3.4

3.3.3 *Continuidades e discontinuidades: os desafios da formação e do ensino dos Fundamentos do Serviço Social*

O argumento que viemos estabelecendo nesse trabalho compreende que a análise dos Fundamentos do Serviço Social não pode ser analisada de forma isolada entre pós-graduação e graduação, mas enquanto a unidade desses. As dificuldades em nível de graduação se articulam, invariavelmente, em maior ou menor proporção, aos programas de pós-graduação, uma vez que são estes que formam os profissionais docentes para atuação na graduação. Batistoni sinaliza suas preocupações ao afirmar que:

é preciso afinar ainda mais a relação entre graduação e pós-graduação na temática dos fundamentos. Capacitação docente de mestres e doutores sintonizados com as diretrizes, especialmente no que se refere aos núcleos de fundamentação da formação sócio-histórica, do trabalho profissional...dos fundamentos da vida social, né? Uma vez que os fundamentos da vida social são, pressupõe-se, que são assegurados na graduação. Avançar e adensar as pesquisas na pós-graduação que fortaleçam esse processo, que evidentemente não tem um sentido instrumental uma razão instrumental de aplicabilidade, mas de decifrar, contribuir com este processo na formação de traduzir, fazer essa volta pro Serviço Social. Qualificar o exercício profissional na sua dimensão de contribuição naquela natureza da profissão no seu significado social de ser partícipe da reprodução da força de trabalho (Extraído de fala de BATISTONI, em BATISTONI, 2017)

Guerra, por sua vez, avalia que a ABEPSS tem tido um papel importante no fortalecimento dessa unidade, enfrentando no interior da ABEPSS “essa atomização aí, graduação e pós-graduação, num esforço, as oficinas coletivas, as pautas, as agendas, os GTPs...me parecem na sua dinâmica que podem ser potencializadores dessa relação, dessa unidade” (Extraído de fala de GUERRA, em GUERRA;BATISTONI,2017). Há trechos que apontam a necessidade de um projeto de formação voltado para a pós-graduação:

E eu quero fazer mais uma provocação: com esse debate dos fundamentos do Serviço Social está presente na pós-graduação [...] que a gente vem ao longo do tempo fazendo a crítica de que nós nos afastamos cada vez mais de um projeto de formação profissional para a pós-graduação. Como que a nossa educação e a nossa formação podem vir a se constituir em uma mediação para um projeto emancipatório da classe trabalhadora? É essa a orientação... nós não vamos tratar a educação e o trabalho de base como Serviço Social comunitário e nem como conhecimento do território... é outra coisa. Então como é que a gente vai trabalhar isso? Finalizando, só assim com esse debate e pensar o Serviço Social nessa perspectiva que nós vamos conseguir deixar de ser a ‘solitária vanguarda de nós mesmos’ que é o que Tiago de Mello diz, isso é muito importante para nós, para a profissão (ibidem)

Essa preocupação com a dimensão formativa se expressa em um dos relatórios do GTP, no colóquio do ENPESS de 2012, apontando a necessidade de:

problematização do tema da formação, em nível de pós-graduação. Se a formação contribui para o exercício profissional e este, por sua vez, é qualificado através da formação/educação permanente cabem as indagações: Por que em nossos currículos o tema da formação, educação, ensino superior aparecem de maneira discreta ou quase inexpressiva? Se a pós-graduação é o espaço privilegiado da formação de docentes, como isso se dá com a ausência de disciplinas sobre o tema em todos os programas? Qual é a política de formação de docentes na pós-graduação do Serviço Social? (Extraído documento GTP, em GTP- ABEPSS, 2012)

Em outro trecho, essas preocupações com a relação docência – aluno se desdobram a partir de outros elementos:

Me incomoda um pouco que são as questões do ensino no Serviço Social. Nós somos assistente sociais, nós somos bacharéis, em tese, a gente não sabe dar aula. Então [...] por mais que eu tenha uma concepção teórico-metodológica, sobre a história, sobre a profissão...na hora do confronto, confronto que eu digo é o ensinar...[...] nós não sabemos ensinar, nós não temos técnica e aí nós estamos lidando com uma outra questão [...] dos alunos: quem são nossos alunos hoje? Gente, em tempos de alta tecnologia não se tira mais cópia de texto, não se vai à biblioteca...quem é docente sabe, os alunos tão lendo no celular: ‘professora, já enviou o texto? Passa pelo celular?’ Então gente, a profissão não se constrói para mim sem essa discussão profunda do ato de ensinar [...] e aí não só situações de opressão entre profissional e usuário, mas de docentes e alunos, queria colocar esses pontos. (Extraído de fala de uma docente que participou dos debates, em GUERRA;BATISTONI, 2017)

Contexto que se articula ao debate sobre o ensino dos Fundamentos do Serviço Social, com um trecho da amostra em que se explicita o desafio de “ensinar os fundamentos, tanto do ponto de vista de que nós não somos preparados para a docência, somos assistentes sociais que estamos na docência, quanto também a dificuldade [...] até da nossa compreensão do que são os fundamentos do Serviço Social.” (Extraído de fala de LEWGOY, em LEWGOY; GUERRA, 2017)

A relação teoria e prática surge dessa forma a partir da fala da professora Valéria Fortes:

É a partir da unidade teoria e prática que começam a surgir inquietações. Em que medida vem se traduzindo, se materializando no nosso cotidiano de trabalho? Em que medida nós termos tomado conhecimento disso nos fez superar o fato de termos sido formados em uma sociedade em que a hierarquia e a desigualdade é a sua característica? Não é a superação disso só no plano intelectual, em que medida a gente não hierarquiza essas dimensões? Em que medida a gente vem entendendo essa unidade na diversidade, inclusive transmitindo isso para aqueles que estão em formação quando eu observo que essas questões estão muito mais na lógica do deve-ser do que é, e isso colocado pelos próprios alunos [...] até porque a desvalorização com o exercício

profissional muitas das vezes mostram ou nos digam que a única possibilidade nessa profissão seria a docência...nós não temos licenciatura, não somos professores, somos assistente sociais na docência [...] Assim como eu me deparo por exemplo, com a outra ponta, não tô dizendo que são todos, são apenas pontos que eu tô levantando, né? Docentes que entendem que não tem que estar na disciplina de estágio supervisionado. Eu também acho isso uma questão né? Será que essa disciplina é menor do que aquela disciplina que trata diretamente de determinadas categorias do campo teórico-metodológico...eu tenho 38 anos de profissão e 38 anos de docência e eu observo que essas são questões muito presentes na profissão e muito presentes no campo da formação, essa hierarquia, ela é impossível dentro da perspectiva teórica mencionada...ela não deixa de estar presente e muito presente no nosso exercício profissional. (Extraído de fala de FORTES, em GUERRA; BATISTONI, 2017)

Com relação a isso, Batistoni completa o debate afirmando que:

2% das nossas pesquisas falam de Serviço Social, os assistentes sociais entendem mais de políticas sociais do que de trabalhador... ué, que negócio esquisito é esse? Eu penso no que vai ser destinado pelo Estado ao trabalhador, que eu disse que tô defendendo, mas não entendo nada desse trabalhador, não me articulo com seus movimentos, o que que nós fazemos lá no cotidiano da prática? Eu encaminho para dentro do círculo do Estado, eu não conheço os movimentos sociais para os quais eu posso encaminhar os trabalhadores com os quais eu tô trabalhando, eu não conheço os conselhos, não fortaleço os conselhos com a presença dos trabalhadores, alguma coisa está errada...aí eu vou dizer o seguinte, essa impossibilidade não é do assistente social que tá lá, louquinho naquela confusão do cotidiano, ela tá lá na formação, porque os nossos professores também não gostam de Serviço Social. [aplausos] a gente fala 'ah tenho uma dificuldade de dar a disciplina de estágio', dificuldade nada, é porque não gosta mesmo! [aplausos] é porque acha que dar disciplina de política aumenta o status do professor e dar estágio é para qualquer um... eu sempre achei que ser o professor de estágio deveria ser o melhor professor da escola, porque é o professor que consegue estabelecer as mediações, teoria-realidade, que a gente sempre colocou como nosso problema. (Extraído de fala de BATISTONI, em GUERRA, BATISTONI, 2017)

Eu fui coordenadora de estágio dessa escola aqui, como assistente social, não como professora. Nós conseguimos 20 horas para cada profissional ir para o estágio, dar assessoria aos assistentes sociais supervisores, fazer o projeto com os assistentes sociais, que eles não tem [...] não é porque não quer não, não o tem porque não sabe fazer...não tem porque acha que as políticas sociais é o seu projeto, porque que é que esse negócio não foi adiante? porque nós não fomos para o campo! Nós tínhamos 20 horas e não íamos para lá conversar com o supervisor, então ou a gente reconhece que tá colocando nas costas dos assistente sociais que eles não sabem fazer Serviço Social mediado por esse projeto profissional porque nós não sabemos ensinar Serviço Social mediado por esse projeto ou senão isso não vai para frente. (Extraído de fala de docente que participou dos debates, em GUERRA, BATISTONI, 2017)

Reinaldo Pontes, nesse linha argumentativa refere que:

Nós melhoramos e sem dúvida nenhuma em termos teóricos melhoramos muito, mas atenção, melhoramos até que ponto? Porque nós passamos a trabalhar com um arcabouço teórico muito sofisticado, filosoficamente muito exigente e que o tempo de formação não tem permitido esse aprofundamento... e quando a gente chega na pós-graduação, o problema persiste, e aí o risco do

buraco continuar existindo e a gente continuar teorizando sobre ele, mas não enfrentando, continua também verdadeiro. Eu penso que a gente tá com um desafio tanto para a pesquisa quanto para a pós graduação, cadê o engate com o indivíduo? Porque lá na ponta, muitas vezes você vê assistente social que tem uma discussão muito boa, mas são tiranos com o usuário, oprimem, eles usam o poder institucional para oprimir e não para trabalhar o plano de consciência que seria em direção a uma consciência de classe. (Extraído de fala de PONTES, em BATISTONI;GUERRA,2017)

Alguns outros pontos do debate apreendido pela amostra da pesquisa merecem destaque: I) a necessidade de uma discussão aprofundada sobre a criticidade que alicerça nossa compreensão sobre a profissão ao realizar o movimento de retorno para a realidade:

E aí qual é o impacto que os fundamentos do Serviço Social estão tendo na construção de um perfil profissional que a gente chama de crítico e a outra questão é o que é este crítico. Porque todo mundo é crítico e todo mundo fala em nome do mesmo PEP crítico, só que a gente precisa qualificar esse elemento. [...]Qual é a crítica que nós estamos trabalhando na perspectiva da nossa formação profissional e dos fundamentos que nós estamos resgatando e que nos sustenta? Que profissão é essa? Eu acho que a gente tem um certo idealismo em torno do que é o Serviço Social, as nossas pesquisas tão dando conta de trabalhar o perfil do assistente social e do estudante? É preciso pensar o Serviço Social contemporâneo de seu tempo, respondendo efetivamente aos processos históricos atuais na direção daquilo que a gente chama de PEP, qualificando esse projeto, não dá para dizer que todos nós, todos os assistentes sociais que falam em nome do PEP, tem o seu PEP na sua realização. Como responder a essa direção do PEP e.. nas nossas respostas? Como vem sendo tratado os fundamentos na atualidade, na perspectiva histórica? (Extraído de fala de docente que pediu a palavra na platéia, em GUERRA; BATISTONI, 2017)

Outro ponto refere-se a II) conhecer o perfil dos alunos na atual conjuntura, pois
isso

tem implicações formativas muito, muito desafiantes, que está vinculado, não muito diferente, a conhecer de fato os segmentos com os quais trabalhamos, como partícipes de classe [...] eu tô instigada nesse processo e acho que ele tem uma dimensão que não é teórica, só da pesquisa, é formativa, o que que é essa condição de classe dos sujeitos que são nossos alunos e que somos parte como docentes, essa questão tem que ultrapassar uma dimensão teórica. (Extraído de fala de BATISTONI, em GUERRA; BATISTONI, 2017)

Sobre o GTP Fundamentos, formação e trabalho profissional, Franci Cardoso traz questionamentos sobre a concepção de Fundamentos utilizada:

porque se nós concebemos os fundamentos enquanto síntese dos núcleos de fundamentação da vida social, da sociedade brasileira e do Serviço Social, então fundamentos realmente envolveria tudo, mas ali tem assim: ênfase em fundamentos, ênfase em trabalho, então fundamentos passa a ser alguma coisa no mesmo patamar do trabalho profissional e da formação e tô trazendo uma preocupação que a gente tem tido na nossa trajetória toda, em esclarecer um pouco mais isso, então qual é o critério para colocar 73 pesquisas na área de

fundamentos, 79 na área do trabalho. tá entendendo? [...] Tá ali Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho, que tá ali com ponto e vírgula, mas o português é importante, para mostrar a concepção da gente, se você coloca isso, vírgula, então é uma coisa, outra e outra. (Extraído de fala de Franci Cardoso, em GUERRA; BATISTONI, 2017)

Na perspectiva da pesquisa no âmbito dos Fundamentos, há um outro questionamento:

o único GTP que traz aquele negocinho chamado trabalho profissional é esse GTP. O resto, é assim "etc etc e Serviço Social ""etc etc e Serviço Social" que a maioria das produções não vira Serviço Social nenhum, porque quando a gente vai ver o que tá sendo produzido, o cara diz lá no final "isso é muito importante para o Serviço Social" essas são as mediações com a profissão, é dizer que aquilo é importante para a profissão...se o dono do artigo não consegue dizer porque que aquele negócio é importante para o Serviço Social, não vai ser o aluno EAD nem o aluno do ensino presencial público que vai estabelecer essas mediações. . (Extraído de fala de docente que pediu a palavra na plateia, em GUERRA; BATISTONI, 2017)

Assim, argumentamos que é nessa conjuntura que a ABEPSS e a pós-graduação apresentam-se enquanto elementos estruturantes dos Fundamentos do Serviço Social, conformados por um contexto sócio-histórico cujos desafios postos frente à materialização da vertente de intenção de ruptura evidenciam dilemas e desafios que se reatualizam contemporaneamente no Serviço Social. Como síntese, acreditamos que há importantes interlocuções a serem feitas: no nível da pesquisa, entendemos a importância de pesquisas que I) se debruçam na compreensão dos modos e condições de vida dos sujeitos com os quais construímos a nossa intervenção e com os movimentos sociais, estabelecendo apreensões sobre o contexto contemporâneo das classes sociais em uma dimensão interseccional; II) realizem maiores interlocuções com os assistentes sociais em exercício profissional, com metodologias de pesquisa que efetivamente se preocupem não só com o conteúdo, mas com a forma e a contribuição da produção para a categoria profissional, considerando formas de devolução aos profissionais e à sociedade dos resultados da pesquisa⁹⁸; III) diante da dificuldade de viabilizar a extensão comunitária dado o contexto que atravessa as instituições de ensino superior, estabelecer pesquisas que absorvam os princípios da extensão comunitária, com metodologias criativas, amostras e atores dos territórios e dos movimentos sociais, buscando a inserção destes no ambiente acadêmico, aproveitando os espaços possíveis para mesas redondas, seminários, de forma a também materializar às orientações das Diretrizes Curriculares no que se refere

⁹⁸ Inclusive enquanto uma dimensão ética que nos atravessa, considerando o fundo público investido para viabilizar as pesquisas.

aos desdobramentos das matérias⁹⁹, bem como criando estratégias via verbas disponibilizadas para a pesquisa que fortaleçam as estratégias destes mesmos movimentos sociais e segmentos¹⁰⁰.

No que se refere aos aspectos do ensino, avalia-se a urgência de articulação da ABEPSS com as IES para o estabelecimento de planos e estratégias que fomentem o ensino para quem ensina ou pretende ensinar, considerando a mudança de perfil dos estudantes e da conjuntura contemporânea da política de educação no país: aprofundamento e apreensão de processos pedagógicos vinculados a correntes críticas, com a retomada das perspectivas da educação popular a partir de outro patamar que difere da aproximação feita entre a década de 60 e 80, com um acúmulo mais denso da teoria e do método marxiano. Destaca-se que acreditamos que essa apreensão deve ser feita não somente pelos alunos da pós-graduação e docentes, mas também transposto nos currículos da graduação, considerando que o objeto da profissão – a questão social e suas refrações – não se trata de uma entidade metafísica ou uma mera categoria abstrata, e sim uma categoria ontológica que invariavelmente se expressa de maneira relacional enquanto objeto do exercício profissional e é a partir dessa relação que os assistentes sociais constroem sua intervenção, o que nos demanda uma qualificação no que se refere às contribuições da educação popular.

Em convergência a isso, defende-se que a contribuição de autores como Paulo Freire e bell hooks são significativas para esse debate. Paulo Freire já estabeleceu significativas contribuições ao Serviço Social¹⁰¹ e define a educação popular como a que

respeita os educandos, não importa qual seja sua posição e classe e, ao mesmo tempo, leva em consideração, seriamente, o seu saber de experiência feito [...] não considera suficiente mudar apenas as relações entre educadora e educandos [...] mas, ao criticar e tentar ir além das tradições autoritárias [...] critica também a natureza autoritária do capitalismo (FREIRE, 2007, p. 103-105)

⁹⁹ “As matérias são expressões de áreas de conhecimento necessárias à formação profissional que se desdobram em: disciplinas, seminários temáticos, oficinas/laboratórios, atividades complementares e outros componentes curriculares” (ABEPSS, 1996, p. 15)

¹⁰⁰ Inserindo na metodologia ações fora da universidade, nos espaços onde esses movimentos atuam, incluindo os sujeitos da pesquisa na elaboração de artigos resultantes desse financiamento; realizando eventos presenciais e online onde a fala desses sujeitos seja garantida; estabelecendo como contrapartida palestras e minicursos que sejam do interesse desses segmentos, compartilhando o conhecimento da profissão, entre outros.

¹⁰¹ Ver SCHEFFER, G; CLOSS, T.; ZACARIAS, I (org). Serviço Social e Paulo Freire: diálogos sobre Educação Popular. Editora CRV, Curitiba. 2021

bell hooks¹⁰², destaca a relevância de Paulo Freire em suas elaborações e traz importantes reflexões sobre uma educação transgressora, questionadora, antirracista e anticapitalista:

Essa transição das queridas escolas exclusivamente negras para escolas brancas onde os alunos negros eram sempre vistos como penetras, como gente que não deve estar ali, me ensinou a diferença entre a educação como prática de liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação. [...] Na graduação [...] aprendi muito sobre o tipo de professora que eu não queria ser. [...] O sistema de educação bancária [...] não me interessava. (hooks, 2013, p.15-16)

O eixo da formação profissional teve um papel essencial na gênese e no desenvolvimento do debate sobre os Fundamentos do Serviço Social, mantendo-se enquanto significativo articulador das questões contemporâneas dos fundamentos – inclusive reconhecendo a necessidade de aprofundá-los e estabelecer novas interlocuções para que realmente se efetive a indissociabilidade entre formação e exercício profissional, ainda que não esteja livre dos desafios postos à profissão

Aquilo que ensinamos precisa ser praticado dentro da própria universidade, sob pena de que o nosso discurso se esvazie e que as nossas referências teóricas e políticas nos contradigam, não pela sua coerência e atualidade, mas pela nossa dificuldade de mediar entre o real e o ideal. O Serviço Social, mais do que nunca, encontra-se convocado a atuar nesse real, tal qual se apresenta: complexo e contraditório, portanto pleno de possibilidades a serem construídas de forma coletiva e interinstitucional, pois sua gênese encontra-se no projeto de sociedade que está em revisão e não, apenas, na profissão de Serviço Social. (MACIEL, 2006, p. 175)

3.4 VELHAS NOVAS QUESTÕES DE HISTÓRIA, TEORIA E MÉTODO: PONTO FULCRAL NO DESENVOLVIMENTO DOS FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL

A ênfase evidenciada nas concepções de fundamentos do Serviço Social nos eixos ‘históricos e teórico metodológicos’ ou apenas “teórico-metodológicos” não se estabelece a partir do acaso de uma confluência dos autores da amostra, uma vez que tem suas raízes em um processo sócio-histórico na produção de conhecimento e no âmbito formativo da profissão, em suas correlações com o exercício profissional. O grande marco para a elaboração do que hoje conhecemos como Fundamentos históricos e teórico-

¹⁰² Professora, escritora e ativista negra norte-americana de grande importância, principalmente para o movimento antirracista e feminista. Seu nome de registro é Gloria Jean Watkins. O pseudônimo bell hooks foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. Segundo depoimentos da própria autora, a letra minúscula é proposital e pretende dar enfoque a força da sua escrita e não à sua pessoa.

metodológicos do Serviço Social se dá a partir de dois pontos paradigmáticos: I) a proposta curricular de 1982, que se apresenta como um produto do movimento de reconceituação e da intenção de ruptura e II) a proposta curricular de 1996, que propõe um salto qualitativo na materialização das bases da teoria marxiana na profissão, fruto do amadurecimento da área na produção de conhecimento.

Conforme Maciel (2006), o currículo de 1982 ficou caracterizado pela subdivisão em duas partes: uma básica e outra profissionalizante. Na tabela abaixo podemos verificar a estrutura curricular:

Tabela 15 – Estrutura do currículo mínimo de 1982

Área básica	Área profissional	Matérias complementares obrigatórias
Filosofia	Teoria do Serviço Social	Estudo dos problemas brasileiros
Sociologia	Metodologia do Serviço Social	Educação Física
Psicologia	História do Serviço Social	
Economia	Desenvolvimento de Comunidade	
Antropologia	Política Social	
Formação social, econômica e política do Brasil	Administração em Serviço Social	
Direito e Legislação Social	Pesquisa em Serviço Social	
	Ética profissional em Serviço Social	
	Planejamento Social	

Fonte: Pinto 1986 apud Maciel, 2005, p. 97.

Assim, na formação profissional da época, a tríade história-teoria-método do Serviço Social se expressava como elementos *próprios da profissão*. Tal configuração resulta em grandes debates e polêmicas, visto não conformar um consenso entre os autores da área e apresentar desde a sua implantação “grandes dificuldades em sua operacionalização [...] constituindo um dos principais pontos de estrangulamento do novo currículo” (ABREU;CARDOSO, 1989, p.162). A discussão sobre teoria e método, amplamente debatida na temática dos Fundamentos do Serviço Social tem no currículo mínimo de 1982 elementos estruturantes (à época debatidos como Teoria do Serviço Social e Metodologia do Serviço Social). No entanto, verifica-se que nesse processo há incoerências e mistificações, sob as quais iremos nos debruçar, a fim de compreender como essas incidem enquanto processo sócio-histórico estruturante dos Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente.

Netto (1986;1989) se destaca pioneiramente devido ao seu posicionamento contrário a uma concepção de Teoria e Metodologia próprios do Serviço Social e partiremos de seu debate, conjugado com as colaborações de Yamamoto, para articular questões que seguem presentes contemporaneamente, sobretudo porque as preocupações

da época se reatualizam na relação teoria-prática. O autor explicita que a discussão em torno da tríade história-teoria-método contemplava basicamente os seguintes conteúdos:

1. na história se trata do processo de institucionalização da profissão, como foram consagradas as práticas profissionais, como se deu a evolução dessa profissão;
2. no plano da metodologia, se trataria, em princípio, das estratégias de intervenção, dos modelos de intervenção e, em alguma medida, de fornecer alguns parâmetros para que o profissional consiga delimitar minimamente o campo de intervenção que lhe seria próprio;
3. e no plano da teoria, se discutiria eventualmente as categorias epistemológicas, as relações do conhecimento com a prática, as aparentes antinomias do conhecimento: teoria-prática, sujeito-objeto. Ou seja, nós teríamos nesta proposta, que já viceja entre as escolas, já ganha hegemonia entre as escolas, um rearranjo dos conteúdos que eram dados anteriormente. (NETTO, 1986, p. 49)

Netto, em sua exposição, refere que o Serviço Social, sob esse contexto, seguia com um 'ritual folclórico' de crítica ao positivismo, ainda que o mantivesse com suas derivações impregnando profundamente as visões da profissão de ciência e de teoria (NETTO, 1986, p. 50). Para o autor, ao se tratar de ciências da sociedade sob o viés positivista, incorre-se no erro do reducionismo dos fenômenos sociais, de forma a marginalizar sua complexidade ou totalidade. Ou seja, de que é possível

recortar na realidade um quadradinho ou triângulo ou um losango, e a partir dele elaborar uma série de determinações abstratas que, quando eu as reinsiro na realidade, eu estabeleço as conexões e estamos conversados. Evidente que por trás disso está a noção de totalidade social como soma das partes. É evidente que o que está por trás da noção de uma teoria do Serviço Social e de uma metodologia do Serviço Social é [...] a ideia de que o objeto de conhecimento é posto pelo sujeito. (NETTO, 1986, p.55)

Dessa concepção de teoria e metodologia, derivam duas noções que o autor afirma a necessidade de combate: primeiro a noção de teoria enquanto mera sistematização da prática. Netto refere que

você sistematiza a sua prática e está fazendo teoria. Isso é um terrível equívoco; a sistematização da prática é mais do que necessária para que ela não se reitere aleatoriamente, mas isso não é teoria. Eu insisto porque isso está na base de muitas das coisas que nós fazemos e falamos. Eu recordo que trabalhei em uma entidade de ensino [...] onde se dizia que o trabalho do aluno [...] o célebre TCC, devia ser sistematização da prática. E se afirmava isso para combater o empirismo! Isso é a fina flor do empirismo, não transcende em nenhum momento o limite do empirismo. (NETTO, 1986, p.55)

A segunda noção a ser combatida é referente ao método e se expressa em três níveis distintos: o primeiro nível refere-se à confusão de método de investigação com método de exposição, na qual o formalismo é sua maior expressão; o segundo nível refere-

se ao método] enquanto uma pauta determinada de procedimentos para conhecer algo, derivando daí a ideia de “aplicar” o método e o terceiro nível confunde método com estratégia de intervenção.

Nesse ponto, Netto está em franco debate com as elaborações teóricas de Abreu e Cardoso (1989) ao proporem uma metodologia da produção de conhecimentos e uma metodologia da intervenção, as quais afirmam que: “entendemos metodologia como o conjunto de relações estabelecidas entre o sujeito e o objeto de conhecimento e de intervenção, admitindo-se a distinção entre o processo de conhecimento e o processo de prática interventiva” (ABREU;CARDOSO, 1989, p. 172). Iamamoto, no momento de debate da exposição de Abreu e Cardoso questiona:

Marilda Vilela Iamamoto - Como se coloca, no texto, a posição de distinção entre metodologia do conhecimento e da ação?

Franci Gomes Cardoso - Metodologia da ação articula problemáticas, objetivos, estratégias e táticas, como elementos fundamentais da intervenção. Isso fundamentado num conhecimento sobre a realidade na qual se age. Os procedimentos não são neutros. Eles são guiados por conhecimentos que propiciam diretrizes e elementos para desvendar a realidade. A metodologia do conhecimento é o processo de apreensão do real e a metodologia da ação é o conjunto de estratégias e táticas que incidem sobre esse real, transformando-o. Processo de apreensão do movimento do real não pode ser confundido com o movimento real. (CADERNO ABESS, 1989, p. 184)

Sob essa perspectiva, concorda-se com Iamamoto (1989) quando esta afirma que o método é “um só, ligado à teoria. O método em Marx não é só um método de conhecimento. [...] é um produto do processo de investigação, mas que é expressão, no nível abstrato, daquela luta que está se dando, que é a luta de classe” (ABESS, 1989, p. 185). Isso se articula ao processo de consciência, onde Marx já explicita que a “consciência [...] nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente [...], e o ser dos homens é o seu processo real de vida. [...] Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência. (MARX, 2004, p. 9) . Essa passagem de A ideologia Alemã se torna importante para compreender o que Iamamoto nos sinaliza ao afirmar que

Marilda Vilela Iamamoto - O Serviço Social na sociedade capitalista, a sua razão histórica de ser, tem a ver com a reprodução do trabalho, com a reprodução da ideologia, porque são razões sociais que elevam a institucionalização, a necessidade social histórica de ter esse profissional na sociedade. Não é da cabeça do profissional que vai ser possível a transformação disso em outra direção, é possível a prática política em outra direção porque essa sociedade tem contradições e forças que fazem com que o profissional, ao se defrontar com esse movimento da sociedade, essa possibilidade não é dada pela cabeça mas pelo movimento da história. O profissional, enquanto sujeito desse processo, pode fortalecer esse rumo do processo histórico como pode não fortalecer. Não há um determinismo ou um despotismo esclarecido. (ABESS, 1989, p. 185)

Nesse contexto, explicitam-se incoerências de uma apropriação parcial de elaborações gramscianas, ao tomar o conceito de “reforma intelectual e moral” enquanto um processo de “constituição da ideologia das classes dominadas, a partir do qual se dá o afastamento da influência ideológica da classe dominante” (ABESS, 1989, p.167), processo no qual o proletariado vai adquirindo consciência de fazer parte de uma força hegemônica [...] em que se coloca a necessidade da criação de uma elite de intelectuais” (ABESS, 1989, p. 168). Concorda-se com Yamamoto quando esta reflete que “[não é] mudando a cabeça [dos profissionais], que muda-se a qualidade da prática. Isso não é tão automático assim. A ideia de “educador dos pobres” remete para o lado messiânico. Há uma polêmica e a questão é de compreensão” (ABESS, *ibidem*). Avalia-se que esse ponto do debate é um elemento a ser mais bem aprofundado pela produção de conhecimento da área e segue com difusas compreensões da relação profissional – sujeitos com os quais construímos nossa intervenção.

Kameyama (1989) utiliza-se de conceito semelhante ao propor uma metodologia do conhecimento e metodologia de ação.

há um método de conhecimento que cria uma teoria, mas essa teoria precisa ser transformada em prática, através das mediações adequadas. O que vem a ser mediação? É exatamente a relação entre o mediato e o imediato. Como se faz essa mediação? Há todo um procedimento que seria a organização dos materiais, organização das consciências, plano concreto de ação, reconhecimento das condições materiais, pesquisa, análise de conjuntura. Feita a análise de conjuntura entra-se com a estratégia e tática e com os procedimentos metodológicos ou as formas pedagógicas que pode se chamar de instrumentalização. (ABESS, 1989, p. 185)

A incoerência se coloca na análise da categoria mediação, conforme analisado por Pontes (2000), uma vez que Kameyama afirma, ao mesmo tempo, que não existe uma passagem automática entre teoria e prática - utilizando-se da categoria mediação de forma simplista, como um mero “plano intermediário entre a dimensão reflexiva do conhecimento e a prática social” (PONTES, 2000, p.132). Posteriormente, afirma que “se as categorias teóricas forem bem dadas, ter-se-á, naturalmente, a materialização destas na prática, o que resolve o problema da instrumentalização, operacionalização da prática” (KAMEYAMA, 1989, p. 104).

Concorda-se com a análise de Pontes (2000) ao identificar que as limitações na apreensão da categoria mediação não dão condições para compreendê-la de forma bidimensional: “estrutura o ser independente da razão [mediações ontológicas], portanto,

é ontológica; e como construto da razão, se apropria do movimento do próprio ser social [mediação reflexiva]”. (PONTES, 2000, p. 132). Assim, pode-se incorrer no erro de compreender o assistente social operando “mediações, transformando teoria em ação. Nesse sentido, a mediação é uma categoria instrumental para intervenção, o que empobrece sobremaneira o seu poder reflexivo de dilucidar a complexidade do real” (ibidem, p.133). Essa tendência também pôde ser verificada na amostra da pesquisa, o que demonstra sua atualidade.

a mediação, enquanto categoria do real, não possui o poder “mágico” de transformar teoria em prática. A razão pode construir mediações reflexivas, mas estas, por si só, não operam passagens nem conversões entre as instâncias do real, mas permitem ao sujeito cognoscente uma aproximação relativa ao concreto (PONTES, 2000, p. 132)

Importante destacar o posicionamento de Faleiros nesse debate, o qual defende a centralidade da categoria representação. Define a profissão como mediação entre produção material e a reprodução do sujeito, enfatizando a representação do sujeito nessa relação (FALEIROS, 1989, p. 120). O autor incorre em análises semelhantes às outras autoras ao afirmar que o núcleo metodológico do Serviço Social não se trata de um ‘hardware’, como “equipamento para processar qualquer realidade [...] A metodologia aqui é pensada com ‘software’, programa e estratégia flexível de ação na articulação do específico da profissão num contexto determinado” (FALEIROS, 1989, p. 118). Na produção do autor, Pontes (2000) igualmente verifica o uso indiscriminado da categoria mediação, sem o devido trato teórico-metodológico que lhe é inerente. Igualmente se verifica leituras próximas à tendência do messianismo, com as quais Netto e Batistoni avaliam que:

José Paulo Netto - A questão de o assistente social operar no nível da representação, com as tarefas a ele atribuídas, ou pelas possibilidades que ele tem, não resgata a ideia de que o assistente social é um vetor que introduz a consciência verdadeira? [...]

Maria Rosângela Batistoni - [...] A demanda institucional histórica que está posta para o Serviço Social é contrária. A ênfase política na emancipação parece resgatar, no texto, a mesma ótica da reconceituação, a questão da transformação como uma essencialidade do papel do Serviço Social, com peso maior na questão da emancipação. (ABESS, 1989, p. 136)

Converge-se com Netto na medida que este relaciona o debate de Faleiros e do perfil profissional traçado por ele com a difícil distinção “daquela ideia do intelectual orgânico, daquele profissional a serviço das classes trabalhadoras. [...] as ferramentas do profissional não seriam muito tênues para agir nesse nível? A dúvida é da eficácia

disso.” (ibidem, p. 137). Questiona, assim, a possibilidade de estar sendo feito um hiperdimensionamento das funções e instrumentos da profissão, referindo que “o rompimento da onipotência não pode levar à impotência. Se não se tiver um certo pessimismo da razão, o otimismo do coração não trará avanço” (ibidem, p.139) Yamamoto complementa afirmando que “o perigo é a categoria criar um discurso que se sobrepõe à realidade” (ibidem)

A primeira reflexão, já bastante partilhada em nosso seminário sobre método, é que houve uma enorme confusão entre o método propriamente dito e o resultado de sua aplicação. Fica claro, após uma leitura mais atenta, que o método está implícito no caminho que levou às constatações expostas e não pode, de forma alguma, ser reduzido a elas. Nesse sentido, a dialética materialista, está contida na "conclusão geral", mas não pode ser reduzida às afirmações que transformam categorias como "estrutura econômica" ou "superestrutura" em elementos e leis gerais do método. Essa percepção aparente levou a interpretações mecânicas e parciais, ao esquematismo dos manuais que transforma a riqueza do método, como disse Engels tempos depois, numa "simples resolução de uma equação de primeiro grau". (ibidem)

As Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996, nesse contexto, vieram com o intuito de apontar para uma nova lógica curricular, como já vimos no capítulo 2. Articula três Núcleos de Fundamentos, os quais traduzem um conjunto de conhecimentos constitutivos da formação profissional, articulando os conteúdos necessários para a formação e o trabalho profissional do assistente social e “desdobram-se em áreas de conhecimento que, por sua vez, se traduzem pedagogicamente através do conjunto dos componentes curriculares, rompendo, assim, com a visão formalista do currículo, antes reduzido a matérias e disciplinas” (ABEPSS/CEDEPSS, 1996, p. 63). Contudo, o que se verifica é que, após as Diretrizes Curriculares de 1996 houve mudanças na articulação dos eixos história- teoria-método no debate sobre os Fundamentos do Serviço Social, com o intento de articulá-los de forma indissociável para a superação de concepções que buscavam uma teoria e métodos próprios ao Serviço Social.

Por outro lado, identifica-se que o eixo relacionado à história¹⁰³, apesar de incorporado, manteve uma estrutura de linearidade cronológica nas matérias em que os

¹⁰³ Sob este ponto, reforçamos o entendimento que compartilhamos com Hobsbawm (1989 apud Prates, 2012, p. 120), quando este identifica “a prioridade dada por Marx ao conhecimento das estruturas antes de conhecer sua história (gênese, transformação, evolução). Para resgatar a gênese, refere o autor, Marx utiliza dois procedimentos distintos – um regressivo, outro progressivo. O primeiro (regressivo) busca na história a gênese de cada um dos elementos, ou seja, parte do presente, retorna ao passado para descobrir o processo que permitiu a presente ser o que é. O próprio movimento exige outro movimento complementar (progressivo) que, partindo do passado, retorna ao presente mostrando seu desenvolvimento.”

Fundamentos do Serviço Social possuem centralidade. Isso se explicita enquanto uma tendência na lógica etapista nas ementas curriculares selecionadas pela pesquisa, conformadas em FHTM I, FHTM II, FHTM III, e por vezes, FHTM IV. Apesar dos avanços da produção de conhecimento em reconhecer os limites da categoria historicidade sob os moldes etapistas, essa configuração se mostra enquanto um desafio a ser enfrentado pela profissão, conforme explicitado nos trechos abaixo:

a pergunta que a gente tem que se fazer é qual concepção de história que a gente vem trabalhando? Na medida em que a gente organiza os conteúdos dos fundamentos do Serviço Social definidos cronologicamente nós já estamos comprometendo parte das diretrizes curriculares, porque a gente diz que é o pensamento positivista que tem uma concepção de história linear, cronológica, evolutiva, endógena de pensar o Serviço Social separado dos processos históricos das classes sociais. (Extraído de fala de GUERRA, em BATISTONI;GUERRA, 2017)

Em algumas oficinas [da ABEPSS Itinerante], as/os participantes revelaram que a apreensão da história estava mais próxima à historiografia da profissão, dos movimentos da categoria como etapas estanques, e que não necessariamente estavam vinculadas a uma concepção materialista da história, mesmo que a cronologia tenha sua importância para a análise histórica. (TEIXEIRA, 2020, p. 88)

O desafio posto à dimensão teórico-metodológica surge nas dificuldades apresentadas com a categoria mediação - entendida aqui a partir da bidimensionalidade proposta por Pontes (2000) de mediações ontológicas e reflexivas. Se, por um lado, o debate sobre os Fundamentos do Serviço Social vem explicitando a necessidade de articulações com o exercício profissional e com os sujeitos com os quais construímos nossa intervenção, de outro, tem-se a necessidade de aprofundamento de categorias expostas no cotidiano profissional, que por vezes apresentam-se apenas em suas formas formais-abstratas, com alto nível de abstração em sua dimensão de universalidade. A questão que se verifica nesse ponto é que “há, na análise da realidade e da profissão, a falta ou a pouca apreensão de perspectiva de totalidade” (TEIXEIRA, 2020, p. 13)

fazer essa discussão sem ainda manter aquilo que nos anos 80 estava presente que era a tricotomia história, teoria e método. Ou seja, essa tricotomia foi superada? [...] o debate dos fundamentos do Serviço Social ele tem que nos ajudar a enfrentar todas essas tentativas de reedição [...] do Serviço Social de caso, clínico, psicologização e individualização que não vem com esse nome de Serviço Social clínico, mas que vem por dentro das políticas sociais e que nos fazem manter um tipo determinado, embora nossa formação tenha nos dado elementos para que a gente fizesse a crítica, quando nós estamos no enfrentamento da realidade social aparentemente aqueles fundamentos não estão presentes, em que medida os fundamentos críticos estão presentes no momento em que nós estamos enfrentando os espaços sociocupacionais? (Extraído de fala de GUERRA; em GUERRA;BATISTONI, 2017)

Esses elementos devem ser articulados com a apreensão explicitada por Netto de que a ruptura proposta pela vertente crítica da categoria profissional se expressa enquanto uma intenção – e, por isso mesmo, permanece em tensionamento, acompanhando a dialética da realidade social e da luta de classes, chão material em que os Fundamentos do Serviço Social se movimentam. Essa leitura material e objetiva da intenção de ruptura é essencial para não cairmos em uma análise distorcida da tríade tese-antítese-síntese, na qual o movimento de negação se dá via negação inclusiva, ou seja, composta pela contradição (processo de tensão entre contrários) que conforma a síntese. Revisitar esses dilemas e lacunas agora com o suporte de análises com maior nível de totalização, após mais de vinte anos desses debates, nos parece oportuno para avançar na materialização dos Fundamentos do Serviço Social sob a vertente crítica.

Outros elementos que nos parecem oportunos na análise desses debates se explicitam nas contribuições de Lefebvre, sobretudo para compreender o processo de fragmentação, recorrentemente verificado na produção de conhecimento sobre os Fundamentos do Serviço Social quando percebidos a partir de relações como história - teoria - método; ou nas competências teórico-metodológicas, ético-políticas e técnico-operativas, formação-exercício; teoria-prática, entre outras relações. Se trata da elaboração do autor referente ao entendimento e a razão. Para Lefebvre (1991)

A razão reestabelece, ou busca reestabelecer, o todo; é função da vida, do conjunto, do movimento real. O entendimento determina o detalhe, o elemento, destruindo (negando) o todo e o conjunto, dissolvendo esse todo. A razão, por sua vez, nega as determinações do entendimento, critica-as; constata que a inteligência “tem razão” num certo sentido, já que o objeto que ela determina é um objeto real; assim, na anatomia, os órgãos que se disseca são objetos reais. Mas a razão constata que a inteligência está errada num outro sentido, pois ela perde de vista a ligação entre os elementos e mata o conjunto vivo (LEFEBVRE, 1991, p. 104)

A partir desse pressuposto, avalia-se que é importante no debate sobre os Fundamentos do Serviço Social o esforço de totalizações que deem conta da relação entendimento - razão. Ainda que diante da complexidade da temática, se nos limitarmos enquanto produção de conhecimento no processo de entendimento, ou seja, de apreensão particular de um ou outro elemento que abarque os Fundamentos da profissão, corre-se o risco de afastarmos-nos do processo da razão dialética, sem a qual se torna inviável o avanço de novas elaborações enquanto área de conhecimento, tampouco de processos de materialização dos fundamentos no exercício profissional, uma vez que o entendimento

sem o processo de razão dialética direciona nossa intervenção profissional para ações focalizadas e pontuais, destituídas dos pressupostos da vertente crítica da profissão. Essa fragmentação também se expressa na dificuldade de articulação entre teoria-prática, seja na produção de conhecimento, seja na materialização da vertente crítica da profissão no exercício profissional, uma vez que se mantém

presa às operações do entendimento [...] Separa, isola (por exemplo, o sujeito e o objeto), mas não o faz com o objetivo de reuni-los mais intensa e mais lucidamente. Ela os conserva separados. [...] dissocia as oposições e contradições, deixando de ver a ligação, a própria contradição (ibidem., p. 105).

Assim, a relação entre a realidade concreta e a abstração não pode ser vista de forma separada, são duas características inseparáveis do conhecimento. Importante dizer que o entendimento e razão, apesar de qualitativamente distintos, são essenciais ao processo de apreensão da realidade concreta:

é preciso passar pelo entendimento. Mas nem por isso deixa o mundo do entendimento de ser um mundo dos objetos separados [...] O mundo dos objetos práticos, dos instrumentos, da linguagem, da experiência familiar, da percepção e da ação cotidiana, por conseguinte, é um grau de conhecimento. E não é possível deixá-lo de lado. Mas, em si, esses objetos separados, distintos, justapostos, são os 'ossos de um esqueleto sem vida'. A verdade desse mundo não reside nele mesmo. (ibidem, p. 114)

O debate realizado ao longo do capítulo traz elementos que indicam que os desafios dos Fundamentos do Serviço Social na sua relação com as dimensões históricas e teórico-metodológicas se tratam de uma pauta antiga da profissão, datada dos debates entre revisões curriculares de 1982 e 1996, e que se reatualiza no tempo presente sobretudo a partir de dois desafios: na articulação da particularidade interventiva do Serviço Social com a perspectiva teórica-metodológica que lhe dá sustentação e na superação de uma apreensão vulgar da categoria historicidade, para além de uma leitura etapista e cronológica da díade realidade-profissão.

Poder-se-ia levantar a hipótese de que a carência dessa substância da historicidade da nova sociedade no campo da pesquisa no Serviço Social é uma das causas determinantes da "miséria da estratégia" no debate teórico-metodológico da década de 1980, que não conseguiu dar conta das particularidades prático-interventivas do Serviço Social [...] o seu desconhecimento parcial impossibilita qualquer avanço crítico no âmbito das estratégias e táticas necessárias para traduzir, no campo da ação, os avanços obtidos no nível cognitivo, embora aí se encontre, também, um dos aspectos fulcrais dos impasses atuais do Serviço Social: o seu menosprezo pela sociedade civil. (IAMAMOTO, 2000, p. 271)

A relação entre realidade - profissão nos parece significativa para avançar nas elaborações junto a temática dos Fundamentos do Serviço Social, uma vez que Iamamoto verifica a focalização das produções referente ao eixo Estado e políticas sociais, em detrimento ao eixo da sociedade civil, elementos que abordamos no subcapítulo 3.2. É a partir dessas reflexões que argumentamos a necessidade de compreender os Fundamentos do Serviço Social enquanto bases analítico-interventivas da unidade realidade-profissão, considerando que essa concepção pressupõe um sistema de mediações reflexivas e ontológicas, conformadas pela particular correlação com o objeto profissional – que não pode ser destituído dos sujeitos que o vivenciam, posto que a questão social não se trata de uma ‘entidade acima dos homens’ mas ao contrário, é expressão da materialidade objetiva das relações sociais de um tempo histórico¹⁰⁴.

MOVIMENTO II

3.5 TEMPOS DIFÍCEIS PARA OS SONHADORES: OS DESAFIOS DA DIALÉTICA SOB O VÉU DA MELANCOLIA

Temos feito o esforço ao longo desta dissertação de traçar, em meio a uma temática complexa e de fôlego como os Fundamentos do Serviço Social, uma linha (que sob a ótica de Marx talvez se parecesse mais como uma espiral) dos elementos que nos parecem elementares na estrutura e na dinâmica do debate dos Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente, entendendo que, a partir desse movimento, será possível analisar, ainda que provisoriamente, suas configurações contemporâneas. Mesmo os aspectos que estabelecem uma forma estruturante, são movidos pelo dinamismo do real, pela contraditória e complexa *condição dialética* do real. O que argumentamos aqui é que há um elemento de tensão que se mantém ao longo dos capítulos e da amostra da pesquisa que se refere justamente ao motor descrito nas notas introdutórias: a contradição insuportável, porque tensionada pelo conflito de opostos em disputa que instigam sua superação (PRATES;CARRARO, 2017, p. 168).

Referimo-nos à aparente dicotomia teoria e prática. Até aqui, os resultados parecem conformar um consenso de que há um desafio posto em equalizar (o que já pressupomos indissociável, daí a contradição) a relação entre formação e exercício profissional e um afastamento da profissão de mediações reflexivas e ontológicas com a

¹⁰⁴ Nos debruçaremos nesta temática no subcapítulo 3.6

classe trabalhadora e a sociedade civil¹⁰⁵. Contudo, supondo que já avançamos nas análises endógenas da profissão, realizamos o movimento de perquirir certos elementos e processos centrais referentes às determinações materiais e histórico-sociais que tem nos levado a esse desafiante caminho, ao mesmo tempo em que nos posicionamos a favor do igualmente desafio de ampliação da visão restrita de Fundamentos do Serviço Social a uma sequência de disciplinas que habitualmente chamamos de FHTM. Isso nos exige uma análise que parta da complexidade do tempo presente.

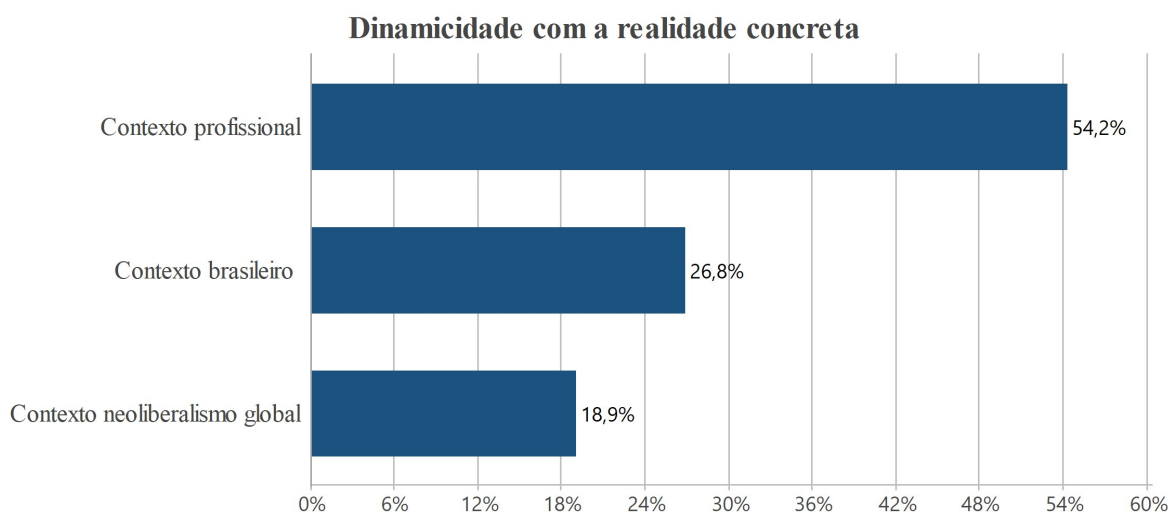
Estamos convencidos de que a tensão insuportável vivenciada pelo projeto ético-político da profissão - que por sua vez, reflete em desafios aos Fundamentos do Serviço Social quando se propõe estrategicamente a se constituir enquanto uma das formas objetivas de materializá-lo - se articula a uma tensão de maior nível, vinculada ao projeto societário (no qual o projeto profissional se pressupõe) e que luta por uma nova ordem societária que, em sua totalidade, está à frente das determinações materiais que a reivindicam, buscando formas de criar as condições objetivas do seu *vir-a-ser*¹⁰⁶. Desafio este articulado às respostas que construímos criticamente a partir das necessidades que nos tornam socialmente necessários enquanto profissão, no âmbito das possibilidades de emancipação política. Não se trata de uma proposta trivial, uma vez que parte de determinações concretas de uma sociedade cujo sociometabolismo é produzido e reproduzido em sentido oposto. Esse é o dilema que vivenciamos diante do projeto societário com o qual nos vinculamos.

No processo de pesquisa dessa dissertação, ao investigarmos a forma como o debate dos Fundamentos do Serviço Social explicita suas mediações com a dinamicidade da realidade concreta no contexto contemporâneo, três tendências se sobressaíram, revelando níveis de abstração distintos. O primeiro nível de abstração realizado se estabelece a partir da análise conjuntural do neoliberalismo em sua forma globalizada; o segundo nível se refere ao contexto da realidade brasileira contemporaneamente e o terceiro se estabelece a partir da conjuntura particular à profissão, conforme gráfico abaixo:

¹⁰⁵ E, como veremos mais adiante, do chamado “trabalho de base”.

¹⁰⁶ Nesse ponto, concordamos com a análise de Mészáros (1980), ao afirmar que as mediações que Marx realizou “não são antecipações de um futuro mais ou menos imaginário, mas realidade ubíquas do presente”.(ibidem, p.158) Acrescenta que a questão é reconhecer, por um lado, “as demandas da temporalidade imediata sem se ser por elas aprisionado; e por outro lado, como permanecer firmemente orientado para as perspectivas históricas do projeto marxiano sem se afastar das determinações candentes do presente imediato”(ibidem, p.164)

Gráfico 8 – Frequência entre as tendências do debate de Fundamentos do Serviço Social com a dinamicidade da realidade concreta



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

O primeiro nível traz elaborações referentes a uma conjuntura mundializada do capitalismo, sob a égide da ofensiva neoliberal. Estabelece reflexões a partir do processo de reestruturação produtiva, da flexibilização e das crises estruturais do capital, articuladas com a questão social. Afinal,

o sistema capitalista continua aprofundando suas desigualdades sociais características, ao mesmo tempo em que continuam crescendo suas crises estruturais. Esse cenário acirra as consequências da exploração do trabalho pela classe capitalista e a questão social radicaliza-se, permanecendo no cenário político atual aliando suas tradicionais manifestações com as novas (IAMAMOTO, 2008 apud MENDES;MOLJO, 2019)

Outro elemento expresso é a contrarreforma do Estado e as políticas neoliberais - em sua dimensão mais ampla, referindo-se a suas características gerais: “professores da economia como a Rosa Maria Marques, ela diz assim: no contexto atual do capitalismo, o lugar das políticas sociais é um não lugar” (Extraído da fala de Yazbek, em YAZBEK, 2020). Além do mais, destaca-se a apreensão do conservadorismo como um elemento central à barbárie neoliberal:

nós temos que enfrentar a ofensiva conservadora, num contexto difícilíssimo em que a crise do capital avança no seu caráter ultraliberal, predatório, de banalização da vida, contexto que do ponto de vista da economia política é apresentado por muitos autores como contexto de barbárie, como Mézszáros, ou como lembra o Antunes, uma fase ainda mais destrutiva da barbárie liberal e financista, é o que vivemos.(ibidem)

substantivamente [o conservadorismo] ele é expressão de uma ofensiva de preservação dos interesses do capitalismo. Mais do que isso, alguns autores veem [...] que o neoliberalismo criou uma maneira de ver o mundo, ele é muito mais que uma direção econômica, mas ele é também um modo de inserção na sociedade. Ele leva para a esfera pública uma cultura gerencialista. Diz Dardot

e Lavall que o neoliberalismo cria nessa conjuntura de hoje o sujeito neoliberal. A subjetividade neoliberal. Evidente que o capitalismo financeirizado precisa de subjetividades conservadoras e reacionárias. O estado neoliberal vem buscando destruir todas as conquistas democráticas e republicanas. Subjetividade desses neoconservadores é classista e racista, para não dizer colonial e escravocrata. Uma cultura política nefasta que penetra nas instituições, no cotidiano profissional e que interfere inclusive no processo formativo. (ibidem)

Um ponto que avaliamos de suma importância, mas que foi identificado somente em uma unidade de contexto, é a relação do capitalismo dependente e da correlação interseccional da exploração:

entender que sociedade burguesa é essa que vem se objetivando por meio de uma devastação geral, precisamos fazer um debate que uma classe, exploração, luta nas condições atualmente postas reconhecendo que a classe trabalhadora ela tem raça, tem gênero, tem etnia, tem cara e com esses setores que são os setores mais vulneráveis, seguramente alguns segmentos sofrem mais que outros e esse debate do capitalismo dependente é absolutamente importante para entender a natureza da reprodução social dessa ordem na realidade. (Extraído da fala de SIQUEIRA, em TEIXEIRA;SIQUEIRA, 2020)

O segundo nível identificado se refere ao contexto da sociedade brasileira contemporânea. Nesse eixo, identifica-se a manutenção da tendência em centralizar o debate na relação com o Estado e/ou com as políticas sociais. No debate sobre políticas sociais, há tendencialmente a contextualização de uma conjuntura regressiva das políticas enquanto meio para o acesso a serviços e materialização de direitos, bem como o reconhecimento do caráter contraditório dessas, ao se configurarem enquanto um espaço permeado pelo conservadorismo, familismo, entre outros. No viés do Estado, igualmente se denuncia a retração do atendimento às necessidades sociais em detrimento da apropriação privada, retomando a tríade Estado - políticas sociais - enfrentamento da questão social. Para além dessa tendência da relação entre Estado e políticas sociais, há elementos que refletem sobre

o desafio de se apanhar o processo histórico da formação social brasileira que sempre foi identificada por nós como um desafio na construção da nossa análise. E aqui vamos dizer que vem o aprofundamento das classes, seu movimento... (Extraído de GUERRA, em GUERRA;BATISTONI, 2017)

Há também referências pontuais às resistências, ao referir-se às conquistas municipais do campo à esquerda nas eleições. Enfatiza a expressão do conservadorismo no contexto brasileiro, afirmando a necessidade de fortalecer os ‘eixos da resistência’ para o combate ‘ao ultraconservadorismo e ultraneoliberalismo do governo Bolsonaro’

o resultado das eleições presidenciais no Brasil, realizadas em outubro de 2018, com a vitória preocupante de um projeto que reflete os pilares de permanência da ordem do status quo e do conservadorismo, demonstrando posicionamentos claros de ataque aos direitos sociais, humanos, culturais, políticos e econômicos de cunho mais progressista. (Extraído de fala de YAZBEK, em YAZBEK, 2020)

Assim como no eixo anterior, uma unidade de contexto explícita uma leitura decolonial interseccional sob o contexto da realidade brasileira

o capitalismo aqui se deu pela via colonial, ela se deu como desenvolvimento desigual e combinado, acho que essa artimanha começa a dizer qual é particularidade do nosso debate na América Latina para entender o que somos como Brasil, e o que somos como latino-americanos na sua diversidade, pensar a via colonial, é pensar a escravidão, é pensar a sociedade patriarcal, vejam que esses elementos não são detalhes, não são coisas menores, são coisas constituintes de uma sociabilidade que se objetivou na América Latina... aí a crítica ao racismo, ao genocídio dos povos originários, a crítica ao patriarcado, ao extermínio, esses elementos se colocam de maneira absolutamente coerente e eu diria necessária nessa tradição teórica da teoria social de Marx...(Extraído da fala de SIQUEIRA, em TEIXEIRA;SIQUEIRA, 2020)

A análise de conjuntura realizada pelos documentos que realizam um balanço das oficinas da ABEPSS Itinerante traz alguns pontos de síntese. Articula o contexto em que as oficinas foram realizadas, de forma a influenciar os caminhos percorridos pelo debate. Um balanço aponta que

01) As oficinas ocorreram logo após o Golpe Parlamentar Jurídico e Midiático que o Brasil enfrentou no ano de 2016, portanto, esse debate não passou incólume. Os retrocessos na democracia e a onda reacionária do Congresso Nacional foram debatidos em todas as oficinas. Aparecem nos relatórios sínteses acerca dos debates sobre: a) a prioridade do indivíduo e dos valores burgueses na votação dos deputados ao impeachment; b) a retirada de uma presidente eleita e que afeta a frágil democracia construída, a duras penas, no Brasil; c) a conjuntura de retrocessos nos direitos sociais; d) os movimentos sociais contestatórios ao impeachment e a organização coletiva dos trabalhadores; e) os impactos da conjuntura que repercutem no trabalho de assistentes sociais nas políticas públicas, ocasionando um duplo impacto nas particularidades da profissão. Os elementos pontuados podem demonstrar que os debates realizados nas oficinas não estavam apartados de uma perspectiva mais ampla da realidade social. Assim, pode-se constatar que os debates não foram realizados de forma endogenista²⁴ para a análise da profissão e da formação profissional; (REPETTI; CARRARA, 2020, p.249)

Os relatórios regionais, por sua vez, citam uma conjuntura de execução da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes no Rio de Janeiro, em pleno processo de eleições gerais e outros elementos conjunturais que se mantém atuais, como o acirramento dos discursos ultraconservadores em meio às denominadas *fake news* e a complexa ferramenta das redes sociais. Nesse contexto, explicita-se o papel da mídia no processo de difusão ideológica sobre as múltiplas expressões da questão social, sob a

forma de criminalização das formas de seu enfrentamento e da criminalização da pobreza, tendo na redução da maioria penal sua maior representante discursiva e ideológica. Há, nesse mesmo cenário, o fortalecimento do projeto econômico que tende a radicalizar o neoliberalismo, cujo preço se estabelece no cerceamento de liberdades democráticas, da violação dos direitos humanos e do extensivo desmantelamento da proteção social e do trabalho.

Em outro trecho da amostra, verifica-se o posicionamento de um necessário aprofundamento da análise da realidade brasileira sob a dimensão particular da política nas relações sociais

O segundo ponto que eu acho que a gente tem que aprofundar e avançar é a esfera da política, que passa a ser na conjuntura atual tão desqualificada, tão desvalorizada, pelos que estão no exercício da política nesse país. Recuperar o sentido da política, como disputa de visão societária, de mundo, de organização social e para isso retomar as ações no âmbito da educação política, com as características que hoje ela deve ter e junto a construção, com os nossos usuários, da construção de uma projeto classista para a nossa sociedade, da classe que vive do trabalho. (Extraído da fala de YAZBEK e, YAZBEK; TEIXEIRA; GUERRA, 2020)

Nesse contexto, se explicita a necessidade de enfrentamento de diversas manifestações reacionárias e irracionais da forma política:

nós temos obrigação de enfrentar de forma competente esse projeto de educação que está em curso. Que é orientado pelo darwinismo social, pelo irracionalismo, que é expresso no negacionismo e no terraplanismo, nós temos que enfrentar o anti-intelectualismo, se manifesta na política de taxaço de livros. Enfrentar as manifestações homofóbicas, racistas, moralistas, na fala desses ministros, das fake news. (ibidem)

Uma importante interlocução é realizada ao correlacionar o apoio das classes dominantes a este projeto político “de autoritarismo, da violência, do ódio e do moralismo” para favorecer seus interesses privatistas. Destacando-se, nesse contexto, a apropriação do fundo público e precarização dos direitos e das políticas sociais, processos evidenciados pelo congelamento do orçamento público por 20 anos, instituído pela Emenda Constitucional nº 95/2016; a reforma trabalhista, a terceirização irrestrita e a reforma da Previdência.

No eixo de análise da interlocução dos Fundamentos do Serviço Social com a dinamicidade da realidade concreta a partir da conjuntura da profissão (eixo que se expressa com maior representatividade na amostra) estabelecem-se algumas tendências. A de maior relevância se estabelece a partir do debate sobre a atualidade do conservadorismo na profissão e a necessidade de combatê-lo: “o conservadorismo nunca

esteve longe do Serviço Social, mas mais do que nunca nós temos que cobrar a função social do conhecimento produzido pelo Serviço Social” (Extraído de fala de MOTA, em MOTA,2020) para refutá-lo. Constatase a verificação por parte dos autores de que o conservadorismo na conjuntura atual é expresso de forma particular à profissão mediante: I) a defesa de um ‘outro’ Serviço Social, desvinculado da perspectiva crítica¹⁰⁷ e II) pela reprodução de um conservadorismo expressos em práticas presentes nas políticas sociais.

A distinção que estabelecemos é que na primeira expressão, esse posicionamento se dá de forma intencional (ainda que se questione a ilusão de que tal posicionamento é consciente, dadas as reificadas afirmações que lhe sustentam). Na segunda expressão, não necessariamente se trata de uma incorporação conservadora intencional, mas sim um produto da carência de mediações dos Fundamentos do Serviço Social em sua perspectiva crítica no exercício profissional (fato que, como temos visto, não recai sob a responsabilidade exclusiva desses profissionais, mas é condicionado por várias determinações que temos visto ao longo dessa dissertação que perpetuam a dicotomia teoria – prática e supervalorizam as políticas sociais, destituída das contradições que as determinam). O tom de consenso nesta parte da amostra se refere ao necessário enfrentamento a essa perspectiva, no entanto, Yazbek já nos provoca sobre a forma como isso vem ocorrendo:

Em um seminário que nós estivemos semana passada de um grupo de pesquisa, a Marilda nos chamava a atenção que foi a discussão que ela nos interpelava assim: claro, Mary Richmond, tem 100 anos de Mary Richmond, a nossa comemoração deste fato não significa a restauração, mas o seu lugar. No entanto, do nosso ponto de vista teórico, da nossa perspectiva teórica, não temos um, diz ela, um texto que faça essa crítica funda, do diálogo dos seus fundamentos, dos seus interesses, Zé Paulo pôs as dicas lá, as chaves analíticas lá no sincretismo teórico e ideológico. Agora cabe desenvolver. Não temos um para comemorar do nosso ponto de vista os 100 anos da Mary Reymond. [...] Parece superado, então ele se repõe, então tem que buscar essa crítica na atualização, sem deixar de ver e construir a crítica também aos marxismos, a crítica no sentido da interlocução, do rigor da análise, das contribuições e das possibilidades deste processo. (Extraído de fala de BATISTONI, em BATISTONI;GUERRA, 2017)

Outro eixo significativo nas tendências do debate sobre os Fundamentos do Serviço Social articulados com a dinamicidade da realidade concreta se refere aos condicionantes pelos quais a profissão é atravessada. Nesse contexto, as condições de precarização do trabalho, o desmantelamento do Estado e das políticas sociais e da formação universitária são reiteradas de forma extensiva. O reconhecimento enquanto

¹⁰⁷ No qual são citados a formação EAD e o movimento denominado como Serviço Social clínico. Destaca-se que divergimos com a aglutinação desses dois processos, visto que carecem de mediações distintas para sua compreensão, ainda que estabelecido a partir de certas bases materiais comuns que lhes dão sustentação.

classe trabalhadora também se manifesta nesse eixo, mas chama-nos atenção o fato da interseccionalidade não ser articulada com a temática racial¹⁰⁸ e de orientação sexual quando direcionamos a análise para a profissão:

vendo o Serviço Social como trabalho profissional, essa concepção nos permite balizar as mediações, sobretudo a mediação do trabalho assalariado e como ele se coloca na nossa vida, como mulheres, trabalhadoras, mães, assistentes sociais, enfim...como a gente vai se ver como trabalhadora também e se posicionar diante da vida e da profissão, só assim nos foi possível enfrentar essa visão endógena da profissão, passando a entender que a endogenia não está nos temas que nós tratamos mas na abordagem que nós fazemos desses temas (Extraído de fala GUERRA, em YAZBEK;TEIXEIRA.GUERRA, 2020)

Sobre a tendência de reflexão sobre os condicionamentos pelos quais a profissão é atravessada, há uma importante síntese a partir dos relatórios das oficinas da ABEPSS Itinerante. A luta e reivindicação por melhores condições de trabalho não pode ser desassociada das condições materiais que determinam os processos de trabalho em que os assistentes sociais se inserem, correndo-se o risco de subestimar o fato de que

A política social é comandada por uma determinação político-econômica que a faz ser tal como é, independente da vontade profissional. Ao que parece, essa questão é adjudicada a “problemas diversos nas gestões públicas, que ainda são eminentemente políticas e não técnicas” o que explicaria o fato, segundo essa análise, das políticas sociais não avançarem “nem mesmo no que propõem as legislações em termos de uma gestão democrática. (REPETTI;CARRARA, 2020, p.287)

Nesse viés, o problema das políticas sociais seria o de ‘avançar nas suas legislações, mas os gestores não acompanham essas inovações e modernizações’, afirmação que não se mostra incorreta, mas não pode ser vista isolada do caráter juspositivista das legislações e dos determinantes contraditórios em que ela se materializa, o que integra inclusive a forma de representação e gestão do Estado e das políticas públicas¹⁰⁹. Além de atribuir a responsabilidade a uma dita ‘vontade política’ ou

¹⁰⁸ Como já posto, apenas um artigo na amostra total utiliza a categoria branquitude, demonstrando inclusive um importante projeto de monitoria junto às disciplinas de FHTM que articula a literatura de Carolina de Jesus, a canção Recenseamento; as pinturas “Abapuru” e “Redenção de Nam”; os documentários de Jean Manzon “As favelas vão acabar” e “Nordeste o problema número Um” com entrevistas de pioneiras da profissão do projeto “Memória da assistência social no Brasil: constituição de banco de entrevistas”. Ver em: CARVALHO, C.;AZAVEDO, L.; SANTOS, T.. Raiz conservadora do Serviço Social e contradição na formação sócio-histórica do Brasil – uma experiência de monitoria em fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social. Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, DF. 2019

¹⁰⁹ Permeado pelo que autores denominam de presidencialismo de coalizão: “mudança da forma pela qual os diferentes setores da burguesia monopolista, que antes [na autocracia burguesa] atuavam diretamente no Estado, agora o fazem pela mediação de segmentos políticos e atuam por lobbies ou pela formação de

‘capacidade de gestão’, desconhecendo a natureza e função social da política social no capitalismo

Nessa mesma linha de análise, alguns participantes indicaram falências nas condições éticas e técnicas para o desenvolvimento do trabalho profissional, recursos humanos insuficientes, lugar físico inadequado para material sigiloso, falta de tempo disponível para planejamento do trabalho e para atualização/estudo. Estas características, se descoladas da configuração contemporânea da intervenção do Estado perante a questão social podem aparecer, como “queixas”. Pode-se identificar, nos relatórios depoimentos de frustrações e adoecimento de profissionais atrelados ao fato de que estes não têm tempo para a reflexão e muitas vezes acabam cumprindo tarefas administrativas que não requerem formação especializada. Por isso, afirmamos a necessidade de aprofundar o debate acerca da natureza e função social da profissão na contemporaneidade, e da natureza e função social da política social como possibilidade de mediação do trabalho profissional. Aprender essa concepção é indispensável para superar qualquer perspectiva fatalista ou messiânica, como muito bem analisado por Yamamoto (1994). (ibidem, p.293)

O processo de adoecimento da categoria profissional acima descrito surge nesse eixo tendencial da amostra, que, como bem coloca Batistoni, é também expressão de um ‘sofrimento ético’:

Nós temos um sofrimento muito grande de assistentes sociais nesse processo, um sofrimento ético: "eu não posso fazer nada, eu não sei o que fazer, eu só chorei, eu não podia fazer nada, eu só podia chorar. Eu fui para a sala, fui para o banheiro e chorei, porque não tinha o que fazer, diante daquela mulher, diante daquela situação, diante daquele quadro". Essa é uma dimensão também essencial que nós não podemos eliminar nessa relação, mas também a outra dizia “a gente não pode chorar, não pode sofrer, senão nós não vamos conseguir fazer o exercício profissional”, também acho que tem aí...essa é uma dimensão da vida humana, diante desse processo. Óbvio, é claro, como é que vai aprender a trabalhar com isso. (Extraído de fala de BATISTONI, em BATISTONI, 2017)

[Retomada das reuniões dos grupos de pesquisa semestre 01/2020]. Ensino emergencial remoto e trabalhando no meio da pandemia estabelecendo sérios embatimentos com a gestão. Fizemos uma rodada para saber como todos estavam e o sofrimento que acometia a todos com seus medos e algumas perdas, se somavam à solidariedade e ao afeto compartilhado. Chegou minha vez de falar e me bastei a dizer que estava feliz em estar naquele espaço novamente, porque o ambiente de trabalho, às vezes, quase nos faz pensar que estamos loucos por nos posicionar. Retomei o fôlego, fiquei orgulhosa dos posicionamentos que mantive. Vamos à luta. (Extraído do diário de campo da autora, 2021)

Contexto que denuncia a importância de retomarmos o debate sobre razão e sensibilidade nos Fundamentos do Serviço Social, sob a perspectiva do método marxiano. Uma vez que se entende que há falsas acusações de uma rigidez expressa em economicismo e estruturalismo nas obras de Marx, torna-se um pressuposto o

bancadas de sustentação ou oposição ao governo federal” (Figueiredo e Limonge, 1998 apud Iasi, 2017, p.245)

aprofundamento desse debate, que nos atravessa enquanto profissão e enquanto sujeitos dessa sociabilidade. Afinal, conforme bem coloca Prates (2014):

o homem se afirma no mundo objetivo não apenas no pensar, mas também com todos os sentidos; no entanto, o desenvolvimento dos sentidos é um trabalho de toda a história universal até nossos dias, pois “o sentido que é prisioneiro da grosseira necessidade prática tem apenas um sentido limitado”, diz Marx (993) (PRATES, 2014, p. 218)

Outro eixo preponderante nessa tendência é o da identificação da necessidade de novas frentes de articulação crítica da profissão. Tendência que se expressa a partir da necessidade de “transitar da bagagem teórica acumulada ao enraizamento da profissão na realidade” (IAMAMOTO, 2000, p. 46) dos estudantes, da própria categoria profissional e dos sujeitos com os quais construímos nossa intervenção, com ênfase em um ‘trabalho de base’, destacando-se o papel da formação e das entidades representativas nesse processo, entendendo-as como elemento central da organização política da profissão:

novas frentes de intervenção no campo do Serviço Social e principalmente a articulação e a unidade da profissão, não podemos falar para convertidos, precisamos fazer um trabalho de base dentro do Serviço Social, precisamos formar, como tem feito a ABEPSS como tem feito o CFESS, mas não podemos mais viver encastelados nas nossas universidades, precisamos apreender, vincular, articular, transformar os objetos de intervenção da profissão em objetos de reflexão e produção de conhecimento. (Extraído de fala de MOTA, em MOTA, 2020)

Sem o trabalho com as bases não é possível a consolidação do projeto ético-político da profissão. (LEÃO;COUTINHO, 2019, p. 10)

formar bases sólidas, construir os quadros com capacidade política, participar das organizações e das massas, tendo a prática da organização e da mobilização, e, assim, nos dirigir em busca de uma transformação societária. Desse modo, ressaltamos que a questão aqui proposta não equipara o Serviço Social, uma profissão socialmente reconhecida, com atividade de militância, mas ressalta a importância do papel pedagógico e a dimensão socioeducativa do Serviço Social para a construção e efetivação de um projeto emancipatório classista. (TEIXEIRA, 2019, p. 206)

Eu considero que a formação ainda depende da elaboração de pedagogias de trabalho de base. Precisamos nos debruçar sobre isso, com técnicas e instrumentos emancipatórios que possam ser realizadas pela mediação da cultura popular no confronto com as metodologias das políticas sociais que tem nos pautado e mais ainda, tem engessado nosso trabalho. (Extraído de fala de YAZBEK, em YAZBEK, 2020)

Nesse ponto, avalia-se que há aqui um dilema, posto que, ao mesmo tempo em que afirmamos a necessidade de um “trabalho de base” - fato que nos parece incontestável

se realizado a partir do acúmulo crítico atual da profissão¹¹⁰ - também afirmamos que há significativas lacunas no processo de conhecimento sobre o atual perfil dos estudantes, da categoria profissional e da classe trabalhadora, como podemos ver nos trechos a seguir. Nessa lógica, estamos afirmando a necessidade de um ‘trabalho de base’, ‘socioeducativo’ com *sujeitos que desconhecemos*. O debate da decolonialidade do saber, nesse âmbito, nos parece relevante. Fanon realiza uma provocação aos estudos ontológicos justamente pela lógica epistemológica colonial, com grande expressividade eurocêntrica na produção do saber, ao situar o negro em um lugar de não-ser, na medida em que a branquitude desconhece e desconsidera seus processos de existência e resistência¹¹¹

Conhecer os sujeitos com os quais o Serviço Social trabalha, quer dizer, há muito tempo que se fala nisso, desde né...para sair, trabalhamos com a classe trabalhadora ou então trabalhamos com os vulneráveis, aí vai de um extremo pro outro, trabalhamos com a população em risco, social, reproduzindo as políticas sociais então essa questão também é fonte, é pesquisa da sociedade brasileira e é conhecimento das classes; eu acho que nós temos uma contribuição a dar para as ciências sociais, aos movimentos sociais, se nós estamos lidando com essa população e é nosso segmento, é um pressuposto conhecer com quem trabalhamos, mas não tem mais esse item nos roteiros de estágio, população com a qual trabalhamos, perfil da população...tem que ter, mas tem que ter como fonte de conhecimento efetivo e não como reprodução de que a política social dá assistência social aos pobres, dos vulneráveis etc. essa é uma questão. (Extraído de fala de BATISTONI, em BATISTONI, 2017)

Que que encontrei nas pesquisas, a produção, que se repete tanto nos anais quanto nas revistas, quanto nas teses, por volta de 20% dos trabalhos traz um nome assistente social e Serviço Social. Essa produção não gosta do Serviço Social, não conhece o Serviço Social, esta categoria não sabe o que o Serviço Social faz no país, não existe análise concreta de situações concretas, no âmbito da profissão de Serviço Social que tem o trabalho como categoria central.(Extraído de fala de pesquisadora docente, em LEWGOY; GUERRA, 2017)

¹¹⁰ O conceito de “trabalho de base” se encontra em aspas, pois entendemos que ele se configura de forma polissêmica e, muitas vezes, vulgarizada, não se tendo uma nítida explicitação no que se refere a sua concepção, sendo um esforço a ser realizado por novas pesquisas da produção de conhecimento da área. Ademais, concorda-se com a análise feita por Guerra quando esta afirma que “Na década de 80, Carmelita vai lembrar, nós já fazíamos isso. Lindas experiências de organização popular no sistema prisional feminino, eu mesma trabalhei com mulheres cortadoras de cana a partir de uma perspectiva de educação popular. Nós fazíamos curso de educação popular no Instituto Cajamar, enfim. É preciso, portanto, que a fundamentação teórico-metodológica e ético-política responda efetivamente as exigências do nosso trabalho profissional e como Carmelita falou, nós não podemos tratar os fundamentos como uma abstração, nem em uma perspectiva historiográfica. Na qual o passado não estaria contido no presente e também tampouco o presente poderia nos ajudar a identificar as tendências futuras. Eu penso que entre passado e presente nós temos que reaprender aquilo que muitos dos autores nos colocam como fazer o trabalho de base. Mas é fazer o trabalho de base colocando numa outra moldura, a moldura dos fundamentos da teoria social de Marx”.(Extraído de fala de GUERRA, em YAZBEK; GUERRA; BATISTONI, 2020)

¹¹¹ “A ontologia [...] não nos permite compreender o negro. Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco[...]. Aos olhos do branco o negro não tem resistência ontológica (FANON, 2008, p.104)

Participo de uma mesa redonda na graduação, junto com uma colega assistente social que trabalha em um serviço sociassistencial na periferia do bairro Lomba do Pinheiro (Porto Alegre). Ao falar sobre a situação de risco e violência do local, um aluno negro que já havia manifestado o fato de conhecer o serviço por ser morador do bairro, balança negativamente sua cabeça no fundo da sala, mas nada diz. Fico pensando qual a percepção que teve da fala da colega. (Extraído do diário de campo da autora, 2019)

Entendemos que esse dilema requer bases analítico-interventivas para seu enfrentamento, o que necessariamente perpassa o questionamento dessa ‘velha questão’ e que hoje aparece "voltar ao trabalho de base" que trabalho de base?" (Extraído de fala de BATISTONI, em BATISTONI,2017), enquanto um dilema que

está posto para todos, forças da esquerda, dos sindicatos, tá posta para todos... qual é a natureza desse trabalho [...]que é inerente a essa profissão em toda a sua trajetória, como que ela incide de fato ou não, em que condições, na cultura, na vida, no cotidiano, das classes subalternas ou trabalhadores, como é que isso interfere nas maneiras de viver, de sentir a vida, que tem uma dimensão iminente coletiva na construção da contra-hegemonia nos termos gramscianos [...] qual nosso vínculo com essa discussão, como ela está sendo vinculada por nós, já que compreendemos que essa concepção não é uma epistemologia, ela tem bases políticas e ideológicas e ela há que se traduzir em crítica, como prática e crítica, então significa que essa questão não pode estar desvinculada, senão é um mero discurso de emancipação política e emancipação humana. (ibidem)

A ultrapassagem desse caráter discursivo da emancipação política e humana se atravessa invariavelmente por outro eixo das tendências, que se refere à constatação de uma estagnação¹¹² do debate sobre Fundamentos do Serviço Social e a necessidade de análise autocrítica de sua conformação atual, necessitando da desvinculação mimética com as políticas sociais¹¹³ e de um balanço autocrítico da articulação da profissão com os distintos projetos societários que se encontravam e seguem em disputa na sociedade brasileira, ambas dimensões que demarcam influências no posicionamento e nas mediações reflexivas e ontológicas realizadas pela profissão

¹¹² Conforme trecho da amostra: “grande parte dos textos que tratam especificamente da temática abordada [fundamentos] repete as discussões já construídas no período anterior, e um número considerável de autores também segue tal tendência, isto é, contável número de sujeitos que debruçaram sobre a temática em 2008-2018 já estava presente 1980-1990. Nota-se uma estagnação do debate e afastamento gradual do assunto se forem comparados tais períodos. Há também, notório número de textos que apesar de carregar em seu título, palavras chaves e resumo a promessa de tratarem dos fundamentos, debruçam-se sobre outros aspectos que não os aparentemente enunciados.” (OLIVEIRA, et. al., 2019, p.7)

¹¹³ “Foi comum verificar nos relatórios [da ABEPSS itinerante], a partir das repostas dos sujeitos e das análises apresentadas pelas/os facilitadoras/es que ministraram as oficinas, que há uma confusão entre os objetivos da Política Social e os objetivos do Serviço Social nos diferentes espaços sócio-ocupacionais. Muitas vezes o debate apontou que a direção social da profissão está subsumida à direção social da política social que, por sua vez, é fragmentada, descontinuada e superficial em seu alcance” (TEIXEIRA, 2020, p.13)

o Serviço Social também compartilhou da cultura democrática popular que marcou esse Brasil nos últimos [...] Ali naquele contexto da afirmação dessa cultura nos anos 80 ele era guiado pelo movimento radical das classes trabalhadoras naquele momento, então nós fizemos o caminho desse vínculo, mas nós também partilhamos das esperanças e dos equívocos do Estado burguês, mas também estivemos presentes como sujeitos, como trabalhadores e como assistentes sociais na lenta metamorfose nos termos do Iasi, na luta contra a ordem mas que encontraram nesse processo pontos, pactos de acomodação e de transformismo, não estivemos isentos desse processo, nós somos partícipes desse processo igualmente, no entanto, o Serviço Social foi trincheira nesse processo, então manteve-se firme nos seus princípios no seu horizonte crítico [...] rompeu quando necessário, lutou sempre que foi chamado a fazê-lo, às vezes um pouco tardio mas foi a luta, nossas entidades souberam manter-se no campo da luta, na defesa dos direitos dos trabalhadores, mesmo nos momentos bem difíceis (ibidem)

A partir dessas tendências de articulação do debate dos Fundamentos do Serviço Social com a dinamicidade da realidade concreta contemporaneamente, somadas às reflexões que já fizemos ao longo dos últimos capítulos, argumenta-se que *a partir do desenvolvimento do debate dos Fundamentos do Serviço Social, sobretudo entre as revisões curriculares de 1982 e 1996, a profissão avançou na compreensão de sua inserção na divisão social do trabalho, no caráter de valor de troca do trabalho e no seu entendimento enquanto classe trabalhadora, realizando sofisticadas análises sobre o contexto do capitalismo neoliberal e sua interconexão com a questão social e às demandas que tornam a profissão socialmente necessária. Soma-se a isso, um amadurecimento e consolidação da profissão no mercado de trabalho, de forma a ser reconhecido inclusive enquanto profissional de várias políticas públicas e seus serviços*¹¹⁴. *Fatores que contribuíram de forma significativa para a ruptura com leituras vinculadas ao messianismo e voluntarismo, buscando seu afastamento com o conservadorismo e com os enganos teórico-metodológicos da tendência presente no que se denominava 'Teoria do Serviço Social' e 'Metodologia do Serviço Social'.*

No entanto, conforme se explicita na análise do debate sobre Fundamentos do Serviço Social com a dinamicidade da realidade concreta, esse afastamento (e, portanto, negação) de tendências profissionais messiânicas e voluntaristas, somadas a um contexto maior da sociedade brasileira e dos rumos dos projetos societários expressos pós Constituição Federal de 1988, com significativos impactos em sua materialidade e no esperado desenvolvimento progressivo dos direitos, da democracia e da cidadania via Estado e com importantes inflexões nas políticas educacionais que conformam o

¹¹⁴ Inclusive enquanto equipe técnica mínima nas orientações e legislações das políticas sociais, pressupondo a sua invariável necessidade.

processo formativo e a precarização das condições objetivas de trabalho no exercício profissional, resultou numa crescente tendência ao fatalismo, que discursivamente e ontologicamente se expressa na carência propositiva de sínteses¹¹⁵. Argumentamos que o desafio da apreensão dialética da realidade aqui se expressa encoberta pelo véu da melancolia.

A melancolia, entendida por Fernandes (2019) a partir das obras de Walter Benjamin e Jodi Dean, se expressa na esquerda brasileira como um *todo*¹¹⁶ enquanto melancolia política, se caracterizando por um estado de complacência em que fica propensa a fazer concessões para se ajustar à ordem burguesa, justificadas pela suposta intangibilidade de um objeto perdido (seu projeto político) de maneira não revolucionária. Para Fernandes, Benjamin fala de uma melancolia que distancia a esquerda do sujeito histórico e está ligada ao fatalismo – o que implica na conclusão de que “nada mais pode ser feito sobre uma situação, da maneira como foi pensada antes e isso leva à resignação diante da realidade” (ibidem, p.19). Incorre em uma dificuldade de apreensão da conjuntura para a formulação de possibilidades e dificulta o diálogo entre a esquerda e a população, recorrendo a ferramentas discursivas de um lugar de ‘autoridade’ com o qual

as multidões não se identificam, especialmente em um contexto de despolitização. [...] O distanciamento não é necessariamente físico, mas implica em distância política das necessidades e desejos da classe que necessitam ser interpelados – não são automáticos, especialmente em um contexto de capitalismo que produz consentimento via melhorias parceladas de qualidade imediata de vida. (FERNANDES, 2019, p. 273)

A melancolia se articula com o imobilismo, em que há tendencialmente justificativas externas que, nessa lógica, ‘bastariam’ não existir para que se tivesse êxito – destituindo da análise qualquer aspecto materialista histórico e dialético que invariavelmente explicita os condicionamentos em que as relações sociais se movimentam. Argumentamos que a dificuldade expressa na amostra de pesquisa em articular propositivamente estratégias para o enfrentamento dos desafios e das necessidades apreendidas para a consolidação dos Fundamentos do Serviço Social em sua perspectiva crítica é fruto dos dilemas acima descritos, que conformam a tensão entre a resistência e tensionamentos que efetuamos em nível de emancipação política e as

¹¹⁵ “Um dos maiores desafios que o Assistente Social vive no presente é desenvolver sua capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos, a partir de demandas emergentes no cotidiano. Enfim, ser um profissional propositivo e não só executivo” (IAMAMOTO, 2000, p. 16).

¹¹⁶ Com particularidades que se diferenciam entre o que a autora denomina de esquerda radical e esquerda moderada.

sementes possíveis, plantadas pela profissão, para a materialidade de condições de uma nova ordem societária. Dilemas que não estão e não podem ser desarticulados das disputas entre projetos societários que conformam a luta de classes contemporaneamente no Brasil. O fato de a profissão estar “emaranhada no interior desses dilemas [...] é bom, pois é sinal que não perdeu seu norte transformador” (IASI, 2019, p. 437). Essa inconformidade crítica pactuada pela categoria profissional demarca, como bem afirmou Yazbek, “um legado respeitável [...] e seu nível de orientação política, eu não conheço outra profissão comparável em nível.” (Extraído de fala de YAZBEK, em YAZBEK, 2017)

Caso a opção da profissão não tivesse estabelecido a intenção de ruptura com seus fundamentos conservadores, estaríamos confortavelmente inseridos no dinamismo da reprodução social reificada da sociabilidade em que nos situamos (como a expressiva maioria das profissões). No entanto, nos diferenciamos por um projeto de profissão que, “apesar de profissional, não é meramente corporativo” (GOIN, 2016, p. 137).

A contraditória dialética aqui é que temos um objetivo-último que não cabe à profissão, no sentido de bastar-se nela, porque ultrapassa nossas objetivas condições profissionais. Fato que longe de nos trazer o imobilismo, deveria nos trazer o otimismo da vontade pelo pessimismo da razão: encarar de frente os limites que nos cabem a partir da criteriosa análise da autonomia relativa que possuímos enquanto categoria profissional. Isso quer dizer que a autonomia relativa não se restringe somente aos profissionais assistentes sociais individualmente nos processos de trabalho, mas é articulada nas múltiplas dimensões que nos compõe enquanto categoria, expressando graus distintos de autonomia: os espaços formativos, as entidades representativas, os eventos e produções de conhecimento da área, os profissionais que não se restringem ao restrito espaço da carga horária de sua venda da força de trabalho, mas constituem-se em sujeitos de carne e osso, vinculados as mais diversas frentes da sociedade, tensionando e alargando os espaços de disputa e de fratura exposta das contradições que conformam essa sociabilidade. Como afirma Goin (2016), formular estratégias e mediações direcionadas a responder de forma “qualificada as demandas sociais e institucionais, em vista de um projeto que ultrapassa as barreiras corporativo-profissionais e alcança o conjunto social” (GOIN, 2016, p. 34)

3.6 CONSERVADORISMO: O VELHO ESTÁ MORRENDO E O NOVO NÃO PODE NASCER

[colega assistente social] Se depender de mim, colo um adesivo do Bolsonaro bem grande atrás do meu carro (Extraído do diário de campo da autora, 2018)

[reunião de rede com uma escola] essa família tem um histórico imenso! As meninas mudaram seu comportamento, passaram a ter falas inadequadas e a usar roupas provocativas[...] suspeitamos que estão se prostituindo com o aval da mãe. Por isso, somos contra a troca de turno para o EJA, porque sabemos do risco que corremos no turno da noite com essa suspeita. (Extraído do diário de campo da autora, 2021)

Não é à toa que a categoria ‘Conservadorismo’ está entre as dez mais frequentes da amostra total e possui um percentual de presença em 81,54% da amostra. Não por acaso também, se encontra de forma expressiva no debate dos Fundamentos do Serviço Social articulados com a dinâmica da realidade nos três níveis de abstração. Mas, contraditoriamente, a declaração de nossa colega de profissão acima ainda nos espanta, feito um fantasma. Ao longo dos anos, desenvolvemos e consolidamos um projeto profissional crítico, cujas bases se assentaram justamente na negação e na ruptura com o conservadorismo. Como explicar o posicionamento da colega acima?

A dialética marxiana parece nos trazer elementos importantes, porque compõe a negação da negação: supera ao mesmo tempo que mantém, supera com relação à forma, conserva quanto ao seu conteúdo (ENGELS, 2015). Assim, com o aparente ‘retorno’ do conservadorismo, devemos nos lembrar que não se trata de algo do passado que está fora do lugar e tampouco uma completa novidade criada por Bolsonaro em nome de um ‘Brasil acima de tudo, Deus acima de todos’. Iasi (2017) corretamente explicita que o conservadorismo não pode ser entendido por ele mesmo, mas sim a partir de suas determinações, cuja centralidade se estabelece a partir da luta de classes. Desta forma:

O conservadorismo não é um desvio cognitivo ou moral, não é fruto de uma educação mal feita ou de preconceitos vazios de significado. O conservadorismo é uma das expressões da consciência reificada, nos termos de Lukács, ou do chamado senso comum, nas palavras de Gramsci, isto é, é uma expressão da consciência imediata que prevalece em uma certa sociedade e que manifesta, ainda que de forma desordenada e bizarra, os valores determinantes que têm por fundamento as relações sociais determinantes (IASI, 2017, p. 382)

Nesse contexto, Iasi, a partir das elaborações de Lukács, afirma que o conservadorismo se estabelece a partir das relações do cotidiano e conforma-se na

consciência imediata¹¹⁷ dos seres humanos, formando um senso comum – que, por sua vez, nem sempre é conservador, mas sempre determinado pelo contexto travado pela luta de classes¹¹⁸. Aqui se distingue a ideologia da consciência de classe, categorias que, conforme o processo de pesquisa da dissertação, demonstraram ser apreendidas no debate dos Fundamentos do Serviço Social de forma difusa e heterogênea, sobretudo devido às distintas leituras da categoria ideologia na produção da área, utilizada a partir da perspectiva marxiana e da perspectiva gramsciana. Importante dizer que há uma carência de citações pelos autores referenciando a partir de qual leitura utilizam esse conceito, o que pode contribuir para uma difícil e incompleta compreensão das produções. Abaixo, segue trechos exemplificativos, nos quais avaliamos uma vinculação à leitura de Gramsci¹¹⁹ na amostra:

O Projeto ético-político é *a nossa ideologia* (Extraído de fala de MOTA, em MOTA, 2020)

O tratamento das diferentes filosofias e teorias tem como perspectiva estabelecer uma compreensão de seus fundamentos e da articulação de suas categorias, o que *supõe eliminar a crítica a priori ou a negação ideológica das teorias e filosofias*, sem o necessário conhecimento de seus fundamentos. (ABEPSS, 1996, p. 10)

Explicitada essa divergência conceitual, partimos do pressuposto da categoria ideologia a partir da obra marxiana. Para Marx, a ideologia se refere a um tipo de consciência, que se encontra invertida:

A consciência [Bewusstsein] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [bewusste Sein], e o ser dos homens é o seu processo de vida real. Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para

¹¹⁷ Esse conceito torna-se central para uma desmistificação do processo de consciência. A passividade de interiorização de valores e de objetivações meramente reprodutoras da sociabilidade capitalista, apesar de ser predominante na vida cotidiana, não se trata de um fato absoluto, mas somente relativo – negando-se a ideia da alienação como uma condição petrificada. As características da consciência imediata centram-se: I) na imediatividade, formada nas relações do ser social com as coisas e pessoas imediatas do tempo presente; II) na heterogeneidade, que se refere à adesão de valores morais a partir das distintas esferas e dimensões da vida social do ser, sem a “exigência de coerência entre os elementos que conformam um determinado modo de vida e uma correspondente concepção ideal de mundo”; III) na superficialidade extensiva ou ultrageneralização, onde experiências imediatas são estendidas sem as devidas mediações para uma suposta caracterização universalizante, o que caracteriza o preconceito enquanto forma imediata do pensamento cotidiano. (IASI, 2017, p. 382)

¹¹⁸ “Faz parte do senso comum, até pela característica da imediatividade, a reação a uma situação vivida como injusta ou intolerável, a necessidade de solidariedade entre os que vivem as mesmas situações, o que constitui um núcleo saudável do senso comum, o bom senso” (ibidem)

¹¹⁹ “o próprio significado que o termo “ideologia” assumiu na filosofia da práxis contém implicitamente um juízo de desvalor, o que exclui que para os seus fundadores a origem das ideias devesse ser buscada nas sensações e portanto, em última análise, na fisiologia: esta mesma “ideologia” deve ser analisada historicamente, segundo a filosofia da práxis, como uma superestrutura (GRAMSCI, 2001, p. 208). Assim, tem-se que para Gramsci há diversas ideologias presentes na sociedade, situadas na superestrutura e que conformam o “reflexo do conjunto das relações sociais de produção” de um determinado período histórico (GRAMSCI, 2011, p. 250)

baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico (MARX; ENGELS, 2004, p. 94)

A consciência não se conforma idealmente ou a partir de meras abstrações, mas se desenvolve a partir das condições e relações materiais dos seres ‘de carne e osso’ (ibidem). Por essa razão que a classe dominante de uma determinada época consolida sua dominância também no campo das ideias, convertidas em valores, juízos, normas de conduta (IASI, 2017). No contexto neoliberal as ideias dominantes se estruturam a partir da materialidade dessa sociabilidade conformando o que Dardot e Laval (2016) denominam de racionalidade neoliberal, alertando para o processo de desdemocratização que o neoliberalismo com suas crises estruturais exige. O que corrobora com a reflexão de Yazbek ao afirmar que o “conservadorismo como forma de pensamento e experiência prática é resultado de um contramovimento aos avanços da modernidade, e nesse sentido, suas reações são restauradoras e preservadoras, particularmente da ordem capitalista” (YAZBEK, 2009, p.05). Em outro documento, a autora pontua o desafio

que eu acho mais difícil de enfrentar, é desvendar a esfera dessa nova sociabilidade, que se expressa no avanço do conservadorismo, em uma ofensiva reacionária que encontramos cotidianamente, não só entre os nossos usuários, mas entre os profissionais...em resumo, confrontar o processo de formação do sujeito neoliberal que está em andamento no mundo de hoje. (Extraído de fala de YAZBEK, em YAZBEK; GUERRA; TEIXEIRA, 2020)

Keller (2019), nesse sentido, ao investigar o Serviço Social no contexto de ascensão do conservadorismo no contexto pós-Golpe de 2016, acertadamente afirma que

Lembrar a origem da profissão ou especificar essa trajetória da interferência do conservadorismo no Serviço Social [...] ainda que seja um movimento imprescindível, é insuficiente para compreender as determinações conservadoras que acometem a profissão na atualidade. Isso porque é igualmente necessário identificar os elementos materiais exógenos ao Serviço Social que interferem na cultura profissional, quando se faz uma leitura do real a partir do método materialista histórico. (KELLER, 2019, p. 153)

Contemporaneamente, o debate do conservadorismo nos interpela a partir de distintos eixos, dos quais destacamos: I) os rebatimentos da forma conservadora neoliberal na profissão, que impacta não somente os meios pelos quais realizamos nossa

intervenção profissional¹²⁰, mas também os fins¹²¹ e a dimensão relacional com os sujeitos¹²². Assim como II) na apreensão das expressões do conservadorismo que conformam a classe trabalhadora, os sujeitos com os quais construímos a nossa intervenção. Entendendo que o conservadorismo nesses dois eixos de análise são expressão da luta de classes, que por sua vez, conforma III) as expressões e impactos do conservadorismo na questão social e suas refrações, nas respostas que essa sociabilidade estabelece – tendo, como já vimos, o Estado como grande regulador desse processo, cujo presidencialismo de coalizão contemporaneamente vem flertando amplamente com acordos e apoio de bancadas como a habitualmente denominada (BBB) da bala, do boi e da bíblia no Congresso Nacional (e que, por sua vez, possuem expressivo número de eleitores).

Para Iasi (2017), a ideologia só se torna efetiva se encontrar na consciência imediata da população um reconhecimento. Nesse ponto, a correlação de forças da luta de classes se torna um elemento basilar da constituição da consciência de classe ou de ações políticas conservadoras. O dilema se estabelece quando os últimos anos do contexto brasileiro foram conformados a partir da estratégia democrático-popular – que, como vimos, partia do pressuposto de acúmulo de forças democráticas progressivas, como se os patamares de consciência de classe não regredissem. Mas a produção “de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real (MARX;ENGELS, 2004, p.93), conformada, no contexto contemporâneo brasileiro a partir de uma ‘política diluída de cidadãos, consumidores, parceiros e outros’ que gera “indiferenciação, permitindo que se imponha a inércia da visão de mundo própria da sociedade dos indivíduos em livre concorrência” (ibidem p.383). O senso comum, nesse contexto, é resultado de toda “a história da formação social, sua resultante cultural, a permanência das relações sociais [...], mas também do processo político mais recente, que [...] pode superar ou reforçar o existente.” (ibidem.346).

Para Keller (2019) um ponto de inflexão importante se estabeleceu a partir da reação elitista que culminou no Golpe de 2016, fato que franqueou o avanço da ofensiva

¹²⁰ Que se expressa em processos investigativos moralizadores, persecutórios ou pareces e encaminhamentos atravessados de juízo moral e de seletividade.

¹²¹ Materializados a partir de objetivos de ajustamento, de viés funcionalista, de enquadramento – seja por coerção ou consenso.

¹²² Burocratizados, hierarquizados, permeados de teor classista, racista, machista, LGBTQIA+fobia, xenofobia, entre outros.

conservadora, do qual a autora destaca dois aspectos centrais e que influem diretamente no exercício da profissão:

a) ataque às demandas por reconhecimento (identitárias), a partir do obscurantismo do “outro” que pretenda afirmar uma identidade que escape do padrão dominante, qual seja, ser “homem-branco-cisgênero –classe média ou rico–proveniente das regiões sul-sudeste–de direita”; b) apelo ao retrocesso no âmbito dos direitos sociais, diante das supostas “ameaças” de transformação social que o PT representaria e que, de alguma forma, travem o fortalecimento crescente da hegemonia representada pelas instituições, tradições e pela própria ordem capitalista. (KELLER, 2019, p. 216)

Fernandes (2019) estabelece importantes considerações a partir da tese do processo de despolitização no contexto brasileiro. A autora refere que a despolitização ocorre por conta de esforços tanto conscientes (cumprindo um objetivo político) e inconscientes (por abandono de pautas e sucumbência ao senso comum). Refere que a politização da direita é com despolitização, mantendo a ordem das coisas a favor do capitalismo e seus modelos ideológicos complementares. Argumenta que a esquerda hegemônica se apropriou da despolitização como ferramenta para garantir o consentimento popular para medidas ambíguas e projetos contraditórios, tendo sua maior expressão no projeto de conciliação de classes¹²³. No processo de despolitização à esquerda, há também a desmobilização tanto pelo apaziguamento de ânimos quanto pela política do medo de que nada pode ser feito e que tudo pode ser perdido no enfrentamento. A despolitização se expressa por meio de vários fenômenos, não sendo sinônimo de desinformação, nem mesmo manipulação ou ignorância – envolve alteração de significados políticos na sociedade que corresponde a um distanciamento do reconhecimento de uma pessoa ou segmento de seu papel na realidade concreta.

De forma articulada com o movimento explicitado até aqui, Keller (2019) elucida em sua pesquisa que o conservadorismo no exercício profissional se dissemina ou entra em declínio de acordo com o quadro conjuntural. Avalia que, apesar da intenção de ruptura com essa tradição, há uma persistência histórica do espectro do conservadorismo na profissão mesmo com a presença hegemônica da perspectiva crítica no Serviço Social. Aduz que após a segunda metade dos anos 2010 o conservadorismo encontra espaço

¹²³ Lula, em entrevista para o programa estadunidense ‘60 minutes’ no final de seu segundo mandato afirma que “nunca antes os bancos ganharam tanto dinheiro no Brasil como eles ganharam no meu governo. E as grandes montadoras nunca venderam tantos carros como no meu governo. Mas os trabalhadores também fizeram dinheiro” (apud Iasi, 2017, p. 311- 312)

fecundo para reatualizar o *ethos* profissional conservador, diante das mudanças na relação entre Estado e sociedade ao final do chamado neodesenvolvimentismo.

É nesse contexto que expressões como ‘Serviço Social clínico’ ganham novos contornos. A imagem que reproduzimos aqui conflui numa peculiar síntese de elementos:

Figura 1 – Folder de divulgação de evento vinculado ao Serviço Social clínico

COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM
SERVIÇO SOCIAL DISRUPTIVO
12 de julho de 2021 19:30 hs.

LIVE 01: FORMAÇÃO X MERCADO
- VOCÊ SENTE FALTA DO QUÊ?

Desemprego,
Desvalorização
Falta de perspectiva
Muita ideologia
Pouca
instrumentalidade
Espaços ocupacionais
Restritos

COMO ENFRENTAR ESSAS E OUTRAS QUESTÕES?

ABIDJAN ROSAI
ASSISTENTE SOCIAL, PÓS-GRADUANDA EM DOCÊNCIA E DIVERSIDADE, ESPECIALISTA EM GESTÃO DE POLÍTICAS E PROGRAMAS. CEO DA IKE SOCIAL.

Dr. Edson Marques Oliveira
Doutor, mestre e bacharel em Serviço Social
Especialista em Logoterapia e Análise Existencial/ Coach e Consultor
Presidente da Sobssc
2020-2024

ADRIANA RODRIGUES CASTELO BRANCO
ASSISTENTE SOCIAL
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO SOCIAL, POLÍTICAS PÚBLICAS, REDES E DEFESA DE DIREITOS
CEO DA EMPRESA DE CONSULTORIA ACESSO.

VOCÊ SENTE FALTA DE QUÊ? PARTICIPE, COMPARTILHE, TENHA CORAGEM, FAÇA DIFERENTE.

Fonte: Perfil da rede social Facebook denominado ‘Sociedade brasileira de Serviço Social clínico’, 2021.

Na aparência imediata, poderíamos achar que se trata de alguma outra coisa, considerando que a ‘inovação’ não se expressa só na apelação do *slogan*, mas na nomenclatura vinculada a um ‘Serviço Social disruptivo’. Mas a página em que a divulgação desse evento ocorreu se refere a um perfil na rede social Facebook que se intitula “Sociedade Brasileira de Serviço Social Clínico”, contando com 1.033 seguidores. Em uma outra postagem, há uma petição online direcionada ao CFESS, solicitando a “elaboração de um projeto de resolução que legitime a prática clínica do assistente social especializado, uma vez que as especializações não são profissões”, bem como a revogação da Resolução CFESS Nº 569, de 25 de março de 2010, que dispõe sobre a vedação da realização de terapias associadas ao título e/ou ao exercício profissional do assistente social. A petição conta com 835 assinaturas, onde se é possível visualizar os comentários dos assinantes:

Sandra C. - Como não protestar contra uma interdição que violenta a vocação histórica do Serviço Social? (PETIÇÃO ONLINE, s/p)

Márcia S. - Os métodos e técnicas propostos e defendidos pela academia atualmente não têm sido suficientes para responder à realidade social. Precisamos conhecer a fundo as diferentes práticas e respostas que contribuem para o alcance no projeto ético político da profissão. Sou a favor do debate profundo e contínuo sobre o referido tema, até por que o ser humano é resultado das condições socioeconômicas, psicossociais e políticas que o cercam, ao mesmo tempo que é o sujeito da vida em sociedade. (PETIÇÃO ONLINE, s/p)

Edson - Apoio essa causa e solicitação, pois é necessário reconhecer e regularizar o que já existe, e com isso abrir mais espaços sócio-ocupacionais e não fechar as oportunidades que podem e devem ser ocupadas pelos assistentes sociais e isso por questões políticas e ideológicas, somos uma profissão e não um partido ou movimento social e como profissionais podemos atuar sim, com o devido preparo e normatização, em várias áreas do campo humano-social. O nosso compromisso deve ser com o ser humano como um todo e não com uma única classe. Os males da sociedade do século XXI não são só da pobreza absoluta ou relativa, mas é na alma, na mente e o assistente social pode contribuir tanto quanto qualquer outro profissional para auxiliar e apoiar profissionalmente as pessoas em sua melhoria de qualidade de vida e bem-viver, e com isso, contribuir para uma sociedade de pessoas justas, e uma sociedade melhor para se viver e conviver. (PETIÇÃO ONLINE, s/p)

Esses dois extratos do chamado ‘Serviço Social clínico’ expressos por quem o produz e, de outro lado, quem o reproduz discursivamente, exemplificam a síntese mais concreta e atual dos elementos que conformam o conservadorismo neoliberal e o processo de despolitização na profissão¹²⁴: o primeiro se refere ao pragmatismo, que deriva de um

¹²⁴ Estruturado a partir dos referenciais elaborados por Iasi (2017) e Fernandes (2019)

quadro imediato de problemas que os afetam e que reivindicam uma solução - igualmente imediata e sem qualquer rigor de análise. Nesse eixo, a despolitização se manifesta a partir de soluções falsas: desemprego? requer coragem e inovação por parte dos profissionais ; II) a preponderância de paixões “ você sente falta de quê? tenha coragem [...] faça diferente!”; “Como não protestar contra uma interdição que violenta a vocação histórica do Serviço Social” e o irracionalismo, pois como “não existem determinações mais profundas além da aparência dos fenômenos [...] tudo se resume a reação instintiva e animal” (IASI, 2017, p.385), que se expressa na despolitização por duas vias, pela ‘pós-política’ (FERNANDES, 2019) , que se caracteriza por suprimir o político: ‘muita ideologia, pouca instrumentalidade’, “somos uma profissão e não um partido ou movimento social”; “Os males da sociedade do século XXI não são só da pobreza absoluta ou relativa, mas é na alma, na mente” e pela via da ‘ultra-política’ (ibidem) que militariza conflitos e se despolitiza por falácias e polarizações essencialistas que favorecem a ordem conservadora, via maniqueísmos e cristalização de inimigos na consciência popular: “fechamento de oportunidades para a profissão por questões políticas e ideológicas” de um Serviço Social “auto-destrutivo (que nega a realidade, se recusa a mudar e não sabe se reinventar)”. Tanto a pós-política quanto a ultra-política são expressões do processo de despolitização, criando mitos e distorcendo ou negando a história, em uma tentativa de separar a consciência de classe de sua leitura prática da realidade (consciência imediata), servindo para restauração do status quo (via processos ideológicos).

Tendo esses processos em mente, cabe destacarmos que essa corrente ideológica se apropria da própria questão social e como ela impacta os profissionais – ainda que não a reconheça dessa forma – para apontar seus alçozes na particularidade da profissão, mas alicerçado pelas dificuldades que estão presentes nas mediações reflexivas e ontológicas da vertente crítica, como a própria produção de conhecimento vem apontando e essa dissertação reafirma: dificuldade de transposição teórico-metodológica para o exercício profissional; a forma de exposição do conteúdo, com recorrência de categorias formais abstratas do cotidiano e do etapismo presente na categoria historicidade; carência do debate técnico-operativo sob o viés crítico, a falta de aprofundamento sobre as classes sociais, entre outros, fazem com que profissionais em sua consciência imediata estabeleçam reconhecimento com essa ideologia, de forma a acreditar que os ‘pobres’ são a única ‘classe’ com a qual nós atuamos; acreditar que o projeto ético-político é compatível com as ‘diferentes práticas e propostas’ desse Serviço Social ‘inovador’

diante de uma academia que ‘têm fornecido insuficientes métodos e técnicas para responder à realidade social.’. O que se quer demonstrar aqui é que essa concepção ideológica não parte de um contexto abstrato, fruto da mera imaginação dos que se afirmam defensores do ‘Serviço Social clínico’ mas parte de uma consciência imediata dos profissionais e estudantes, conformada por angústias e insatisfações presentes na realidade concreta¹²⁵ destes e que são exitosamente invertidos pela ideologia, que faz com que se apresentem como “formas nebulosas na cabeça dos homens” (MARX;ENGELS, 2004, p. 94).

Esse processo não se restringe aos profissionais e estudantes de Serviço Social. Pinheiro-Machado (2019) ao realizar um trabalho de etnografia em meio às paralisações dos caminhoneiros em 2018, chegou a conclusões parecidas: os caminhoneiros estavam lá para tirar Temer, motivados pelo preço da gasolina. Chamavam o movimento de paralisação, porque greve é “coisa de vagabundo que não quer trabalhar”. Afirmavam ser contra o golpe à Dilma em 2016. E majoritariamente achavam que a saída de Temer deveria ser realizada via intervenção militar – não correlacionando isso com uma ditadura. Era preciso dar jeito nesses políticos ladrões, diziam. Resultados igualmente ambíguos foram encontrados pela autora em outra etnografia com adolescente e jovens do Morro da Cruz (periferia de Porto Alegre) que se declaravam apoiadores de Bolsonaro¹²⁶. Em meio às polarizações políticas, há uma enorme margem difusa e heterogênea que conforma a população: “os grupos mais politizados tendem a encaixar esses movimentos ambíguos em um ou outro lado, mas não vêem que a população é contraditória e reflete um espectro de possibilidades da polarização”¹²⁷ (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 59). Sintetiza sua tese de forma muito acertada da seguinte forma:

Uma das maiores preocupações da esquerda à época da greve parecia ser o posicionamento político dos caminhoneiros. [...] Votariam em Bolsonaro? Os caminhoneiros são pessoas que trabalham quinze horas por dia, não dormem, têm pressão alta, muitas vezes usam drogas para se manterem acordados. É uma das classes que mais sofrem com a precarização do trabalho, pauta muito

¹²⁵ Que preliminarmente, podem ser apreendidas pelos comentários e pela peça de divulgação do evento como: desemprego/falta de oportunidades, sentimento de falta de subsídios para enfrentar a complexidades das demandas, percepção calcada no senso comum de que a profissão é uma expressão de vocação/ajuda; falta de clareza sobre a concepção do projeto ético-político da profissão, entre outros.

¹²⁶ Ver PINHEIRO-MACHADO. Nem fascistas nem teleguiados: os bolsonaristas da periferia de Porto Alegre, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/17/politica/1534457864_835707.html.

¹²⁷ A autora compreende que essa ambiguidade se estabelece contemporaneamente nos movimentos do país, o que denomina de ‘revoltas ambíguas’, as quais se alicerçam na “lógica da agregação, em que se integram pessoas via viralização, contágio, na internet. E como os participantes não são sindicalizados, sem aquela linha clara política à qual estávamos acostumados nas manifestações do passado, reivindicam coisas múltiplas” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p.62)

cara à esquerda. A meu ver, a esquerda deveria ter apoiado a greve por completo, independentemente das opções eleitorais dos manifestantes, entendendo que as contradições do sistema em que vivemos também existem no âmbito individual. Se não trabalhamos com os setores precarizados, com essas pessoas que se revoltam contra o sistema e a desigualdade, e não entendemos as ambiguidades, não temos ninguém. Não se escolhe trabalhador bom ou ruim. [...] Enquanto esperamos o trabalhador ideal, a direita vai lá e abocanha os trabalhadores reais. A esquerda precisa apoiá-los. (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p.63)

[Seminário promovido pelo CRESS], palestrante expressa a avaliação de que os assistentes sociais estão muito ‘ativistas de redes sociais’, mas que não participam das mobilizações nas ruas. Crítica o fato dos assistentes sociais se manifestarem criticamente ao CRESS para afirmar que o boleto da anuidade é muito caro (sob muitos aplausos). Felizmente, outra palestrante da mesa alertou para o fato de que as assistentes sociais também compõem a classe trabalhadora, o que repercute nos processos de precarização e baixa dos salários e que toda forma de mobilização deve ser considerada, sobretudo porque reflete as condições objetivas possíveis em que os seres sociais expressam seu pertencimento enquanto classe, sinalizando a importância de não cairmos em um discurso culpabilizador. Me sinto contemplada com a última fala. Nos bancos da fileira de trás, escuto um sussurro: e pior que eu acho que a gente faz isso com ‘nossos usuários também, né?’. A pergunta não foi para mim, mas respondi mentalmente que não havia dúvidas que sim. (Extraído do diário de campo da autora, 2019)

Pinheiro-Machado (2019) explica que, objetivamente, o neoliberalismo transformou o capitalismo do século XXI e acirrou a crise democrática, que se estabelece por ciclos, intimamente sincronizadas com a crise do capital. Essas crises incitam de forma mais ativa a indignação dos trabalhadores pelas refrações da questão social vivenciadas, manifestando essa indignação de formas contraditórias¹²⁸. Para a autora, o papel da esquerda brasileira se expressa ao entrar “nas brechas dessas ambiguidades e fazer desses momentos uma aprendizagem [...] de como atuar em uma época nova marcada por tanta contradição e, ao mesmo tempo, tanta potência política” (ibidem). A tendência exponencial dos trabalhadores precarizados à direita¹²⁹ se justifica, para Pinheiro-Machado (2019), pela própria natureza individualista de seu trabalho, conformado pela desagregação – contexto que não elimina a injustiça que experienciam de forma latente.

¹²⁸ Sobretudo pelo fato do cotidiano ser atravessado pela consciência imediata e pelo senso comum, como vimos anteriormente. A autora acrescenta que “na classe trabalhadora brasileira, precarizada, flexibilizada e que mantém laços frouxos com sindicatos e com o coletivo, dificilmente existirá o militante político puro que se encaixa no tipo ideal que a esquerda quer apoiar. E ficará cada vez pior. [...] é mais trabalhoso disputar essas revoltas ambíguas, pois precisamos ter mais imaginação para transitar por estradas menos retilíneas” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 66)

¹²⁹ “O populismo autoritário de direita [...] não escolhe militante [...] ele diz: ‘vem, aqui você é aceito e oferece, no lugar do abandono do cotidiano alienado, a possibilidade de um movimento como o fascismo. (ibidem)

É nesse terreno de crises do sistema neoliberal que o conservadorismo se articula, ganhando potencialidade no meio das relações sociais. A crise tem um papel fundamental na formação de subjetividades, emoções e frustrações das pessoas (ibidem). Nancy Fraser (2020), em obra parafraseada no título desse capítulo para explicitar o movimento do neoliberalismo e suas crises estruturais, incorpora uma citação de Gramsci em seus Cadernos do Cárcere, quando este afirma que a “crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece” (GRAMSCI apud FRASER, 2020, p.33). Argumentamos aqui que o conservadorismo é uma das grandes expressões desses sintomas mórbidos do neoliberalismo e que a profissão seguirá tendo que enfrentá-los até que o novo possa nascer.

3.7 OBJETO PROFISSIONAL E O SUJEITO QUE É VISTO, MAS É AUSENTE

Narcisista,
narcisista é esta sociedade branca patriarcal na qual todos nós vivemos,
que é fixada em si própria e na reprodução de sua própria imagem,
tornando todos os outros invisíveis.
Uma metáfora interessante, não é?
A negritude é sempre vista, mas é ausente.
A branquitude nunca se vê, mas está sempre presente. (Gradaa Kilomba)¹³⁰

A obra de Grada Kilomba nesse capítulo cumpre um duplo sentido: uma metáfora dos desafios postos à profissão na suas mediações reflexivas e ontológicas com seu objeto profissional – questão social e suas refrações – e a superação de uma apreensão conceitual-abstrata da mesma, destituída da dimensão relacional com os sujeitos que a vivenciam; mas também como um movimento de aproximação do debate dos Fundamentos do Serviço Social com a perspectiva decolonial, correlação que argumentamos ser oportunamente frutífera para a profissão enfrentar os desafios da contemporaneidade.

Como pudemos verificar no capítulo 2, as categorias classe e questão social apareceram como categorias expressivas na amostra, assim como a categoria cotidiano. Contudo, como bem nos ensina Marx, a quantidade e a qualidade são componentes

¹³⁰ Trechos de Desobediências Poéticas, de Grada Kilomba (2019, p.19.) exposição da autora na Pinacoteca de São Paulo. Disponível em: http://pinacoteca.org.br/wp-content/uploads/2019/07/AF06_gradakilomba_miolo_baixa.pdf.

indissociáveis do método¹³¹. Como vimos ao longo dos capítulos, há o desafio de articulação dos Fundamentos do Serviço Social com o exercício profissional e a identificação de um desconhecimento sobre os sujeitos e segmentos sociais com os quais construímos a nossa intervenção. As tendências dessas categorias serão explicitadas a seguir. O cotidiano se expressa enquanto uma categoria que dá materialidade, chão histórico às relações sociais e ao exercício profissional, articulado amplamente com categorias marxianas como contradição, historicidade, totalidade. A categoria classe se conforma em dois principais eixos. O primeiro se relaciona com o debate sobre a inserção da profissão na divisão social do trabalho, uma vez que é a partir dessa contribuição que a categoria profissional não só se reconhece como classe trabalhadora como também assim analisa a população com a qual construímos a nossa intervenção. Esse eixo se debruça sobre a necessidade de articulação com as lutas da classe trabalhadora como um todo. Aponta os desafios postos a classe trabalhadora em sua dimensão mais abrangente diante do contexto neoliberal.

foi uma aproximação inicialmente sem Marx, mas que nos permitiu efetivamente superar a tricotomia caso-grupo-comunidade para daí adotarmos a perspectiva de totalidade na análise dos sujeitos históricos individuais e coletivos com os quais nós trabalhamos. Isso logrou inclusive para considerarmos esse sujeitos como classe trabalhadora. (Extraído da fala de GUERRA, em BATISTONI;GUERRA, 2020)

o desafio político de efetivação desses rumos que o Serviço Social se vinculou, com o pressuposto que o Serviço Social se vinculou à classe trabalhadora, importante que ele vive a derrota que vive a classe trabalhadora, a derrota dos direitos sociais é também uma derrota do Serviço Social brasileiro. (Extraído da fala de BATISTONI, em BATISTONI, 2017)

a nossa discussão não é só de natureza epistemológica, ela tem um conteúdo prático crítico porque ela há de se traduzir nos vínculos com as lutas do conjunto dos movimentos sociais das classes e dos segmentos das classes trabalhadoras. (ibidem)

Outro eixo analítico realiza uma explícita menção ao trabalho de Yazbek, influenciada pelo debate gramsciano de ‘classes subalternas’. Nesse eixo, podemos verificar a presença de um debate que se preocupa com os impactos do conservadorismo e das possibilidades da classe subalterna aderir a um projeto que “é contra ela mesma”, tendência que se mostra coerente com a referência utilizada por Yazbek e pelas

¹³¹ “A expressão do real se manifesta e se constitui por elementos quantitativos e qualitativos, objetivos e subjetivos, particulares e universais, intrinsecamente relacionados. Sua separação pode se efetivar apenas para fins didáticos, contudo, ao analisarmos o movimento ou a “vida da realidade”, para usar uma expressão de Lefebvre (1991), é necessário reconhecermos que todos estes aspectos precisam ser interconectados para que a explicação contemple o fenômeno como unidade dialética e tenha, portanto, coerência com o próprio método” (PRATES,2012, p.117).

elaborações de Gramsci. Para Simionatto (2004), essa categoria no pensamento gramsciano busca “recuperar os processos de dominação presentes na sociedade, desvendando "as operações político-culturais da hegemonia que escondem, suprimem, cancelam ou marginalizam a história dos subalternos" (BUTTIGIEG, 1999, p. 30 apud SIMIONATTO, 2004, p. 42).

Na visão de Antunes (2020), a classe trabalhadora que emerge das lutas de classe e da lógica interna do capitalismo global é mais abrangente que a classe trabalhadora de meados do século passado, sendo ainda mais complexa, mais heterogênea e fragmentada que aquela que predominou no período taylorista-fordista. O autor propõe a noção de classe-que-vive-do-trabalho, a partir da qual busca apreender dialeticamente as particularidades das novas formas sociais de relações laborais. Para o autor, a classe-que-vive-do-trabalho diz respeito à totalidade da população que se conforma entre produtivos e improdutivos, desprovidos de meios de produção e que necessitam vender sua força de trabalho no campo e na cidade em troca de salário (Antunes, 2020) - o que inclui também os desempregados.

O debate sobre o objeto da profissão, por sua vez, é explicitado a partir de dois elementos: um que se explicita no conceito de ‘expressões da questão social’, no qual se verifica um enfoque sobre as múltiplas refrações da questão social, ainda que não se tenha identificado nenhum documento que tenha a categoria como elemento central da produção ou que se debruce para o aprofundamento de alguma das suas refrações no eixo da amostra, caracterizando-se pela citação dessas de forma mais geral ao longo dos textos. O outro eixo refere-se ao debate sobre a categoria ‘questão social’ tendencialmente mais amplo, correlacionado especialmente com “as respostas que esta sociedade e que esse Estado, pela mediação de políticas sociais, particularmente constrói frente a chamada questão social” (IAMAMOTO, 2000, p.3) A conformação desses dois eixos é utilizada quando se estabelece uma referência à produção de Marilda Iamamoto, a qual considera distintos marcadores interseccionais¹³²:

se consideramos os recortes de gênero, raça e etnia e questão social se agravando. A questão social no novo livro de Marilda no livro da Raichelis assume o que ela denomina nos contraditórios tempos presentes, a condensação de múltiplas desigualdades, mediadas por disparidades nas relações de gênero, características étnico raciais, mobilidades espaciais,

¹³² No entanto, destacamos que o fato de desconsiderarmos a categoria branquitude em sua centralidade no desenvolvimento da categoria profissional ao mesmo tempo em que se reduz a experiência social das classes-que-vivem-do-trabalho a suas meras condições econômicas corrobora com a cirúrgica e incômoda constatação de Grada Kilomba ao afirmar que "a negritude é sempre vista, mas é ausente. A branquitude nunca se vê, mas está sempre presente"

formações regionais, disputas ambientais. Ela trouxe para o âmbito de concepção de questão social as questões que estão pulsando hoje na sociedade, embora a questão social tenha uma dimensão estrutural que tem a ver com a apropriação privada de uma riqueza que é socialmente construída. (Extraído da fala de YAZBEK, em YAZBEK , 2021)

Santos (2008), nesse sentido, verificou que tanto os textos com foco no debate teórico entre as concepções de “questão social”, quanto os que pretendem uma abordagem de suas expressões no Brasil, tendem a tornarem-se “prisioneiros da armadilha da ‘universalidade’”. Para a autora, isso demonstra uma lacuna investigativa no que toca à incorporação das particularidades do capitalismo brasileiro enquanto fatores essenciais à compreensão das expressões da questão social. A autora explicita que a análise da produção bibliográfica nacional sobre a questão social no Serviço Social apresenta poucos aprofundamentos em relação ao marco inicial do debate supracitado, afirmando em linhas gerais que a questão social é expressão das relações de exploração do trabalho pelo capital:

São, antes, reafirmações de supostos que balizam historicamente o nosso debate sobre os fundamentos da “questão social” no Serviço Social. Partindo de uma concepção marxista do debate, os aspectos enfatizados quase sempre dizem respeito aos seus determinantes universais, próprios ao “modo de produção”, repetindo exaustivamente a premissa de que a gênese e o desenvolvimento da “questão social” devem ser tributados à exploração do trabalho pelo capital (SANTOS, 2008, p. 38)

No contexto desses principais eixos, percebe-se uma tendência nos fundamentos de se analisar as expressões da questão social deslocadas dos sujeitos que as vivenciam, abstraídas dos modos e condições de vida, mediação essencial para qualquer intervenção propositiva, teleológica que não se vincule ao messianismo e ao fatalismo. O aprofundamento das categorias enquanto problemas de pesquisa, articulando com mediações de distintos níveis e dimensões sob a perspectiva reflexiva e ontológica se mostra importante, visto que, ao tratar das expressões da questão social, há citações breves a elas, geralmente com um enfoque no polo negativo destas. A resistência aqui, estabelece uma ênfase majoritária em resistências da categoria profissional, em sua necessidade ou vir a ser, em detrimento das expressões de resistência presentes no cotidiano dos sujeitos com os quais construímos nossa intervenção profissional. Entende-se que um olhar aprofundado a elas se torna de suma importância visto que são o objeto da profissão e que o debate sobre decolonialidade proposto por grandes estudiosos da questão racial pode trazer significativas contribuições ao debate de Fundamentos do Serviço Social no que se refere à categoria resistência. Nesse sentido, bell hooks elucida:

Eu tinha vivido a luta pela dessegregação racial e estava na resistência sem ter uma linguagem política para formular esse processo. Paulo foi um dos pensadores cuja obra me deu linguagem. Ele me fez pensar profundamente sobre a construção de uma identidade na resistência. Uma frase isolada de Freire se tornou um mantra revolucionário para mim “não podemos entrar na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde”. Realmente é difícil encontrar palavras adequadas para explicar como essa afirmação era uma porta fechada – e lutei comigo mesma para encontrar a chave – e essa luta me engajou num processo transformador de pensamento crítico. Essa experiência posicionou Freire, na minha mente e no meu coração, como um professor desafiador cuja obra alimentou minha própria luta contra o processo de colonização – a mentalidade colonizadora. (hooks, 2013, p. 66-67)

Avaliamos que esse trecho da produção da autora conforma uma parte importante sobre a complexidade que é a categoria resistência. Não se trata apenas de sua forma idealizada, como se articulada somente em sua completude pela consciência de classe. Perpassa dimensões objetivas e subjetivas, do ‘estômago e da fantasia’ (MARX, 1989). A população percebe a experiência social em que vive, mesmo que essa consciência seja conformada pelo imediato entre processos ideológicos e pela consciência de classe. Não se trata de um bloco monolítico, mas uma totalidade conformada pelo movimento da luta de classes. A emancipação política enquanto um objetivo central da profissão necessita de mediações reflexivas e ontológicas que estabeleçam conexões com esses processos de resistências já existentes, conformando desde mediações do ‘tempo miúdo’ (YAZBEK, 2020) até as com maior nível de universalidade.

Apreender o objeto da profissão, a partir do método dialético crítico, pressupõe a interconexão entre epistemologia e ontologia, uma vez que a base material e dialética de Marx nos aponta a necessidade de olhar para a questão social em uma determinada forma de sociabilidade e de relações sociais, cujas condições e modos não se restringem a um universal categorial teórico, mas também ontológico. O que nos tensiona a buscar a compreensão da questão social sem destituí-la de seu aspecto relacional, ou seja, sem desvinculá-la da experiência social dos sujeitos que vivenciam a luta de classes¹³³.

Acredita-se que a unilateralidade identificada por Iamamoto nas tendências inclinadas ao fatalismo e ao messianismo¹³⁴, gera impactos não somente na forma como

¹³³ Entende-se que esse é um dos pontos centrais da linha argumentativa da dissertação e que será enfoque da continuidade do debate ao longo do doutorado da autora.

¹³⁴ “Assim, um desafio é romper as unilateralidades presentes nas leituras do trabalho do assistente social com vieses ora fatalistas, ora messiânicos, tal como se constata no cotidiano profissional (IAMAMOTO, 1992). As primeiras superestimam a força e a lógica do comando do capital no processo de (re) produção, submergindo a possibilidade dos sujeitos de atribuírem direção às suas atividades. Com sinal trocado, no viés voluntarista, a tendência é silenciar ou subestimar os determinantes histórico-estruturais objetivos que atravessam o exercício de uma profissão, deslocando a ênfase para a vontade política do coletivo

a profissão estabelece sua (distorcida) autoimagem, mas também na sua relação com os sujeitos que vivenciam o objeto em que irá incidir o exercício profissional. Nas duas vertentes identificadas pela autora pode-se verificar a incidência do que Guerreiro Ramos (1955) denominou de “negro-tema” em suas reflexões sobre a ideologia da brancura, pois entre fatalismo e messianismo o sujeito ativo da história ora inexistente, ora se centraliza na figura do assistente social¹³⁵. Nesse contexto, uma fala de Reinaldo Pontes na amostra nos provoca, no sentido de

E aí trabalhar uma autopercepção em que um usuário, desempregado ou nunca empregado, que vive fora dessas relações passa ao largo da nossa grande discussão de classe. Então eu penso que até a conceituação de classe possa ficar muito na generalidade por não descer até a particularidade, muitas vezes não instrumentaliza o próprio assistente social, que lida com que classe? quem é o segmento de classe que ele lida? ele não sabe, e acaba que quando bate na ignorância, no não saber, vai para o bom senso ou para a improvisação distante totalmente de uma teorização mais sofisticada. (Extraído da fala de PONTES, em BATISTONI, 2017)

Argumentamos aqui que o adensamento do debate sobre o objeto da profissão pode fortalecer e qualificar a díade relacional entre realidade e profissão nos Fundamentos do Serviço Social. Nessa concepção, categorias como classes sociais, interseccionalidade, modos e condições de vida, resistências, ideologia e consciência, produção e reprodução social ganham novos contornos se articulados com categorias que se vinculam à dimensão interventiva da profissão, que possibilitam o desenvolvimento da díade realidade-profissão, de forma a compreender os Fundamentos do Serviço Social enquanto eixo articulador de bases analíticas e interventivas para a profissão.

Há que se reconhecer aqui o processo de ampliação do público-alvo/sujeitos que compõem às demandas que tornam a profissão socialmente necessária. Se em seu processo de institucionalização o perfil de ‘usuário’ se estabelecia exclusivamente nas classes denominadas subalternas, contemporaneamente a profissão atua com a classe que vive do trabalho de forma mais ampla e totalizante- ainda que as classes subalternas apresentem uma significativa preponderância em relação a classe trabalhadora em geral¹³⁶. Processo de ampliação que é fruto da dinâmica societária conformada pela questão social e da complexificação do processo de regulação por parte do Estado diante

profissional, que passa a ser superestimada, correndo-se o risco de diluir a profissionalização na militância *stricto sensu*.” (IAMAMOTO, 2009, p.417)

¹³⁵ Expressões recorrentes no cotidiano da profissão e em alguns textos da área podem ser explicitadas a partir de falas que se referem aos “meus usuários”

¹³⁶ Pressuposto a ser confirmado por pesquisas que atualizem os dados disponíveis na produção de conhecimento da área.

de um cenário de capitalismo financeirizado - e, no caso do Brasil, dependente - e da consolidação da profissão nesse contexto que conforma as demandas que a tornam socialmente necessária.

O desafio que permanece em desvendar os sujeitos sociais de classe que são o alvo privilegiado, o campo, as referências, os sujeitos da ação profissional. Os diferentes segmentos da classe trabalhadora nas suas dimensões de gênero, raça/etnia, nas suas dimensões de território... o Serviço Social hoje está se pondo e está sendo profundamente questionado pelo movimento real da luta dos trabalhadores, nas suas questões de raça, de gênero e de etnia. (Extraído da fala de BATISTONI, *ibidem*)

Esses desafios não podem ser desarticulados com a dimensão da experiência social dos sujeitos. Conforme Thompson (1981), as classes sociais devem ser compreendidas enquanto relação histórica. As classes não existem como entidades separadas, mas no processo de luta de classes. As experiências sociais são conceituadas enquanto experiência vivida e percebida: a experiência vivida seria aquela resultante das interações da realidade concreta, chocando-se, em sua dinamicidade, com a experiência percebida. A experiência vivida é movimentada pelo eterno confronto com a consciência imposta da experiência percebida.

É por meio da categoria experiência que se “compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos interrelacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (THOMPSON, 1981, p. 15), meio pelo qual os seres humanos definem e redefinem suas práticas e pensamentos.

A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado. Pessoas são presas: na prisão pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas experiências, velhos sistemas conceituais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença (THOMPSON, 1981, p. 17)

Isso nos aponta a importância de que nossa intervenção com os sujeitos não seja pautada apenas nas suas condições materiais ou da reflexão restritamente externa que fazemos sobre suas condições e modos de vida, mas da articulação relacional entre profissionais e sujeitos a um sistema de mediações reflexivas e ontológicas.

A experiência social das classes sociais brasileiras em seu contexto contemporâneo produz novos dilemas ao *continuum* que estrutura a cisão e a

interconexão entre o ponto emblemático “de junção entre estrutura e processo, entre as determinações objetivas do ser social e a possibilidade do agir e da intervenção humanos” (MORAES E MULLER,2003, p.12). Ao ultrapassar os limites do “mundo fenomênico” (KOSIK, 1989) da representação instituída, abre-se espaço para as representações instituintes: as classes sociais passam a ser identificadas não mais somente a partir de “um lugar na estrutura, mas também de suas práticas, e são estudados não pela sua ausência, mas pela sua presença na dinâmica da sociedade” (SADER;PAOLI, 1986 apud SILVA, 2011, p.128), a qual se configura enquanto complexo dialético e contraditório de reprodução e de resistência da sociabilidade hegemônica. É nesse contexto que argumentamos a centralidade do objeto profissional aos Fundamentos do Serviço Social, estabelecendo a sua dimensão relacional entre profissão e classe que vive do trabalho, para que possamos não somente superar as bases analítico-interventivas que caracterizavam os segmentos e os sujeitos enquanto objeto da intervenção profissional¹³⁷ mas enquanto partícipes vistos e presentes pelos processos de trabalho no qual nos inserimos.

3.8 QUEM TEM MEDO DE REFORMISMO? QUESTÕES SOBRE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA NA PERSPECTIVA PROFISSIONAL

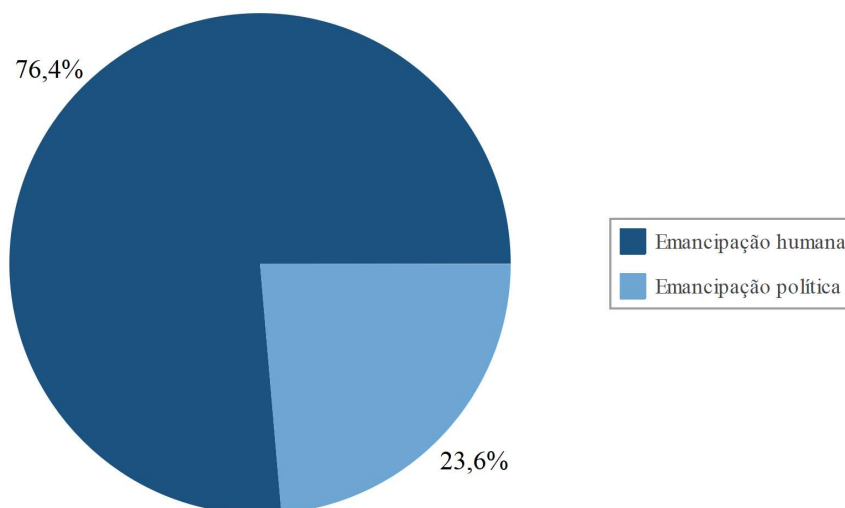
Com os argumentos expostos até aqui, pode se ter uma equivocada compreensão de que, com uma lente analítica crítica ao Estado e as formas que dele derivam como a democracia, os direitos e a cidadania, a saída então se trata de refutá-los ou descredibilizar suas potencialidades. Ao contrário, argumenta-se que uma qualificada leitura crítica sobre esses elementos permite sínteses mais apuradas sobre as possibilidades da emancipação política e, portanto, da materialização dos Fundamentos do Serviço Social na perspectiva dialético-crítica.

Compreende-se que o dilema entre o projeto societário que nos articulamos e o projeto profissional em si estabelece uma confusa relação na compreensão da categoria profissional, no sentido de se tratar de projetos com condições materiais objetivas e atores distintos, o que, no limite, interfere na relevância da categoria emancipação política, fato que se confirma quantitativamente em termos de frequência e presença na amostra total. Conforme gráficos abaixo:

¹³⁷ No contexto de influência norte-americana e positivista, onde o ajustamento dos indivíduos ao meio se constituía enquanto objetivo central da profissão.

Gráfico 9 – Frequência dos códigos emancipação política e emancipação humana

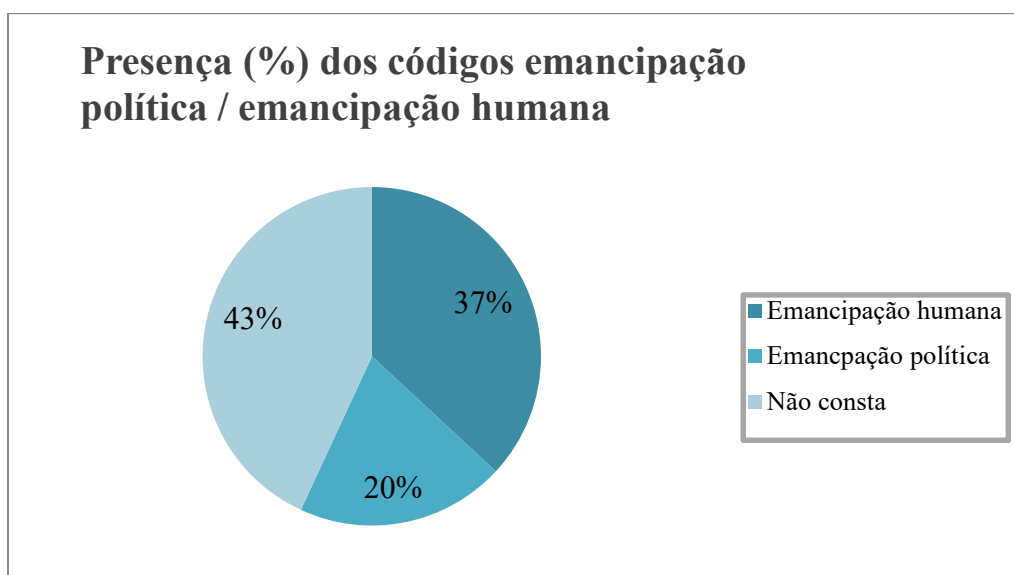
Frequência (%) dos códigos emancipação política / emancipação humana



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Como podemos verificar, a categoria emancipação humana tem apresentado uma frequência significativamente maior do que em comparação com a emancipação política, com mais de 50 pontos percentuais a mais. No que se refere ao indicador de presença, verifica-se que a parcela mais expressiva da amostra (43%) não utiliza nenhuma dessas categorias, seguido novamente de uma prevalência da emancipação humana em detrimento da emancipação política, presente em 20% da amostra total.

Gráfico 10 – Presença dos códigos emancipação política e humana

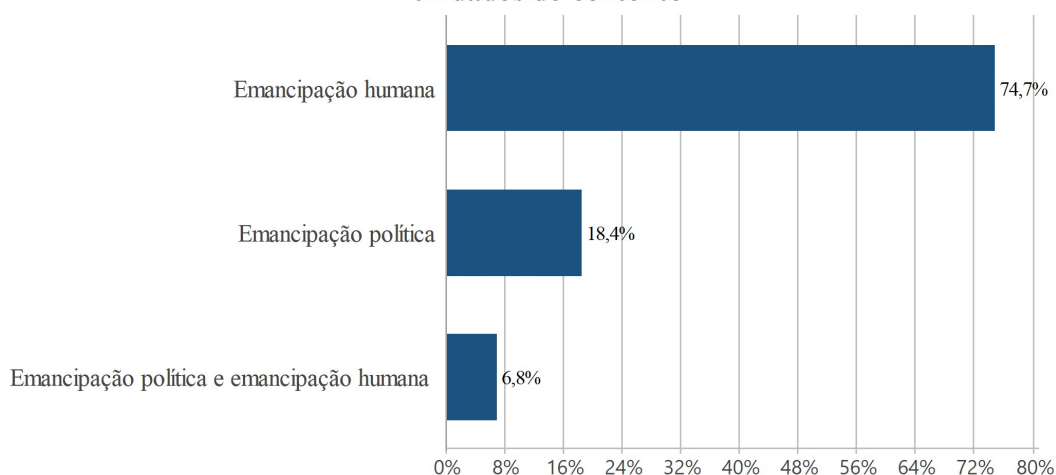


Fonte: elaboração da autora, 2021.

Tal contexto se reitera ao analisarmos a taxa de 74,7% das unidades de contexto da amostra que se debruçam somente à categoria emancipação humana, mais de 50 pontos percentuais a mais do que as unidades de contexto que se referem somente à categoria emancipação política e quase 70 pontos percentuais (67,9) das unidades de contexto que consideram ambas as categorias.

Gráfico 11 – Coocorrência entre os códigos de emancipação política e humana nas unidades de contexto

Coocorrência entre os códigos de emancipação política e emancipação humana nas unidades de contexto



Fonte: elaboração da autora, 2021.

Argumentamos que a emancipação política se conforma nas possibilidades objetivas e materiais da profissão, o que em tempos de progressivos ataques conservadores e reacionários aos direitos da classe que vive do trabalho e dos impactos disso nas políticas públicas, não se trata de um tímido esforço e movimento, o que defendemos que se trata de uma perspectiva distinta do então reformismo¹³⁸.

A emancipação política representa, sem dúvida, um grande progresso. Não constitui, porém, a forma final de emancipação humana, mas a forma final da emancipação humana dentro dos limites da ordem mundana até agora existente. (MARX, 2006, p.47)

¹³⁸ Trata-se de um debate sobre conteúdo e forma. Um processo de emancipação política pode se conformar dentro da lógica reformista, mas isso não quer dizer que todos os processos de emancipação política são reformistas. Como veremos a seguir, partimos do pressuposto que a emancipação política se estabelece a partir do movimento da luta de classes em determinado tempo histórico. Situa-se, assim, no campo da disputa, tensão e dialética por meio das contradições. Não se trata, nessa perspectiva, de apreensão de uma perspectiva gradual e progressiva de reformas.

O tensionamento para garantia dos direitos positivados nas legislações e políticas públicas no contexto atual é, por si, um exercício de fôlego, e, como ressaltamos, extremamente necessário para a realidade que nos interpela e para a perpetuação da vertente crítica dos Fundamentos do Serviço Social:

o possível não é a operacionalização das regras do instituído, o possível é a incorporação crítica dos limites objetivos que eu encontro, a reflexão objetiva sobre essa dinâmica que é real e a devolução disso como uma alternativa, quer dizer, quando você diz, eu tô forçando a fronteira institucional, é isso né? eu acho que é isso que a gente tem que fazer. (Extraído da fala de SIQUEIRA, em TEIXEIRA; SIQUEIRA, 2020)

Cheguei na sala da equipe técnica e todas as assistentes sociais estavam agitadas e sem saber o que fazer. Recebemos um e-mail do secretário da política de Assistência Social do município que dizia: Vocês têm até às 18 horas do dia de hoje para encaminhar a listagem de todas as assistentes sociais com número de registro e informando se aceitam ou não serem curadoras de um idoso que a justiça determinou que a prefeitura assumisse a curatela. Caso nenhuma se manifeste favorável, será realizado um sorteio. A procuradoria geral do município orientou minhas colegas a “escolher uma representante e depois se recorria da decisão”. Sentei-me na minha mesa e elaborei uma resposta coletiva com assinaturas de todas fundamentando nossa recusa com base no Código de Ética profissional, no Código Civil e nas resoluções do CFESS acerca da temática. Não obtive resposta ao e-mail, mas nunca mais falaram sobre isso. Acredito que nosso recado foi dado. (Extraído do diário de campo da autora, 2019)

Ao mesmo tempo, como já vimos nessa dissertação, compreender que o tensionamento na direção de garantias mínimas do que já está estabelecido nas legislações e políticas públicas em tempos de recrudescimento neoliberal não significa tomarmos as políticas sociais como fundamentos da profissão, visto seu caráter contraditório e fetichizado ao afirmar-se (como todo complexo do direito na sociabilidade capitalista) enquanto um interesse universal, mas permeado de condicionantes particulares, nem tampouco significa que há uma invariável progressão dos patamares de cidadania e democracia que estabeleça uma transformação da ordem societária vigente a partir de um tipo de aperfeiçoamento do próprio Estado.

[assistente social do CRAS me liga] Diz que tem tido dificuldades de .M.A ‘aderir aos encaminhamentos feitos’, uma vez que, tendo filhos em idade para o ensino infantil não obrigatório e em condição de vulnerabilidade socioeconômica, tem apresentado resistência em inserir os filhos na creche ‘alegando que prefere ficar com eles em casa’. O que oportunizou um diálogo entre nós sobre a autonomia e a importância dos sujeitos terem suas demandas consideradas no plano de intervenção profissional. Me questiono quantos casos uma análise dessas resultou num relatório que subsidia decisões judiciais no que se refere ao julgamento de uma mãe poder exercer sua parentalidade na relação com os filhos. Ninguém me questiona quando faço concessões no meu cotidiano e afirmo o desejo de ficar mais tempo com o meu filho. A

emancipação política tem classe, raça ,gênero e territórios socialmente pré-determinados.(Diário de campo da autora, 2019)

Cabe a nós assistentes sociais, nesse contexto, a denúncia qualificada, o tensionamento e o alargamento das possibilidades do direito positivado e dos limites das políticas para o direito efetivamente materializado, desocultando o processo de alienação e estranhamento que estabelece como universal os interesses particulares de manutenção dessa sociabilidade. Iasi (2017), nesse contexto, reitera a necessidade de reafirmar que o campo onde se dá a luta por direitos é o Direito burguês e isso “não deveria nos levar a nenhuma postura paralisante, uma vez que toda a ação realizada por nós se dá no interior de uma ordem burguesa, inclusive a ação subversiva que visa superá-la revolucionariamente” (IASI, 2017, p.203), sendo um grande patamar de avanço a igualdade jurídica formal. Compreender a unidade entre emancipação humana e emancipação política requer a apreensão das distintas mediações reflexivas e ontológicas dessas categorias, que se mantém invariavelmente articuladas.

Argumentamos aqui que a articulação dessas duas categorias se expressa, sobretudo, nas demandas profissionais, cujo potencial emergente explicita as contradições da reprodução social, permitindo a construção de estratégias para o tensionamento de processos de emancipação política e das formas possíveis de explicitação de sua indissociabilidade com a emancipação humana.

Nesse contexto, a autonomia relativa possível em cada espaço sociocupacional é que vai condicionar as formas dessa correlação. No que se refere às mediações ontológicas e reflexivas, entende-se que estas variam conforme o espaço sociocupacional e as demandas estabelecidas, bem como às características particulares que envolvem a intervenção profissional¹³⁹. Como vimos, o reconhecimento dos limites profissionais para a emancipação humana não deve vir acompanhado da melancólica percepção de imobilismo e fatalismo.

As formas jurídicas, e inclusive os reflexos de todas essas lutas reais nos cérebros dos que nelas participam, as teorias políticas, jurídicas, filosóficas [...] também exercem influência sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam sua forma, como fator predominante” (ENGELS, 1890, p. 284).

¹³⁹ Melhor explicitadas no capítulo a seguir, mas que invariavelmente determinam, em maior ou menor proporção, o tipo de vínculo entre os profissionais e os sujeitos/segmentos com os quais se constrói a intervenção. Por exemplo, no que se refere à esfera das políticas sociais, o tipo de vínculo e o tempo demandando pelo processo de trabalho em que o assistente social se insere vai diferir caso atue na proteção de alta complexidade – mais rápida e pontual - ou na proteção básica – que pressupõe vínculos fortalecidos e continuidade no atendimento, entre outros.

Não por acaso, Marx estabeleceu sempre uma refinada análise dos processos políticos de emancipação nacional de seu tempo, como na Polônia e na Irlanda (e suas lutas na Inglaterra) e o caso dos trabalhadores negros nos Estados Unidos durante a Guerra Civil e sua relação com os movimentos democráticos e socialistas da época. O que nos parece nítido é que Marx sempre estabeleceu a conexão desses processos com um projeto de maior complexidade e que envolvia a transformação societária. As estratégias e os objetivos a serem alcançados via emancipação política dependem do processo relacional entre profissional e sujeitos/segmentos com os quais construímos nossa intervenção e que são condicionados pelas demandas institucionais e pelas demandas dos próprios sujeitos.

3.9 O EXERCÍCIO PROFISSIONAL: DEMANDAS E OBJETIVOS ENTRE NOVAS SÍNTESES

Vimos ao longo do trabalho que, apesar do consenso quanto à indissociabilidade entre formação e exercício profissional, há uma carência de mediações reflexivas e ontológicas dos Fundamentos do Serviço Social com o eixo do exercício profissional. Netto (1989, p.56) estabelece que “se o método é relação constituinte, necessária e objetiva entre objeto e pesquisador, é evidente que não posso ‘aplicar método’ do mesmo jeito que aplico injeção na veia”. Assim, se o método tem como pressuposto uma dimensão relacional, tampouco posso dizer que ele ‘ilumina a dimensão técnico-operativa’, mas se conforma enquanto parte constituinte da minha relação com o objeto, portanto contida no exercício profissional. Argumentamos que essa linha de raciocínio reforça o entendimento aqui posto que os Fundamentos do Serviço Social conformam bases analítico-interventivas da unidade realidade-profissão. Mas quais são os elementos que se transversalizam nessa compreensão de fundamentos? Nos parece aqui que o pressuposto do Serviço Social inserido na divisão social do trabalho implica em ramificações dessa determinação, das quais destacamos o eixo demandas – objetivos.

As demandas que conformam a necessidade social da profissão se apresentam na contradição da correlação de forças entre “o movimento do capital quanto os direitos, valores e princípios que fazem parte das conquistas e do ideário dos trabalhadores” (IAMAMOTO, 2009, p.23), relação que, como vimos, configura aquilo que a produção de conhecimento tem situado na discussão da profissão entre o Estado – regulador dessa

correlação de forças - e a sociedade civil. Vimos também que o contexto contemporâneo do neoliberalismo incide nas demandas tradicionais à profissão, agregando-se a elas novas demandas resultantes da complexificação da sociedade capitalista. Tais fenômenos requerem, todavia, orientações teóricas capazes de captá-los não somente em suas particularidades, mas em suas múltiplas determinações em vista de uma totalidade. (ibidem, p.107-108). A clareza sobre as particularidades e divergências entre a demanda institucional e a demanda profissional permitem aos profissionais uma qualificada base analítico-interventiva, processo pelo qual se verificam as possibilidades objetivas de autonomia profissional em determinado espaço sociocupacional.

A demanda sob o viés institucional constitui-se majoritariamente como processo de trabalho no qual o assistente social se insere para a reprodução social das relações desta sociabilidade. Aqui, a imediatividade dos processos sociais e o burocratismo entram em evidência, uma vez que, sob menor ou maior grau, se expressam no processo de construção de consensos e de coerção. A demanda profissional incorpora a demanda institucional, mas não deve se restringir a esta, podendo e devendo ultrapassá-la, pautada por uma fundamentada apreensão de sua relação com às demandas institucionais (que as condiciona), mediadas pelos objetivos da profissão e às mediações reflexivas e ontológicas com o objeto de intervenção profissional, que, como vimos, trata-se de uma categoria relacional, sendo necessária a articulação com as demandas que surgem pela particularidade dos sujeitos ou segmentos sociais com os quais a intervenção é construída. Destaca-se, diferentemente de algumas tendências na profissão, que não consideramos as demandas dos ‘usuários’ como um terceiro eixo de demandas, uma vez que partimos do argumento de que é impossível realizar as devidas mediações das demandas profissionais sem que as demandas dos sujeitos com os quais construímos nossa intervenção sejam incorporadas nesse processo.

Parece ter invadido o discurso profissional a afirmação de que as instituições colocam à profissão “demandas conservadoras” [...], vale lembrar que as profissões modernas emergem como parte do processo de reconfiguração da intervenção do Estado visando a conservação da ordem social. Dessa forma, a funcionalidade das instituições burguesas se desenvolve na manutenção do status quo, na defesa dos interesses do capital. Outrossim, é preciso (re) afirmar que não são as instituições burguesas as instâncias definidoras daquilo que são nossas atribuições privativas e competências profissionais. Se são elas que nos contratam, e o fazem desde as suas demandas, aquelas [as atribuições privativas], são definidas a partir da concepção de profissão sustentada em uma concepção de mundo que orienta a organização coletiva do Serviço Social brasileiro. Isto é, as instituições irão requerer de assistentes sociais os mais

variados trabalhos quase sempre tendentes à manutenção da ordem social. É responsabilidade do coletivo profissional criar respostas profissionais coerentes com a concepção de profissão que nos orienta. (REPETTI;CARRARA, p.291)

O objeto da profissão não é pelo profissional livremente acessado, como se sua característica de profissional liberal se concretizasse na realidade, mas sim está condicionado por determinado contexto na divisão social e técnica do trabalho, compondo o tensionamento em que o projeto profissional crítico se materializa, entre as demandas institucionais e profissionais. Entende-se que essa apreensão do objeto profissional a partir do particular contexto em que o Serviço Social se insere na divisão social do trabalho na contemporaneidade é de extrema importância para situarmos o debate dos Fundamentos do Serviço Social no tempo histórico que lhe dá concretude. Importante situar que a questão social não é tomada como objeto da profissão por livre escolha da vanguarda profissional, mas por ela é *desvendada* enquanto objeto, a partir da necessidade da profissão junto à divisão social e técnica do trabalho no capitalismo monopolista. Essa distinção é significativa para não incorrerem nos enganos do positivismo. A visão acerca da questão social enquanto meramente um conceito teórico ou de uma vulgar visão meramente universal do objeto deve ser desvelada. A questão social não se trata apenas relação capital x trabalho, ainda que sem essa relação ela não pudesse ser concebida.

a pesquisa de situações concretas, aliadas às suas determinações macrosociais, é condição necessária tanto para superar a defasagem entre o discurso genérico sobre a realidade social e os fenômenos singulares com que o assistente social se defronta no seu cotidiano quanto para desvelar as possibilidades de ação contidas na realidade” (IAMAMOTO, 2000, p. 285)

É a partir dessa perspectiva posta por Iamamoto que essa dissertação optou por realizar um levantamento na etapa de investigação em que buscou apreender as grandes linhas de demandas requisitadas na oferta de vagas aos profissionais contemporaneamente. Argumentamos que esse levantamento se faz necessário para uma adequada articulação do debate sobre os Fundamentos do Serviço Social com o exercício profissional, considerando que são essas requisições que tornam a profissão socialmente necessária e são solicitadas pelas instituições empregadoras, a fim de apreender as determinações circunscritas na própria realidade objetiva do exercício profissional¹⁴⁰:

¹⁴⁰ Levantamento de demandas e atribuições descritas no cargo, realizado de forma a contemplar ofertas de vaga e/ou concursos públicos no Brasil entre os anos de 2020 e 2021. A amostra totalizou 26 anúncios/editais, sendo um de cada estado do país.

Tabela 16 - Demandas requisitadas na oferta de vagas aos profissionais contemporaneamente (2020 – 2021)

Eixo	Frequência
Atendimento direto população	31,6%
Planejamento, pesquisa e análise	21,6%
Encaminhamento/inclusão/ concessão de benefícios e programas	21,2%
Capacitação/ assessoramento/ intervenção com profissionais	19,5%
Demandas administrativas gerais	4,1%
Supervisão de estágio	1,5%
Não se aplica	0,5% ¹⁴¹

Fonte: elaboração da autora, 2021.

Como podemos verificar na tabela, a principal demanda solicitada aos assistentes sociais ainda se conforma pelo atendimento direto à população/segmentos sociais particulares a cada espaço sociocupacional, com 31,6% de frequência. É nesse contexto que é possível reiterar alguns elementos descritos na produção da área: o Serviço Social estabelece um papel central na relação das instituições empregadoras¹⁴² com as classes-que-vivem-do-trabalho, seja pela via do consenso ou pela via da coerção como forma de responder às refrações da questão social que perpassam os processos de trabalho. É o eixo com maior peso sócio-histórico demandado à profissão, que muitas vezes vem revestido de um caráter conservador e de imediaticidade a ser combatido e refutado pela profissão.

[psicólogo de um serviço de saúde] Ah, essas coisas quem cuida é a ‘minha social’[assistente social que compõe a equipe técnica do serviço]. Ela que entende dessas coisas...sociais. Tem habilidade para lidar com isso. (Extraído do diário de campo da autora, 2021)

Avalia-se que nesse eixo é de suma importância o profissional explicitar junto aos processos de trabalho em que se insere que seu objeto profissional não se refere aos

¹⁴¹ Aplicar técnicas de relaxamento individual ou em grupo aos pacientes.

¹⁴² Entendendo aqui que a expressão usualmente utilizada para referir-se ao contraditório lugar ocupado pela profissão na relação Estado – sociedade civil ou na relação Estado – classes sociais, necessita de uma readequação, entendendo, conforme explicitado no subcapítulo 3.2, que a categoria profissional realiza mediações com o Estado e suas políticas públicas invariavelmente a partir: I) dos condicionantes estruturais do Estado na regulação do sociometabolismo do capital na relação com a questão social em distintos espaços sociocupacionais e II) na particularidade da intervenção profissional, tendo as políticas públicas como um dos meios pelos quais a profissão realiza mediações com o acesso e garantia de direitos, seja tensionando-as, explicitando sua incoerências formais-abstratas e buscando alargar seus limites, contestando e resistindo a sua burocracia quanto na garantia de sua reprodução via seletividade, ajustamento, entre outras. Independentemente do espaço sociocupacional, entende-se que a categoria profissional realiza mediações com o Estado e as políticas públicas a partir dos itens I e II invariavelmente, em menores ou maiores proporções, dada a particularidade das demandas que o fazem socialmente necessário e os objetivos defendidos pela categoria, situados de forma indissociável com o acesso e garantia de distintos direitos.

sujeitos – o que pode levar a solicitações vinculadas a uma perspectiva de ajustamento na demanda por atendimento direto – mas sim as refrações da questão social vivenciadas por esses sujeitos, dotando-se de capacidade técnica e especializada para apreendê-las e autonomia relativa nas estratégias interventivas para seu enfrentamento. Ainda que mediado por múltiplos condicionantes, é o eixo com maior potencial de autonomia relativa.

O segundo eixo se refere a demandas de planejamento, pesquisa e análise, caracterizado por atividades referentes a estudos, realização de planos, pesquisas entre outros, majoritariamente na área social que se particulariza no respectivo processo de trabalho em que se insere. Trata-se de um dos eixos mais recentes atribuídos a profissão, fruto do desenvolvimento e amadurecimento da profissão articulado com a complexificação das demandas oriundas das refrações da questão social. Argumentamos que esse é um eixo de suma relevância para a profissão, independente do caráter de gestão ou não do processo de trabalho em que o Serviço Social se insere, uma vez que oportuniza sucessivas mediações com o objeto profissional para além da imediaticidade. Se caracteriza, assim, pelo maior potencial de tensionamento de mudanças nos espaços sociocupacionais, na medida em que realiza o esforço de totalizações de maior complexidade, articulando as demandas imediatas com a estrutura e dinâmica nas quais se expressam:

Após um período recebendo sucessivas medidas de acolhimento institucional no abrigo residencial em que não foram esgotadas as possibilidades de outras medidas de proteção e com refrações da questão social que estabeleçam um padrão em determinado contexto do território, realizou-se um levantamento das motivações e contextos que levaram ao deferimento dessas medidas de acolhimento no ano de 2019 em todos os abrigos do município, em que foi possível verificar que em mais de 90% dos casos não se tinha nenhum acompanhamento prévio da rede socioassistencial e que significativa parcela de acolhimentos derivou-se de contextos de famílias com demandas em saúde mental e de conflitos familiares – o que, por si só, não se justificam como motivos para uma medida que deveria ser excepcional e provisória. Foi a partir desse levantamento que tensionamentos para que os fluxos com a política de saúde, conselho tutelar e a política de assistência social pudessem ser revistos. (Extraído do diário de campo da autora, 2020)

O terceiro eixo se conforma a partir de atividades de encaminhamento e inclusão em programas e/ou concessão de benefícios referentes ao próprio espaço sociocupacional como também das políticas sociais, contemplando vagas no campo público e privado. Essa linha apresentou ao longo dos anos pós- Constituição de 1988 um exponencial crescimento, fruto do desenvolvimento de legislações e políticas públicas de fomento à

proteção social e a mimética relação da profissão com as políticas sociais. Ao mesmo tempo, identifica-se que esse é o eixo que sofre um maior impacto com as inflexões dos direitos sociais no contexto de crises estruturais do capital, o que, tendencialmente o deixa propenso a um caráter focalizador.

O quarto eixo se explicita a partir da inclusão do assistente social em um contexto multidisciplinar dos distintos processos de trabalho em que se insere e da consolidação de sua função nessas relações, expressa em reuniões de rede, capacitações, discussões de caso. Explicita a capacidade de articulação multidisciplinar e intersetorial da profissão, visto que também se expressa por demandas vinculadas à articulação entre serviços e à qualificação da equipe do espaço sociocupacional. Possui um potencial importante para o desvelamento das refrações da questão social nos processos de trabalho e na experiência social do público-alvo da instituição, contribuindo para a ampliação de uma visão crítica, humanizada, democrática e desburocratizadora.

Os outros três eixos possuem uma representatividade menor e se conformam sinteticamente entre demandas administrativas em um âmbito geral, as quais conformam a rotina do processo de trabalho em que o assistente social realiza sua intervenção, como organização das pastas, preenchimento e assinaturas, análise de documentos, entre outros. Importante destacar que essa demanda só deve ser considerada se pertinente e pertencente ao processo interventivo do assistente social, devendo ser refutado em qualquer outra configuração que não envolva as atribuições e competências elencadas na lei de regulamentação da profissão. Há também a demanda por estágio supervisionado em Serviço Social, a qual deve ser realizada em consonância com as normativas legais da profissão. Na amostra do levantamento, foi encontrada apenas uma demanda que não se encaixa em qualquer linha geral anteriormente apresentada e que fere as orientações do exercício profissional estabelecidas pelas entidades representativas e pelo arcabouço legal da profissão.

Importante destacar que mesmo nas linhas gerais das demandas validadas pelo levantamento, foram identificadas concepções calcadas por marcadores sociais de culpabilização e ajustamento conformadas pela via da coerção ou do consenso. Por exemplo, pode-se constatar a seguinte demanda: “planejar e promover inquéritos sobre a situação social de escolares e sua família.” Aqui, está nítido que a demanda se refere ao atendimento direto de estudantes e suas famílias, contudo, também está explícita a concepção institucionalmente estabelecida do trabalho do assistente social em uma lógica fiscalizatória e de ajustamento.

É nesse aspecto que os Fundamentos do Serviço Social se tornam elementares, posto que viabilizam aos profissionais bases analítico-interventivas que desocultem a lógica do consenso e da coerção e uma clareza de seu objeto e seus objetivos profissionais, respaldado pela estrutura organizativa e normativa-legal da profissão. Os espaços sociocupacionais demandam à profissão ações que viabilizem respostas às refrações da questão social nos distintos processos de trabalho em que nos inserimos, mas essas solicitações não podem definir nossas bases analítico-interventivas. Tampouco as atribuições privativas, competências profissionais ou determinar a totalidade dos meios e fins da intervenção profissional, mas sim *condicioná-los*.

[Avaliação do estágio probatório pela coordenação do serviço, que no contexto da pandemia sofreu inúmeras trocas e tensionamentos para o desmantelamento dos processos de garantia de direitos] Recebi ‘ótimo’ em todas as alternativas, exceto no quesito flexibilidade, em que recebi ‘bom’ pois “às vezes é preciso mais flexibilidade com as condições do serviço” (sic), mas que era um quesito que a próxima gestão poderia rever. Recebi a avaliação com receptividade, mas expus que quando a inflexibilidade fosse vinculada a intransigente defesa dos direitos, respaldada pelo Código de Ética da profissão, estava satisfeita com o ‘bom’, posto que ele era alicerçado pelo ‘ótimo’ nas questões de ética e competência profissional. (Extraído do diário de campo da autora, 2021)

Os princípios, objetivos, deveres, vedações são definidos por instâncias da organização coletiva e normativa-legal da profissão. Assim, o conhecimento dos profissionais acerca dos processos que transversalizam seus fundamentos, a saber: a divisão social do trabalho, a produção de conhecimento da área a partir do paradigma dialético-crítico de Marx e a estrutura organizativa e normativa-legal da profissão se tornam insuprimíveis subsídios para o exercício crítico da profissão¹⁴³ e para não incorrerem no militantismo. A defesa intransigente de direitos deve ser devidamente articulada e justificada a partir desses pressupostos.

Nesse contexto, concordamos com o posicionamento de Netto (1989) ao afirmar que a razão crítico dialética “não ‘constrói’¹⁴⁴ um objeto: ela reconstrói *o processo* do objeto historicamente dado. A resultante da elaboração teórica (o produto teórico por excelência) é uma reprodução ideal de um processo real (NETTO, 1989, p.143)

¹⁴³ Reafirmamos aqui que “é responsabilidade do coletivo profissional criar respostas profissionais coerentes com a concepção de profissão que nos orienta” (REPETTI; CARRARA, 2020, p.8)

¹⁴⁴ Argumentamos aqui que isso significa dizer que também não reconstruímos o objeto, divergindo de algumas produções da área que assim colocam a questão. Trata-se da reconstrução *do processo, do movimento do objeto* historicamente dado, o que pressupõe a apreensão da interconexão desses processos com categorias como o estranhamento do trabalho e a fetichização.

Marx trabalhava as questões ‘por dentro’ [...] tratar dessas realidades emergentes da mesma forma que Marx tratava os problemas do seu tempo. Não aceitar essas colocações tais como elas são postas, mas recolhê-las não enquanto respostas, mas enquanto problemas” (NETTO, 1989, p. 110-111)

A nitidez desses pressupostos aos Fundamentos do Serviço Social para o exercício crítico da profissão estabelece uma profunda interrelação com uma correta apreensão da categoria mediação. As mediações ontológicas se expressam em um sistema de mediações objetivas, ontológicas, conformado por distintas dimensões e níveis. Para a profissão, essas mediações são atravessadas pela forma particular que a questão social se expressa no processo de trabalho das instituições, de forma a se traduzirem em demandas institucionais direcionadas à profissão¹⁴⁵. Considerando o objeto da profissão, a questão social e suas refrações, e seu caráter invariavelmente ontológico e relacional, posto que vinculado às experiências sociais dos segmentos e sujeitos sociais, há uma relevância na apreensão dos sistemas de mediação ontológicos presentes na experiência social dos segmentos e sujeitos com os quais construímos nossa intervenção. Nesse contexto, as mediações ontológicas são indissociáveis das mediações reflexivas¹⁴⁶. As mediações reflexivas, por sua vez, se estabelecem a partir da reconstrução, pela razão, do movimento do real, realizando o ‘caminho de volta’ até o objeto, agora intelectualmente enriquecido por novas e múltiplas mediações. Assim, as mediações reflexivas se constroem a partir de sucessivas aproximações com a realidade, uma vez que:

Este ingente processo de aproximações sucessivas torna-se um imperativo para o conhecimento dialético, justamente porque, no plano da imediaticidade, os fatos, os objetos, as coisas aparecem como seres acabados; sua gênese, sua constituição, enquanto complexo total, e as próprias mediações [ontológicas], ficam veladas pelo traço de positividade que o plano empírico impõe à representação do sujeito. (PONTES, 2000, p. 83)

Destacando que as mediações ontológicas e reflexivas não são, parafraseando Mauro Iasi, ‘uma ilha de consciência em um mar de alienação’ restrita aos profissionais,

¹⁴⁵ Ou seja, as demandas institucionais – a razão de ser de determinada instituição – se particularizam ao objeto da profissão. Por essa razão afirmamos, em consonância com a produção de conhecimento da área, que o assistente social se insere *em processos de trabalho*. Sua função central nos processos de trabalho conforma a reprodução social, com destaque para as formas de coerção e consenso. Mas a reprodução social também é atravessada por contradições, espaço emergente para as demandas da profissão na perspectiva crítico-dialética, cuja centralidade se estabelece nos processos de emancipação política e das formas possíveis de explicitação de sua indissociabilidade com a emancipação humana.

¹⁴⁶ Conforme Pontes (2000), o profissional em exercício profissional, “mediante a reconstrução das categorias históricas constituintes do espaço profissional e do fluxo que verte através de mediações articuladoras do complexo campo daquela totalidade relativa, vai permitir ao sujeito cognoscente-interveniente um aproximado mapeamento das forças e processos constitutivos do espaço institucional, o que vai lhe facultar possibilidades concretas.” (PONTES, 2000, p. 180)

mas que conforma os seres sociais em distintos níveis e dimensões, que devem ser consideradas nas mediações reflexivas e ontológicas da profissão na sua relação com o objeto profissional e os sujeitos que vivenciam e que possuem uma percepção sobre as refrações da questão social.

Essa díade objeto – profissão deve apreender, com clareza, os objetivos da profissão, incluindo-os em uma equação com as requisições oriundas da divisão social do trabalho, retirando-se a primazia dos meios sobre os fins. Entende-se aqui que estes se expressam sobretudo nos princípios fundamentais do Código de Ética da profissão e situam-se indissociavelmente com o acesso e garantia de distintos direitos individuais, coletivos, sociais e políticos, não tomados em sua forma abstrata-formal mas sim conformados no tensionamento material da luta de classes, buscando garantir e alargar seus horizontes por meio das contradições da reprodução social, permitindo a construção de estratégias para o tensionamento de processos de emancipação política e das formas possíveis de explicitação de sua indissociabilidade com a emancipação humana.

4. OS FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: TOTALIZAÇÕES PROVISÓRIAS E NOTAS FUTURAS

*Enfrentar o século XXI com o Capital na mão não dá. Sem ele, também não.*¹⁴⁷

A presente dissertação iniciou seu movimento a partir do desafiante posicionamento de confronto com a falsa dicotomia entre teoria e prática. E o ato de confrontação pressupõe o pôr-se frente a frente, uma escolha consciente pela inconformidade, no seu sentido dialético de tensionamento das contradições, pressupondo que sem elas, destituímos a história do que lhe dá movimento. Não há como enfrentarmos os desafios postos aos Fundamentos do Serviço Social sem situar esses mesmos desafios na complexa realidade concreta em que se conformam. É nesse contexto e por meio de sucessivas aproximações que o trabalho se movimentou em torno da análise das configurações contemporâneas dos Fundamentos do Serviço Social, buscando perquirir a concepção dada aos Fundamentos do Serviço Social pela produção de conhecimento, pelas entidades representativas da profissão e nos eventos da área. Se propôs a investigar os elementos constitutivos e analisar as mediações dos Fundamentos do Serviço Social

¹⁴⁷ Paráfrase da declaração de Netto na publicação de 1989 dos Cadernos ABESS, nº 3, onde afirmou que “enfrentar o final dos anos 80 com O Capital na mão não dá, sem ele também não” (NETTO, 1989, p.110)

com o movimento da realidade concreta, delimitando-se a partir do método dialético-crítico e do contexto contemporâneo dos Fundamentos do Serviço Social. Reafirmando as inquietações que originaram a pesquisa, tomou-se como pressuposto a indissociabilidade entre formação e exercício profissional.

Os resultados alcançados na primeira parte da pesquisa realizada com profissionais e estudantes do Serviço Social foram articulados às aproximações preliminares com a produção de conhecimento da área, conformando-se no ponto de partida da investigação. Estabeleceu-se a hipótese de que a dificuldade de apreensão sobre a temática dos Fundamentos do Serviço Social a partir da perspectiva dialético-crítica e a dificuldade de situá-los no sistema de mediações do exercício profissional, gera, subsequentemente, a possibilidade de análises endógenas da profissão ou abordagens vulgares do método marxiano e podem refletir no afastamento da categoria de mediações reflexivas e ontológicas (PONTES, 2000) com o objeto da profissão, enfraquecendo as possibilidades de materialização do projeto crítico do Serviço Social. Verificou também que a relação profissão-realidade se caracteriza enquanto um desafio central a ser apreendido pelos Fundamentos do Serviço Social, partindo daí o intento dessa dissertação de contribuir com a produção de conhecimento crítico da profissão e também subsidiar mediações reflexivas e ontológicas ao exercício profissional crítico.

Enquanto principais resultados da pesquisa destacamos concisamente: a conformação da área dos Fundamentos do Serviço Social enquanto uma grande temática, a qual apresenta um quantitativo amplo e difuso de conceitos¹⁴⁸, mas com um reduzido quantitativo de produções que se propõe a apreender os fundamentos em sua totalidade (com um percentual de 39,1% da amostra total), conformada por distintas concepções em disputa. Argumenta-se que a difusa relação entre a multiplicidade de conceitos e uma parca explicitação das disputas entre concepções pode trazer impactos na apreensão e materialização dos Fundamentos do Serviço Social de forma indissociável entre formação e exercício profissional, bem como na articulação dos fundamentos com a realidade concreta.

Apreende-se que há uma tendência de deslocamento da discussão dos Fundamentos do Serviço Social (sobretudo nos eixos dos eventos da área, da pós-graduação e das entidades representativas) restrito aos FHTM enquanto disciplina

¹⁴⁸ Na amostra da pesquisa foram identificadas um total de 38 *variações conceituais*.

para uma concepção mais abrangente, cuja centralidade se expressa no referencial teórico-metodológico marxiano e marxista e na concepção de unidade dos Fundamentos do Serviço Social nas Diretrizes Curriculares de 1996 da ABEPSS – ainda que a presença da categoria ‘Dimensão histórica e teórico-metodológica’ siga com 13,5% de frequência, demonstrando que segue tendo considerável representatividade no debate dos Fundamentos do Serviço Social.

Na unidade entre graduação e pós-graduação, identifica-se um descompasso na tendência acima, uma vez que o conceito de ‘Fundamentos históricos e teórico-metodológicos’ se mostra enquanto o de maior representatividade na graduação. Tal ênfase não se estabelece a partir do acaso de uma confluência dos autores da amostra, uma vez que tem suas raízes em um processo sócio-histórico na produção de conhecimento e no âmbito formativo da profissão, em suas correlações com o exercício profissional. O grande marco para a elaboração do que hoje conhecemos como Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social se dá a partir de dois pontos paradigmáticos: I) a proposta curricular de 1982, que se apresenta como um produto do movimento de reconceituação e da intenção de ruptura e II) a proposta curricular de 1996, que propõe um salto qualitativo na materialização das bases da teoria marxiana na profissão, fruto do amadurecimento da área na produção de conhecimento.

Apesar de haver um consenso no que se refere à indissociabilidade entre formação e exercício profissional, há uma prevalência da categoria formação em detrimento da categoria exercício profissional em todos os eixos da amostra. O eixo da formação profissional teve um papel essencial na gênese e no desenvolvimento do debate sobre os Fundamentos do Serviço Social, mantendo-se enquanto significativo articulador das questões contemporâneas dos fundamentos – inclusive reconhecendo a necessidade de aprofundá-los e estabelecer novas interlocuções para que realmente se efetive a indissociabilidade entre formação e exercício profissional. É nessa conjuntura que a tese sobre a inserção da profissão na divisão social e técnica do trabalho; o mimetismo da relação entre profissão e a tríade Estado – questão social – políticas sociais; o papel da pós-graduação e a centralidade da ABEPSS e o debate por ela promovido entre as revisões curriculares de 1982 e 1996 se conformam enquanto eixos estruturantes do debate sobre os Fundamentos do Serviço Social na contemporaneidade, conformados por um contexto sócio-histórico cujos desafios postos frente à materialização da vertente de intenção de ruptura evidenciam dilemas e desafios que se reatualizam contemporaneamente no Serviço Social.

Mesmo os aspectos que estabelecem uma forma estruturante, são movidos pelo dinamismo do real, pela contraditória e complexa *condição dialética* do real. Os resultados parecem conformar um consenso de que há um desafio posto em equalizar (o que já pressupomos indissociável, daí a contradição) a relação entre formação e exercício profissional e um afastamento da profissão de mediações reflexivas e ontológicas com o objeto profissional e com os sujeitos que a vivenciam, a partir de categorias como classe trabalhadora e sociedade civil.

Tal conjuntura se articula com a mediação dos Fundamentos com a dinamicidade da realidade concreta. Três tendências se sobressaíram, revelando níveis de abstração distintos. O primeiro nível de abstração realizado se estabelece a partir da análise conjuntural do neoliberalismo em sua forma globalizada; o segundo nível se refere ao contexto da realidade brasileira contemporaneamente e o terceiro se estabelece a partir da conjuntura particular à profissão. O primeiro nível traz elaborações referentes a uma conjuntura mundializada do capitalismo, sob a égide da ofensiva neoliberal e da contrarreforma do Estado e da retração e focalização das políticas sociais. No segundo nível de abstração, identifica-se a manutenção da tendência em centralizar o debate na relação com o Estado e/ou com as políticas sociais, trazendo tendencialmente discussões sobre a conjuntura regressiva das políticas sociais, o reconhecimento do caráter contraditório dessas, bem como o apontamento de diversos desafios referentes ao contexto político do país.

O terceiro nível de articulação dos Fundamentos do Serviço Social com a dinamicidade da realidade concreta se estabelece a partir da conjuntura da profissão (eixo que se expressa com maior representatividade na amostra), destacando-se: os condicionantes pelos quais a profissão é atravessada, tais como a precarização do trabalho e o desmantelamento do Estado e das políticas sociais e da formação universitária, de forma a serem reiteradas de forma extensiva; o reconhecimento enquanto classe trabalhadora também se manifesta nesse eixo, bem como a expressividade da atualidade do conservadorismo na profissão e a necessidade de combatê-lo. Destaca-se que este último eixo se conforma enquanto um eixo articulador dos três níveis de abstração, assim como a correlação dessa dinamicidade com o contexto neoliberal. Argumentamos aqui que o conservadorismo é uma das grandes expressões dos sintomas mórbidos do neoliberalismo, não se tratando do retorno de uma ultrapassada questão, nem tampouco um fenômeno novo, mas elemento transversal que a profissão seguirá tendo que enfrentar.

A partir dessas tendências, somadas ao conjunto de reflexões realizadas ao longo da dissertação, argumenta-se que a partir do desenvolvimento do debate dos Fundamentos do Serviço Social, sobretudo entre as revisões curriculares de 1982 e 1996, a profissão avançou na compreensão de sua inserção na divisão social do trabalho, no caráter de valor de troca do trabalho e no seu entendimento enquanto classe trabalhadora, realizando sofisticadas análises sobre o contexto do capitalismo neoliberal e sua interconexão com a questão social e às demandas que tornam a profissão socialmente necessária. Soma-se a isso, um amadurecimento e consolidação da profissão no mercado de trabalho, de forma a ser reconhecida inclusive enquanto profissional de várias políticas públicas e seus serviços. Fatores que contribuíram de forma significativa para a ruptura com leituras vinculadas ao messianismo e voluntarismo, buscando seu afastamento com o conservadorismo e com os enganos teórico-metodológicos da tendência presente no que se denominava ‘Teoria do Serviço Social’ e ‘Metodologia do Serviço Social’.

No entanto, conforme se explicita na análise do debate sobre Fundamentos do Serviço Social com a dinamicidade da realidade concreta, esse afastamento (e, portanto, negação) de tendências profissionais messiânicas e voluntaristas, somadas a um contexto maior da sociedade brasileira e dos rumos dos projetos societários expressos pós Constituição Federal de 1988, com significativos impactos em sua materialidade e no esperado desenvolvimento progressivo dos direitos, da democracia e da cidadania via Estado e com importantes inflexões nas políticas educacionais que conformam o processo formativo e a precarização das condições objetivas de trabalho no exercício profissional, resultou numa crescente tendência ao fatalismo e imobilismo, que discursivamente e ontologicamente se expressa na carência propositiva de sínteses. O desafio da apreensão dialética da realidade aqui se expressa encoberta pelo véu da melancolia.

Argumentamos que a dificuldade expressa na amostra de pesquisa em articular propositivamente estratégias para o enfrentamento dos desafios e das necessidades apreendidas para a consolidação dos Fundamentos do Serviço Social em sua perspectiva crítica é fruto dos dilemas acima descritos, que conformam os condicionantes do Serviço Social enquanto uma profissão; o tensionamento que efetuamos em nível de emancipação política e as sementes possíveis, plantadas pela profissão, para a materialidade de condições de uma nova ordem societária. Dilemas que não estão e não podem ser desarticulados das disputas entre projetos societários que conformam a luta de classes contemporaneamente no Brasil.

Fato que longe de nos trazer o imobilismo, deveria nos trazer o otimismo da vontade pelo pessimismo da razão: encarar de frente os limites que nos cabem a partir da criteriosa análise da autonomia relativa que nos é dada enquanto categoria profissional, entendendo-a de forma ampliada, não se restringindo somente aos profissionais assistentes sociais individualmente nos processos de trabalho, mas articulada nas múltiplas dimensões que nos compõe enquanto categoria, com distintos níveis de autonomia: os espaços formativos, as entidades representativas, os eventos e produções de conhecimento da área, os profissionais que não se restringem ao restrito espaço da carga horária de venda de sua força de trabalho, mas constituem-se em sujeitos de carne e osso, vinculados as mais diversas frentes da sociedade, tensionando e alargando os espaços de disputa e de fratura exposta das contradições que conformam essa sociabilidade.

Argumentamos aqui que o adensamento do debate sobre o objeto da profissão pode fortalecer e qualificar a díade relacional entre realidade e profissão nos Fundamentos do Serviço Social. Nessa concepção, categorias como classes sociais, interseccionalidade, modos e condições de vida, resistências, ideologia e consciência, produção e reprodução social ganham novos contornos se articulados com categorias que se vinculam à dimensão interventiva da profissão, que possibilitam o desenvolvimento da díade realidade-profissão, de forma a compreender os Fundamentos do Serviço Social enquanto eixo articulador de bases analíticas e interventivas para a profissão. Como explicitado nos capítulos dessa dissertação, argumentamos que categorias como demandas profissionais e institucionais; objetivos profissionais e o duplo caráter da emancipação (política e humana), ao serem articuladas com uma rigorosa análise do chão material e da luta de classes em que as categorias se objetivam contemporaneamente, se tornam essenciais para mediações reflexivas e ontológicas da profissão na materialização da indissociabilidade do eixo formativo dos Fundamentos do Serviço Social com o exercício crítico da profissão.

Apreender o objeto da profissão, a partir do método dialético crítico, pressupõe a interconexão entre epistemologia e ontologia, uma vez que a base material e dialética de Marx nos aponta a necessidade de olhar para a questão social em uma determinada forma de sociabilidade e de relações sociais, cujas condições e modos não se restringem a um universal categorial teórico, mas também ontológico. O que nos tensiona a buscar a compreensão da questão social sem destituí-la de seu aspecto relacional, ou seja, sem desvinculá-la da experiência social dos sujeitos que vivenciam a luta de classes. É nesse

contexto que a autora se propõe a seguir sua pesquisa no processo de doutorado¹⁴⁹, entendendo os limites objetivos da dissertação e a complexidade que compõe os Fundamentos do Serviço Social em sua totalidade.

É a partir dessas elaborações que chegamos a seguinte síntese: os Fundamentos do Serviço Social contemporaneamente se configuram enquanto bases analítico-interventivas da unidade realidade-profissão, conformadas a partir de mediações reflexivas e ontológicas na sua relação com o objeto de intervenção profissional. Esses fundamentos são transversalizados pela inserção da profissão na divisão social e técnica do trabalho, pela produção de conhecimento da área sob o paradigma dialético-crítico de Marx e pela estrutura organizativa e normativa-legal da profissão.

Explicitada essas sínteses provisórias, retornemos ao motor que se anunciou nas notas introdutórias e o posicionamento de confronto com a falsa dicotomia entre teoria e prática. Ao compreendermos os fundamentos do Serviço Social enquanto bases analítico-interventivas da unidade realidade-profissão, conformadas a partir de mediações reflexivas e ontológicas na sua relação com o objeto da profissão, posicionamo-nos na defesa intransigente da perspectiva crítica do Serviço Social no que lhe é de mais ortodoxo, conforme bem coloca Lukács: o método marxiano.

Mészáros explicita que a grande diferença de Marx para os pensadores de seu tempo se tratava da crítica ao idealismo especulativo e do materialismo contemplativo, onde seu êxito magistral encontra-se em sua “concepção dialética solidamente ancorada na realidade”, que é “a verdadeira medida da grandeza intelectual de Marx” (MÉSZÁROS, 1980, p.195)

O alvo de sua crítica à filosofia foi, desde o início, o distanciamento e a oposição entre a própria filosofia e o mundo real, e a impotência que derivava inevitavelmente de uma tal separação idealista. [...] era a manifestação de uma contradição objetiva; e se empenhava no sentido de encontrar uma solução para essa contradição. Assim, quando chegou à conclusão – no repúdio crítico da impotência das meras interpretações filosóficas – de que o problema não tinha sua origem no interior da própria filosofia, mas no conjunto das relações entre ela e o mundo real, e que a solução residia, portanto, na transformação desse mundo, não se alinhou em favor de uma capitulação ao fragmentarismo [...] nem em favor de um abandono da busca filosófica da universalidade. Ao contrário: sublinhou que a medida da emancipação é dada pela força que tem a práxis social de reconquistar a sua dimensão universal: uma tarefa que chamou também de “realização da filosofia” (MÉSZÁROS, 1980, p.162)

¹⁴⁹ A autora foi aprovada no processo de seleção do Doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUCRS para o semestre 2022/1, de forma a dar continuidade em sua pesquisa sobre os Fundamentos do Serviço Social sob a perspectiva dialético-crítica, buscando o aprofundamento da temática com a questão social no contexto brasileiro.

O que vai determinar a relevância da temática dos Fundamentos do Serviço Social para a defesa e continuidade da vertente crítica da profissão é a sua inexorável pertinência e relação com a realidade concreta da profissão na luta de classes, explicitando-se como base insuprimível da interconexão entre profissão e realidade. É a partir desse pressuposto que podemos enfrentar a dicotomia teoria e prática¹⁵⁰ e a devida unidade entre formação e exercício profissional. Esse reconhecimento não é só necessário considerando os sujeitos com os quais construímos nossa intervenção, mas também pela própria manutenção e perpetuação do projeto crítico da profissão para uma nova geração de assistentes sociais – que muito pouco se parecem com a foto que estampa o nosso célebre *Relações sociais e Serviço Social no Brasil*.

Não basta explicar o mundo, é preciso transformá-lo, ainda que a transformação se estabeleça permeada dos condicionantes da sociabilidade em que a profissão se torna socialmente necessária. Nesse ínterim, entre emancipação política e emancipação humana, a inconformidade se estabelece no chão objetivo dos tensionamentos para a emancipação política, ao mesmo tempo que reconhece que a emancipação humana se materializa em pequenas sementes do vir-a-ser. Entre o fatalismo e o imobilismo, siga com o questionamento e contestação¹⁵¹ que provém da inconformidade, motor das miúdas e grandiosas revoluções. Parafraseando Fanon: permita-me ser um corpo que questiona¹⁵².

¹⁵⁰ Marx, nas Teses sobre Feuerbach, já nos sinalizava que: “a questão de saber se o pensamento humano cabe alguma verdade objetiva (*gegenständliche Wahrheit*) não é uma questão teórica, mas uma questão prática. É na prática que o homem tem que provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza [terrena] de seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não realidade do pensamento – que é isolado da prática – é uma questão puramente escolástica.” (MARX, 2007, p.533)

¹⁵¹ [...] Tratando da realidade emergente da mesma forma como Marx “tratava os problemas o seu tempo. Não aceitar [...] colocações tais como elas são postas, [...] não enquanto respostas, mas enquanto problemas” (NETTO, 1989, p.110)

¹⁵² “E sobretudo [...] evitem cruzar os braços em atitude estéril de espectador, pois a vida não é um espetáculo, pois um mar de dores não é um palco [...] Minha última prece: Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!” (FANON, 2008, p. 191)

5. REFERÊNCIAS

ABEPSS. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. **Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social: com base no currículo mínimo aprovado em assembléia geral extraordinária de 8 de novembro de 1996**. Rio de Janeiro: ABEPSS, 1996.

_____. **Política Nacional de Estágio da ABEPSS**, 2010. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/politica-nacional-de-estagio-da-abepss-11>

_____. **Documentário Serviço Social no Brasil: 80 anos de história, ousadia e luta**. Canal TV ABEPSS, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qExDNXsdy2A>

_____. **ABEPSS ITINERANTE Os Fundamentos do Serviço Social: As atribuições e competências profissionais em debate.**, 2018 Disponível em: <https://www.abepss.org.br/abepssitinerante4edicao-71>

_____. **Conteúdos ABEPSS ITINERANTE – 3ª EDIÇÃO Os Fundamentos do Serviço Social em debate: Formação e Trabalho Profissional**, 2016. Disponível em: [documento_201608012323453237740.pdf \(abepss.org.br\)](https://www.abepss.org.br/documento_201608012323453237740.pdf)

_____. **Subsídios para o debate sobre a questão étnico-racial na formação em Serviço Social**, 2018. Disponível em: https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/subsidio_debate_uestao_etnico_servico_social-201812041419427146430.pdf

ABESS. CEDEPSS. **Cadernos Abess**, São Paulo, n.7, 1997

ABEPSS/CFESS/CEAD-UnB. **Capacitação em Serviço Social e Política Social: crise contemporânea, questão social e Serviço Social**. 1999

ABESS. **Diretrizes Curriculares elaboradas pela equipe de especialistas de 1999**. 1999, Disponível em: https://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_201603311140412406970.pdf

ALVES, Giovanni. **Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório – O novometabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha**. 2010.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão. O novo proletariado de serviços na era digital**. Editora Boitempo, São Paulo, 2020. Disponível em: http://www.giovannialves.org/artigo_giovanni%20alves_2010.pdf. Acesso em: 15 de jul. 2020

BAIRRO, E. **MEDIAÇÃO DA TEORIA MARXIANA E MARXISTA NAS PRODUÇÕES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NÍVEL DE DOUTORADO NO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO**. Tese, PUCRS, 2020

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTONI, R. **O Debate dos Fundamentos no Serviço Social (I Seminário Nacional Fundamentos do Serviço Social)**, GTP Serviço Social, Fundamentos, Formação e

Trabalho da ABEPSS, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vhPDrpUf8vs>

BATISTONI, R.; GUERRA, Y. **A importância do marxismo no debate dos fundamentos do Serviço Social (I Ciclo de Debates dos Fundamentos do Serviço Social)**, CORTEZ Editora, UFF-Niterói, UNIFESP, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ToIl-URauvk>

BORGES, Juliana. **Feminismo decolonial: principais aspectos**. Plataforma Feminismos Plurais. 2020

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Rio de Janeiro, 2003.

CARRARA; V; REPETTI, G. ABEPSS ITINERANTE QUARTA EDIÇÃO. FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: ATRIBUIÇÕES E COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS. **Revista Temporalis n° 40**, 2020

CARVALHO, et. al. **Raiz conservadora do Serviço Social e contradição na formação sócio-histórica do Brasil – uma experiência de monitoria em fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social**, 16º CBAS 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/issue/view/1>

CFESS. **Atribuições privativas do assistente social em questão (volume 1)**; 2012. Disponível em: www.cfess.org.br/arquivos/atribuicoes2012-completo.pdf acesso em: jul. 2021

_____. **Política de Educação Permanente do Conjunto CFESS-CRESS, 2012** Disponível em: http://www.cfess.org.br/arquivos/BROCHURACFESS_POL-EDUCACAO-PERMANENTE.pdf

_____. **Atribuições privativas do assistente social em questão (volume 2)**; 2020. Disponível em: www.cfess.org.br/arquivos/CFESS202-AtribuicoesPrivativas-Vol2-Site.pdf acesso em jul. 2021

_____. **Sistematização e análise de registros da opinião técnica emitida pela/o assistente social em relatórios, laudos e pareceres, objetos de denúncias éticas presentes em recursos disciplinares julgados pelo CFESS**, 2020. Disponível em: www.cfess.org.br/arquivos/registros-opiniao-tecnica.pdf

_____. **CFESS Manifesta** – edição especial, 2018. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/visualizar/manifesta?page=1>

_____. **CFESS Manifesta (2017-2020)**, 2020. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/visualizar/manifesta?page=1>

_____. **CFESS Manifesta (2008 – 2011)**, 2011. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/visualizar/manifesta?page=1>

COUTINHO, C. **Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

_____. **O estruturalismo e a miséria da razão.** 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010

_____. **A democracia como Valor Universal: notas sobre a questão democrática no Brasil.** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

_____. **Marxismo e política: a dualidade de poderes e outros ensaios.** São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Gramsci: um estudo de seu pensamento político.** Rio de Janeiro: Campus, 1989.

COSTA, Sérgio. **Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, Campinas, v. 21, n. 60, fevereiro, 2006, p. 117-134

CLOSS, Thaisa. **FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: Um estudo a partir da produção da área.** Tese de Doutorado, PUCRS. 2015.

CLOSS, T.; PRATES, J. e REIDEL, T. O LUGAR DOS FUNDAMENTOS, DA ÉTICA E DA PESQUISA NA FORMAÇÃO E NO TRABALHO PROFISSIONAL DO/DA ASSISTENTE SOCIAL In **POLÍTICA SOCIAL NO BRASIL: sujeitos, trajetórias e institucionalidades**, Editora CRV, 2020

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. Pesquisa de métodos mistos. Editora Penso. 2a Ed. 2012

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DE LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T.; DAL PRÁ, K. R. **A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo.** Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 6, n. 1, p. 93-104, 22 ago. 2007.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais.** 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1989

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2016.

ENGELS, F. **Anti-Dühring.** Editora Boitempo, 2015.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** Bahia: Editora Edufba, 2008

FERNANDES, S. **Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira.** Editora Autonomia Literária, São Paulo, 2019

FERREIRA, G. **Raça e nação na origem da política social brasileira. união e resistência dos trabalhadores negros.** Tese, UFRJ. 2020

FRASER N. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer.** Tradução de Gabriel Landi Fazzio. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUAZELLI, A. **ÉTICA E ESTATUTO PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL**. TESE, PUCSP ,2018

GIBSS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6a edição. Editora Atlas S.A. São Paulo, 2008.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere: o Risorgimento** [notas sobre a história da Itália] Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

GTP Fundamentos, formação e exercício profissional. **O contexto das Contrarreformas e a repercussão para a Formação e o exercício profissional** [apresentação de slides]. Oficina regional. 2017 Disponível em <https://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/att00019-201805171042029471220.pdf>

GOIN, MARILÉIA. **Fundamentos do Serviço Social na América Latina e no Caribe: OS Diferentes Caminhos do Brasil, do Chile e de Cuba**. Tese de Doutorado em SERVIÇO SOCIAL Instituição de Ensino: PUCRS, Porto Alegre Biblioteca Depositária: PUCRS, 2016.

_____. **Tendências atuais no ensino dos Fundamentos do Serviço Social**. Revista Textos e contextos, v. 18, 2019. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/35948/19492>

GUERRA, Yolanda. **A Pós-Graduação Em Serviço Social No Brasil: Um Patrimônio A Ser Preservado**. Temporalis, Brasília (DF), ano 11, n.22, p.125-158, jul./dez. 2011.

_____. Consolidar avanços, superar limites e enfrentar desafios: os fundamntos de uma formação profissional crítica. In **Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica**. Editora Papel Social, Campinas, 2ª edição, 2018.

_____. **A instrumentalidade no trabalho do assistente social**. UEL, 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/cesa/sersocial/pages/arquivos/GUERRA%20Yolanda.%20A%20instrumentalidade%20no%20trabalho%20do%20assistente%20social.pdf>

GONZALVEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

GTP Serviço Social, Fundamentos, formação e trabalho profissional. **RELATÓRIOS DO COLÓQUIO DO GTP DE FUNDAMENTOS (ENPESS), 2012**. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/gtps/tema-3/documentos-30>

GTP Serviço Social, Fundamentos, formação e trabalho profissional. **RELATÓRIOS DO COLÓQUIO DO GTP DE FUNDAMENTOS (ENPESS), 2014**. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/gtps/tema-3/documentos-30>

GTP Serviço Social, Fundamentos, formação e trabalho profissional. **RELATÓRIOS DO COLÓQUIO DO GTP DE FUNDAMENTOS (ENPESS), 2016**. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/gtps/tema-3/documentos-30>

HOEPNER, C. **A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE: OS DESAFIOS AO CUMPRIMENTO DAS DIRETRIZES CURRICULARES DA ABEPSS EM TEMPOS DE REORDENAMENTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**, Tese, PUCRS, 2021)

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013

KILOMBA, G. **Trechos de Desobediências Poéticas, exposição da autora na Pinacoteca de São Paulo.**, 2019. Disponível em: http://pinacoteca.org.br/wp-content/uploads/2019/07/AF06_gradakilomba_miolo_baixa.pdf.

KELLER, S. **A ascensão do conservadorismo e o esgotamento do projeto neodesenvolvimentista : implicações profissionais ao Serviço Social**. Tese, PUCRS. 2019

IAMAMOTO, Marilda. CARVALHO, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **A Questão Social no Capitalismo**. Temporalis, Brasília n. 3, 2. ed., p. 09- 32, jan/jul 2004.

_____. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. O Serviço Social na cena contemporânea. In: CFESS/ABEPSS. **Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

_____. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011

IASI,, M. **Política, Estado e ideologia na trama conjuntural**. Editora ICP, São Paulo. 2017

_____. **O fetichismo e as formas políticas: o Estado burguês na forma burlesca**. Blog da Boitempo, 2019 Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/02/14/o-fetichismo-e-as-formas-politicas-o-estado-burgues-na-forma-burlesca/>

_____. **Cinco teses sobre a formação social brasileira (notas de estudo guiadas pelo pessimismo da razão e uma conclusão animada pelo otimismo da prática)**. Revista Serv. Soc. Soc. N° 136, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/bwh6wBvg87WnLx35Z8wPVvr/abstract/?lang=pt>

IBGE. **Estatísticas de Gênero: Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil**, 2019. Disponível em [Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil | IBGE](#)

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; **Cadernos: DESIGUALDADES NO MERCADO DE TRABALHO E PANDEMIA DA COVID-19**. 2021 Disponível em: [210825_td_2684.pdf \(ipea.gov.br\)](https://ipea.gov.br/210825_td_2684.pdf)

INSTITUTO TRICONTINENTAL DE PESQUISA SOCIAL.. **Coronachoque e o patriarcado**, 2020. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/newsletterissue/cartasemanal-12-trabalho-de-cuidado/>

KETZER, P. **FUNDAMENTOS E MEDIAÇÕES NO TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL DA REGIÃO CELEIRO DO RIO GRANDE DO SUL**. Dissertação, PUCRS. 2019

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LACERDA, L. **ERA SÓ MAIS UM SILVA: Fundamentos e defesa do exercício profissional crítico da Assistente Social**. Tese, UFRJ, 2018

LEFEBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialética**. Ed. Paz e terra, 1991

LEWGOY, A; GUERRA. Y.. **Tendências das Linhas de Pesquisa das Investigações das Áreas de Concentração Sobre Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional do Serviço Social Social (I Seminário Nacional Fundamentos do Serviço Social)**, GTP Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho da ABEPSS, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kphW7i17dF0>

LIMA, T. **O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DA DISCIPLINA DE FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOMETODOLÓGICOS (FHTM) DO SERVIÇO SOCIAL NAS DIRETRIZES GERAIS PARA O CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA ABEPSS DE 1996**. Dissertação, UEL. 2016

LUKÁCS, G. **Ontologia do Ser Social. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. Livraria Ciências Humanas, São Paulo; 1979

MACIEL, A. L. **Universidade em crise : uma travessia necessária para a formação em Serviço Social**. Tese, PUCRS, 2006. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/397>

MARINI, Ruy Mauro. **Subdesarrollo y revolución en América Latina. Investigación Económica**, México, v. 29, n. 113, p. 87-104, jan. 1969 [1967].

MARTINS, LUDSON ROCHA. **Crítica da legitimidade na teoria das profissões e suas contribuições para o debate sobre os fundamentos do Serviço Social**. Dissertação. Mestrado Faculdade de Serviço Social e Central da UFJF, 2014

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Para a questão judaica**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. **O capital**. Livro I. O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989, v. 1.

_____. Manifesto comunista. In: **Manifesto comunista: 150 anos depois**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998b.

_____. **Crítica ao programa de Gotha**. [1875] In Obras escolhidas, vol. 2

_____. **Grundrisse**. Trad. De Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: boitempo, 2004

MEC. **Diretrizes Curriculares do Curso de Serviço Social – parecer encaminhado pela Comissão de Especialistas de Ensino em Serviço Social, 1999**. Disponível em: http://www.cfess.org.br/arquivos/legislacao_diretrizes.pdf. Acesso em: 5 set. 2014

MENDES, et al. **O projeto ético-político e sua relação com os fundamentos do Serviço Social e o exercício profissional do assistente social na contemporaneidade**. Anais 16º CBAS, 2019. Disponível: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/issue/view/1>

MÉSZÁROS, I. **Para além do Capital**. São Paulo:Boitempo, 2002

_____. Marx filósofo. In Hobsbawn, E. **História do marxismo**, vol. 1. Ed. Paz e Terra, 1980

MOTA, A. **Memórias e tendências teórico-políticas do Serviço Social (I Ciclo de Debates dos Fundamentos do Serviço Social)**, CORTEZ EDITORA, UFF-Niterói, UNIFESP. 2020 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ikj_UL3HitU

NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. Ed. Expressão Popular, 2011

_____. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no pós-64**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. A construção do projeto ético-político do Serviço Social. In: MOTA, A.E. et al. (Orgs.). **Serviço Social e saúde: formação e trabalho profissional**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **O Serviço Social e a tradição marxista**. Serviço Social e Sociedade, n. 30, 1989

_____. Introdução ao método da teoria social In **Direitos sociais e competências profissionais**. 2009

OLIVEIRA, R. **“NASCI ERRADO E ESTOU CERTO”**: A presença da eugenia no processo de institucionalização do Serviço Social brasileiro, Tese, UFSC. 2019

ORAES, Maria Célia Marcondes de; MÜLLER, Ricardo Gaspar. **Tempos em que a “razão deve ranger os dentes”**: E.P. Thompson, história e sociologia. In.: XI Congresso Brasileiro de Sociologia/SBS. Campinas: Unicamp, 2003.

ORREGO, M. **O SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO E A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CRÍTICA: FUNDAMENTOS, TRAJETÓRIA E IMPACTOS PARA A PRÁTICA PROFISSIONAL**. Dissertação, UFRJ, 2014

PINHEIRO-MACHADO, R. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2019.

PRATES, J. A pesquisa social a partir do paradigma dialético-crítico: do projeto à análise dos dados. In PRATES, J; FERNANDES, I. **Diversidade e estética em Marx e Engels**. Editora Papel Social, 2016

_____. **A produção de uma nova cultura a partir da pesquisa e da arte: contribuições do referencial marxiano**. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 13, n. 2, p. 214 - 220, jul./dez. 2014

_____. PRATES, F. C. **Problematizando o uso da técnica de análise documental no Serviço Social e no direito**. Sociedade em Debate, Pelotas, n. 15, 2009.

_____. **Possibilidades de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do assistente social**. Tese de Doutorado, Porto Alegre, PUCRS, 2003.

PONTES, R. **Mediação e Serviço Social**, 8ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2000

PRATES, Jane Cruz; CARRARO, Gissele **“Na prática a teoria é outra” ou separar é armadilha do capitalismo?** Argumentum, vol. 9, núm. 2, mayo-agosto, 2017, pp. 161-171

PORTES, L. **OS FUNDAMENTOS ÍDEO-POLÍTICOS DA DIREÇÃO SOCIAL QUE ORIENTA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL: a apreensão de assistentes sociais docentes que atuam em escolas paranaenses**. Tese, UEL, 2016

QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142

QUIROGA, C. **Invasão positivista no marxismo: manifestações no ensino da metodologia no Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1991.

RAMOS, G. **“Patologia social do branco brasileiro”**. Jornal do Comércio, jan., 1955

SADER, Eder & PAOLI, Maria Célia. Sobre “classes populares” no pensamento sociológico brasileiro (notas de leitura sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, Ruth C. L. **A aventura antropológica – Teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

SANTOS, M. **O dinheiro e o território**. Universidade de São Paulo – USP. GEOgraphia, ano 1, n.1, São Paulo, 1999

SANTOS, J. S. **“Questão social”**: particularidades no Brasil. São Paulo, Cortez, 2012.

SAKURADA, P. **SERVIÇO SOCIAL E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: um estudo sobre o ensino dos fundamentos do trabalho profissional em Serviço Social no Brasil**. Tese, UFRJ, 2018

SCHERER, et. al. **Análise da constituição da pós-graduação no Rio grande do sul e das suas tendências de pesquisa**. Anais 16º CBAS, 2019. Disponível em: <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/issue/view/1>

SIMIONATTO, I. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, J. **Em busca da revolução brasileira: um estudo crítico sobre a estratégia socialista na obra de Carlos Nelson Coutinho**. Dissertação, UFPE. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34136>

SILVEIRA, J. **PROFISSIONALIDADE DO SERVIÇO SOCIAL: Estatuto sócio-jurídico e legitimidade construída no “modelo” de competências**. Tese, PUCSP, 2013

TEIXEIRA, J. B., BRAZ, M. O projeto ético-político do Serviço Social. In: CFESS/ABEPSS. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

TEIXEIRA, R. **O debate dos fundamentos do Serviço Social: o projeto abeps itinerante**. Revista Temporalis; nº 40, 2020

_____. **FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA UNIDADE DOS NÚCLEOS DE FUNDAMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES DA ABEPSS**. Tese de doutorado, UFRJ. 2019

TEIXEIRA, R.; SIQUEIRA; J. F. **Grupos de estudos sobre os fundamentos em diálogo (I Seminário da Rede Mineira de Grupos de Estudos sobre os Fundamentos do Serviço Social - Fundamentos do Serviço Social: Um debate sempre necessário para o enfrentamento do conservadorismo)**, Rede Mineira de Grupos de Estudos sobre os Fundamentos do Serviço Social, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JF9bCKkXfks>

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

YAZBEK, M. **Classes subalternas e assistência social**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social. In: CFESS/ABEPSS. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009a.

_____. O significado sócio-histórico da profissão. In: CFESS/ABEPSS. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009b.

_____. **Webinar: Fundamentos e Serviço Social - elementos para (re) pensar o trabalho da/o assistente social**, DSS - UFSC, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7CBLU7sFj48>

_____. **Um debate necessário para o enfrentamento do conservadorismo, Rede Mineira de Grupos de Estudos sobre os Fundamentos do Serviço Social**, 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6jwRKqG1d0s>

_____. **Teoria Social de Marx e Tendências Contemporâneas no Serviço Social (I Seminário Nacional Fundamentos do Serviço Social)**, GTP Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho da ABEPSS, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gzTvO75m_L4

_____: GUERRA, Y.; TEIXEIRA, R. **Live ABEPSS “Precisamos discutir os Fundamentos do Serviço Social”**, TV ABEPSS, 2020c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u8SpbeoVhHs>

_____. **Os fundamentos do Serviço Social e o enfrentamento ao conservadorismo**. Revistas Libertas, UFJF, v. 20, 2020d

YWATA, S. **A CATEGORIA MEDIAÇÃO NA PERSPECTIVA MARXIANA: SUA APROPRIAÇÃO POR DOCENTES DE UNIDADES DE ENSINO PRESENCIAIS**. Dissertação, 2010

ZACARIAS, I. R. **A influência da teoria marxiana no trabalho do assistente social**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: FSS/PUCRS, 2013.

_____. **A mediação da teoria e do método em Marx na formação profissional em Serviço Social**. Tese. Porto Alegre: FSS/PUCRS, 2017.